

**UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO - PPGA**

EVELYN GOMES BERNARDO

Barreiras e Facilitadores ao Comportamento Empreendedor no Contexto Rural

São Paulo

2020

Evelyn Gomes Bernardo

**BARREIRAS E FACILITADORES AO COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR NO
CONTEXTO RURAL**

**BARRIERS AND FACILITATORS TO ENTREPRENEURIAL BEHAVIOR IN THE
RURAL CONTEXT**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Administração da Universidade Nove de Julho –
UNINOVE, como requisito parcial para obtenção do
grau de **Doutor em Administração**.

ORIENTADOR: PROF^a. DR^a. HEIDY RODRIGUEZ RAMOS

São Paulo

2020

FICHA CATALOGRÁFICA

Bernardo, Evelyn Gomes.

Barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor no contexto rural. / Evelyn Gomes Bernardo. 2020.

185 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2020.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a. Heidy Rodriguez Ramos.

1. Empreendedorismo rural. 2. Contexto rural e desenvolvimento rural.

I. Ramos, Heidy Rodriguez. II. Título.

CDU 658

**BARREIRAS E FACILITADORES AO COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR NO
CONTEXTO RURAL**

POR

EVELYN GOMES BERNARDO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA da Universidade Nove de Julho – UNINOVE, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Administração, sendo a banca examinadora formada por:

Prof^a. Dr^a. Heidy Rodriguez Ramos – Universidade Nove de Julho – UNINOVE

Prof^a. Dr^a. Vânia Maria Jorge Nassif – Universidade Nove de Julho – UNINOVE

Prof. Dr. Leonardo Vils – Universidade Nove de Julho – UNINOVE

Prof^a. Dr^a. Maria Soledad Etchebarne Lopez - Universidad de Chile

Prof^a. Dr^a. Valeska Viola Geldres-Weiss - Universidad de La Frontera

São Paulo, 30 de março de 2020.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela força, determinação e por ter colocado pessoas tão especiais no meu caminho.

Ao meu esposo, meu amigo e companheiro que me deu todo apoio e força para conseguir trilhar esse caminho, sem ele não teria chegado até aqui.

Ao meu filho, que mesmo com a ausência da mãe foi sempre compreensivo e amável, teve paciência e soube entender o meu momento.

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Heidy Rodriguez Ramos, pelo carinho, cuidado, por se fazer presente na minha vida e por sua criteriosa orientação. Tenho orgulho de ser sua orientada e sempre terá a minha admiração.

Aos membros da banca de avaliação, Prof.^a Dr.^a Vânia Jorge Nassif, Prof. Dr. Leonardo Vils, M. Valeska Viola Geldres-Weiss e Maria Soledad Etchebarne Lopez.

Às bonitas amizades que construí no PPGA, Alberto, Carlos, Jairo, Luiz, Luciano, Maria, Marcelo, Pang e Vitor, que de perto ou de longe trouxeram a leveza para essa jornada.

Aos meus grandes amigos que construí nessa jornada acadêmica, Milena, Cristiano, Ellen, Joelma, Aldo, Alfredo, Eliane, Flávia, Luiz, Luzai, Marcelo e Paty, Marcia, Maurício, Tiago, Armando, Eliana e Henrique.

Aos meus amigos do coração, Josy, Laisa, Gisele, Junior, Willian, Rogério e Maria Isabel, Vanessa, Arlane e Mônica.

À minha amada família, pela força, carinho e apoio indispensáveis em cada momento da minha vida. Em especial a minha mãe por se fazer presente na minha vida, em diversos momentos onde precisei do seu apoio e carinho, não faltaram conselhos.

À Universidade Nove de Julho (UNINOVE), por meio do programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA), agradeço a bolsa de estudo recebida pelo programa.

Aqueles que passam por nós não vão sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

O empreendedorismo tem a capacidade de impulsionar a atividade econômica e vem ganhando destaque por transformar e revitalizar a economia rural. Por esse motivo, se faz necessário entender quais são as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor no contexto rural? Para responder essa questão de pesquisa, o estudo teve como objetivo geral, analisar as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor no contexto rural. A pesquisa foi conduzida por meio de três estudos interligados. O primeiro estudo teve por objetivo analisar o panorama das publicações científicas quando ao empreendedorismo rural por meio de um estudo bibliométrico. Os resultados obtidos possibilitaram a identificação dos principais autores e suas pesquisas sobre empreendedorismo rural, o agrupamento desses autores em quatro fatores classificados por tema de pesquisa, as principais teorias do campo e a ascensão do uso do termo empreendedorismo rural. No segundo estudo, foi conduzida uma revisão sistemática da literatura, com a finalidade de analisar as diferentes perspectivas teóricas sobre empreendedorismo rural, por meio da análise de 36 estudos recentes (2014-2018). Os resultados obtidos possibilitaram a identificação de cinco *clusters* que oferecem insights importantes para estudos futuros. O terceiro estudo, teve como objetivo, analisar as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor na região metropolitana de Sorocaba em SP. Por meio de um estudo misto sequencial. Na abordagem quantitativa o estudo testou 07 hipóteses para medir o comportamento de 260 agricultores, utilizando para tanto, um instrumento de medidas de Barreiras e Facilitadores dos autores Souza, Coelho, Esteves, Lima e Santos (2016), que é composto por 8 subescalas (Comportamento Empreendedor; Risco; Acesso à Capital; Inovação; Oportunidade; Liderança e Gerenciamento; Paixão). Posteriormente, por meio de uma análise qualitativa, foram realizadas 06 entrevistas que possibilitaram o aprofundando da análise a partir de fontes diretas (empreendedores rurais e lideranças locais) que contribuíram com os principais aspectos comportamentais dos empreendedores rurais. Os resultados do estudo revelam que os facilitadores ao comportamento empreendedor, são motivados principalmente pela paixão dos empreendedores oriunda da influência familiar, do acesso a capital que permite acessar diversas oportunidades, oportunidades essas que estão relacionadas a localidade, do contexto rural. As barreiras foram identificadas como resultantes das diversas incertezas do setor que são motivadas pela falta de relacionamento entre os empreendedores, riscos provenientes do setor e falta de habilidade em liderar e gerenciar o seu negócio. Os resultados deste estudo fornecem perspectivas teóricas aos acadêmicos e estratégias de direcionamento para a análise das barreiras e facilitadores aos empreendedores rurais, sejam eles pequenos, médios ou grandes, pertencentes a agricultura familiar, nascentes do meio rural ou em busca de oportunidades no setor. Outras contribuições também podem ser direcionadas ao poder público local, no sentido de estimular mais ativamente a criação de redes de relacionamentos. As principais limitações da etapa quantitativa, se deram na coleta de dados, o uso da plataforma *on-line* ferramenta Google Docs ®² não foi eficiente para esse público, o retorno foi de 55 respondentes, destes apenas 36 foram válidos. Em relação da etapa qualitativa, destaca-se como limitação, a realização das entrevistas com um número maior de respondentes e a dificuldades de acesso a um número maior de especialistas do setor, visto que as regiões são extensas, sendo necessário levantamento mais aprofundados do perfil dos entrevistados e sua possível contribuição para com a pesquisa.

Palavras-chave: empreendedorismo rural, contexto rural e desenvolvimento rural.

ABSTRACT

Entrepreneurship has the capacity to boost economic activity aimed at the development of regions, in particular, rural entrepreneurship, which has been gaining prominence for transforming and revitalizing the rural economy. For this reason, is it necessary to understand what are the barriers and facilitators to entrepreneurial behavior in the rural context? To answer this research question, this study had the general objective of analyzing the barriers and facilitators to entrepreneurial behavior in the rural context. The research was conducted through three interconnected studies. The first study aimed to analyze the panorama of scientific publications regarding rural entrepreneurship through a bibliometric study. In the second study, a systematic literature review was conducted, with the purpose of analyzing the different theoretical perspectives on rural entrepreneurship, through a systematic literature review, which resulted in suggestions for future research lines. The third study aimed to analyze the barriers and facilitators to entrepreneurial behavior in the metropolitan region of Sorocaba in SP. Through a mixed sequential study. In the quantitative approach, the study tested 07 hypotheses to measure the behavior of 260 farmers, using an instrument for measuring barriers and facilitators by the authors Souza, Coelho, Esteves, Lima e Santos (2016), which consists of 8 subscales (Entrepreneurial Behavior; Risk; Access to Capital; Innovation; Opportunity; Leadership and Management; Passion). Subsequently, by means of a qualitative analysis, 06 interviews were carried out, which made it possible to deepen the analysis from direct sources (rural entrepreneurs and local leaders) who contributed with the main behavioral aspects of rural entrepreneurs. The results of the study reveal that facilitators of entrepreneurial behavior are motivated mainly by the passion of entrepreneurs arising from the family influence of respondents, by access to capital and opportunities arising from the context. And the barriers resulting from the various uncertainties in the sector that are motivated by the lack of relationship between entrepreneurs, risks from the sector and lack of ability to lead and manage your business. The results of this study provide theoretical perspectives for academics and guidance strategies for the analysis of barriers and facilitators for rural entrepreneurs, whether they are small, medium or large, belonging to family farming, rural springs or in search of opportunities in the sector. Other contributions can also be directed to the local government, in the sense of more actively stimulating the creation of social networks. The main limitations of the quantitative stage were in the data collection, the use of the Google Docs ®² tool online platform was not efficient for this audience, the response was 55 respondents, of these only 36 were valid. Qualitative stage, stands out as a limitation, the conduct of interviews with a greater number of respondents and difficulties in accessing a greater number of specialists in the sector, since the regions are extensive, requiring a more in-depth survey of the profile of the interviewees and their possible contribution to the research.

Keywords: rural entrepreneurship, rural context and rural development.

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1 - Matriz Metodológica de Amarração (MMA).....	8
Figura 2.1 – Evolução da produção científica – Total de publicações ano.....	15
Figura 2.2 – Diagrama – Mapa de cocitações de autores.....	20
Figura 3.1 – Evolução da produção científica em Empreendedorismo Rural – Publicações por ano (1972-2018) – 46 anos de pesquisas.....	51
Figura 3.2 – Análise de Cocitação e Acoplamento Bibliográfico.....	52
Figura 3.3 – Mapa de Acoplamento Bibliográfico representado pelo agrupamento dos estudos, representando os cinco <i>clusters</i>	53
Figura 3.4 – Composição dos artigos que representam os cinco <i>clusters</i>	54
Figura 3.5 – Cluster 1 – Redes estratégicas e oportunidades locais.....	55
Figura 3.6 – Cluster 2 - Políticas Governamentais em apoio aos negócios rurais.....	57
Figura 3.7 – Cluster 3 – Empreendedorismo no Contexto Rural.....	59
Figura 3.8 – Cluster 4 – Empreendedorismo e o Desenvolvimento Rural.....	61
Figura 3.9 – Cluster 5 – Empresários Rurais e o Empreendedorismo.....	63
Figura 4.1 – Modelo Conceitual de Barreiras e Facilitadores ao Empreendedorismo Rural....	94
Figura 4.2 – Projetos Concomitantes.....	96
Figura 4.3 - Região Metropolitana de Sorocaba.....	98
Figura 4.4 - Tela do <i>Software</i> G*Power 3.1.9 com o cálculo da amostra mínima da pesquisa.....	101
Figura 4.5 – Modelo de equações estruturais.....	106
Figura 4.6 - Lista dos Entrevistados.....	109
Figura 4.7 – Matriz Contributiva (MC).....	172
Figura 4.8 – Versão final do modelo de equações estruturais.....	185

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 2.1 - Ranking dos periódicos e Fator de Impacto das revistas.....	15
Tabela 2.2 – Número de artigos mais citados – por autor e período (ano) de citação.....	17
Tabela 2.3 – Sumário da Análise de Fatores.....	18
Tabela 2.4 – Fator 1 – Empreendedorismo Rural e diferentes perspectivas teóricas.....	21
Tabela 2.5 – Fator 2 – Comportamento Empreendedor no Contexto Rural.....	27
Tabela 2.6 – Fator 3 – Empreendedorismo e o Crescimento Econômico.....	32
Tabela 2.7 – Fator 4 – Foco Empresarial dos Empreendedores Rurais.....	35
Tabela 4.1- Resumo das hipóteses do Modelo.....	95
Tabela 4.2 – Identificação das variáveis e indicadores.....	103
Tabela 4.3 – Caracterização dos respondentes (idade, gênero e localização)	111
Tabela 4.4 – Caracterização dos respondentes (escolaridade).....	112
Tabela 4.5 – Medidas de validade e confiabilidade.....	114
Tabela 4.6 – Variáveis que foram removidas.....	115
Tabela 4.7 – Medidas de validade e confiabilidade após ajustes.....	116
Tabela 4.8 – Validade discriminante.....	117
Tabela 4.9 – Variáveis removidas do modelo – AVE.....	117
Tabela 4.10 – Variáveis que foram removidas para ajuste das cargas cruzadas.....	118
Tabela 4.11 – Validade discriminante <i>crossloadings</i> (final).....	118
Tabela 4.12 – Validade discriminante, confiabilidade composta e AVE.....	119
Tabela 4.13 – Indicadores estruturais finais.....	120
Tabela 4.14 – Resultado das variáveis testadas.....	121
Tabela 4.15 - Principais barreiras e facilitadores ao empreendedorismo na região metropolitana de Sorocaba, SP.....	159

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AF	Agricultor Familiar
AFE	Análise Fatorial Exploratória
AFC	Análise Fatorial Confirmatória
ANEGEPE	Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas
APPRUPI	Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Piedade
CAISP	Cooperativa Agropecuária de Ibiúna São Paulo
CEASA	Centrais Estaduais de Abastecimento
COFARP	Cooperativa dos Produtores Familiares de Piedade
DAP	Declaração de Aptidão ao Pronaf
ER	Empreendedor Rural
GEM	<i>Global Entrepreneurship Monitor</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISI	<i>Institute for Scientific Information</i>
JCR	<i>Journal Citation Reports</i>
MEE	Modelagem de Equações Estruturais
MMA	Matriz Metodológica de Amarração
ONG	Organização Não-governamental
PIB	Produto Interno Bruto
PLS	<i>Partial Least Square</i>
PRADAN	Programa de Assistência Profissional para a Ação de Desenvolvimento
PRONAF	Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SEAD	Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário
SEE	Evento Empreendedor
SEM	<i>Structural Equation Modeling</i>
READ	Revista Eletrônica de Administração
REAP	Projeto de acesso ao Empreendedor Rural
REGEPE	Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas
RMS	Região Metropolitana de Sorocaba
TPB	Teoria do Comportamento Planejado
WOS	<i>Web of Science</i>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
1.1 PROBLEMA CENTRAL DE PESQUISA	3
1.1.1 <i>Questão Central de Pesquisa</i>	4
1.2 OBJETIVOS	4
1.2.1 <i>Geral</i>	4
1.2.2 <i>Específicos</i>	4
1.2.3 <i>Desenho de Pesquisa</i>	4
1.3 JUSTIFICATIVA.....	7
1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO	7
2. ESTUDO 1 – EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM EMPREENDEDORISMO RURAL: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO	9
2.1 INTRODUÇÃO	9
2.2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.2.1 <i>O Meio Rural e o Agricultura de Origem Familiar</i>	10
2.2.2 <i>Empreendedorismo e o Empreendedorismo rural</i>	11
2.3 MÉTODO E TÉCNICAS DE PESQUISA.....	13
2.3.1 <i>Coleta de dados</i>	13
2.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	14
2.4.1 <i>Contextualização da produção científica</i>	14
2.4.2 <i>Análise das Citações</i>	16
2.4.3 <i>Análise Fatorial</i>	18
2.4.4 <i>Revisão sistemática da Literatura</i>	20
<i>Fator 1 – Empreendedorismo Rural e diferentes perspectivas teóricas</i>	21
<i>Fator 2 – Comportamento Empreendedor no contexto Rural</i>	27
<i>Fator 3 – Empreendedorismo e Crescimento Econômico</i>	32
<i>Fator 4 – Foco Empresarial dos Empreendedores Rurais</i>	36
2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41
3. ESTUDO 2 – REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE EMPREENDEDORISMO RURAL	49
3.1 INTRODUÇÃO	49
3.2 MÉTODO E TÉCNICAS DE PESQUISA.....	51
3.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	53
<i>Cluster 1 – Conceito de Redes para acesso a oportunidades locais</i>	55
<i>Cluster 2 - Políticas governamentais em apoio aos negócios rurais</i>	57
<i>Cluster 3 - Estudos analisaram o empreendedorismo em um contexto rural</i>	59
<i>Cluster 4 – Estratégias para o Empreendedorismo Rural</i>	61
<i>Cluster 5 - Empresários rurais e o Empreendedorismo</i>	63
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS	66
4. ESTUDO 3 - BARREIRAS E FACILITADORES AO COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR NA REGIÃO METROPOLITANA DE SOROCABA EM SP	85
4.1 INTRODUÇÃO	86
4.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	87
4.2.1 <i>Empreendedorismo e o Comportamento Empreendedor</i>	87
4.2.2 <i>Empreendedorismo no contexto rural</i>	88

4.2.3 <i>Barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor</i>	89
4.3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	95
4.3.1 <i>Caracterização do estudo</i>	95
4.3.2 MÉTODO QUANTITATIVO	97
4.3.2.1 Definição do universo da pesquisa	98
4.3.2.2 Definição do universo da amostra.....	100
4.3.2.3 Instrumento de coleta dos dados	101
4.3.2.4 Variáveis do modelo estrutural	103
4.3.2.5 Modelagem de equações estruturais (MEE).....	104
4.3.3 MÉTODO QUALITATIVO	107
4.3.3.1 Instrumento de coleta de dados.....	108
4.3.3.2 Estratégia de coleta de dados.....	108
4.3.3.3 Técnica para análise e interpretação dos dados	110
4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	110
4.4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO DA FASE QUANTITATIVA	110
4.4.1.1 Análise descritiva.....	110
4.4.1.2 Análise exploratória do banco de dados.....	112
4.4.1.3 Teste de Normalidade	112
4.4.1.4 Análise Fatorial Exploratória.....	113
4.4.1.5 Resultado das hipóteses testadas.....	121
4.4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO DA FASE QUALITATIVA	123
4.4.2.1 Risco	123
4.4.2.2 Acesso à Capital	126
4.4.2.3 Inovação	129
4.4.2.4 Oportunidade	132
4.4.2.5 Liderança e Gerenciamento	135
4.4.2.6 Rede de Relacionamento.....	139
4.4.2.7 Paixão.....	144
4.4.2.8 Comportamento Empreendedor.....	145
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
REFERÊNCIAS	153
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE.....	172
5.1 CONCLUSÃO INTEGRADORA	173
REFERÊNCIAS.....	174
<i>Apêndice A – Questionário utilizado na pesquisa quantitativa</i>	178
<i>Apêndice B – Roteiro de Entrevista utilizado na pesquisa Qualitativa</i>	181
<i>Apêndice C – Teste de Normalidade</i>	184
<i>Apêndice D - Modelo final de equações estruturais</i>	185

1. INTRODUÇÃO

Em uma perspectiva teórica, os empreendedores são reconhecidos pela capacidade de explorar oportunidades de mercado, por meio da inovação técnica ou organizacional (Schumpeter, 1934). No meio rural, não muito diferente de outros contextos, os empreendedores são reconhecidos por suas características, bem como sua localização (ambiente rural), produção ou serviço que agregue valor para o local (valor agregado), fornecimento ou utilização de produtos ou serviços locais e principalmente empregando mão de obra local, que gera renda para o meio rural (Henry & McElwee, 2014; R. Smith, Conley, Smith & McElwee, 2016).

O empreendedorismo tem a capacidade de impulsionar a atividade econômica visando o desenvolvimento das regiões, em especial, o empreendedorismo rural, que tem como objetivo a criação de negócios focados nos recursos endógenos das regiões rurais, direcionados a necessidade de populações agrícolas em criar seu próprio negócio, ligados à região e com base no saber e na cultura de sua região (Tibério, 2016).

O empreendedorismo rural teve sua concepção inicial no artigo de Wortman (1990), definido como "a criação de uma nova organização que introduz um novo produto, desenvolvimento ou criação de um novo mercado, ou utilização de uma nova tecnologia em um ambiente rural" (Wortman, 1990, p. 330). Esse conceito vem ganhando destaque, por transformar e revitalizar a economia rural, bem como, fomentar ligações de mercado, proporcionando oportunidades de emprego e criação valor (Gladwin et al., 1989; Henderson, 2002).

A velocidade das transformações econômicas, sociais e ambientais que ocorrem no meio rural, exigem que empreendedores deste contexto tenha capacidade de adaptação frente a competitividade dos seus negócios (Deakins, Bensemman & Battisti, 2016). Seu sucesso ou fracasso depende de suas capacidades ou habilidades para enfrentar tais ocorrências e competir com seus demais concorrentes. Para compreender a habilidade empreendedora de forma mais completa e em contextos específicos, estudos sugerem que seja considerado os ambientes econômicos regionais locais (Deakins et al., 2016).

Segundo Sarasvathy (2004), vale a pena estudar empreendedorismo porque o mesmo cria valor na sociedade, proporciona o incentivo a políticas públicas e principalmente motiva indivíduos a se tornarem empreendedores de sucesso. Ou de maneira geral, proporcionar aos empreendedores condições de superar suas barreiras, (fatores que impedem ou interrompem a ação de empreender) e por meio dos estudos, tais empreendedores possam identificar suas habilidades como facilitadores ou motivadores, que podem incentivar a ação de empreender (Souza et al., 2016).

Barreiras e facilitados, também foi indicado como proposta de linha de pesquisa no estudos de Sarasvathy (2004). Segunda a autora, muitos estudos procuram saber a diferença entre empreendedores e não empreendedores, mas de fato, o importante é entender os fatores de ordem comportamental ou contextual, que influência tais aspectos no comportamento empreendedor.

Um dos primeiros estudos que analisou os conceitos de comportamento, fundamenta-se nos estudos de Ajzen (1991) e Shapero e Sokol (1982). Segundo o autor Ajzen (1991), que desenvolveu a Teoria da Ação Planejada (*Theory of Planned Behavior*), todo comportamento precede de um “comportamento planejado”, como a criação de uma empresa.

Com o objetivo de contribuir para os estudos de ordem comportamental utilizando teoria de barreiras e facilitadores o estudo pretende contribuir respondendo à questão de pesquisa central: quais são as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor no contexto rural? Com o objetivo de analisar as barreiras e facilitadores ao comportamento empreender no contexto rural. Utilizando como estratégia o uso de métodos mistos, que integrem abordagens quantitativas e qualitativas, os quais possibilitam uma análise mais profunda dos fenômenos investigados.

Desta forma, a proposta de construção do trabalho, será elaborada com a finalidade de entender os seguintes fenômenos: 1) Panorama das publicações em Empreendedorismo Rural, quanto a evolução das publicações 2) Revisão da literatura para entender quais as diferentes perspectivas teóricas quanto ao tema Empreendedorismo Rural, 3) Quais as barreiras e facilitadores do comportamento empreendedor no contexto rural.

1.1 PROBLEMA CENTRAL DE PESQUISA

O desenvolvimento rural está intrinsecamente ligado as estratégias de empreendedorismo como fonte de geração de renda e emprego, fornecendo plataforma vital para melhorar os meios de subsistência rural (Kolawole & Ajila, 2015). Favorecendo o desenvolvimento rural dos agricultores, os benefícios são desdobrados em benefícios ao meio ambiente, aos agricultores e seus familiares e ao consumidor final. Segundo Abramovay (2000 p.392) uma visão territorial de desenvolvimento pode revelar potenciais que vão além da produção agrícola, como a construção de instituições que “favorecem o desenvolvimento rural, e principalmente o fortalecimento do capital social dos territórios, muito mais do que em promover o crescimento desta ou daquela atividade econômica”.

Segundo Neumeier (2012), o desenvolvimento de áreas rural é reconhecido por processos que depende fortemente da possibilidade de mobilização e participação pública que leve não apenas a sustentar tradições, mas a renovação social, econômica e cultural. Autor também aponta a relação entre inovação social no desenvolvimento rural.

Nos últimos anos, o empreendedorismo vem ganhando destaque como potencial para resolver a pobreza nos países em desenvolvimento. O estudo examina principalmente a relação entre o empreendedorismo e suas “barreiras e facilitadores” para a ação de empreender. Em outros estudos, é constatada a contribuição dos empresários agrícolas para a superação da pobreza (Naminse & Zhuang, 2018).

Existem diferentes fatores que podem influenciar o empreendedorismo em um contexto rural. No estudo de North e Smallbone (2006), as políticas de empreendedorismo estava diretamente relacionado ao fortalecimento da capacidade empresarial das regiões rurais, que incluíam: (i) políticas relacionadas a oportunidades para aquisição de negócios e habilidades gerenciais por meio de treinamento e educação; (ii) políticas relacionadas a atrair novos empreendedores com ambições empresariais (iii) ou iniciativas que aumentem a proporção de empresários; (iiii) políticas relacionadas aos incentivos de planejamento de negócios, marketing tecnologia de informação, exportação e comunicação, dentre outras.

1.1.1 Questão Central de Pesquisa

Quais são as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor no contexto rural?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Geral

Analisar as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor no contexto rural.

1.2.2 Específicos

- Analisar o panorama das publicações científicas quanto ao empreendedorismo rural por meio de um estudo bibliométrico.
- Analisar as diferentes perspectivas teóricas sobre empreendedorismo rural por meio de uma revisão sistemática da literatura.
- Analisar as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor na região metropolitana de Sorocaba em SP.

1.2.3 Desenho de Pesquisa

A tese foi desenvolvida em três estudos, que serão abordados da seguinte maneira. No **(Estudo 1)**, para entender o desenvolvimento do empreendedorismo no contexto rural, esse estudo deu-se início na realização de uma pesquisa bibliométrica, desenvolvida com o objetivo de analisar o panorama das publicações científicas quanto ao empreendedorismo rural por meio de um estudo bibliométrico. Nesta etapa, foram realizadas análises em 417 artigos publicados na plataforma *Web of Science* ligados ao tópico “empreendedorismo rural” na língua inglesa, traçando assim a evolução das publicações. Posteriormente, por meio das análises de citações e de concitações, foi possível identificar: principais autores, obras mais influentes, revistas que mais publicam sobre o assunto e principalmente a evolução das pesquisas sobre o tema ao longo do tempo. Com essas informações e com auxílio de *softwares* (programas especializados para

análise de dados), foram definidos quatro *cluster* de autores que trabalham com o tema empreendedorismo no meio rural.

No primeiro fator, os autores estudam o Empreendedorismo Rural em uma perspectiva de desenvolvimento do meio rural. No segundo fator, os autores atuam analisaram o Comportamento Empreendedor, e grande parte dos artigos utilizaram a teoria do artigo seminal de Ajzen (1991), para embasar seus estudos. No terceiro fator, os autores analisaram o empreendedorismo e crescimento econômico, voltados para o indivíduo (não para o local – desenvolvimento local) mas em uma perspectiva de indivíduo, seguindo a teoria do desenvolvimento econômico com a teoria econômica de Schumpeter (1934). Por fim, no quarto fator, os autores analisaram a influência de modelos em atividades empresariais no contexto rural (Lafuente, Vaillant & Rialp, 2007).

O segundo estudo (**Estudo 2**), teve por objetivo, analisar as diferentes perspectivas teóricas sobre empreendedorismo rural por meio de uma revisão sistemática da literatura. Em sequência ao primeiro estudo, foram incluídos mais 62 artigos publicados em 2018, na base de dados já existente do (estudo 1), o que possibilitou a realização da análise de 234 artigos do período de 2014 a 2018, por meio da análise de acoplamento ou pareamento bibliográfico. Na primeira análise, foram identificando 36 principais estudos da área, onde foram agrupados por tema em 5 “cinco” *clusters*. O primeiro *clusters*, com 10 artigos, representa o grupo de autores que analisaram a importância do comportamento empreendedor na criação e identificação de oportunidade. Já o segundo *clusters*, com 07 artigos, representou grupos de autores que analisam políticas governamentais em apoio aos negócios rurais. O terceiro *clusters*, com 07 artigos, foram representados por artigos com linhas de pesquisa que relacionaram o empreendedorismo ao contexto rural. O quarto *clusters*, com 06 estudos contendo artigos que analisam a estratégia para o desenvolvimento rural. E por fim, o quinto e último *clusters*, que contou com 06 artigos, que analisaram as estratégias de empresários rurais e o empreendedorismo.

Ambos os estudos tiveram a finalidade de apresentar diferentes perspectivas teóricas utilizadas para explorar o empreendedorismo no meio rural, dentre estas perspectivas, estudiosos apontam reformulação dos estudos em empreendedorismo, no sentido do entendimento a composição do comportamento empreendedor sob a influência de situações que

se representem como Barreiras ou Facilitadores (Azari, Allahyari & Abedi, 2017; Muhammad, McElwee & Dana, 2017; Sarasvathy, 2004; Souza et al., 2016).

Neste sentido, o terceiro estudo (**Estudo 3**), tem como objetivo analisar as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor na região metropolitana de Sorocaba em SP. No meio rural, os empreendedores enfrentam diversos obstáculos para manter o seu próprio negócio, seja por meio de exigências regulatórias (exigências do setor agrícola), exigências ambientais (como o uso do solo e segurança alimentar), ou até mesmo habilidades pessoais, (capacidade para manter seu próprio negócio) (Deakins et al., 2016).

Segundo a teoria de Ajzen (1991), a intenção que precede o comportamento é influenciada por fatores motivacionais, que influenciam a ação. Para analisar tais comportamentos, o estudo buscou na teoria a construção de (7) hipóteses para a análise utilizando instrumento de medidas em teoria de Barreiras e Facilitadores dos autores Souza, Coelho, Esteves, Lima e Santos (2016), composto por 8 subescalas (Comportamento Empreendedor; Risco; Acesso à Capital; Inovação; Oportunidade; Liderança e Gerenciamento; Rede de Gerenciamento e Paixão). Dos 260 questionários, 36 foram obtidos por meio de questionários autoadministrados e 224 por meio de entrevistas. O período do levantamento ocorreu entre os meses de julho de 2018 a março de 2019. A análise passou por procedimentos estatísticos e das (7) hipóteses, (4) hipóteses foram rejeitadas e (3) hipóteses confirmadas. As hipóteses confirmadas foram: Oportunidade, Acesso a Capital e Paixão. E as hipóteses rejeitadas foram: Risco, Inovação Liderança e Rede de Relacionamento. Neste sentido, com o objetivo de aprofundar os resultados da fase quantitativa, o estudo exploratório, de natureza qualitativa, buscou profundidade de significados, percepções e conhecimentos de 06 representantes da área. A entrevista foi realizado por meio de um roteiro semiestruturado, que possibilitou flexibilidade ao pesquisador para relacionar as possíveis barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor com a experiência dos entrevistados. A análise e interpretação dos dados seguiu o método da análise de conteúdo, cujos resultados corroboram com os resultados da primeira fase, trazendo luz e reflexão as hipóteses não confirmadas na primeira fase.

1.3 JUSTIFICATIVA

O presente estudo se justifica pelo fato de buscar quais são os principais fatos que impedem ou inibem a ação de empreender. Seus resultados serão úteis para a utilização de planos de intervenção e concepção de políticas públicas e programas, que auxiliem na construção de instrumentos para incentivar o agricultor familiar a tornar-se um empreendedor rural.

Auxiliar o empreendedor em seu desenvolvimento, também proporciona benefícios para o meio rural como um todo, como a preservação ambiental, a produções de alimentos, a conexões entre alimentação saudável e valorização da biodiversidade, as culturas alimentares e a sua relação com a natureza e à sustentabilidade ambiental e a criação de valor (Grisa & Schneider, 2015; Tierling & Schmidt, 2016).

As regiões (áreas de estudo), estão contempladas no cinturão verde que na década de 1980, era território voltado para a extração de madeira, foi alçado à condição atual de ser um dos grandes responsáveis pelo abastecimento hortícola da região metropolitana de São Paulo, fato originado a partir da escassez de alimentos que o mercado urbano enfrentava. A partir de então as áreas de estudo (Ibiúna, São Roque e Piedade), passaram a desenvolveu-se em função das hortaliças e recentemente novas funções vêm sendo acrescentadas ao município como as de agricultura orgânica, produção de cogumelos, hidropônicas etc. (Couto, 2007). Neste sentido, como polo agrícola e região propícia para o surgimento de diversos empreendimentos, o estudo atua no sentido de identificar principais barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor. Barreiras ao desenvolvimento do empreendedor e facilitadores no sentido de buscar oportunidades/ações que contribuam para que os empreendedores possam continuar empreendendo.

1.4 Estrutura do trabalho

A Figura 1.1 descreve a **Matriz Metodológica de Amarração (MM)**, com a justificativa de distinção dos estudos, incluindo os títulos, as questões de pesquisa, os objetivos, assim como a justificativa de interdependência dos estudos utilizados.

Figura 1.1: Matriz Metodológica de Amarração (MMA)

JUSTIFICATIVA DE DISTINÇÃO			JUSTIFICATIVA DE INTERDEPENDÊNCIA			
Título de cada estudo	Questão de pesquisa	Objetivo geral	Pesquisas sequenciais ou simultânea*	Método único ou misto nas etapas de campo	Procedimentos de coleta de dados	Procedimentos de análise de dados
Evolução da produção científica em empreendedorismo rural: um estudo bibliométrico	Qual é o panorama das publicações sobre Empreendedorismo rural?	Analisar o panorama das publicações científicas quanto ao empreendedorismo rural por meio de um estudo bibliométrico.	Sequencial Quantitativo	Único	Bibliométrica (Tague-Sutcliffe, 1992). Consulta à base de dados Web of Science (WOS).	Análise fatorial exploratória de cocitações (Quevedo-Silva, Santos, Brandão & Vils, 2016; Pinto, Guerrazzi, Serra, Kniess, 2016)
Revisão Sistemática Da Literatura Sobre Empreendedorismo Rural	Quais são as diferentes perspectivas teóricas usadas para explorar o tema Empreendedorismo Rural?	Analisar as diferentes perspectivas teóricas sobre empreendedorismo rural por meio de uma revisão sistemática da literatura.	Sequencial Quantitativo	Único	Bibliográfica (Gil, 2008). Artigos do estudo 1 e acoplamento bibliográfico para inclusão de artigos mais recentes à análise.	Revisão sistemática da Literatura (Gil, 2008; Acoplamento/Pareamento bibliográfico (Vogel & Güttel, 2013; Zanin, 2017; Zupic & Čater, 2015).
Barreiras e Facilitadores ao Comportamento Empreendedor na Região Metropolitana de Sorocaba em SP	Quais são as barreiras e facilitadores do comportamento empreendedor no contexto rural?	Analisar as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor na região metropolitana de Sorocaba em SP.	Estudo de métodos mistos	Misto	Fase Quantitativa: Coleta de dados por meio de questionário. Fase Qualitativa: Entrevistas com questionário semiestruturado.	Fase Quantitativa: Modelagem de Equações Estruturais (MEE), com mínimos quadrados parciais e modelos de caminho (PLS-PM) utilizando o software SmartPLS 3.0 (Hair et.al 2009; 2014). Fase Qualitativa: Método da análise de conteúdo (Bardin, 2008).

Fonte: Costa, Ramos e Pedron (2019)

2. ESTUDO 1 – EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM EMPREENDEDORISMO RURAL: UM ESTUDO BIBLIOMÉTRICO

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar o panorama das publicações científicas quanto ao empreendedorismo rural por meio de um estudo bibliométrico. Para tanto, o estudo realizou a análise de 417 artigos publicados na plataforma *Web of Science* ligados ao tópico “empreendedorismo rural” na língua inglesa, traçando a evolução das publicações por meio de análises de citações e de cocitações em todos os artigos publicados na plataforma. Esse método possibilitou a identificação das obras mais influentes com a finalidade de entendimento dos laços intelectuais e evolução de pesquisa sobre o tema proposto ao longo do tempo. Os resultados obtidos possibilitaram a identificação dos principais autores e suas pesquisas sobre empreendedorismo rural, o agrupamento desses autores em quatro fatores classificados por tema de pesquisa, as principais teorias do campo e a ascensão do uso do termo “empreendedorismo rural”.

2.1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é determinado como um dos principais propulsores do crescimento econômico, por meio da criação de emprego e renda para uma população. Relação essa, entre desenvolvimento e empreendedorismo inicialmente proposto por Schumpeter em 1934. E que também pode ser observado como um fenômeno que cresce em diversas esferas, seja no empreendedor como indivíduo ou de um processo de desenvolvimento empreendedor de uma empresa (Venkataraman, 1997).

No meio rural, o Empreendedorismo Rural, não é propriamente um termo novo, mas seu uso é recente e com larga concentração nas políticas de governo, nos movimentos sociais e nos meios acadêmicos.

No Brasil, por meio do poder público o desenvolvimento do setor agrícola surge na implantação do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) (Brasil, 1996), ou quando cria a Lei 11.326/2006, que considera Agricultor Familiar e Empreendedor Familiar Rural como aquele que pratica atividades no meio rural (Brasil, 2006).

Nos movimentos sociais, Venkataraman, Vermeulen, Raaijmakers e Mair (2016), analisaram as atividades da Assistência Profissional para a Ação de Desenvolvimento (PRADAN) – uma ONG que trabalha em áreas rurais pobres na Índia para promover o desenvolvimento social utilizando lógicas de mercado.

Nos meios acadêmicos o Empreendedorismo Rural é visto de várias maneiras, descrevendo principalmente como empreendedores que praticam atividades agrícolas de cultivo ou de criação de animais que gerem fonte de renda em uma perspectiva de gestão e desenvolvimento do setor agrícola (Henry & McElwee, 2014; McElwee, 2006).

Como pode-se observar, o desenvolvimento no meio rural por meio do empreendedorismo vem acontecendo nas três esferas, como ações em políticas de governo, nos movimentos sociais, por meio do fortalecimento de iniciativas sociais e no meio acadêmico por meio de estudos de empreendedorismo no meio rural.

Para entender essa possível evolução em pesquisas no meio acadêmico, o estudo tem como objetivo analisar o panorama das publicações científicas quanto ao empreendedorismo rural por meio de um estudo bibliométrico. Para tanto, o estudo realizou a análise de 417 artigos publicados na plataforma *Web of Science* ligados ao tópico empreendedorismo rural na língua inglesa, traçando a evolução das publicações por meio de análises de citações e de cocitações em todos os artigos publicados na plataforma.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Diretriz teórica da pesquisa fundamentou-se na contextualização da “Agricultura familiar” e na diversidade de estudos que enfocam este conceito no Brasil, sua possível evolução e os principais conceitos do empreendedor no meio rural. Neste sentido, o mapeamento da produção científica, auxilia no reconhecimento dos principais autores e obras que compõe o campo teórico.

2.2.1 O Meio Rural e o Agricultura de Origem Familiar

A agricultura no meio rural é predominantemente de agricultores da agricultura familiar. Um agricultor familiar, ao mesmo tempo que é dono da terra, produz o seu próprio alimento e comercializa o excedente, ou seja, trabalho intimamente ligado a família (Lamarque, 1993;

Wanderley, 1998). No meio rural, o agricultor familiar também é visto como um ator social do mundo moderno, por sua capacidade de adaptação aos novos contextos econômicos e sociais (Wanderley, 2003).

Na tentativa de promover resposta e soluções aos desafios do mundo moderno, começam a surgir mudanças nos novos modelos de organizações. Essas mudanças dizem respeito principalmente às reformas políticas, como a criação da Lei no. 11.326, que considera Agricultor Familiar e Empreendedor Familiar Rural como aquele que realiza atividades no meio rural (Brasil, 2006).

Também é possível observar as mudanças no entendimento do termo Agricultor Familiar, que nasce com origem no núcleo familiar, mas que ao longo do tempo começa buscar por desenvolvimento e habilidades, estimulando assim a criação de redes e organizações, pequenas empresas comerciais ou cooperativas agrícolas – processo de fortalecimento da Agricultura Familiar (Abramovay, Magalhães & Schroder, 2010; Veiga, 2001). Processo de desenvolvimento que também é debatido por muitos pesquisadores (Van der Ploeg, Renting, Brunori, Knickel, Mannion, Marsden, de Roest, Sevilla-Guzman & Ventura, 2000).

Neste processo de mudança, o empreendedorismo no meio rural é visto como forma de desenvolvimento, por transformar a realidade econômica rural, ao mesmo tempo que melhora a criação de valor, oportunidade e emprego (Fortunato & Alter, 2016; Ladd, 2017; McKague, Wong & Siddiquee, 2017).

Já em um ambiente empresarial, o termo empreendedor vem do empreendedorismo que é voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas a criação de projetos, seja científico, técnico ou empresarial (Kozuki, Manzato & Marcolino, 2016). Que em sua visão mais clássica do sentido de ser empreendedor de Schumpeter (1950), se dá aos aspectos relacionados às características do indivíduo, aos seus valores e ao modo de pensar e agir.

2.2.2 Empreendedorismo e o Empreendedorismo rural

Joseph Schumpeter contribuiu de forma significativa para a Teoria do Empreendedorismo por meio da Teoria do Desenvolvimento Econômico de 1934, com a definição do empresário como inovador, aquele que realiza novas combinações, como: 1) introdução de um novo bem; 2) introdução de um novo método de produção; 3) abrir um novo

mercado; 4) utilização de uma nova fonte de abastecimento; 5) criação de algumas novas formas organizacionais em uma indústria (Schumpeter, 1982).

No meio rural, a criação de um novo produto, mercado ou tecnologia também pode ser enfatizado por aspectos de inovação, como: o agro turismo, inovações tecnológicas, de processos, organizacional (por exemplo, estruturas de cooperação entre atores, como é o caso da iniciativa de redes de negócios empreendedores) e inovações em atitudes através de uma cultura de cooperação (Esparcia, Escribano & Serrano, 2015; Pato & Teixeira, 2016).

Um empreendedor bem-sucedido está envolvido em esforços econômicos ativos, dinâmicos e competitivos, em uma busca contínua da oportunidade. Os espaços rurais também oferecem uma série de oportunidades e possibilidades para os empreendedores em potenciais. Na literatura de desenvolvimento rural, o conceito empreendedorismo tem sido utilizado como perspectiva de crescimento, seja enfatizando a industrialização da produção agrícola ou por meio de sua produção em grande escala, maximização de lucros e tomada de risco (Niska, Vesala & Vesala, 2012).

Na concepção inicial do empreendedorismo de Wortman (1990), o empreendedorismo rural é definido como "a criação de uma nova organização que introduz um novo produto, desenvolvimento ou criação de um novo mercado, ou utilização de uma nova tecnologia em um ambiente rural" (Wortman, 1990, p. 330).

O desenvolvimento do agricultor pode ser analisado de diferentes formas, Smith e McElwee (2015), exploram o desenvolvimento de habilidades empresariais em agricultores, destacando que a "agricultura familiar é a espinha dorsal do modelo europeu de agricultura".

O empreendedorismo também pode ser entendido como um conjunto de capacidades especiais de um empreendedor, incluindo a tendência para assumir riscos e um desejo de criar riqueza, considerado um dos responsáveis pelo crescimento econômico tendendo a focalizar-se em novas necessidades (Hindle & Moroz, 2010).

Os autores Korsgaard e Müller (2015) exploram o conceito de "rural" como um conceito socioespacial no empreendedorismo rural, observando a existência de diferentes tipos de empreendedorismo no meio rural e que estes se envolvem de maneiras diferentes com seu ambiente rural. Tornando o contexto, fator importante para entender quando, como e por que o empreendedorismo acontece.

2.3 MÉTODO E TÉCNICAS DE PESQUISA

O presente estudo tem caráter teórico-descritivo, abordando o debate conceitual dos principais termos utilizados para caracterizar iniciativas de estudo no campo do empreendedorismo e descrevendo as características de uma determinada população de empreendedores que estão presentes no meio rural ou agrícola.

Um estudo bibliométrico é uma técnica quantitativa, que tem como propósito a medição dos índices de produção e a disseminação do conhecimento científico. Conhecimento que envolve padrões e modelos matemáticos para medir processos, usando seus resultados para elaborar previsões e apoio a tomadas de decisão. Aspectos quantitativos da produção, da disseminação e do uso da informação registrada (Tague-Sutcliffe, 1992).

No decorrer da revisão da literatura, alguns estudos bibliográficos foram localizados e considerados no estudo, são eles: o estudo de McElwee (2006), que forneceu uma descrição do empreendedorismo agrícola, indicando como pesquisas futuras, estudos que analisem habilidades empresariais dos agricultores. A pesquisa de Pato e Teixeira (2016), que analisou 181 artigos em empreendedorismo rural em periódicos publicados na base Scopus, concentrando apenas em países desenvolvidos e excluindo a produção científica publicada em outras fontes.

2.3.1 Coleta de dados

A coleta de dados, realizada por meio da plataforma *Web of Science da Thompson Reuters*, plataforma também utilizada por diversas pesquisas anteriores (Ferreira, Reis & Miranda, 2015; Zanin & Silva, 2015).

Inicialmente, na plataforma, no campo de busca foram utilizados diferentes termos que possibilitassem a identificação do campo de estudo e posteriormente abrangendo e limitando a pesquisa, utilizando os critérios de busca booleana como: or, and, not, entre outros. Os termos utilizados foram “*rural entrepreneur*****”, “*agricultural business entrepreneur*****”, “*agricultural family entrepreneur*****”, “*new agricultural enterprises*”, “*agricultural business*” or “*rural entrepreneurs*”. Todos esses termos foram utilizados para análise do campo para seleção de artigos de empreendedorismo no meio rural, visto que utilizamos sinônimos para abordar o um assunto em específico. Filtro para seleção somente de artigos foram realizados,

excluindo livros e resumos da seleção. Neste processo os artigos mais relevantes foram selecionados, totalizando 417 artigos para leitura prévia dos títulos, resumos e palavras-chave.

2.4 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

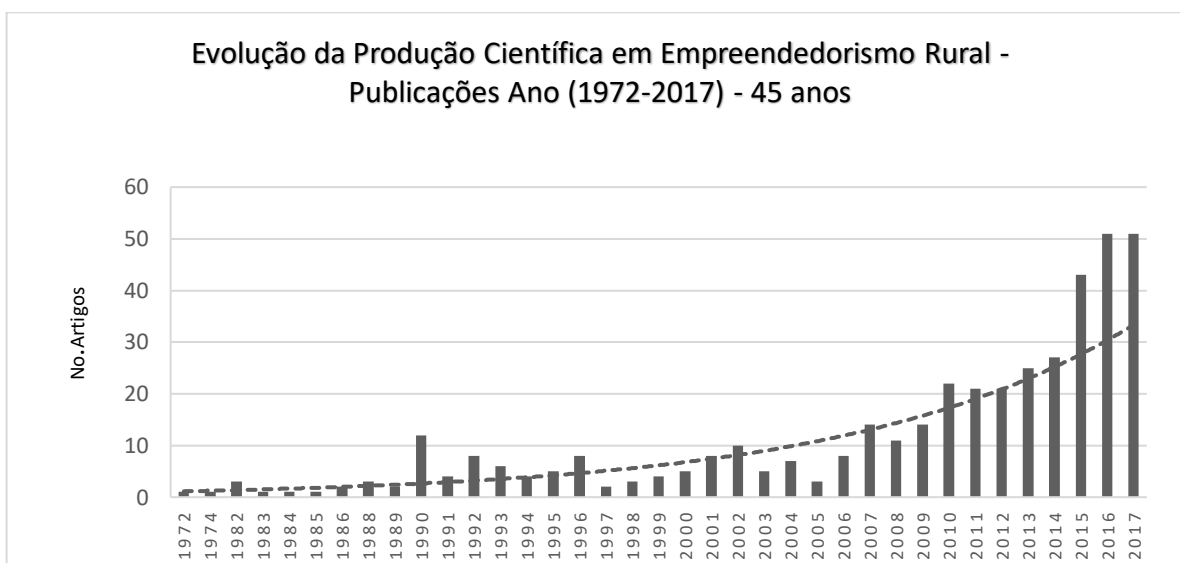
A análise dos artigos 417 estudos publicados em periódicos acadêmicos, foram realizadas utilizando *softwares* para tratamento das informações. Com a utilização do Software Bibexcel, foi realizado para o agrupamento das citações de todas as referências dos estudos, ordenando por critério “das mais citadas”, para “as de menor citação”, desta forma, uma base de dados foi criada com 70 autores, número suficiente para a realização da análise de citação e cocitação (Serra, Ferreira, Almeida & de Souza Vanz, 2012). E posteriormente o uso do *software* IBM-SPSS v.22, para a Análise Fatorial Exploratória (AFE), com redução das variáveis em um conjunto menor de acordo com suas semelhanças (Hair, Black, Babin, Anderson & Tatham, 2009; Pinto, Guerrazzi, Serra & Kniess, 2016).

Nesta seção serão apresentados os principais resultados encontrados na busca de pesquisa do *ISI Web of Science*, por meio da análise da produção científica em empreendedorismo no meio rural.

2.4.1 Contextualização da produção científica

A contextualização da produção científica é importante para que por meio dela seja possível a compreensão do processo de construção do tema ao longo do tempo. Para a realização desta análise, a coleta de dados realizada na plataforma *Web of Science* foram selecionados e transferidos para a lista marcada gerando um arquivo em formato Excel. A Figura 2.1, apresenta essa evolução por ano, no período de 1972 a 2017.

Figura 2.1 – Evolução da produção científica – Total de publicações ano



Fonte: Dados do ISI Web of Science (2017)

No período analisado, é possível observar que mesmo o termo “Empreendedorismo Rural” não seja recente, seu uso manteve-se crescendo com picos de altos e baixos até 2011, possivelmente indicando uma tendência e consolidação do tema. Outra hipótese para esse aumento de publicações de 2014 para 2015 é que em 2014 a Organização das Nações Unidas (ONU), elegeu o tema “agricultura familiar” como tema do ano (2014) para 193 países membros. Eleição que aconteceu em dezembro deste ano na Assembleia Geral da ONU (FAO, 2014).

A Tabela 2.1, apresenta o ranking por periódicos que na amostra aparecem com maiores publicações no tema de pesquisa em “Empreendedorismo Rural” (ER).

Tabela 2.1 - Ranking dos periódicos e Fator de Impacto das revistas

Classificação	Título do periódico	No. Artigos em E.R	Citações	Fator de impacto do periódico	Pontuação Eigenfactor
1	<i>Journal Of Rural Studies</i>	25	3,398	2.380	0.001640
2	<i>Entrepreneurship And Regional Development</i>	19	1,893	1.776	0.001790
3	<i>American Journal of Agricultural Economics</i>	15	5,939	1.829	0.006560
4	<i>Sociologia Ruralis</i>	11	1,466	1.698	0.001040
5	<i>World Development</i>	11	12,778	2.848	0.019910
6	<i>Sociologia Ruralis</i>	10	1,466	1.698	0.001040

7	<i>European Planning Studies</i>	10	2,296	1.332	0.003270
8	<i>Rural Sociology</i>	10	1,318	1.718	0.000980
9	<i>Agriculture and Human Values</i>	10	1,742	2.337	0.002470
10	<i>Regional Studies</i>	8	5,174	2.780	0.008060
11	<i>Sustainability</i>	8	4,488	1.789	0.009090
12	<i>Agricultural Systems</i>	8	4,495	2.571	0.005550
13	<i>Agricultural Economics</i>	7	2,411	1.758	0.003300
14	<i>International Journal of Agricultural Sustainability</i>	7	614	1.780	0.001110
15	<i>Environmental Management</i>	7	8,436	1.878	0.008410
Total		166			

Fonte: Elaborado pelo autor com os dados coletados da *ISI Web of Science* (2018)

Nesta análise foram consideradas as informações obtidas do *Journal Citation Reports (JCR)* – 2016, indexado em 2017 nas publicações do *Institute for Scientific Information (ISI)*, editada pela *Thomson Reuters* e indexada na *Web of Science*. No JCR, é possível identificar quadros qualitativos que cobrem as áreas distintas do conhecimento científico. A base apresenta dados qualitativos dos periódicos e realiza a avaliação e comparação de periódicos por meio da acumulação e tabulação de contagens de citações e artigos de grande parte das especialidades e campos da ciência. O Fator de Impacto é o número médio de citações de artigos científicos publicados em determinado periódico. E o Eigenfactor é um índice que calcula a importância total de um periódico para a comunidade científica, não apenas a quantidade de citações mas a qualidade delas.

Posteriormente foram identificados dentro da amostra, os periódicos que mais publicam sobre o tema “Empreendedorismo Rural”, em primeira colocação temos o *Journal Of Rural Studies*, periódico que publica avanços na compreensão e análise das sociedades rurais com cobertura que tem alcance global. Na sequência, a revista *Entrepreneurship And Regional Development*, que aborda o desenvolvimento econômico como fenômenos locais e regionais. Por fim, a revista *American Journal of Agricultural Economics*, é um dos principais periódicos no campo da economia agrícola.

2.4.2 Análise das Citações

Essa seleção realizou-se na plataforma *Web of Science* e foi enviada para a lista marcada, gerando um arquivo em formato Excel com os 30 trabalhos mais citados. Dentre as publicações,

somente artigos foram contabilizados. As informações obtidas na Tabela 2.2 podem ser comparadas com a (Figura 1) no sentido de verificar quais autores obtiveram maior citação por período (1980-2000) à (2001-2017), podendo ser observado o crescimento no número de citações que aparecem no período de (2001-2017), como descrito na Tabela 2.2.

Tabela 2.2 – Número de artigos mais citados – por autor e período (ano) de citação

No	Documentos Citados	1980-2000	2001-2017	Total de citações	Média por ano
1	Jack e Anderson, A. R. (2002). The effects of embeddedness on the entrepreneurial process.	0	346	346	20,35
2	Martinot et al. (2002). Renewable energy markets in developing countries.	0	152	152	8,94
3	Gasson et al. (1988). The Farm as a Family Business - A Review.	44	86	130	4,19
4	Barbieri et al. (2009). Why is diversification an attractive farm adjustment strategy? Insights from Texas farmers and ranchers	0	93	93	9,30
5	Marsden et al. (2002). The social management of rural nature: understanding agrarian-based rural development.	0	93	93	5,47
6	Kajanus et al. (2004). The use of value focused thinking and the A'Wot hybrid method in tourism management.	0	92	92	6,13
7	Vaillant et al. (2007). Do different institutional frameworks condition the influence of local fear of failure and entrepreneurial examples over entrepreneurial activity?	0	87	87	7,25
8	Bergevoet et al. (2004). Entrepreneurial behavior of Dutch dairy farmers under a milk quota system: goals, objectives and attitudes.	0	85	85	5,67
9	North e Smallbone (2006). Developing entrepreneurship and enterprise in Europe's peripheral rural areas: Some issues facing policy-makers.	0	69	69	5,31
10	Lordkipanidze et al. (2005). The entrepreneurship factor in sustainable tourism development.	0	66	66	4,71
11	Meccheri et al (2006). Rural entrepreneurs and institutional assistance: an empirical study from mountainous Italy.	0	58	58	4,46
12	Kalantaridis e Bika (2006) A. In-migrant entrepreneurship in rural England: beyond local embeddedness.	0	57	57	4,38
13	Cajaiba-Santana, Giovany (2014). Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework.	0	56	56	11,2
14	Lafuente et al. 2007. Regional differences in the influence of role models: Comparing the entrepreneurial process of rural Catalonia.	0	56	56	4,67
15	Vanderploeg (1993). Rural Sociology and The New Agrarian Question - A Perspective from the Netherlands.	15	41	56	2,15
16	Barbieri e Mshenga (2008). The role of the firm and owner characteristics on the performance of agritourism farms	0	55	55	5,00
17	Kalantaridis e Bika (2006) B. Local embeddedness and rural entrepreneurship: case-study evidence from Cumbria, England.	0	54	54	4,15
18	Bock, BB (2004). Fitting in and multi-tasking: Dutch farm women's strategies in rural entrepreneurship.	0	52	52	3,47
19	Stone e Stubbs (2007). Enterprising expatriates: Lifestyle migration and entrepreneurship in rural southern Europe.	0	45	45	3,75
20	Vik e McElwee (2011). Diversification and the Entrepreneurial Motivations of Farmers in Norway.	0	43	43	5,38
21	Sturgeon, Janet C. (2010). Governing minorities and development in Xishuangbanna, China: Akha and Dai rubber farmers as entrepreneurs.	0	39	39	4,33

22	Henderson e Weiler (2010). Entrepreneurs and Job Growth: Probing the Boundaries of Time and Space.	0	37	37	4,11
23	Demurger e Xu (2011). Return Migrants: The Rise of New Entrepreneurs in Rural China.	0	33	33	4,13
24	Driga et al. (2009). Reasons for the Relatively Lower Entrepreneurial Activity Levels of Rural Women in Spain.	0	33	33	3,30
25	Chang e Macmillan (1991). A Review of Entrepreneurial Development in the Peoples-Republic-Of-China.	8	25	33	1,18
26	Anthopoulou, Theodosia (2010). Rural women in local agrofood production: Between entrepreneurial initiatives and family strategies. A case study in Greece.	0	31	31	3,44
27	Satya et al. (2010). Bamboo shoot processing: food quality and safety aspect.	0	31	31	3,44
28	Clark e Julian (2009). Entrepreneurship and diversification on English farms: Identifying business enterprise characteristics and change processes.	0	31	31	3,10
29	Ma, ZD (2002). Social-capital mobilization and income returns to entrepreneurship: the case of return migration in rural China.	0	31	31	1,82
30	Herslund, Lise (2012). The Rural Creative Class: Counterurbanisation and Entrepreneurship in the Danish Countryside.	0	30	30	4,29

Fonte: Dados do *ISI Web of Science* com Bibexcel (2018)

Na Tabela 2.2, também é possível observar os autores mais citados dentro da amostra. Na primeira colocação, com 346 citações, destaca-se o artigo de Jack e Anderson (2002), que realizou um exame qualitativo das ações dos empresários rurais por meio da teoria da estrutura de Giddens.

2.4.3 Análise Fatorial

A análise fatorial é uma técnica de redução de dados que pode ser utilizada para determinar subcampos ou temas (Lin & Cheng, 2010). Para a realização desta análise, a coleta de dados realizada na plataforma *Web of Science* foram analisados por meio do *software* Bibexcel que possibilitou a manipulação dos dados e utilização em formato de arquivo Excel para a realização da Análise Fatorial Exploratória no software IBM-SPSS v.22, resultados apresentados na Tabela 2.3.

Tabela 2.3 – Sumário da Análise de Fatores

Matriz de componente							
FATOR (1)		FATOR (2)		FATOR (3)		FATOR (4)	
Autor	Carga Fatorial	Autor	Carga Fatorial	Autor	Carga Fatorial	Autor	Carga Fatorial
AudretschD2004	,873	AjzenI1991	,922	WagnerJ2004	,900	GallowayL2011	,772
TerluinI2003	,850	SouitarisV2007	,910	KingG2001	,885	BosworthG2012	,743
NorthD2000_A	,848	BirdB1988	,907	GibsonD2004	,851	DrigaO2009	,682
NijkampP2003	,848	WilsonF2007	,900	KruegerJrN1994	,840	GetzD2000	,659

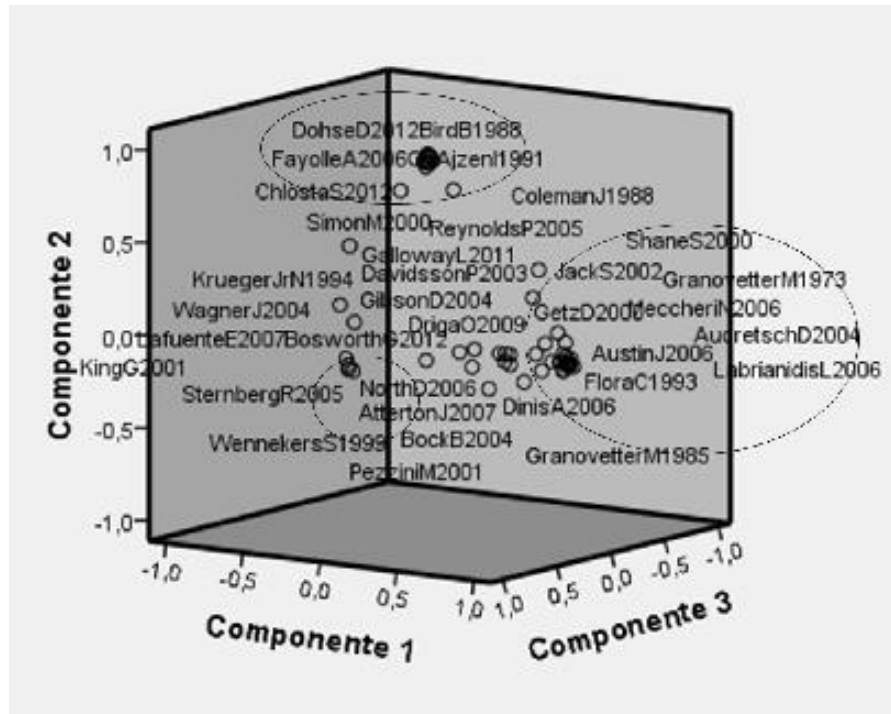
NorthD2000	,846	LinanF2009	,898	WennekersS1999	,838	AttertonJ2007	,643
SkurasD2005	,842	LinanF2007	,893	SternbergR2005	,807	PezziniM2001	,580
KalantaridisC2006	,840	FayolleA2006	,892	SimonM2000	,639	LafuenteE2007	,550
LabrianidisL2006	,838	ZhaoH2005	,883	ReynoldsP2005	,558		
KalantaridisC2006_A	,815	DohseD2012	,873				
DinisA2006	,812	LangowitzN2007	,870				
LordkipanidzeM2005	,808	KruegerN2000	,868				
AustinJ2006	,794	LinanF2011	,843				
FloraC1993	,789	ChlostaS2012	,777				
WestlundH2003	,783	ColemanJ1988	,735				
MeccheriN2006	,757						
JackS2002	,733						
StathopoulouS2004	,713						
GranovetterM1973	,676						
DavidssonP2003	,669						
PyysiainenJ2006	,665						
GranovetterM1985	,625						
ShaneS2000	,610						
NorthD2006	,597						
BockB2004	,533						
% Variância Total Explicada - 73,96%	29,25		21,90		11,24		11,57

Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

A Análise Fatorial seguiu os procedimentos reconhecidos por Hair et al. (2005), que recomenda a avaliação do KMO (acima de 0,5) como indicador para identificar qual artigo pertence a qual fator, e dentre estes fatores, os fatores que representam um subcampo ou tema de possíveis pesquisas. Como pode ser observado na (Tabela 2.3), quatro fatores foram construídos, representando possivelmente quatro subcampos de pesquisa em Empreendedorismo Rural.

Na Figura 2.2, o diagrama representa o agrupamento dos fatores, representado por quatro subcampos de pesquisas.

Figura 2.2: Diagrama – Mapa de cocitações de autores



Fonte: Processado pelo software SPSS (versão v.22)

Conforme demonstrado na figura 2.2, o diagrama representa o agrupamento dos autores representados no mapa de cocitações dos artigos, os agrupamentos circulados representam grupos de autores que possuem cargas altas e maior proximidade entre os autores, determinando subcampos ou temas (Lin & Cheng, 2010). Na próxima sessão, serão apresentados os quatro (4) fatores representados na matriz de componentes.

2.4.4 Revisão sistemática da Literatura

O primeiro fator, com 24 artigos representa o grupo de autores que analisam o Empreendedorismo Rural em diferentes perspectivas teóricas. O segundo fator, com 14 artigos representa estudos que analisam o comportamento empreendedor, levantando questões de como os empreendedores criam, sustentam ou transformam seus empreendimentos. O terceiro fator, com 8 artigos são representados por pesquisas com linhas de literatura que relacionam o empreendedorismo ao crescimento econômico. O quarto e último fator, com 7 artigos, analisa o foco empresarial dos empreendedores rurais, observando suas características e habilidades empresariais.

Fator 1 – Empreendedorismo Rural e diferentes perspectivas teóricas

Os artigos da Tabela 2.4, que representam o grupo de autores do fator 1, com 24 artigos, são caracterizados por artigos que analisam o Empreendedorismo Rural em diferentes perspectivas teóricas para compreender o seu processo de desenvolvimento. O Empreendedorismo no meio rural, não é diferente de outras formas de empreendedorismo de outros setores, veremos nesse grupo de artigos, diferentes formas de empreender, teorias utilizadas para analisar o processo empreendedor no contexto rural e principalmente habilidades e capacidades utilizadas como estratégia em um contexto rural.

Tabela 2.4: Fator 1 - Empreendedorismo Rural e diferentes perspectivas teóricas

Autores	Método	Foco do estudo	Principais Resultados
Granovetter (1973)	Pesquisa qualitativa com 100 entrevistados de uma amostra aleatória de 282 trabalhadores do subúrbio de Boston.	O artigo analisa processos em redes interpessoais e a interação em pequena escala que converge em padrões de grande escala, e que, reagem em pequenos grupos.	Análise das redes sociais é sugerida como uma ferramenta para ligar os níveis micro e macro na teoria sociológica.
Granovetter, M. (1985)	Estudo empírico	O artigo diz respeito à medida em que a ação econômica está inserida nas estruturas das relações sociais, na sociedade industrial moderna.	As contas subjacentes são paradoxalmente semelhantes em sua negligência nas estruturas atuais das relações sociais. As ações econômicas devem considerar sua incorporação em tais estruturas.
Flora e Flora (1993)	Estudo empírico	O estudo buscou compreender se a infraestrutura social empreendedora é um mecanismo importante de análise institucional.	Os resultados revelam que as comunidades que possuem infraestrutura social empresarial podem começar a lidar com os complexos, confusos e indecisos de indicadores de desenvolvimento e mudança.

North e Smallbone (2000 A)	Baseia-se em inquérito a 330 empresas de 16 setores e fazendo comparação entre PME semelhantes em áreas rurais remotas e acessíveis.	O artigo resume os resultados de um estudo de inovação em pequenas e médias empresas rurais (PMEs) na Inglaterra durante o período 1991-1996.	Resultados indicam que as empresas mais inovadoras são aquelas que alcançaram o crescimento mais rápido durante os anos 1990.
North e Smallbone (2000)	Evidências empíricas, extraída de pesquisa em 330 PMEs rurais realizada em 1996, localizadas em distritos rurais dentro de três regiões da Inglaterra (norte, sudoeste).	Artigo discute as conclusões de um estudo sobre o processo de inovação em uma amostra de PMEs localizadas em ambientes rurais.	Estudo concluí que empresas mais inovadoras realizam contribuições para as economias rurais em termos de geração de renda externa e geração de emprego. A maneira pela qual a inovação é alcançada é considerada moldada por vários aspectos do ambiente rural.
Shane Venkataraman (2000)	Estudo teórico-empírico	O objetivo do estudo foi a realização de um quadro consensual que abrande luzes sobre fenômenos inexplicados. Procuramos melhorar a legitimidade do campo e evitar sua marginalização como apenas "um cenário de pesquisa" ou "aplicação de ensino".	O estudo fornece um quadro teórico como um ponto de partida, trazendo luz sobre fenômenos inexplicados e melhorando a qualidade das pesquisas.
Jack e Anderson (2002)	Estudo qualitativo, realizado com sete empreendedores em contexto local. Utilizando análise etnográfica e triangulação, com coleta de dados ao longo do período de 3 anos.	Artigo utiliza a teoria da estrutura de Giddens para desenvolver a concepção do empreendedorismo como um processo socioeconômico integrado.	O exame qualitativo das ações dos empresários rurais, revelam que a incorporação do empreendedor no contexto da ruralidade é um fator importante do processo empresarial.
Davidson e Honig (2003)	Pesquisa examina atividades de dois grupos de indivíduos, 380 no grupo nascentes e 608 do grupo de controle em um período de 18 meses.	O objetivo do artigo era ajudar a fechar uma lacuna de pesquisa em relação ao capital humano e às influências do capital social em empreendedores nascentes.	Os estudos sugerem que os empreendedores seriam bem aconselhados a desenvolver e promover redes de todos os tipos.
Terluin (2003)	Análise de 7 teorias sobre desenvolvimento econômico rural, com análise em 18 estudos de caso nas regiões rurais da Comissão Europeia (CE).	Artigo fornece uma visão geral sobre críticas ao desenvolvimento econômico em regiões rurais de países avançados.	Os resultados mostram que a abordagem mista do desenvolvimento exógeno / endógeno, da teoria do desenvolvimento liderada pela comunidade dá suporte a teoria de Bryden.

Nijkamp (2003)	Estudo empírico	teórico-	Artigo analisa áreas urbanas com o objetivo de demonstrar condições favoráveis de incubação para o empreendedorismo inovador.	O estudo conclui que um empreendedor moderno tende a se tornar cada vez mais estratégico de forma que a participação em redes por empreendedores não necessita de uma base urbana.
Westlund e Bolton (2003)	Estudo empírico	teórico-	O objetivo do estudo foi contribuir para a análise do papel que o capital social tem no empreendedorismo local / regional, comparando capital social com outras formas de capital.	O estudo conclui que o capital social pode ser analisado da mesma forma que o outro capital, mas tem alguns atributos especiais importantes.
Bock (2004)	Estudo qualitativo, baseado na análise de dois projetos de pesquisa, que ocorreram na Holanda durante 1995-2001.		O objetivo do artigo foi analisar o papel das mulheres agricultoras na diversificação da fazenda e descobrir suas principais forças de condução e constrangimentos.	Estudo conclui que existem variedades de atividades geradoras de renda entre as mulheres, abordagens cauteladas de gestão e mais típica entre empreendedores nascentes.
Stathopoulou, Psaltopoulos e Skuras (2004)	Modelo teórico		O objetivo do estudo é apresentar um quadro integrado e coerente que facilite a pesquisas futuras em empreendedorismo, especialmente em áreas rurais da Europa.	A ruralidade é vista como um recurso empresarial dinâmico. O empreendedorismo rural é representado como um processo sequencial de três etapas altamente influenciado por características territoriais específicas.
Audretsch e Keilbach (2004)	Estudo empírico em regiões alemãs.		O objetivo do documento foi analisar o capital empreendedor em função do impacto positivo na produção econômica da região.	O estudo constatou impacto positivo sobre a produção das regiões medidas pelo Produto Interno Bruto (PIB) na adoção do empreendedorismo.
Lordkipanidze e Backman (2005)	Estudo de caso realizado na região de Soderslatt, na Suécia.		Artigo mostra os resultados de uma análise SWOT do desenvolvimento do empreendedorismo no turismo de Soderslatt, oferecendo uma visão geral da atual situação empreendedora.	Estudo conclui que o aprimoramento do empreendedorismo em turismo sustentável está alinhado à cultura empreendedora e a criação de um ambiente propício.

Skuras, Meccheri, Moreira, Rosell e Stathopoulou (2005)	Os dados são derivados de quatro pesquisas sobre empresas rurais em áreas montanhosas e menos favorecidas no sul da Europa.	O artigo apresenta os processos de acumulação de capital humano empreendedor e seu impacto no crescimento dos negócios rurais.	Os estudos revelam que processos de acumulação de capital humano são relacionados à educação e treinamento ou à experiência de trabalho em gestão.
Kalantaridis e Bika (2006)	Pesquisa qualitativa, com uma amostra de 320 empresas na Inglaterra rural.	O Artigo analisou o papel dos fatores e circunstâncias contextuais locais para influenciar o comportamento dos principais agentes econômicos, inclusive o empreendedor.	Os resultados da análise de agrupamento, utilizando dados da pesquisa populacional, permitiram identificar três processos empresariais distintos.
Kalantaridis e Bika (2006A)	Método Misto, com revisão da literatura e posterior pesquisa populacional com uma amostra aleatória de 2mil habitantes (500 respondentes) para identificação das características do empreendedorismo.	O foco do artigo foi, por meio da análise de <i>cluster</i> , identificar processos empresariais distintos no trabalho em Cumbria rural com base nas características e atributos dos indivíduos.	Foram identificados três processos empresariais, os artesãos empresariais que são indivíduos nascidos localmente, inseridos no meio socioeconômico local. E os profissionais empresariais que são invariavelmente imigrantes, embora muitos deles tenham vivido na área de estudo há vários anos.
Labrianidis (2006)	Estudo teórico-empírico	Estudo aborda diferentes artigos e suas interações entre empreendedorismo endógeno e exógeno, redes definidas de maneira territorial ou funcional, o uso das TICs como uma solução ou restrições - em termos de infraestrutura física e qualificação.	Os trabalhos apontam as condições desvantajosas das áreas rurais em diferentes aspectos, tais como taxas de empreendedorismo, práticas inovadoras e a importância das ligações locais e globais.
Dinis (2006)	Análise de estudo de caso realizado em Martinlongo e Cachopo, duas localidades do extremo sudeste de Portugal.	Marketing e inovação em áreas rurais, como ferramentas úteis para a formulação e implementação de uma estratégia sustentável para essas empresas e territórios.	O conceito de inovação é discutido e o conceito de marketing é utilizado como estratégias de marketing mais apropriada para que as empresas rurais.
Austin, Stevenson e Wei-Skillern (2006)	Estudo teórico-empírico	Artigo oferece uma análise comparativa do empreendedorismo comercial e social,	A análise destaca as principais semelhanças e diferenças entre duas formas de empreendedorismo e apresenta

		utilizando um modelo analítico predominante do empreendedorismo comercial.	um quadro sobre como abordar o processo social-empendedor de forma mais sistemática e eficaz.
Meccheri e Pelloni (2006)	Estudo empírico em área montanhosa do centro da Itália em uma amostra de 123 empresários e empresas rurais.	O presente trabalho tem como objetivo fornecer evidências sobre o papel de diferentes fatores que podem ser influentes na explicação de diferenças na adoção de assistência institucional por empresas rurais.	Resultados apontam 4 variáveis: empresariais relacionadas a (1) capital humano empreendedor; (2) conhecimento local do empreendedor e capital social; (3) tamanho da empresa; (4) idade do empreendedor; (5) idade da empresa; e (6) setor de atividade de negócios.
Pyysiäinen, Anderson, McElwee e Vesala (2006)	Estudo de caso realizado em uma fazenda com agricultores finlandeses.	O objetivo deste artigo é usar este nexo de agricultura e empreendedorismo como um exemplo ilustrativo, por meio do qual a natureza das habilidades empreendedoras e os elementos que sustentam sua adoção pode ser examinada.	Resultados revelam que se pode desenvolver uma compreensão mais completa das habilidades que os agricultores precisam para se tornarem empreendedores por meio da diversificação.
North e Smallbone (2006)	10 áreas de estudo de casos abrangidas pelo projeto FERP (O Futuro da Europa da Periferia Rural).	O artigo analisa várias políticas que encorajam o empreendedorismo rural e o apoio às empresas rurais, por meio de uma tipologia das políticas existentes. Também discutir os tipos de políticas necessárias para estimular potenciais fontes de empreendedorismo e superar suas barreiras.	O artigo conclui argumentando em favor de uma abordagem mais estratégica e coordenada para construir a capacidade empreendedora das áreas rurais periféricas, com base em uma visão mais clara do papel que a empresa pode desempenhar no futuro desenvolvimento rural.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

O artigo mais citado deste primeiro fator é o artigo de Jack e Anderson (2002), com 346 citações. Os autores analisaram as ações de um grupo de empresários rurais utilizando a teoria de Giddens. Essa teoria, por sua vez, é utilizada para explorar o vínculo entre empresário (como agente) e o contexto (como estrutura), incorporados em uma estrutura social, criando oportunidades e melhorando o desempenho.

Estar incorporado a uma estrutura social, remete as importantes contribuições realizadas por Terluin (2003) que investigou diferentes linhas teóricas que abordavam o desenvolvimento econômico em estudos rurais. Seu debate distinguiu três principais abordagens para levarmos

em consideração em futuras análises: abordagens de desenvolvimento exógeno, abordagens de desenvolvimento endógenos e as abordagens mistas – endógenos e exógenos. Desenvolvimento exógenos, são considerados como transplantados em regiões, vistos como dominantes e que não levam em consideração os valores locais. Já os endógenos, são considerados como valores locais produzidos por comunidades que geram impulsos para o crescimento local. Independentemente do tipo de desenvolvimento, o é importante superar suas barreiras e tentar ajustar o empreendedorismo endógeno e exógeno (Labrianidis, 2006).

Nijkamp (2003) em seu estudo, defende a teoria do crescimento endógeno, como papel importante para o desenvolvimento rural, pois possibilita acesso a investimentos econômicos de origem governamental, investimentos em pesquisas e desenvolvimento (P&D), educação, treinamento, infraestrutura e etc., condições essas que propiciam o desempenho de empreendedores favorecendo a incubação para o empreendedorismo inovador (Nijkamp, 2003).

As infraestruturas sociais, também contribuem para o crescimento empresarial e facilita o acesso a diferentes recursos (Flora & Flora, 1993). Tais infraestruturas, proporcionam a inclusão dos agriculturas aos meios tecnológicos, como o acesso à Internet que facilita a comunicação e o inserção a redes (não só locais) mas a transferência eletrônica de informações com alcance para conectar em outras redes possibilitando o acesso a captação de recurso, ferramentas de marketing e inovação de produto (Dinis, 2006; Granovetter, 1973).

Kalantaridis e Bika (2006a), analisaram redes de contatos e a força dos laços entre imigrantes, indivíduos que mesmo não nascendo localmente, neste estudo em questão, conseguiram administrar seus negócios sem romper os limites da ruralidade, agindo como instrumentos fundamentais para melhorar a integração das economias rurais dos mercados nacionais e globais. Outro aspecto importante das redes e que acaba ficando intrínsecos são os da teoria do capital social, elos entre os indivíduos e grupos que facilitam a cooperação e o benefício mútuo (Davidsson & Honig, 2003). Benefício esse que está mais presente em relações de indivíduos nascentes, ou seja, aqueles que nasceram na mesma região e que conseguem fortalecer esse laço (Westlund & Bolton, 2003).

Entretanto, entender corretamente a ligação entre o capital social e empreendedorismo rural, representa habilidade importante para o empreendedor, pois empresas dependem fortemente da utilização dos recursos locais (sejam eles financeiros ou não), reduzindo os riscos

e fortalecendo as relações sociais (Meccheri & Pelloni, 2006; Skuras, Meccheri, Moreira, Rosell & Stathopoulou, 2005).

A teoria social, também busca entendimento das relações sociais, buscando compreender o como o comportamento e as instituições são afetadas pelas relações sociais. Quanto mais harmônicas forem as relações, maior o ganho social e o econômico (M. Granovetter, 1985).

Os autores, Audretsch e Keilbach (2004), também buscam em seu artigo reflexão quanto ao desenvolvimento econômico, por meio da análise do empreendedorismo como fator de impacto positivo sobre a produção de uma região medida em termos do Produto Interno Bruto (PIB).

Outro fator importante e que pode ser analisado entre os empreendedores, é a capacidade de inovação. Os ambientes rurais, são propícios para a inovação, pois possibilita valorizar os seus aspectos naturais, que podem ser utilizados como forma de agregar valor ao negócio, as fazendas sustentáveis e ao turismo sustentável (Lordkipanidze, Brezet, & Backman, 2005; David North & Smallbone, 2000b). Empreendedores que se orientam por oportunidades locais, valorizando os aspectos naturais e levando em consideração as circunstâncias contextuais, apresentam habilidades empreendedoras (Kalantaridis & Bika, 2006).

Habilidades Empreendedoras também é assunto de grandes debates e há quem diga que os indivíduos já nascem com elas ou apenas adquirem conhecimento e treinamento. De maneira geral, as habilidades empreendedoras, se referem a capacidade de administrar com sucesso uma empresa (Pyysiainen, Alistair, McElwee & Vesala, 2006). Embora que a habilidade de gerenciar um negócio ou descoberta de uma oportunidade, não seja condição necessário para o empreendedorismo, o empreendedor precisar decidir aproveitar a oportunidade (Shane & Venkataraman, 2000). Da mesma forma, a incorporação de um propósito social em uma atividade empreendedora, incluem não só benefícios econômicos, mas reconhecimento social, satisfação pessoal e interação social (Austin, Stevenson & Wei-Skillern, 2006).

Fator 2 – Comportamento Empreendedor no contexto Rural

O segundo fator, com 14 artigos, representado na tabela 2.5, analisa o comportamento empreendedor de diferentes públicos utilizando as teorias do comportamento planejado, buscando compreender o comportamento e intenções de empreendedores.

Tabela 2.5 - Fator 2 - Comportamento Empreendedor no Contexto Rural

Autores	Método	Foco do estudo	Principais Resultados
Bird (1988)	Estudo teórico-empírico realizado por meio de entrevistas com 20 empreendedores.	Estudo das intenções empreendedoras baseado em teorias. O estudo tem como foco direcionar para relações entre ideias empreendedoras e os resultados dessas ideias, direcionando os traços comportamentais para apresentação de um modelo.	O modelo é comportamental e orienta a atenção para questões sobre como os empreendedores criam, sustentam e transformam organizações, ajudando, assim, a distinguir o empreendedorismo da gestão estratégica.
Ajzen (1991)	Estudo teórico-empírico - análise de 16 estudos	Intenções para realizar comportamentos de diferentes tipos podem ser preditas com alta precisão a partir de atitudes em relação ao comportamento, normas subjetivas e controle comportamental percebido	A teoria do comportamento planejado fornece um quadro conceitual útil para lidar com as complexidades do comportamento social humano. A teoria incorpora alguns dos conceitos das ciências sociais e comportamentais.
Krueger, Reilly e Carsrud (2000)	O método realizado é uma meta-análise, que comparou dois modelos concorrentes de teorias utilizando resultados de análises de regressão realizada em uma amostra composta por 97 estudantes universitários de administração de empresas.	O presente estudo compara dois modelos baseados na intenção em termos de sua capacidade de prever as intenções empreendedoras: a teoria do comportamento planejado de Ajzen (TPB) e o modelo de Shapero do evento empreendedor (SEE).	O modelo Shapero obteve mais bem resultado para avaliar as intenções empreendedoras. No entanto, a teoria do comportamento planejado parece ser igualmente útil. Ambos os dois modelos baseados na intenção oferecem aos pesquisadores uma ferramenta valiosa para entender o processo de emergência organizacional.
Coleman (2000)	Estudo empírico onde a análise é realizada por meio de um modelo logístico ponderado com uma amostra aleatória de 4.000 alunos das escolas públicas.	O estudo analisa três formas de capital social: obrigações e expectativas, canais de informação e normas sociais. Uma análise do efeito da falta de capital social disponível para alunos do segundo grau em abandonar a escola antes da formatura é realizada.	Os resultados demonstram efeito do capital social na família e na comunidade para ajudar na formação do capital humano. Quanto o capital social fora da família é evidenciado, também existe um valor considerável na redução da probabilidade de abandonar o ensino médio.

Zhao, Seibert e Hills (2005)	Estudo qualitativo utilizando modelagem de equações estruturais com uma amostra de 265 alunos de mestrado em administração de empresas em 5 universidades para testar suas hipóteses.	O objetivo deste estudo foi investigar o papel mediador da alta eficácia no desenvolvimento das intenções dos estudantes em se tornarem empreendedores.	Os resultados mostraram que os efeitos da aprendizagem percebida e a propensão ao risco sobre as intenções empreendedoras foram totalmente mediados pela auto eficácia empreendedora. Ao contrário das expectativas, as mulheres relataram menores intenções de carreira empreendedora.
Fayolle, Gailly e Lassas-Clerc, (2006)	O método utilizado foi o método longitudinal para capturar variações de atitudes e intenções de um grupo de 20 estudantes de um curso de eletivo de empreendedorismo em uma escola de engenharia francesa.	O objetivo do artigo é propor um framework, baseado na teoria do comportamento planejado, para avaliar a estrutura dos programas de educação para o empreendedorismo.	Os dados são consistentes e confiáveis, considerando a pequena escala deste experimento. A Educação para o Empreendedorismo foi avaliada e teve um forte impacto na intenção empreendedora dos estudantes.
Langowitz e Minniti (2007)	Método quantitativo, que utilizou um conjunto de dados fornecido pelo Projeto Global Entrepreneurship Monitor (GEM)	O estudo investiga o envolvimento feminino em atividades empreendedoras, quais variáveis influenciam a propensão empreendedora de mulheres e se essas variáveis têm uma correlação significativa com as diferenças entre os gêneros (homem/mulher).	Os resultados mostram que variáveis perceptivas subjetivas têm uma influência crucial na propensão empreendedora das mulheres e são responsáveis por grande parte da diferença na atividade empreendedora entre os sexos.
Souitaris, Zerbinati e Al-Laham (2007)	Estudo quantitativo realizado com 250 estudantes de ciências e engenharia (124 no programa e 126 em um grupo de controle), os dados foram coletados antes e depois do programa de empreendedorismo em duas universidades (Londres e Grenoble).	Com base na teoria do comportamento planejado, este estudo testa o efeito dos programas de empreendedorismo nas atitudes e intenções empreendedoras dos estudantes de ciências e engenharia.	Os resultados contribuem para as teorias de comportamento planejado e educação e têm implicações mais amplas para uma teoria das emoções empreendedoras e para a prática do ensino de empreendedorismo.
Liñán e Santos (2007)	Para testar as hipóteses teóricas, foi realizado um estudo empírico utilizando a técnica de Partial Least Squares (PLS) com dados de uma amostra de jovens estudantes de graduação no último ano de seu grau.	Estudo analisa o contexto social e o comportamento dos empreendedores e sua influência específica do novo fator socioeconômico do capital social na formação das intenções empreendedoras.	O modelo estrutural foi proposto, explicando 57% da variância na intenção empreendedora. Os resultados também confirmaram a existência de uma influência indireta dos construtos que definem o capital social cognitivo na intenção empreendedora.

Wilson, Kickul e Marlino (2007)	Estudo quantitativo com dois grupos de alunos em diferentes níveis escolares, 5.000 alunos do ensino médio e 933 alunos de MBA, localizados em quatro estados (Nova Inglaterra, Illinois, Califórnia e Texas / Flórida / Tennessee).	O estudo analisou as relações de gênero, auto eficácia empreendedora e intenções empreendedoras em dois grupos de estudantes.	Efeitos similares de gênero na auto eficácia empresarial são mostrados para ambos os grupos, os efeitos da educação para o empreendedorismo nos programas de MBA sobre auto eficácia empresarial revelaram-se mais fortes para as mulheres do que para os homens.
Liñán e Chen (2009)	Estudo qualitativa com 519 estudantes de dois países bastante diversos: Espanha e Taiwan.	Artigo utiliza a teoria do comportamento planejado de Ajzen para construir um questionário para análise do comportamento empreendedor.	Os resultados indicam percepções que derivam de valores culturais e modificam a forma como os indivíduos em cada sociedade percebem o empreendedorismo.
Liñán, Urbano e Guerrero (2011).	Análise empírica é realizada utilizando técnicas de equações estruturais sobre uma amostra de 549 estudantes universitários do último ano de duas regiões espanholas (Catalunha e Andaluzia).	Modelos cognitivos não costumam incluir fatores ambientais na explicação das variações regionais na atividade empreendedora. Portanto, o objetivo principal do estudo é identificar alguns dos elementos cognitivos ambientais que podem explicar as diferenças regionais nas intenções de startup.	Os resultados confirmam que a avaliação do empreendedorismo em cada região ajuda a explicar as diferenças regionais nas intenções empreendedoras. Como esperado, a avaliação social do empreendedor foi maior na região mais desenvolvida (Catalunha), afetando positivamente as normas subjetivas percebidas e o controle comportamental.
Dohse e Walter (2012)	O método utilizado foi modelagem linear hierárquica, 1.816 estudantes do sexo masculino em 38 regiões.	O presente artigo analisa o papel do contexto do conhecimento individual e regional na formação das intenções empreendedoras de estudantes universitários.	No nível individual, descobrimos que os modelos que facilitam a transferência de conhecimento tácito e a expectativa de que laços fortes fornecerão <i>know-how</i> e <i>know-who</i> impactarão positivamente as intenções empreendedoras.
Chlosta, Patzelt, Klein e Dormann (2012)	Estudo qualitativo que analisa modelos paternos e maternos para investigar sua influência na decisão dos filhos em se tornar autônomos. Utilizando dados de 461 ex-alunos de oito universidades alemãs.	Artigo utiliza a teoria da aprendizagem social para examinar a influência dos modelos parentais nas famílias empreendedoras.	Resultados mostram a presença de um modelo parental aumenta a probabilidade de que os indivíduos se tornem autônomos, mas que a influência dos modelos de comportamento também depende da abertura do indivíduo.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Ajzen (1991) em seu artigo seminal, analisou aspectos da teoria do comportamento planejado (TCP), fornecendo um quadro útil (modelo de intenções), que possibilita compreender as complexidades do comportamento humano. De maneira geral, um indivíduo decide executar um comportamento, como uma ação de empreender, baseado em intenções que são previstas por atitudes e outros fatores como motivação pessoal, recursos e oportunidades.

Em outros estudos, os autores utilizam o modelo da teoria de Ajzen (1991), para identificar elementos ambientais e explicar diferenças regionais. O artigo de Liñán, Urbano e Guerrero (2011), desenvolveu um modelo de intenções empreendedoras por meio de da análise de fatores motivacionais sustentados pela teoria de Ajzen (1991), constatando diferenças regionais nas ações empreendedoras é maior em regiões mais desenvolvidas.

No artigo de Liñán e Santos (2007), os autores sugerem o modelo de Ajzen (1991), a incorporação de um novo fator, o capital social como possível influência que afeta a formação das intenções empreendedoras. Em outras palavras, “um indivíduo percebe que outras pessoas em seu ambiente pessoal concordariam em realizar o comportamento, isso contribuirá para uma intenção mais favorável em relação ao desempenho desse comportamento”. Laços familiares e diferentes valores como crenças e confiança, favorecem a percepção do indivíduo quanto a desejabilidade em abrir seu próprio negócio.

Em um contexto de empreendedorismo, as intenções empreendedoras, visam a criação de um novo negócio ou novos valores ao negócio existente (Bird, 1988). Que na prática, dependem da situação do empreendedor naquele momento, ou seja, atitudes dependem da situação (financeira e emocional) do empreendedor (Krueger, Reilly & Carsrud, 2000).

Krueger et al. (2000), comparam dois modelos baseados na intenção em termos de capacidade em prever intenções: a Teoria do Comportamento Planejado de Ajzen (TPB) e o modelo de Shapero do Evento Empreendedor (SEE). Ambos os modelos possuem efeitos similares, demonstrando a importância da presença das famílias como motivação empreendedoras importante para se tornarem autônomos. No entanto, o impacto do modelo depende da personalidade individual e dos indivíduos menos abertos que experimentam um impacto mais forte. Essas descobertas demonstram a necessidade de considerar tanto a personalidade do indivíduo como seu ambiente (valores culturais) ao explicar o trabalho autônomo (Chlosta, Patzelt, Klein, & Dormann, 2012; Liñán & Chen, 2009).

As relações de gênero também foram analisadas para identificar a eficácia empreendedora (Wilson, Kickul & Marlino, 2007; Zhao, Seibert & Hills, 2005). O envolvimento feminino em atividades empreendedoras é analisado em uma perspectiva de tentar identificar propensão empreendedora de mulheres para iniciar um novo negócio, resultados concluem que independente do gênero, mulheres e homens podem iniciar um novo negócio, com incentivos adequados e avaliações positivas (Langowitz & Minniti, 2007).

Estudos relacionados a TCP também foram identificadas em contextos estudantis, para averiguar a escolha em suas carreiras. O artigo de Liñán e Chen (2009), estuda a TCP para construir um questionário e analisar as propriedades psicométricas de 519 indivíduos de diferentes ambientes culturais. O estudo de Dohse e Walter (2012), analisou a importância do ambiente regional na formação de intenções empreendedoras e que diferenças regionais surgem variações em atividades empreendedoras.

Os autores, Souitaris, Zerbinati e Al-Laham (2007), testaram a TCP, buscando identificar se de fato o argumento que diz que a educação empreendedora ou educação para o empreendedorismo aumenta ou não a intenção de iniciar um novo negócio. Os autores identificaram aumento da inspiração em empreender, devido a maior motivação, por estar em um grupo entusiasmado e por ter gerado o seu plano de negócio.

Já o estudo de Fayolle, Gailly e Lassas-Clerc (2006), identificaram resultados favoráveis para a educação empreendedora de estudantes em uma escola de engenharia francesa, constatando aumento relacionado a confiança, sobre, como ser tornar um empreendedor e criar o seu próprio negócio.

Fator 3 – Empreendedorismo e Crescimento Econômico

Os artigos, do terceiro fator disponíveis na tabela 2.6, possui 8 estudos que são representados por grupo de autores que estudam o empreendedorismo relacionado com o crescimento econômico.

Tabela 2.6: Fator 3 - Empreendedorismo e o Crescimento Econômico

Autores	Método	Foco do estudo	Principais Resultados
Krueger e Brazeal (1994)	O modelo – potencial empreendedor de Shapero e a teoria do comportamento planejado de Ajzen,	O artigo discute antecedentes do potencial empreendedor e propõe um modelo baseado no modelo de Shaperos (1982) do evento empreendedor. O modelo foi discutimos à luz de evidências de apoio de duas perspectivas diferentes: empreendimento corporativo e desenvolvimento empresarial.	Propomos um modelo de potencial empreendedor que tem por objetivo capacitar os indivíduos para que tenham potencial para serem empreendedores, promovendo o desenvolvimento econômico por meio do aumento do empreendedorismo.
Wennekers e Thurik (1999)	Estudo teórico	O objetivo desta pesquisa é sintetizar diferentes linhas de literatura para vincular o empreendedorismo ao crescimento econômico.	Estudo apresenta quadro institucional que define os incentivos para que os indivíduos transformem suas ambições em ações e determina até que ponto as barreiras desnecessárias os impedirão em suas buscas por crescimento e desenvolvimento econômico.
Simon, Houghton e Aquino (2000)	Estudo quantitativo que utilizou análise de regressão para as análises em uma amostra composta por 191 alunos que cursavam o Mestrado em Administração de Empresas.	Estudo explora como os indivíduos lidam com os riscos inerentes às suas decisões. Também examina três vieses cognitivos que pesquisas anteriores sugeriram que podem reduzir a percepção de risco.	Os resultados do estudo sugerem que as percepções podem definir porque certos indivíduos perceberem menos riscos. Os vieses são: excesso de confiança, ilusão de controle e a crença na lei dos pequenos números, (uma pequena amostra de informação) para tirar conclusões firmes.
King e Zeng (2001)	Proposta de utilização do método de Regressão Logística: Modelo e Notação	O foco do estudo é explicar eventos raros em relações internacionais, mostramos que problemas na explicação e previsão de eventos raros provêm principalmente de duas fontes: procedimentos estatísticos populares que subestimam a probabilidade de eventos raros e estratégias ineficientes de coleta de dados.	Muitos dos eventos mais significativos nas relações internacionais - guerras, golpes, revoluções, grandes depressões econômicas, choques econômicos - são eventos raros. O artigo discutiu o uso dos dados de eventos raros existentes e como melhorar os esforços de coleta de dados no futuro.

Wagner e Sternberg (2004)	Estudo econométrico que foi baseado em dados de 10.000 pessoas de uma recente pesquisa representativa da população em dez regiões de planejamento alemãs - Monitor de Empreendedorismo Regional (REM)	O estudo contribui para a pesquisa empírica sobre o papel da política regional para o empreendedorismo, concentrando-se na ligação entre dois fatos estilizados que emergiram de vários estudos para a Alemanha e outros países: taxas de entrada diferem entre regiões e a propensão a se tornar um empreendedorismo.	Estudo concluí com alto índice de propensão ao trabalho autônomo, homens e desempregados. Também que tiveram experiência empreendedora anterior e que vivem em regiões mais povoadas, ou que empreendedores nascentes em regiões com altas densidades populacionais e altas taxas de crescimento da população.
Gibson (2004)	Estudo teórico-empírico	O artigo propõe revigorar a teoria de carreiras, que por sua vez é essencial para o sucesso profissional. A construção de uma modelo é sugerida, com base nas necessidades, desejos e ambições de um indivíduo.	Os resultados apresentam uma visão dimensional onde ao entender como os indivíduos percebem seus modelos como fundamentais para o seu crescimento e desenvolvimento em suas carreias.
Sternberg e Wenekers (2005)	Pesquisa científica usando dados coletados como parte do Global Entrepreneurship Monitor (GEM)	Artigo analisa a descrição dos fundamentos teóricos e metodológicos do GEM, destacando os principais resultados de sete artigos que foram apresentados na Primeira Conferência de Pesquisa do GEM em Berlim, de 1 a 3 de abril de 2004.	Um efeito positivo da atividade empreendedora sobre o crescimento econômico em países altamente desenvolvidos, mas um efeito negativo para as nações em desenvolvimento. Também é possível observar diferentes tipos de empreendedorismo podem ter um impacto diferente sobre a capacidade de inovação e a taxa de crescimento econômico de uma nação.
Reynolds, Bosma, Autio, Hunt, Bono, Servais e Chin (2005)	Pesquisa científica usando dados coletados como parte do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) e coleta de dados com levantamentos de população adulta, entrevistas não estruturadas com especialistas nacionais, questionários autoadministrados preenchidos por especialistas nacionais	Avaliação do programa de pesquisa Global Entrepreneurship Monitor que buscou analisar a abrangência do papel do empreendedorismo no crescimento econômico nacional.	Os autores identificaram fatores associados a diversas atividades empresariais e por consequência suas principais características contextuais, como: distribuição geográfica dos empreendedores, renda familiar, escolaridade, origem étnica, entre outros fatores considerados apropriados considerando as diversidades dos países

O modelo desenvolvido pelos autores Shapero e Sokol (1982) e a TCP de Ajzen (1990), foram analisados no artigo de Krueger e Brazeal (1994), que analisa o potencial empreendedor baseado em duas perspectivas diferentes: empreendedorismo corporativo e desenvolvimento empresarial.

Em um ambiente corporativo, os teóricos de carreiras argumentam que existem poucas pesquisas empíricas sobre modelos de desenvolvimento de individual (Gibson, 2004). Porém, a atividade empreendedora de um indivíduo depende de uma série de fatores, como: gênero (mulheres possuem menor frequência empreendedoras), por contatos pessoais (redes), problemas ambientais, da região ou até mesmo condições financeiras e fatores políticos (Wagner & Sternberg, 2004).

O crescimento econômico de um país ou região necessita de políticas econômicas que direcionem o seu crescimento. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), busca fornecer uma plataforma para comparar políticas econômicas de diferentes países, solucionando problemas comuns e coordenando políticas domésticas e internacionais. Eventos que dependem das relações internacionais (King & Zeng, 2001).

Com a globalização, o comércio internacional impulsionou os empreendedores a adotarem diferentes métodos de produção, para alcançarem novos mercados, diversificando seus produtos e demonstrando capacidade de respostas positivas e inovadoras a desafios e dificuldades (Wennekers & Thurik, 1999). Outros efeitos também podem ser observados, como efeito positivo da atividade empreendedora sobre o crescimento econômico em países altamente desenvolvidos e negativo para nações em desenvolvimento foi pesquisado utilizando dados coletados do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) (Sternberg & Wennekers, 2005).

O programa de pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM) é um programa de pesquisa que se concentra no crescimento econômico por meio do empreendedorismo. Que foi concebido como uma avaliação abrangente do papel do empreendedorismo no crescimento econômico nacional. Com o uso dos dados da pesquisa, foi possível identificar fatores associados a diversas atividades empresariais e por consequência suas principais características contextuais, como: distribuição geográfica dos empreendedores, renda familiar, escolaridade, origem étnica, entre outros fatores considerados apropriados considerando as diversidades dos países (Reynolds, Bosma, Autio, Hunt, De Bono, Servais & Chin, 2005).

Fator 4 – Foco Empresarial dos Empreendedores Rurais

O quarto e último fator, representado na tabela 2.7, é composto por 7 artigos, que buscam analisar o comportamento empresarial dos empreendedores rurais, observando suas características e habilidades para gerenciar seus negócios.

Tabela 2.7: Fator 4 - Foco empresarial dos Empreendedores Rurais

Autores	Método	Foco do estudo	Principais Resultados
Get e Carlsen (2000)	Estudo qualitativa utilizando uma amostra de 198 empresas familiares em zona rural da Austrália Ocidental	Estudo sobre empresas familiares com foco em turismo rural e hotelaria, analisou razões para iniciar seu negócio, metas e sucesso do negócio.	Perfil dos entrevistados eram casais de meia-idade, novos no ramo, com forte motivação empresarial, para viver e trabalhar no campo, com incertezas quanto a disposição do negócio, apesar de envolverem seus familiares em plano de sucessão.
Pezzini (2001)	Estudo descritivo de relatórios e estudos da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).	Artigo examinará os principais mudanças e evoluções das políticas rurais da OCDE e, em seguida, as especificidades das próprias políticas em diferentes países da OCDE.	Estudo apoia o argumento de que a política rural foi além da política agrícola em muitos países, fornecendo um complemento às abordagens de políticas setoriais e oferecendo novas trajetórias de desenvolvimento para os empresários e empresas rurais.
Lafuente, Vaillant e Rialp (2007)	Estudo qualitativo utilizando informações dos relatórios anuais do Global Entrepreneurship Monitor (GEM).	Documento examina o impacto de modelos empresariais sobre o processo empresarial nas áreas rurais com uma forte história empresarial versus aqueles que não são necessariamente caracterizados por tal tradição.	Os resultados destacam a importância dos modelos empresariais no círculo social. Implicações do estudo indicam a autoconfiança empresarial como força motriz que leva o indivíduo em diferentes estágios do processo empreendedor. Ambições empreendedoras geram confiança necessária em suas próprias habilidades.

Atterton (2007)	Estudo qualitativo realizado em três pequenas cidades da Highlands periféricas e Ilhas da Escócia que utilizou uma combinação de questionários postais em larga escala para as entrevistas semiestruturadas.	Com base em estudos sobre a importância das redes sociais e o funcionamento das empresas, este artigo relata os resultados de um estudo empírico das redes sociais mantidas pelos proprietários de empresas localizadas em três pequenas cidades nas Highlands periféricas e Ilhas da Escócia.	O estudo constatou que, embora os empresários nas três cidades tenham importância na manutenção de laços integrados, existem diferenças entre as cidades em termos de características das redes sociais mantidas pelos proprietários. Tais diferenças, incluem o número de imigrantes nas áreas e as características culturais das pessoas locais.
Driga, Lafuente e Vaillant (2009)	Estudo qualitativo que utilizou os relatórios anuais do Global Entrepreneurship Monitor (GEM), para análise da população de Empreendedores na Espanhol em 2004.	Este estudo examina o impacto que os fatores institucionais, sobre a atividade empreendedora de mulheres e homens nas áreas rurais.	Resultados indicam que, em comparação com os homens, as mulheres rurais espanholas tendem a estar menos envolvidas nas atividades empresariais e são menos otimistas sobre suas habilidades como empresárias, embora o medo do fracasso não seja um impedimento significativo de seu envolvimento no empreendedorismo.
Galloway, Sanders e Deakins (2011)	Estudo qualitativo com 6 operadores de internet Rural e 96 de seus usuários rurais de pequenas empresas.	Estudo examina o uso teorizado da internet para alcance do mercado externo, combinando dados de operadores de portal e empresas rurais	O estudo mostra facilidade de ampliar o comércio por meio da internet e, como tal, os portais podem incluir para os empresários rurais a oportunidade de novos fornecedores aumentando a eficácia do marketing.
Bosworth (2012)	Estudo de caso em uma empresa de jornais e revistas de uma família do Reino Unido em um contexto rural.	O objetivo do artigo é duplo. O primeiro objetivo é fornecer uma perspectiva alternativa para a definição de uma empresa rural e a segundo é destacar algumas questões que criam ou são percebidas como agregadoras de valor nas comunidades rurais.	O artigo fornece uma série de características que podem ser associadas a empresas rurais, que podem variar em questões econômicas espaciais, como a natureza da base de clientes, o local do negócio, até as percepções sociais e emocionais do papel do empresário rural e seu envolvimento com o meio rural.

Fonte: Elaborado pelo autor (2018)

Os autores Driga, Lafuente e Vaillant (2009), avaliaram a criação de empresas e atividades empresariais no meio rural realizada por mulheres. Que comparado aos homens, as mulheres foram mais influenciadas, negativamente, pelo medo do fracasso empresarial e consequentemente acabaram que não utilizando plenamente o potencial de desenvolvimento econômico.

Quanto aos modelos empresariais, o estudo de Lafuente, Vaillant e Rialp (2007), destacaram a influência dos modelos empresariais como combustível para as atividades econômicas empresariais no meio rural, evidenciando efeitos significativos e positivo frente as intenções empresariais. Um modelo bem-sucedido são as empresas familiares nos setores de turismo rural, que operam seus estabelecimentos como principal negócio da família, oferecendo aos seus hospedes experiências no convívio com o meio ambiente, alimentação diferenciada e a tranquilidade de um ambiente acolhedor (Getz & Carlsen, 2000).

Empresas familiares estão evoluindo e as comodidades dos grandes centros também começam a surgir nas áreas rurais, como o acesso à Internet. Visto anteriormente em outros artigos, o seu acesso possibilita alcance do mercado externo por pequenas empresas rurais, também possibilita acesso à informação e pode ser utilizada como forma de comercialização, pois possibilita aos clientes visualizarem os produtos e até mesmo fazer encomendas pelo site (Galloway, Sanders & Deakins, 2011).

Empresas rurais, de origem familiar ou não, necessitam dos mercados rurais locais e por isso, é importante manter laços sociais com os clientes por meio da interação com a comunidade. Se o empreendedor já é da região (nascentes como identificados em alguns artigos), as vantagens acabam sendo maiores e a existência de novas atividades também acabam surgindo naturalmente, pois os nascentes estão mais conectados à identidade local, o que possibilita a utilizando de seus recursos (Bosworth, 2012).

A força dos laços fracos, também é analisada por Atterton (2007), que em seu estudo evidencia a importância das redes sociais no funcionamento das empresas, confirmando a importância da manutenção dos laços entre diferentes redes e suas características sociais. Outro fator importante para o desenvolvimento das comunidades, são as políticas rurais que surgem como forma de desenvolvimento para as regiões (Pezzini, 2001)

Por fim, o estudo de Pezzini (2001), analisou a evolução nas políticas rurais em comparação as agrícolas em muitos países membro da OCDE, durante os anos 80 e 90. Como resultado foram observadas mudanças no foco político e desenvolvimento de tais áreas, como por exemplo: indústrias que começam a mudar para as áreas rurais, gerando empregos; desenvolvimento endógeno – agroindústrias diversificadas e turismo rural; em busca de qualidade de vida, muitas pessoas são atraídas para se deslocarem das cidades e mudarem para as áreas rurais; demandas dos moradores urbanos em utilizarem os espaços rurais para recreações aumentou a demanda por melhores serviços de transporte e comodidades; e, etc. Finalizando com a reflexão de que atualmente, “rural não é sinônimo de agricultura, e agricultura não é mais a espinha dorsal das áreas rurais”.

2.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo analisar o panorama das publicações científicas sobre empreendedorismo rural por meio de um estudo bibliométrico. Na contextualização da produção científica, os resultados apresentaram uma crescente diversidade de publicações sobre o tema possibilitando identificar os autores e periódicos que publicam.

Os resultados obtidos identificam a formação de quatro grupo de autores que trabalham com o tema empreendedorismo rural em diferentes contextos, mas com foco no desenvolvimento local. Dentre os estudos analisados, vale reforçar o estudo de Alemu e Adesina (2017), destacando a importância da transformação agrária como fator crucial para mudar as condições de vida dos moradores rurais nos países em desenvolvimento. Van der Ploeg et al., (2000), no que diz respeito ao desenvolvimento no meio rural. O autor acredita que muitos cientistas ainda possuem resistência quanto ao desenvolvimento rural que veem emergindo lentamente em uma perspectiva de mudança de paradigma.

Também possibilitou observar grupos de pesquisadores que remetem o empreendedorismo rural a desenvolvimentos econômicos com embasamento na teoria econômica de Schumpeter (1934), que possibilita a associações ao uso das temáticas de inovação no meio rural, como o desenvolvimento do agricultor familiar, características do empreendedor no meio rural, habilidades empresariais dos agricultores, orientação empreendedora, influência do contexto, redes de relacionamentos entre outras diversas linhas de pesquisa que relacionam o empreendedorismo com o desenvolvimento do meio rural.

As pesquisas apontam que o campo de pesquisa está em ascensão e o uso do termo “empreendedorismo rural” vem crescendo no meio acadêmico e se consolidando, demonstrando uma possível evolução científica de estudos no meio rural e definição de novas agendas de pesquisas para à área. Para estudos futuros, sugere-se realizar analisar o comportamento e habilidades do empreendedor em um contexto tão difícil quanto o contexto rural e estudo específicos nos principais *journals* e congressos é recomendado.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, R., Magalhães, R., & Schroder, M. (2010). Representatividade e inovação na governança dos processos participativos: o caso das organizações Brasileiras de agricultores familiares. *Sociologias*, 12(24), 268–306. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222010000200010>
- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50, 179–211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)
- Alemu, A. E., & Adesina, J. O. (2017). In Search of Rural Entrepreneurship: Non-farm Household Enterprises (NFEs) as Instruments of Rural Transformation in Ethiopia. *African Development Review*, 29(2). <https://doi.org/10.1111/1467-8268.12255>
- Atterton, J. (2007). The ‘Strength of Weak Ties’: Social Networking by Business Owners in the Highlands and Islands of Scotland - Atterton - 2007 - Sociologia Ruralis - Wiley Online Library. *Sociologia Ruralis*, 47(3), 228–245. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2007.00435.x>
- Audretsch, D. B., & Keilbach, M. (2004). Entrepreneurship capital and economic performance. *Regional Studies*, 38(8), 949–959. <https://doi.org/10.1080/0034340042000280956>
- Austin, J., Stevenson, H., & Wei-Skillern, J. (2006). Social and commercial entrepreneurship: Same, different, or both? *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 30(1), 1–22. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2006.00107.x>
- Bird, B. (1988). Implementing Entrepreneurial Ideas: The Case for Intention. *Academy of Management Review*, 13(3), 442–453. <https://doi.org/10.5465/AMR.1988.4306970>
- Bosworth, G. (2012). Characterising rural businesses - Tales from the paperman. *Journal of Rural Studies*, 28(4), 499–506. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2012.07.002>
- Chlosta, S., Patzelt, H., Klein, S. B., & Dormann, C. (2012). Parental role models and the decision to become self-employed: The moderating effect of personality. *Small Business Economics*, 38(1), 121–138. <https://doi.org/10.1007/s11187-010-9270-y>
- Davidsson, P., & Honig, B. (2003). The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. *Journal of Business Venturing*, 18(3), 301–331. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(02\)00097-6](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(02)00097-6)

- Dinis, A. (2006). Marketing and innovation: Useful tools for competitiveness in rural and peripheral areas. *European Planning Studies*, 14(1), 9–22.
<https://doi.org/10.1080/09654310500339083>
- Dohse, D., & Walter, S. G. (2012). Knowledge context and entrepreneurial intentions among students. *Small Business Economics*, 39(4), 877–895. <https://doi.org/10.1007/s11187-011-9324-9>
- Driga, O., Lafuente, E., & Vaillant, Y. (2009). Reasons for the relatively lower entrepreneurial activity levels of rural women in Spain. *Sociologia Ruralis*, 49(1), 70–96.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2008.00475.x>
- Esparcia, J., Escribano, J., & Serrano, J. J. (2015). From development to power relations and territorial governance: Increasing the leadership role of LEADER Local Action Groups in Spain. *Journal of Rural Studies*, 42, 29–42.
<https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2015.09.005>
- FAO. (2014). *Ano Internacional da Agricultura Familiar 2014*. Organização Das Nações Unidas Para Agricultura e Alimentação. <http://www.fao.org/family-farming-2014/home/what-is-family-farming/pt/>
- Fayolle, A., Gailly, B., & Lassas-Clerc, N. (2006). Assessing the impact of entrepreneurship education programmes: a new methodology. *Journal of European Industrial Training*, 30(9), 701–720. <https://doi.org/10.1108/03090590610715022>
- Ferreira, M. P., Reis, N. R., & Miranda, R. (2015). Thirty years of entrepreneurship research published in top journals : analysis of citations , co-citations and themes. *Journal of Global Entrepreneurship Research*, 3(3), 205–209. <https://doi.org/10.1186/s40497-015-0035-6>
- Flora, C. B., & Flora, J. L. (1993). Entrepreneurial Social Infrastructure: A Necessary Ingredient. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 529(1), 48–58. <https://doi.org/10.1177/0002716293529001005>
- Fortunato, M. W.-P., & Alter, T. R. (2016). Culture and entrepreneurial opportunity in high- and low-entrepreneurship rural communities: Challenging the discovery/creation divide. *Journal of Enterprising Communities*, 10(4). <https://doi.org/10.1108/JEC-04-2015-0026>
- Galloway, L., Sanders, J., & Deakins, D. (2011). Rural small firms’ use of the internet: From global to local. *Journal of Rural Studies*, 27(3), 254–262.

- <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2011.05.005>
- Getz, D., & Carlsen, J. (2000). Characteristics and goals of family and owner-operated businesses in the rural tourism and hospitality sectors. *Tourism Management*, 21(6), 547–560. [https://doi.org/10.1016/S0261-5177\(00\)00004-2](https://doi.org/10.1016/S0261-5177(00)00004-2)
- Gibson, D. E. (2004). Role models in career development: New directions for theory and research. *Journal of Vocational Behavior*, 65(1), 134–156. [https://doi.org/10.1016/S0001-8791\(03\)00051-4](https://doi.org/10.1016/S0001-8791(03)00051-4)
- Granovetter, M. (1985). Economic action and social structure: The problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, 91(3), 481-510. <https://doi.org/10.1002/9780470755679.ch5>
- Granovetter, M. S. (1973). The strength of weak ties. In *Social Networks*, (pp. 347-367). <https://doi.org/10.1017/S0269889712000130>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*.
- Hair, J. F. (2005). *Livro_ANALISE MULTIVARIADA DE DADOS - Joseph Hair2005.pdf*.
- Henry, C., & McElwee, G. (2014). Defining and conceptualising rural enterprise. In *Contemporary Issues in Entrepreneurship Research* (Vol. 4). <https://doi.org/10.1108/S2040-724620140000004001>
- Hindle, K., & Moroz, P. (2010). Indigenous entrepreneurship as a research field: Developing a definitional framework from the emerging canon. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 6(4), 357–385. <https://doi.org/10.1007/s11365-009-0111-x>
- Jack, S. L., & Anderson, A. R. (2002). The effects of embeddedness on the entrepreneurial process. *Journal of Business Venturing*, 17(5). [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(01\)00076-3](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(01)00076-3)
- Kalantaridis, C., & Bika, Z. (2006). Local embeddedness and rural entrepreneurship: Case-study evidence from Cumbria, England. *Environment and Planning A*, 38(8). <https://doi.org/10.1068/a3834>
- Kalantaridis, Christos, & Bika, Z. (2006). In-migrant entrepreneurship in rural England: Beyond local embeddedness. *Entrepreneurship and Regional Development*, 18(2), 109–131. <https://doi.org/10.1080/08985620500510174>
- King, G., & Zeng, L. (2001). Explaining Rare Events in International Relations. *International*

- Organization*, 55(3), 693–715. <https://doi.org/10.1162/00208180152507597>
- Korsgaard, S., & Müller, S. (2015). Rural entrepreneurship or entrepreneurship in the rural – between place and space. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 21(1). <https://doi.org/10.1108/IJEER-11-2013-0205>
- Kozuki, M. B., Manzato, M. M., & Marcolino, V. G. O. (2016). O Empreendedor e o Ensino do Empreendedorismo: Uma Dialética entre a Vida Pessoal e a Profissional. *Empreendedorismo Coletânea de Artigos*, 291.
- Krueger, N. F., & Deborah Brazeal, J. V. (1994). Entrepreneurial Potential and Potential Entrepreneurs. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 91–104. <https://doi.org/10.2139/ssrn.1505244>
- Krueger, N. F., Reilly, M. D., & Carsrud, A. L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 15(5), 411–432. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(98\)00033-0](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(98)00033-0)
- Labrianidis, L. (2006). Fostering entrepreneurship as a means to overcome barriers to development of rural peripheral areas in Europe. *European Planning Studies*, 14(1), 3–8. <https://doi.org/10.1080/09654310500339067>
- Ladd, T. (2017). Business models at the bottom of the pyramid: Leveraging context in undeveloped markets. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 18(1). <https://doi.org/10.1177/1465750316686242>
- Lafuente, E., Vaillant, Y., & Rialp, J. (2007). Regional differences in the influence of role models: Comparing the entrepreneurial process of rural Catalonia. *Regional Studies*, 41(6). <https://doi.org/10.1080/00343400601120247>
- Lamarche, H. (1993). A agricultura familiar: comparação internacional: Uma realidade multiforme. *Tradução de Ângela Maria Naoko Tijiwa. Campinas - SP*, 11–33.
- Langowitz, N., & Minniti, M. (2007). The entrepreneurial propensity of women. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 31(3), 341–364. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2007.00177.x>
- Lin, T.-Y., & Cheng, Y.-Y. (2010). Exploring the Knowledge Network of Strategic Alliance Research: a Co-Citation Analysis. *International Journal of Electronic Business Management*, 8(2), 152–160. <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=bth&AN=52551640&site=ehost>

-live

- Liñán, F., & Chen, Y. (2009). Development and Cross-Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 593–617.
- Liñán, F., & Santos, F. J. (2007). Does social capital affect entrepreneurial intentions? *International Advances in Economic Research*, 13(4), 443–453.
<https://doi.org/10.1007/s11294-007-9109-8>
- Liñán, F., Urbano, D., & Guerrero, M. (2011). Regional variations in entrepreneurial cognitions: Start-up intentions of university students in Spain. In *Entrepreneurship and Regional Development* (Vol. 23, Issues 3–4).
<https://doi.org/10.1080/08985620903233929>
- Lordkipanidze, M., Brezet, H., & Backman, M. (2005). The entrepreneurship factor in sustainable tourism development. *Journal of Cleaner Production*, 13(8).
<https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2004.02.043>
- McElwee, G. (2006). The enterprising farmer: A review of entrepreneurship in agriculture. *Journal of the Royal Agricultural Society of England*, 167.
- McKague, K., Wong, J., & Siddiquee, N. (2017). Social franchising as rural entrepreneurial ecosystem development: The case of Krishi Utsho in Bangladesh. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 18(1). <https://doi.org/10.1177/1465750316686240>
- Meccheri, N., & Pelloni, G. (2006). Rural entrepreneurs and institutional assistance: An empirical study from mountainous Italy. *Entrepreneurship and Regional Development*, 18(5). <https://doi.org/10.1080/08985620600842113>
- Nijkamp, P. (2003). Entrepreneurship in a Modern network economy. *Regional Studies*, 37(4), 395–405. <https://doi.org/10.1080/0034340032000074424>
- Niska, M., Vesala, H. T., & Vesala, K. M. (2012). Peasantry and Entrepreneurship As Frames for Farming: Reflections on Farmers' Values and Agricultural Policy Discourses. *Sociologia Ruralis*, 52(4), 453–469. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2012.00572.x>
- North, D., & Smallbone, D. (2000). The innovativeness and growth of rural SMEs during the 1990s. *Regional Studies*, 34(2), 145–157. <https://doi.org/10.1080/00343400050006069>
- Pato, M. L., & Teixeira, A. A. C. (2016). Twenty Years of Rural Entrepreneurship: A Bibliometric Survey. *Sociologia Ruralis*, 56(1). <https://doi.org/10.1111/soru.12058>

- Pezzini, M. (2001). Rural policy lessons from OECD countries. *International Regional Science Review*, 24(1), 134–145. <https://doi.org/10.1177/016001701761013024>
- Pinto, R. F., Guerrazzi, L. de C., Serra, B. de C., & Kniess, C. T. (2016). A Pesquisa em Administração Estratégica: Um Estudo Bibliométrico em Periódicos Internacionais de Estratégia no Período de 2008 A 2013. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, 15(02), 22–37. <https://doi.org/10.5585/riae.v15i2.2334>
- Pyysiainen, Jarkko; Anderson, Alistair; McElwee, Gerard; Vesala, K. (2006). Developing the entrepreneurial skills of farmers: some myths explored. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 12(1), 21-.
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1108/JEIM-07-2014-0077>
- Reynolds, P., Bosma, N., Autio, E., Hunt, S., De Bono, N., Servais, I., Lopez-Garcia, P., & Chin, N. (2005). Global entrepreneurship monitor: Data collection design and implementation 1998-2003. *Small Business Economics*, 24(3), 205–231.
<https://doi.org/10.1007/s11187-005-1980-1>
- Schumpeter, J. A. (1934). *The theory of economic development* (Cambridge.).
- Schumpeter, J. A. (1982). *The Theory of Economic Development: An Inquiry into Profits, Capital, Credit, Interest, and the Business Cycle (1912/1934)*.
- Serra, F. R., Ferreira, M. P., de Almeida, M. I. R., & de Souza Vanz, S. A. (2012). A pesquisa em administração estratégica nos primeiros anos do século XXI: Um estudo bibliométrico de citações e co-citações no Strategic Management Journal entre 2001 e 2007. *Estratégia & Negócios*, v.5, n.2, 257–274.
- Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. *The Academy of Management Review*, 25(1), 217.
<https://doi.org/10.2307/259271>
- Shapero, A., & Sokol, L. (1982). The social dimensions of entrepreneurship. *Enciclopédia Do Empreendedorismo, Disponível Em SSRN*., 72–90. <https://ssrn.com/abstract=1497759>
- Skuras, D., Meccheri, N., Moreira, M. B., Rosell, J., & Stathopoulou, S. (2005). Entrepreneurial human capital accumulation and the growth of rural businesses: A four-country survey in mountainous and lagging areas of the European union. *Journal of Rural Studies*, 21(1), 67–79. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2004.05.001>
- Smith, R., & McElwee, G. (2015). Developing qualitative research streams relating to illegal

- rural enterprise reflections on researching qualitatively at the margins of entrepreneurship research. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 21(3). <https://doi.org/10.1108/IJEER-01-2014-0019>
- Souitaris, V., Zerbinati, S., & Al-Laham, A. (2007). Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. *Journal of Business Venturing*, 22(4), 566–591. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2006.05.002>
- Sternberg, R., & Wennekers, S. (2005). Determinants and effects of new business creation using global entrepreneurship monitor data. *Small Business Economics*, 24(3), 193–203. <https://doi.org/10.1007/s11187-005-1974-z>
- Terluin, I. J. (2003). Differences in economic development in rural regions of advanced countries: An overview and critical analysis of theories. *Journal of Rural Studies*, 19(3), 327–344. [https://doi.org/10.1016/S0743-0167\(02\)00071-2](https://doi.org/10.1016/S0743-0167(02)00071-2)
- Van der Ploeg, J. D., Renting, H., Brunori, G., Knickel, K., Mannion, J., Marsden, T., de Roest, K., Sevilla-Guzman, E., & Ventura, F. (2000). Rural Development: From Practices and Policies towards Theory. *Sociologia Ruralis*, 40(4), 391–408. <https://doi.org/10.1111/1467-9523.00156>
- Veiga, J. E. Da. (2001). O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. *Estudos Avançados*, 15(43), 101–119. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000300010>
- Venkataraman, H., Vermeulen, P., Raaijmakers, A., & Mair, J. (2016). Market Meets Community: Institutional Logics as Strategic Resources for Development Work. *Organization Studies*, 37(5), 709–733. <https://doi.org/10.1177/0170840615613370>
- Venkataraman, S. (1997). The Distinctive Domain of Entrepreneurship Research. *Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence and Growth*, 3(October), 119–138. <https://doi.org/10.2139/ssrn.1444184>
- Wagner, J., & Sternberg, R. (2004). Start-up activities, individual characteristics, and the regional milieu: Lessons for entrepreneurship support policies from German micro data. *Annals of Regional Science*, 38(2), 219–240. <https://doi.org/10.1007/s00168-004-0193-x>
- Wanderley, M. D. (1998). O Brasil: agricultura familiar ou latifúndio. *LAMARCHE, HA A Agricultura Familiar.*, 2(Campinas, Ed Unicamp), 27–31.

- Wanderley, M. D. N. B. (2003). Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. *Estudos Sociedade e Agricultura, outubro(21)*, 20.
- Wennekers, Sander; Thurik, R. (1999). Linking Entrepreneurship and Economic Growth. *Small Business Economics, 13*, 27–55. <https://doi.org/10.1023/A:1008063200484>
- Westlund, H., & Bolton, R. (2003). Local Social Capital and Entrepreneurship. *Small Business Economics, 21(2)*, 77–113. <https://doi.org/10.1023/A:1025024009072>
- Wilson, F., Kickul, J., & Marlino, D. (2007). Gender, Entrepreneurial Self-Efficacy, and Entrepreneurial Career Intentions: Implications for Entrepreneurship Education. *Entrepreneurship Theory and Practice, 617*, 387–407.
- Zanin, L. M., & Silva, F. R. (2015). Evolução das Teorias que Suportam os Artigos Publicados em Empreendedorismo entre 1960 e 2013: Análise da rede de citação e co-citação. *XXXIX Encontro Do ANPAD, September 2015*, 1–20.
- Zhao, H., Seibert, S. E., & Hills, G. E. (2005). The Mediating Role of Self-Efficacy in the Development of Entrepreneurial Intentions. *Journal of Applied Psychology, 90(6)*, 1265–1272. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.90.6.1265>

3. ESTUDO 2 – REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA SOBRE EMPREENDEDORISMO RURAL

Resumo

O empreendedorismo tem a capacidade de impulsionar a atividade econômica visando o desenvolvimento das regiões, em especial, o empreendedorismo rural. Por esse motivo, o estudo se propõe a responder à questão de pesquisa, quais são as diferentes perspectivas teóricas usadas para explorar o tema empreendedorismo rural? Para tanto, seu objetivo do estudo foi analisar as diferentes perspectivas teóricas sobre empreendedorismo rural por meio de uma revisão sistemática da literatura. O método utilizado foi um acoplamento ou pareamento bibliográfico que utilizou o *software VOSviewer*, permitindo a análise de 234 artigos no período de 2014 a 2018, resultando em cinco *clusters* com 36 estudos. A análise empírica dos estudos em empreendedorismo rural concentrou-se principalmente em países desenvolvidos principalmente em EUA, Reino Unido, Finlândia e Grécia, dado a capacidade desses países frente ao potencial oferecido dos estudos em área rural. Os resultados do estudo apresentam cinco *clusters* que oferecem *insights* importantes para novas perspectivas teóricas que visando influenciar o desenvolvimento de novas pesquisas em empreendedorismo rural.

3.1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo em áreas rurais, não diferente do conceito inicial de empreendedorismo, é definido como “a criação de uma nova organização que introduz um novo produto, surge ou cria um novo negócio ou utiliza uma nova tecnologia em um ambiente rural” (Wortman, 1990, p.330). Possuindo como mecanismo vital a criação de atividade econômica e crescimento em ambientes rurais, o que justifica a importância em compreender tais ações empreendedoras em um contexto rural (Korsgaard & Müller, 2015).

O empreendedorismo rural está intrinsecamente ligado à estratégia de desenvolvimento destinado a regiões e indivíduos que ocupam áreas rurais (Kolawole & Ajila, 2015). Podendo também estar relacionado à criação de uma nova empresa ou um novo produto que visa solucionar problemas da região ao mesmo tempo que desenvolve capital social e humano (Zarpellon, 2010, p. 48).

O empreendedorismo nas áreas rurais também conta com o apoio de programas de desenvolvimento e financiamento governamental, que visam capacitar agricultores promovendo o desenvolvimento da econômica do local (Ellis & Bosworth, 2015). Segundo McElwee e Smith (2012), os agricultores como empreendedores são definidos como indivíduos que ocupam parte do seu tempo ou tempo integral em atividades ligadas à terra, como cultivar o solo (colheita e produção) ou criação de animais, ambas como fonte de renda.

Além do apoio dos programas governamentais, outro aspecto que facilita o desenvolvimento do empreendedorismo no contexto rural, é a utilização do saber local (conhecimento local), que direciona a criação de negócios focados nos recursos endógenos, direcionados às necessidades das populações agrícolas (Henry & McElwee, 2014; McElwee, 2006; Tibério, 2016).

Os empreendedores rurais também enfrentam diversos obstáculos para criar ou manter o seu próprio negócio, diversas são as exigências do setor, desde exigências ambientais a habilidades pessoais para manter seu negócio (Deakins, Bensemman & Battisti, 2016). Portanto, para vencer os obstáculos de um contexto tão promissor, os empreendedores precisam identificar oportunidades e criar estratégias para o desenvolvimento de seus empreendimentos.

Atividades empreendedoras no contexto rural, assim como outras formas de empreendedorismo, também são afetadas pelo ambiente onde atuam, e por sua vez, tais atividades da mesma forma possuem potencial para transformar e desenvolver áreas rurais (Korsgaard, Ferguson & Gaddefors, 2015). Desta forma, tais transformações ocorrem em diferentes esferas: sociais, institucionais, econômicos e espaciais (Jack & Anderson, 2002; Müller & Korsgaard, 2017).

Um exemplo prático de transformação promovido por atividade empreendedora, é o caso dos projetos de capacitação desenvolvidos pela Assistência Profissional para Ação de Desenvolvimento (PRADAN), ONG localizada na Índia que trabalha capacitando profissionais para atuação em áreas rurais pobres utilizando lógicas institucionais de mercado para desenvolver novas estruturas (Venkataraman, Vermeulen, Raaijmakers & Mair, 2016).

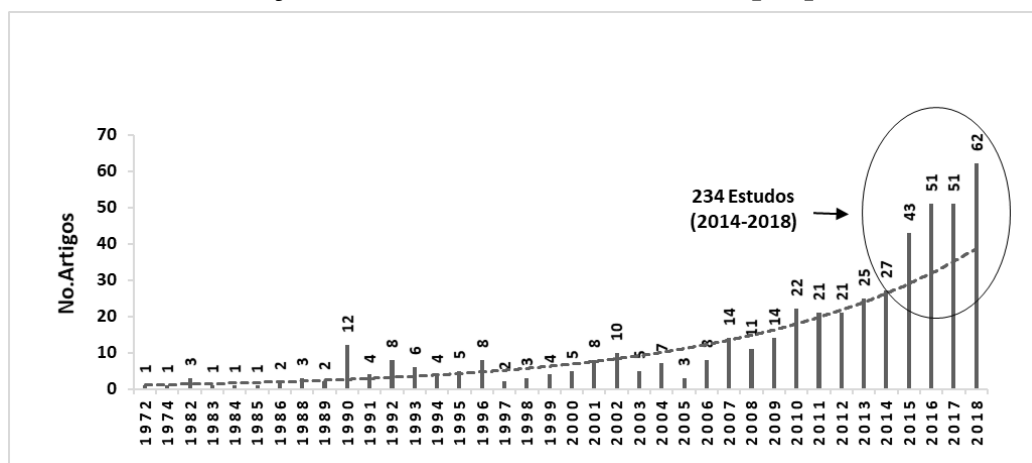
Para compreender as atividades empreendedoras no contexto rural, o estudo se propõe analisar as diferentes abordagens sobre o tema do empreendedorismo rural por meio de uma revisão sistemática da literatura em estudos recentes, de 2014 a 2018. Desta forma, o estudo foi motivado a partir da questão de pesquisa: Quais são as perspectivas teóricas usadas para explorar o tema

Empreendedorismo Rural? Com o objetivo de analisar as diferentes perspectivas teóricas sobre empreendedorismo rural por meio de uma revisão sistemática da literatura.

3.2 MÉTODO E TÉCNICAS DE PESQUISA

Para a realização deste artigo considerou-se como objeto de análise o estudo bibliométrico de Bernardo, Ramos e Vils (2019) que analisou o panorama da produção científica em Empreendedorismo Rural no período de 1972 a 2017. Nesta pesquisa, como complemento ao estudo anterior, foram incluídos 62 artigos mais recentes publicados em 2018, na base de dados já existente, conforme representado na Figura 3.1.

Figura 3.1 – Evolução da produção científica em Empreendedorismo Rural – Publicações Ano (1972- 2018) – 46 anos de pesquisas.



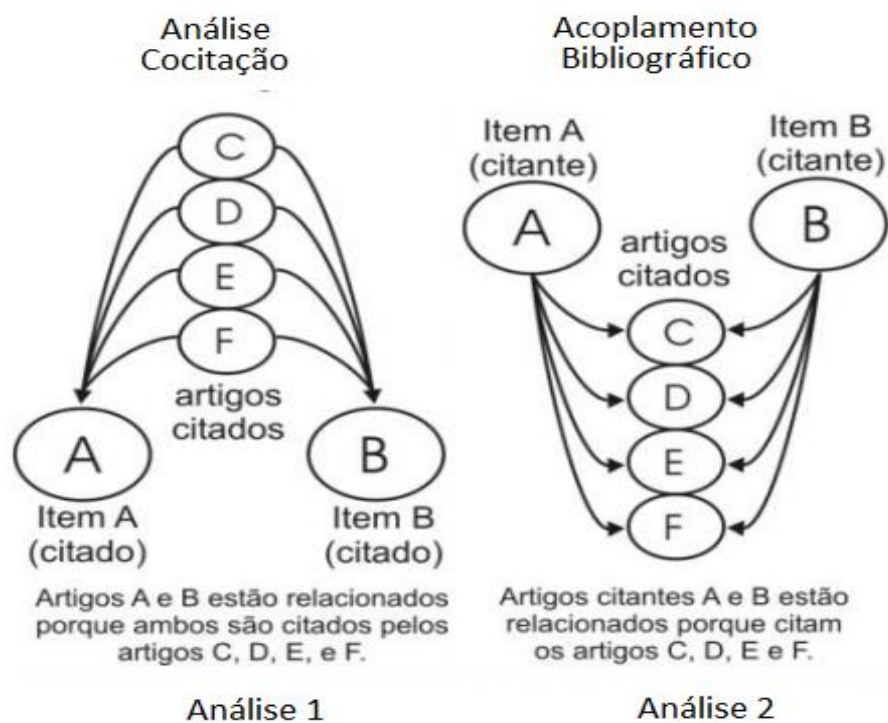
Fonte: Adaptado de Bernardo, Ramos e Vils (2019), dados obtidos na plataforma WOS (2019).

O levantamento dos estudos mais recentes (2018), como mostra a figura 1, utilizou o mesmo critério de seleção do estudo anterior. Na plataforma *Web of Science da Thompson Reuters (WOS)*, as palavras chaves para a realização das buscas foram: “*rural entrepreneur****”, “*agricultural business entrepreneur****”, “*agricultural family entrepreneur****” e “*rural entrepreneurs*”, após a seleção, foram excluídos livros e resumos da base de artigos.

Para a realização do estudo, foram utilizadas duas técnicas de pesquisa: o acoplamento ou pareamento bibliográfico e análise de cocitação. O acoplamento bibliográfico também

conhecido como pareamento bibliográfico é uma técnica que analisa a junção de artigos que citam os mesmos documentos que tem como finalidade medir o grau de ligação entre dois ou mais documentos citados por eles (Vogel & Güttel, 2013; Zanin, 2017; Zupic & Čater, 2015). O procedimento pode ser realizado por meio do *software VOSviewer*, que permite a análise de acoplamento bibliográfico ou pareamento bibliográfico (*bibliographic coupling*) (Oliveira & Garcia-Zorita, 2014). Já a análise de cocitação é uma técnica utilizada para compreender a estrutura intelectual de um tema, que consiste na frequência em que determinado par de artigos são citados conjuntamente, sendo que seu agrupamento é o que permite identificar a estrutura da área de conhecimento (Lin & Cheng, 2010). Ambas as técnicas de análise estão representadas na figura 3.2.

Figura 3.2: Análise de Cocitação e Acoplamento Bibliográfico



Fonte: Adaptado de Garfield (2001)

Para a realização do acoplamento ou pareamento bibliográfico, foram utilizados 234 no período de 2014 a 2018, conforme representado na Figura 3.1. Ressalta-se que a escolha do período se deve à característica do pareamento bibliográfico que aponta as tendências do campo

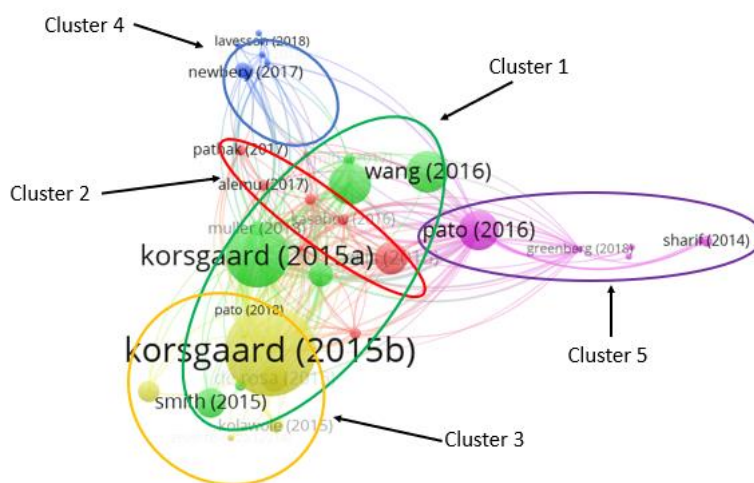
de estudo, em função disso foi escolhido um período mais recente. Foi utilizado o *Software VOSviewer*, que permite o agrupamento dos estudos de modo a definir uma quantidade ideal de artigos possibilitando a reflexão e divisão em *clusters* para que desta forma seja possível explorar as fronteiras da pesquisa (Zanin, Meneghatti & HSU, 2017; Zupic & Čater, 2015).

A análise dos estudos agrupados em forma de *clusters* foi realizada por meio de uma revisão sistemática da bibliográfica, que buscou sumarizar os resultados em tópicos, segundo critérios específicos que garantiram a inclusão dos aspectos fundamentais dos estudos, como: método de pesquisa, objetivo central ou foco do estudo e os resultados fundamentais relacionados ao estudo proposto (Azevedo, 2016; Creswell, 2010).

3.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O agrupamento dos estudos resultou em cinco *clusters* com 36 estudos, que uma vez classificados possibilitam identificar a influência que exercem no campo teórico, conforme pode ser observado no mapa de acoplamento ou pareamento bibliográfico representado na Figura 3.3.

Figura 3.3 – Mapa de acoplamento bibliográfico representado pelo agrupamento dos estudos em cinco *clusters*



Fonte: Dados recolhidos do ISI *Web of Science* e representação gráfica do *Software VOSviewer* (2019)

Os cinco *clusters* identificados refletem a importância de cada grupo, isto é, os autores que estão representados nos círculos maiores indicam que seus estudos são os mais relevantes dentro do agrupamento e, portanto, demonstram maior aderência ao tema da pesquisa. Na figura 3.4, é possível observar o grupo de autores que representados por cada *clusters* da figura 3.3.

Figura 3.4: Composição dos artigos que representam os cinco *clusters*

Cluster	Referências	Conteúdo
Cluster 1 – (10 estudos): Conceito de Redes para acesso a oportunidades locais	Deakins, Bensemann, Jo, Battisti, M. (2016); Dubois (2016); Hukampal e Bhowmick (2016); Korsgaard, Ferguson e Gaddefors, (2015a); Muhammad, McElwee e Dana (2017); Mueller e Korsgaard (2017); Hukampal e Bhowmick (2016); Smith e McElwee (2015); Smith (2017); Wang, Chang, Yao e Liang (2016).	Os estudos avaliam a importância do Comportamento Empreender na criação e identificação de oportunidades, utilizando as redes como estratégias para o desenvolvimento de seus empreendimentos rurais.
Cluster 2 – (07 estudos): - Políticas governamentais em apoio aos negócios rurais	Alemu e Adesina (2017); Bosworth e Turner (2018); Ellis e Bosworth (2015); Kasabov (2016); Koyana e Mason (2017); Pathak e Varshney (2017); Tonner e Wilson (2015).	Os autores investigam políticas governamentais em apoio aos negócios rurais sobre a economia local, criando e capturando valor.
Cluster 3 - (07 estudos): Estudos analisaram o empreendedorismo em um contexto rural	Anthopoulou, Kaberis e Petrou (2017); de Rosa e McElwee (2015); Gorbuntsova, Dobson e Palmer (2018); Kolawole e Ajila, 2015; Korsgaard, Muller e Tanving (2015); Pato e Teixeira (2016); Zeverte-Rivza e Paula (2014).	Os estudos contribuem para o entendimento das diferenças entre os conceitos de “empreendedorismo no contexto rural” e “empreendedorismo rural”.
Cluster 4 – (06 estudos): Estratégias para o desenvolvimento rural	Fortunato e Alter, (2016); Kovacs e Zoltan (2017); Lavesson (2018); McKague e Siddiquee (2017); Newbery e Henley (2017); Stonkute e Weinhardt (2017).	Os estudos analisam o empreendedorismo rural como ferramenta para resolver problemas de desenvolvimento em um contexto rural.
Cluster 5 – (06 estudos): Empresários rurais e o empreendedorismo	Cederholm e Sjöholm (2014); Eschker, Gold e Lane (2017); Greenberg, Farja e Gimmon (2018); Nordbo (2016); Pato e Teixeira (2014); Sharif e Lonik (2014).	Os autores analisam o Empreendedorismo Rural e ações de pequenas empresas que impulsionam o crescimento de comunidades rurais.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Cluster 1 – Conceito de Redes para acesso a oportunidades locais

Os artigos da Figura 3.5 representam o grupo de autores do *cluster 1*, com 10 artigos. Esses estudos analisam as redes de relacionamento entre os empreendedores como soluções para criar oportunidades em áreas rurais.

Figura 3.5: Cluster 1 – Redes Estratégicas e Oportunidades Locais

Autores	Método	Foco do estudo	Principais Resultados
Deakins, Bensemann, Battisti (2016)	Estudo de Caso que analisou 17 cooperativas de dois subsetores (laticínios, ovinos e bovinos – 10 casos e Frutas e hortaliças – 7 casos)	O foco do estudo se dá na compreensão da capacidade empresarial dos empreendedores frente as exigências de regulamentação do setor.	Os resultados apresentam modelo conceitual que ajuda a ilustrar os fatores que afetam o conjunto de habilidades dos empresários rurais e a capacidade de gerenciar as regulamentações do setor.
Dubois (2016)	Pesquisa examina as biografias relacionais de 5 casos de pequenas empresas periféricas internacionalizadas no norte da Suécia.	Artigo examina rotas relacionais que foram tomadas por pequenas empresas internacionalizadas com sucesso localizadas em áreas remotas do norte da Suécia.	Os resultados revelam o comportamento empresarial, frente a internacionalização e da capacidade das empresas de participar ativamente em várias redes de relações.
Hukampal e Bhowmick (2016)	Pesquisa de campo com empresários rurais, por meio de entrevistas e questionários fechados em regiões rurais na Índia.	O objetivo principal deste trabalho é identificar variáveis da rede de inovação e conceituar redes de inovação no contexto rural.	Os resultados demonstram aprimoramento da produção, a acessibilidade na formação, o desenvolvimento de habilidades e oportunidades empreendedoras como critérios para a conceituação da rede de inovação no contexto rural.
Korsgaard, Ferguson e Gaddefors (2015a)	Estudo de caso múltiplo.	Artigo concentra no contexto espacial dos empresários rurais e exploramos como o contexto rural impacta na criação de oportunidades.	As descobertas sugerem que o contexto realmente afeta as atividades empreendedoras e a importância das redes estratégicas para criar oportunidades.
Muhammad, McElwee e Dana (2017)	Abordagem etnográfica foi utilizada para obter uma imagem dos problemas e perspectivas atuais dos habitantes rurais. Foram entrevistadas 84 famílias.	O foco do estudo se deu na identificação de questões que limitam o empreendedorismo rural no Paquistão e na identificação das tradições culturais, sociais, econômicas e religiosas.	As forças religiosas, socioeconômicas e estruturais desempenham um papel significativo na supressão do capital social e cultural nas áreas rurais do Paquistão, explicando o baixo nível de empreendedorismo nessas áreas.
Mueller e Korsgaard (2017)	Estudo de caso de 28 empreendimentos.	O artigo contribui para a discussão emergente sobre o papel do contexto no empreendedorismo, bem	Estudo contribui para uma compreensão em nível micro das práticas empreendedoras específicas de cada lugar e da circulação não

		como o desenvolvimento da teorização sobre o empreendedorismo rural.	local de valor que pode enriquecer as economias locais.
Hukampal e Bhowmick (2016)	Pesquisa de campo com empresários rurais, por meio de entrevistas e questionários fechados em regiões rurais na Índia.	O objetivo principal deste trabalho é identificar variáveis da rede de inovação e conceituar redes de inovação no contexto rural.	O artigo descobre três fatores de ?????, a saber: (a) rede de inovação com uma organização privada, (b) rede de inovação com ONGs, e (c) rede de inovação com organizações públicas.
Smith e McElwee (2015)	Método qualitativo decorrente de um fluxo de pesquisa em empreendimentos rurais ilegais.	Estudo reflete sobre pesquisas qualitativas que questionam empresas rurais ilegal.	Os resultados são de natureza experimental e subjetiva, que descreve qualitativamente sobre vários tópicos relacionados a empresas rurais ilegais.
Smith (2017)	Pesquisa realizada através de entrevistas em profundidade com empresários (no nordeste da Escócia), entre 2001 e 2005.	O objetivo do estudo foi destacar e desenvolver o foco no empreendedorismo da vila em um contexto do Reino Unido.	As entrevistas relatam casos práticas de trabalho e estratégias de crescimento que são guiadas por esses <i>scripts</i> históricos.
Wang, Chang, Yao e Liang (2015)	Estudo qualitativo realizado com 295 estudantes de uma faculdade agrícola na região central de Taiwan.	O objetivo foi determinar como os fatores cognitivos influenciam a intenção empresarial entre os estudantes da agricultura.	Os resultados indicam que a intenção empreendedora compreende duas dimensões: convicção e preparação.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

O estudo mais citado no *cluster 1* é dos autores Korsgaard, Ferguson e Gaddefors (2015). No artigo se avalia a importância do contexto local e o uso das redes visando a busca de oportunidades para empreendimentos rurais, evidenciando que a colaboração e o apoio da comunidade são fundamentais para a criação de oportunidades.

Quanto ao uso de redes de empreendedores rurais, a pesquisa de Hukampal e Bhowmick (2016) identificou o uso de redes para processos de inovação, seja com organizações públicas ou redes de inovação com ONG's e organizações privadas.

O uso de redes também pode ser observado no processo de internacionalização, o autor Dubois (2016) analisou empresários rurais no norte da Suécia, e seus processos de internacionalização, revelando mudanças de paradigmas em como as empresas estão utilizando as redes para fortalecer, captar e gerar oportunidades para seus negócios.

No Reino Unido, o autor Smith (2017) examinou diferentes comportamentos e práticas operacionais como estratégia para o crescimento dos empreendimentos rurais. O estudo também demonstrou que empresários rurais utilizam redes locais para acesso a recursos que

consequentemente geram oportunidades, venda de produtos locais a clientes não locais (Müller & Korsgaard, 2017).

Um novo empreendimento no meio rurais, enfrenta diferentes obstáculos para iniciar ou manter o seu próprio negócio, desde segurança alimentar e uso do solo, a própria capacidade do indivíduo de gerir um novo empreendimento (Deakins et al., 2016).

Os empreendimentos rurais que pertencem a mercados emergentes precisam ser melhor compreendidos, pois dependem do contexto para o desenvolvimento, de modo a aumentar as oportunidades, criar empregos e, posteriormente, reduzir a pobreza (Muhammad, McElwee & Dana, 2017).

Cluster 2 - Políticas governamentais em apoio aos negócios rurais

Os artigos da Figura 3.6 representam o grupo de autores do *cluster 2*, com 8 artigos que analisam diferentes políticas governamentais que atuam em apoio aos negócios rurais.

Figura 3.6: Cluster 2 - Políticas governamentais em apoio aos negócios rurais

Autores	Método	Foco do estudo	Principais Resultados
Alemu e Adesina (2017)	Pesquisa Descritiva com Survey Transversal, realizada em 415 famílias rurais na Etiópia.	Investigar os determinantes do envolvimento das empresas familiares e o efeito sobre os seus meios de subsistência.	O modelo empírico revela diferentes variáveis para o desenvolvimento de famílias e seus negócios.
Bosworth e Turner (2018)	Estudo de três casos que foram selecionados devido ao conhecimento do negócio por seus representantes.	O artigo explora as maneiras pelas quais as empresas usam e criam diversas formas de capital rural, na tentativa de entender melhor as características distintivas dos “negócios rurais”.	Os resultados indicam que empresas rurais são cada vez mais diversificadas, superando barreiras para o seu crescimento, como: distância adicional e custo de transporte, rede de negócios limitada, conformidade com regulamentações, entre outras.
Ellis e Bosworth (2015)	Estudo de caso qualitativo com 15 proprietários de cervejarias no Reino Unido.	O objetivo é explorar o impacto do financiamento sobre a concorrência no setor e as características empreendedoras de pequenas empresas e seus negócios de base rural.	Os resultados indicam que o valor atribuído às micro cervejarias se estende além de sua contribuição econômica com resultados mais amplos, incluindo treinamento e criação de empregos, a preservação de edifícios e o aprimoramento do turismo rural.

Kasabov (2016)	Métodos de coleta de dados qualitativos com entrevistas semiestruturadas na Tailândia.	O foco do estudo está nas pesquisas existentes sobre instrumentos de políticas que promovem o empreendedorismo nas regiões periféricas e rurais e suas suposições subjacentes sobre os comportamentos dos empreendedores.	Inadequações comportamentais significativas, como a aversão ao risco, a passividade e a excessiva dependência do setor público, complementam os pontos fracos dos recursos de empreendedorismo na explicação das dificuldades e do fracasso do empreendedorismo rural..
Koyana e Mason (2017)	Estudo qualitativo exploratório envolveu pessoas desempregadas de uma localidade rural na África do Sul.	O artigo investiga as lições que podem ser aprendidas a partir do primeiro ano de implementação de um programa de desenvolvimento rural.	O estudo destaca fatores que melhoram o sucesso, bem como aqueles que impedem o desenvolvimento, constatando o aprendizado como forma significativa para a transformação social através do empreendedorismo rural.
Pathak e Varshney (2017)	Estudo de caso com empresária rural na Índia.	O estudo destaca vários desafios enfrentados por um empreendimento empresarial dirigido por uma mulher, em uma área rural dentro de uma sociedade patriarcal tradicional, como a Índia, enfrenta.	O caso da Avika, fundada por uma empresária na Índia que fornece emprego para 700 mulheres rurais. Seus resultados ajudam a entender o inevitável entrelaçamento de negócios e questões sociais no contexto rural.
Tonner e Wilson (2015)	Estudos de caso que explorou a atividade de 08 empresas agrícolas quanto as perspectivas dos agricultores sobre a diversificação no Reino Unido.	O objetivo deste estudo foi explorar a diversificação estrutural na comunidade agrícola escocesa.	O estudo revela as diferentes motivações e experiências dos agricultores na diversificação e que a mesma, nem sempre é motivada por objetivos empresariais.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

O estudo mais citado no *cluster 2*, realizado no Reino Unido, analisou as características dos negócios de base rural e o impacto do apoio local, como forma de financiamentos para o comportamento dos empreendedores no sentido de estimular o pensamento inovador e aumentar as habilidades empreendedoras na região (Ellis & Bosworth, 2015).

Para os autores Bosworth e Turner (2018), o apoio aos negócios locais favorece o valor agregado e promove o desenvolvimento das empresas rurais, por meio de políticas que sejam mais inclusivas e que possibilite a diversidade das atividades empresariais. O estudo também revela diferentes motivações dos agricultores para estratégias de diversificação rural (Tonner & Wilson, 2015).

No estudo de Alemu e Adesina (2017) os resultados apontam que políticas de desenvolvimento rural com acesso a créditos, estimula as famílias na formação de cooperativas facilitando o processo de tomada de decisão dos agricultores, distribuição de rendas entre as famílias, organizar redes e inserção no mercado consumidor. Políticas governamentais também atuam na promoção de diferentes capacidades dos empreendedores no sentido de diminuir a incidência de fracasso, aversão ao risco e a excessiva dependência do setor público (Kasabov, 2016).

As atividades empreendedoras no contexto rural contribuem para o desenvolvimento local, seja por meio de aprendizagem e empreendedorismo na transformação rural (Koyana & Mason, 2017). Disposição de enfrentar desafios, também são observados em empreendedorismo de gênero, desafios superados por mulheres (Pathak & Varshney, 2017).

Cluster 3 - Estudos analisaram o empreendedorismo em um contexto rural

Os artigos da Figura 3.7 são representados por autores do **cluster 3**, com 7 estudos que se caracterizam por analisarem o empreendedorismo em um contexto rural.

Figura 3.7: Cluster 3 - Empreendedorismo no contexto rural

Autores	Método	Foco do estudo	Principais Resultados
Anthopoulou, Kaberis e Petrou (2017)	Dados empíricos baseados em métodos de pesquisa qualitativa em áreas rurais representativas e sociedades no interior da Grécia.	O artigo investiga experiências e estratégias para lidar com a crise, no âmbito do trabalho e da família e no contexto dos discursos sobre a resiliência rural.	Relatos revelam que permanecer ou retornar para as áreas rurais geralmente ocultam casos de subemprego e privação social e que tanto os agricultores quanto os imigrantes não são explicitamente apoiados pelos formuladores de políticas.
de Rosa e McElwee (2015)	Análise empírica de uma base de dados familiares fornecidos pela região do Lácio, na Itália no período de 2007-2013. A análise de <i>cluster</i> foi utilizada como principal ferramenta analítica.	O objetivo do trabalho foi fornecer uma análise da adoção de Políticas de Desenvolvimento Rural, como resultado de comportamentos empreendedores realizados pela agricultura familiar com foco na Região do Lácio, na Itália.	Os resultados evidenciam diferenças significativas na adoção da política rural com base no ciclo de vida familiar. O sucesso dos agricultores no acesso a fundos exige que eles sejam proativos e adotem uma perspectiva estratégica para convencer os financiadores.

Gorbuntsova, Dobson e Palmer (2018)	Estudo de caso focado nas perspectivas das comunidades indígenas de pastores de renas	Artigo enfoca a exploração da espacialidade do poder que envolve o empreendedorismo e o desenvolvimento da indústria do turismo.	Os resultados apontam a necessidade de apoio ao turismo por meio do desenvolvimento do empreendedorismo rural que precisa considerar e refletir sobre os meios de subsistência e paisagem que existe para os povos indígenas em regiões tão remotas.
Kolawole e Ajila (2015)	Pesquisa-ação precedida por um estudo preliminar, que identificou alguns fatores cruciais associados ao sucesso das atividades empreendedoras rurais na zona rural de Lagos, na Nigéria.	O objetivo deste artigo é apresentar uma abordagem prática de dez estágios para melhorar o desenvolvimento do empreendedorismo rural como um dos principais impulsores do desenvolvimento da comunidade local.	Empresários rurais financiados com sucesso e organizações sociais serviram como verdadeiros modelos para impulsionar o desenvolvimento do empreendedorismo e a promoção do emprego na zona rural de Lagos, na Nigéria.
Korsgaard e Tanvig (2015b)	Estudo teórico-empírico	O artigo investiga como o empreendedorismo rural se envolve com o lugar e o espaço.	Estudo explora os conceitos teóricos do empreendedorismo rural e do desenvolvimento rural, destacando a importância do contexto para o seu desenvolvimento.
Pato e Teixeira (2016)	Estudo exploratório que envolveu 408 empreendimentos com sede em incubadoras de empresas e parques de ciência portugueses.	O estudo buscou determinar se novos empreendimentos rurais representam negócios rurais eficazes.	Os resultados demonstram que novos empreendimentos rurais tendem a ser pequenos (em termos de funcionários e volume de negócios), dependem principalmente do mercado interno.
Zeverte-Rivza e Paula (2014)	Estudo realizado por meio de um grupo focal com diferentes organizações na Letônia em abril de 2012.	o objetivo da pesquisa foi investigar as inovações no setor equino na Letônia.	Os autores concluem que o setor equino vem mostrando potencial de desenvolvimento com uma abordagem inovadora e empreendedora para o desenvolvimento e comercialização de novos serviços dentro do setor.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

O *cluster 3* se caracteriza por estudos direcionados para o empreendedorismo em diferentes contextos. Os autores Anthopoulou, Kaberis e Petrou (2017) analisaram ações empreendedoras na Grécia em um contexto de crise onde a resiliência rural reflete a capacidade de adaptação e mudanças das regiões rurais.

O empreendedorismo no contexto rural está intrinsecamente ligado à estratégia de desenvolvimento destinado a regiões e indivíduos que ocupam áreas rurais (Kolawole & Ajila, 2015). As atividades empreendedoras no meio rural, também podem ser apoiadas por incubadoras ou empresas localizadas em áreas rurais (Pato & Teixeira, 2018).

O desenvolvimento rural é um termo complexo que engloba diferentes atores, como os órgãos públicos que por meio de diferentes estratégias, visam incentivar a participação dos atores locais nas polícias rurais, estimulando desenvolvimento coletivo (De Rosa & McElwee, 2015).

Outra estratégia que vem favorecendo o empreendedorismo no contexto rural é o empreendedorismo que ocorre pelo turismo local, utilizado como forma de renda adicional ou diversificação do negócio, que acontece com a finalidade de proporcionar uma fonte de renda extra e novas oportunidades de emprego (Gorbuntsova & Dobson, 2018).

Por fim, o estudo de Zevrte-Rivza e Paula (2014) analisa a capacidade de adaptação de empreendedores frente às mudanças e às soluções inovadoras. Tais ações demonstram o potencial de desenvolvimento que deve ser promovido com uma abordagem inovadora para a comercialização e o desenvolvimento de novos serviços.

Cluster 4 – Estratégias para o Empreendedorismo Rural

Os artigos da Figura 3.8 são representados por autores do *cluster 4*, totalizando 7 artigos que analisam o empreendedorismo rural e o desenvolvimento local.

Figura 3.8: Cluster 4 – Empreendedorismo para o Desenvolvimento Rural

Autores	Método	Foco do estudo	Principais Resultados
Fortunato e Alter (2016)	Estudo de caso que utilizou método misto para investigar proprietários de pequenas empresas e instituições locais nos Estados Unidos.	O foco do estudo é analisar a percepção da oportunidade empreendedora em diferentes áreas rurais.	Estudo argumenta que a discussão sobre a oportunidade local e a percepção de oportunidades é relevante para pensar sobre o desenvolvimento do empreendedorismo de áreas economicamente atrasadas.
Kovacs e Zoltan (2017)	Estudo de dois casos, realizado em um período de dois anos.	O estudo investiga a criação de centros empresariais em assentamentos rurais como forma de desenvolvimento do empreendedorismo rural.	Os resultados revelam que mesmo os espaços físicos bem projetados não são suficientes para que grupos locais, desempenhem um papel importante nas redes de interação.
Lavesson (2018)	Estudo empírico que utilizou dados do Statistics Sweden durante o período 2004-2012.	O artigo procura entender como a distância aos centros urbanos influencia a necessidade das empresas em fase inicial.	Os resultados mostram que a proximidade dos centros urbanos não é necessariamente benéfica para as empresas em fase de inicial.

McKague, Wong e Siddiquee (2017)	Estudo de caso - Krishi Utsho - uma rede de 112 lojas de insumos agrícolas em Bangladesh.	Estudo explora o potencial de franquia social como contribuição para o desenvolvimento rural em países menos desenvolvidos.	Os resultados indicam que a franquia social foi capaz de construir capacidade empreendedora, ajudar a introduzir tecnologia, contribuir para o desenvolvimento do capital humano e aumentar o acesso ao financiamento.
Newbery e Henley (2017)	Estudo teórico sobre empreendedorismo rural no mundo em desenvolvimento e desenvolvido.	O objetivo é analisar a teoria entre o contexto desenvolvido rural e o desenvolvimento rural.	O estudo destaca a importância de contextos comparativos no desenvolvimento de uma teoria que seja relevante para o desenvolvimento do campo de estudo em empreendedorismo rural.
Stonkute e Weinhardt (2017)	Análise comparativa dos Programas de Desenvolvimento Rural 2014-2020 em determinados países da União Europeia (UE).	O objetivo da pesquisa é realizar uma análise comparativa das medidas de política de empreendedorismo rural em países da União Europeia (UE).	Os resultados revelam que nos países da UE com rendimentos elevados, as políticas de empreendedorismos são orientadas a questões de conhecimento e cooperação, enquanto nos países da UE com baixos rendimentos é dado maior ênfase à assistência financeira.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Os autores que compõem o *cluster* 4 analisam estratégias tomadas por empreendedores para o empreendedorismo rural como ferramenta para resolver problemas de desenvolvimento no contexto rural. Para os autores Newbery, Siwale e Henley (2017), o empreendedorismo rural desempenha um importante papel no desenvolvimento de comunidades com oportunidades direcionadas à geração de emprego. Também são necessárias políticas voltadas para o desenvolvimento de novos empregos e auxílio aos empreendedores com apoio financeiro para investimentos em novas oportunidades de empreendedorismo (Lavesson, 2017).

No estudo de Stonkute e Vveinhardt (2017) os autores analisaram o financiamento à criação de novos empreendimentos por meio do Programa de Desenvolvimento Rural no período de 2014-2020, identificando que o financiamento é dado a qualquer tipo de empresas e dessa forma, não se pode esperar um crescimento importante da economia rural.

Independente do investimento realizado para o financiamento de novos empreendimentos, os autores Fortunato e Alter (2016) atribuem grande importância à capacidade dos atores locais gerarem uma cultura local que abrace e reconheça os empreendedores e dessa forma, gere programas de apoio ao empreendedorismo e à educação para o empreendedorismo.

Outra forma relativamente nova de se trabalhar a redução da pobreza em áreas rurais de países menos desenvolvidos, são as franquias sociais que vão além do financiamento a

empreendedores, porque empresários em áreas rurais necessitam de experiência empresarial e capacidade empreendedora para identificar oportunidades de mercado (McKague, Wong & Siddiquee, 2017).

Por fim, também podem ser destacados os centros empresariais, espaços físicos bem projetados que proporcionam a interação e inovação dos empreendedores que atuando em parceria com grupos locais, com uma função de ajudar no desenvolvimento do empreendedorismo local (Kovács & Zoltán, 2017).

Cluster 5 - Empresários rurais e o Empreendedorismo

Os estudos da Figura 3.9, que compõem o *cluster 5*, totalizam 6 artigos que analisaram o Empreendedorismo Rural e ações de pequenas empresas que impulsionam o crescimento de comunidades rurais.

Figura 3.9: Empresários Rurais e o Empreendedorismo

Autores	Método	Foco do estudo	Principais Resultados
Cederholm e Sjöholm (2014)	Método qualitativo com 26 entrevistas semiestruturadas, observações e análise documental.	Artigo enfoca o estilo de vida os empreendedores, analisando o equilíbrio entre os motivos pessoais do estilo de vida e os motivos econômicos.	A análise demonstra como os empreendedores se equilibram entre estilo de vida e negócios economicamente viáveis.
Eschker, Gold e Lane (2017)	Estudo quantitativo baseada na Pesquisa Anual de Empreendedores do Condado de Humboldt na Califórnia.	Pesquisa fornece informações de pequenas empresas analisando fatores relacionados ao sucesso de pequenas e médias empresas em áreas rurais.	Estudo forneceu informações interessantes sobre pequenas empresas rurais e fatores podem contribuir para seu sucesso.
Greenberg, Farja e Gimmon (2018)	Método misto com levantamento quantitativo de 613 pequenos negócios rurais.	Estudo compara o desenvolvimento de pequenas empresas em regiões periféricas rurais com empresas em ambientes urbanos.	O Estudo sugere que novos negócios permitam que a nova população não agrícola desfrute do estilo de vida rural, além de rede de negócios que podem receber orientação financeira e o desenvolvimento da região.
Nordbo (2014)	Estudo misto contendo questionário semiestruturado e triangulação de dados. Com uma amostra de 2200 proprietários de segunda residência.	Estudo aborda o papel dos proprietários de segunda residência (corretores imobiliários) e sua disposição de usar seu conhecimento e competência para contribuir para o	Os resultados demonstram que proprietários de segundas residências demonstram interesse genuíno em sua comunidade de segunda residência, e uma disposição de usar seu conhecimento e competência para contribuir para o desenvolvimento da economia local.

		desenvolvimento da economia local.	
Pato e Teixeira (2014)	Estudo Bibliométrico sobre Empreendedorismo Rural na base Scopus.	Artigo baseia-se em uma análise bibliométrica da literatura sobre empreendedorismo rural.	Com base em 181 artigos sobre empreendedorismo rural publicados em revistas indexadas na Scopus, descobrimos que o empreendedorismo rural é uma preocupação essencialmente europeia.
Sharif e Lonik (2014)	Revisão da Literatura em empreendedorismo como um catalisador para o desenvolvimento do turismo em áreas rurais.	Artigo tem como objetivo discutir a extensão do empreendedorismo como um catalisador para o desenvolvimento do turismo em áreas rurais.	Por meio da participação ativa entre os membros da comunidade, o empreendedorismo rural esperançosamente avançará para a prosperidade e sucesso do desenvolvimento rural.

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Os estudos do *cluster 5* analisam o Empreendedorismo Rural e as ações de pequenas empresas que impulsionam o crescimento de comunidades rurais. O estudo mais citado neste *cluster* é a pesquisa bibliométrica de Pato e Teixeira (2014) que analisou estudos em Empreendedorismo Rural trazendo uma perspectiva teórica para novos estudos e pesquisas na área ao longo de 20 anos.

Os autores Cederholm e Sjöholm (2014) analisaram formas de empreendedorismo que priorizam a qualidade de vida em seus negócios, equilibrando motivos pessoais com econômicos. O surgimento de novos negócios nas áreas rurais, também pode elevar o desenvolvimento regional com aumento dos padrões de vida da população local dessas áreas. Tal desenvolvimento incentiva a imigração de jovens para regiões rurais com aumento e crescimento dessas regiões (Greenberg, Farja & Gimmon, 2018).

Os autores Sharif e Tuan (2014) analisaram o desenvolvimento rural por meio do turismo, destacando que esse setor vem ganhando apoio do programas governamentais para aumento de renda, e que por meio desses programas o empreendedor pode adquirir conhecimentos e habilidades para atuar nas áreas rurais. O apoio de programas governamentais é importante para os novos negócios nas áreas rurais, desta forma contribuindo para o desenvolvimento dos empreendedores, uma vez que os empreendedores também podem investir em um planejamento anterior, plano de negócio e suporte de marketing (Eschker, Gold & Lane, 2017; Nordbø, 2014).

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do estudo foi analisar as diferentes perspectivas teóricas sobre empreendedorismo rural por meio de uma revisão sistemática da literatura. Para a realização do trabalho, foram considerados 36 estudos no período de 2014 a 2018.

O primeiro *clusters*, com 10 estudos, analisa o comportamento empreendedor em gerar soluções para criar oportunidades em áreas rurais. O segundo *clusters*, com 8 estudos, analisa as diferentes políticas governamentais que atuam em apoio aos negócios rurais. O terceiro *clusters*, com 7 estudos, analisou o empreendedorismo no contexto rural e sua influência para o desenvolvimento rural. O quarto *cluster*, com 07 estudos, analisou o empreendedorismo rural e o desenvolvimento local e por fim, o *cluster* 5, com 6 estudos, analisou empresários rurais e o empreendedorismo, identificando competências anterior como contribuição para o desenvolvimento local e estilo de vida como atrativo para a mudança, do urbano para o rural.

Nos estudos analisados, também foi possível identificar o papel do empreendedor como força vital nas economias dos países desenvolvidos, há pouco consenso ainda sobre o que realmente facilita ou impede a atividade econômica em regiões em desenvolvimento, como por exemplo, em áreas rurais onde o contexto socioeconômico é diferente dos centros urbanos.

Por meio da análise de diferentes perspectivas teóricas, foi possível identificar possíveis linhas de pesquisa do empreendedorismo no contexto rural, como: pesquisas que abordaram comportamento empreendedor, abrindo possibilidades para estudos que venham analisar diferentes tipos de comportamentos que podem facilitar ou inibir o desenvolvimento do empreendedor no meio rural, pesquisas que envolvam análise dos programas governamentais de apoio ao desenvolvimento rural, ou mesmo ações de pequenas empresas rurais como forma de desenvolvimento local, ambas reforçando a importância de estudos que venham a contribuir com esse tema. Desta forma, os resultados apontam que as pesquisas em empreendedorismo rural contribuem para o desenvolvimento do campo teórico, e na prática, ajuda a fortalecer o setor agrícola em países em desenvolvimento que carecem de pesquisas nessa área.

Como sugestão para pesquisas futuras, recomenda-se aprofundamento dos temas considerando outras bases teóricas que incluam artigos nacionais, pois neste estudo foram utilizados somente artigos internacionais da plataforma WOS.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, R. (2000). *A rede , os nós , as teias – Tecnologias Alternativas na Agricultura*. 4, 1–17.
- Abramovay, R., Magalhães, R., & Schroder, M. (2010). Representatividade e inovação na governança dos processos participativos: o caso das organizações Brasileiras de agricultores familiares. *Sociologias*, 12(24), 268–306. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222010000200010>
- Ajzen, I. (1985). From intentions to actions: a theory of planned behavior. In: KUHL, J. E.; BECKMANN, J. (Org.). In *Action control: from cognition to behavior*. Springer-Verlag, Berlim Heidelberg, (p. Cap. 2, 11-39.).
- Ajzen, Icek. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50, 179–211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)
- Alemu, A. E., & Adesina, J. O. (2017). In Search of Rural Entrepreneurship: Non-farm Household Enterprises (NFEs) as Instruments of Rural Transformation in Ethiopia. *African Development Review*, 29(2). <https://doi.org/10.1111/1467-8268.12255>
- Anthopoulou, T., Kaberis, N., & Petrou, M. (2017). Aspects and experiences of crisis in rural Greece. Narratives of rural resilience. *Journal of Rural Studies*, 52. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2017.03.006>
- Astrachan, C.B., Patel V. K., W. G. (2014). Journal of Family Business Strategy A comparative study of CB-SEM and PLS-SEM for theory development in family firm research. *Journal of Family Business Strategy*, 5(1), 116–128. <https://doi.org/10.1016/j.jfbs.2013.12.002>
- Atterton, J. (2007). The ‘Strength of Weak Ties’: Social Networking by Business Owners in the Highlands and Islands of Scotland - Atterton - 2007 - Sociologia Ruralis - Wiley Online Library. *Sociologia Ruralis*, 47(3), 228–245. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2007.00435.x>
- Audretsch, D. B., & Keilbach, M. (2004). Entrepreneurship capital and economic performance. *Regional Studies*, 38(8), 949–959. <https://doi.org/10.1080/0034340042000280956>
- Austin, J., Stevenson, H., & Wei-Skillern, J. (2006). Social and commercial entrepreneurship:

- Same, different, or both? *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 30(1), 1–22.
<https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2006.00107.x>
- Azari, M. G., Allahyari, M. S., & Abedi, M. (2017). Analysis of barriers against development of rural entrepreneurship in Guilan province, Iran. *World Review of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development*, 13(2–3).
<https://doi.org/10.1504/WREMSD.2017.083016>
- Azevedo, D. (2016). Revisão de Literatura, Referencial Teórico, Fundamentação Teórica e Framework Conceitual em Pesquisa – diferenças e propósitos. *Working Paper*. Retrieved from <https://unisinus.academia.edu/DeboraAzevedo/Papers>
- Balfour, B., W-P Fortunato, M., & Alter, T. R. (2016). The creative fire: An interactional framework for rural arts-based development. *Journal of Rural Studies*.
<https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.11.002>
- Barbosa, E. F. (2008). Instrumentos De Coleta De Dados Em Pesquisas Educacionais. *Educativa, Out.*, (i), 1–5.
- Bardin, L. (2008). Análise de conteúdo. In *Correspondência: Daiane Dal Pai Rua Santana* (70th, 1977th ed.). Lisboa.
- Barreto, J. C., & Nassif, V. M. J. (2014). O Empreendedor Líder e a Disseminação da Orientação Empreendedora. *Revista Brasileira de Gestao de Negocios*, 16(51), 180–198.
<https://doi.org/10.7819/rbgn.v16i51.1422>
- Bergevoet, R. H. M., Ondersteijn, C. J. M., & Saatkamp, H. W. (2004). Entrepreneurial behaviour of dutch dairy farmers under a milk quota system : goals , objectives and attitudes. *Agricul- Structural Systems*, 80, 1–21.
<https://doi.org/10.1016/j.agsy.2003.05.001>
- Bernardo, E. G., & Ramos, H. R. (2016). Desenvolvimento Sustentável na Agricultura Familiar. V *SINGEP - Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade*. Retrieved from <http://www.singep.org.br/5singep/resultado/237.pdf>
- Bernardo, E., Ramos, H. R., & Vils, L. (2018). Evolução da Produção Científica em Empreendedorismo Rural: Um Estudo Bibliométrico. X *EGEPE - Encontro de Estudos Sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*.
- Bird, B. (1988). Implementing Entrepreneurial Ideas: The Case for Intention. *Academy of Management Review*, 13(3), 442–453. <https://doi.org/10.5465/AMR.1988.4306970>

- Bosworth, G. (2012). Characterising rural businesses - Tales from the paperman. *Journal of Rural Studies*, 28(4), 499–506. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2012.07.002>
- Bosworth, G., & Turner, R. (2018). Interrogating the meaning of a rural business through a rural capitals framework. *Journal of Rural Studies*, 60(January), 1–10. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2018.02.002>
- Brasil. (2018). Brasil.
- Cardon, M. S. (2009). THE NATURE AND EXPERIENCE OF ENTREPRENEURIAL PASSION. *Academy of Management Review*, 34(3), 511–532.
- Cardon, M. S., Gregoire, D. A., Stevens, C. E., & Patel, P. C. (2013). Measuring entrepreneurial passion: Conceptual foundations and scale validation. *Journal of Business Venturing*, 28(3), 373–396. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2012.03.003>
- Cardon, M. S., Zietsma, C., Saparito, P., Matherne, B. P., & Davis, C. (2005). A tale of passion: New insights into entrepreneurship from a parenthood metaphor. *Journal of Business Venturing*, 20(1), 23–45. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2004.01.002>
- Cederholm, E. A., & Sjöholm, C. (2014). Living and seeing a dream: Lifestyle entrepreneurship in the intersection between family, market and political rhetoric | Att leva och sälja sin dröm: Livsstilsföretagaren mellan familjeliv, marknad och politisk retorik. *Sociologisk Forskning*, 51(2).
- Chin, W. (1998). The partial least squares approach to structural equation modeling. *Modern Methods for Business Research*, v.295(n.2), p.295-336.
- Chlosta, S., Patzelt, H., Klein, S. B., & Dormann, C. (2012). Parental role models and the decision to become self-employed: The moderating effect of personality. *Small Business Economics*, 38(1), 121–138. <https://doi.org/10.1007/s11187-010-9270-y>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. (Routledge).
- Costa, P. R. da, Ramos, H. R., & Pedron, C. D. (2019). Alternative Structure Proposition for PhD Thesis from Multiple Studies. *Iberoamerican Journal of Strategic Management (IJSM)*, 18(2), 155–170. <https://doi.org/10.5585/riae.v18i2.2783>
- Couto, E. (2008). *AS NORMAS E O MERCADO DA HORTICULTURA : inserção dos agricultores de Ibiúna (SP) nos circuitos socioespaciais LES NORMES ET MARCHÉ DE L ' HORTICULTURE : l ' insertion des agriculteurs d ' Ibiúna (SP) nos circuits socioespaciais*. 138–161.

- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto* (2. ed.; Artmed, Ed.). Porto Alegre.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre.
- Crouse, P., Doyle, W., & Young, J. D. (2013). Human Resource Development International Workplace learning strategies , barriers , facilitators and outcomes : a qualitative study among human resource management practitioners. *Human Resource Development International*, 37–41. <https://doi.org/10.1080/13678868.2011.542897>
- Davidsson, P., & Honig, B. (2003). The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. *Journal of Business Venturing*, 18(3), 301–331. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(02\)00097-6](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(02)00097-6)
- De Rosa, M., & McElwee, G. (2015). An empirical investigation of the role of rural development policies in stimulating rural entrepreneurship in the Lazio Region of Italy. *Society and Business Review*, 33(11/12), 736–751. <https://doi.org/https://doi.org/10.1108/MIP-05-2017-0088>
- de Souza Bido, D., & da Silva, D. (2019). SmartPLS 3: especificação, estimação, avaliação e relato SmartPLS 3: specification, estimation, evaluation and reporting. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 20(2), 1–31. <https://doi.org/10.13058/raep.2019.v20n2.1545>
- Deakins, D., Bensemam, J., & Battisti, M. (2016). Entrepreneurial skill and regulation: Evidence from primary sector rural entrepreneurs. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 22(2). <https://doi.org/10.1108/IJEBr-12-2014-0240>
- Dinis, A. (2006). Marketing and innovation: Useful tools for competitiveness in rural and peripheral areas. *European Planning Studies*, 14(1), 9–22. <https://doi.org/10.1080/09654310500339083>
- Dohse, D., & Walter, S. G. (2012). Knowledge context and entrepreneurial intentions among students. *Small Business Economics*, 39(4), 877–895. <https://doi.org/10.1007/s11187-011-9324-9>
- Driga, O., Lafuente, E., & Vaillant, Y. (2009). Reasons for the relatively lower entrepreneurial activity levels of rural women in Spain. *Sociologia Ruralis*, 49(1), 70–96. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2008.00475.x>

- Drucker, P. (1970). Entrepreneurship in business enterprise. *Journal of Business Policy*, 1(1), 3–12.
- DRUCKER, P. F. (1993). Innovation and entrepreneurship. In *Harper Business*. New York.
- Dubois, A. (2016). Transnationalising entrepreneurship in a peripheral region - The translocal embeddedness paradigm. *Journal of Rural Studies*, 46.
<https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.05.003>
- Ellis, V., & Bosworth, G. (2015). Supporting rural entrepreneurship in the UK microbrewery sector. *British Food Journal*, 117(11). <https://doi.org/10.1108/BFJ-12-2014-0412>
- Eschker, E., Gold, G., & Lane, M. D. (2017). Rural entrepreneurs: what are the best indicators of their success? *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 24(2).
<https://doi.org/10.1108/JSBED-07-2016-0112>
- Esparcia, J., Escribano, J., & Serrano, J. J. (2015). From development to power relations and territorial governance: Increasing the leadership role of LEADER Local Action Groups in Spain. *Journal of Rural Studies*, 42, 29–42.
<https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2015.09.005>
- FAO. (2014). Ano Internacional da Agricultura Familiar 2014. Retrieved from Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação website: <http://www.fao.org/family-farming-2014/home/what-is-family-farming/pt/>
- Fayolle, A., Gailly, B., & Lassas-Clerc, N. (2006). Assessing the impact of entrepreneurship education programmes: a new methodology. *Journal of European Industrial Training*, 30(9), 701–720. <https://doi.org/10.1108/03090590610715022>
- Ferreira, M. P., Reis, N. R., & Miranda, R. (2015). Thirty years of entrepreneurship research published in top journals : analysis of citations , co-citations and themes. *Journal of Global Entrepreneurship Research*, 3(3), 205–209. <https://doi.org/10.1186/s40497-015-0035-6>
- Fishbein, M.; Ajzen, I. (1975). Belief, attitude, intention, and behavior: an introduction to theory and research. *Reading, Ma: Addison-Wesley*.
- Flora, C. B., & Flora, J. L. (1993). Entrepreneurial Social Infrastructure: A Necessary Ingredient. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 529(1), 48–58. <https://doi.org/10.1177/0002716293529001005>
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating Structural Equation Models with

- Unobservable Variables and Measurement Error. *Journal of Marketing Research (JMR)*, 18(1), 39–50.
- Fortunato, M. W.-P., & Alter, T. R. (2016). Culture and entrepreneurial opportunity in high- and low-entrepreneurship rural communities: Challenging the discovery/creation divide. *Journal of Enterprising Communities*, 10(4). <https://doi.org/10.1108/JEC-04-2015-0026>
- Freire-Gibb, L. C., & Nielsen, K. (2014). Entrepreneurship Within Urban and Rural Areas: Creative People and Social Networks. *Regional Studies*, 48(1), 139–153. <https://doi.org/10.1080/00343404.2013.808322>
- Galloway, L., Sanders, J., & Deakins, D. (2011). Rural small firms' use of the internet: From global to local. *Journal of Rural Studies*, 27(3), 254–262. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2011.05.005>
- Garfield, E. (2001). From Bibliographic Coupling to Co-Citation Analysis via Algorithmic Historio-Bibliography. *Journal Impact Factor: A Brief Review*, 45.
- Getz, D., & Carlsen, J. (2000). Characteristics and goals of family and owner-operated businesses in the rural tourism and hospitality sectors. *Tourism Management*, 21(6), 547–560. [https://doi.org/10.1016/S0261-5177\(00\)00004-2](https://doi.org/10.1016/S0261-5177(00)00004-2)
- Ghosh, A. (2015). The big push for renewable energy in India: What will drive it? *Bulletin of the Atomic Scientists*, 71(4). <https://doi.org/10.1177/0096340215590791>
- Gibson, D. E. (2004). Role models in career development: New directions for theory and research. *Journal of Vocational Behavior*, 65(1), 134–156. [https://doi.org/10.1016/S0001-8791\(03\)00051-4](https://doi.org/10.1016/S0001-8791(03)00051-4)
- Gladwin, C. H., Long, B. F., Babb, E. M., Beaulieu, L. J., Mulkey, D., & Zimet, D. J. (1989). Rural Entrepreneurship: One Key to Rural Revitalization. *American Journal of Agricultural Economics*, 71(5). <https://doi.org/10.2307/1243127>
- Gobin, V. J., Santos, P., & Toth, R. (2017). No Longer Trapped? Promoting Entrepreneurship Through Cash Transfers to Ultra-Poor Women in Northern Kenya. *American Journal of Agricultural Economics*, 99(5). <https://doi.org/10.1093/ajae/aax037>
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades. *Rae, São Paulo*, v. 35, n. 2, p. 63.
- Gomes, F. P., & Araujo, R. M. (2005). Pesquisa Quanti-Qualitativa em Administração : uma visão holística do objeto em estudo. *Seminários Em Administração*, 8, 1–11.

- Gorbuntsova, T., & Dobson, S. (2018). Rural entrepreneurial space and identity : A study of local tour operators and ‘ the Nenets ’ indigenous reindeer herders. *The International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 19 (4), 261–272.
<https://doi.org/10.1177/1465750317723220>
- Granovetter, M. (1985). Economic action and social structure: The problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, 91(3), 481-510.
<https://doi.org/10.1002/9780470755679.ch5>
- Granovetter, M. S. (1973). The strength of weak ties. *In Social Networks*, (pp. 347-367).
<https://doi.org/10.1017/S0269889712000130>
- Gray, C., & Gray, C. (2002). *resistance to change and growth in small firms*.
<https://doi.org/10.1108/14626000210419491>
- Greenberg, Z., Farja, Y., & Gimmon, E. (2018). Embeddedness and growth of small businesses in rural regions. *Journal of Rural Studies*, 62(January), 174–182.
<https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2018.07.016>
- Grisa, C., & Schneider, S. (2015). *Políticas Públicas de Desenvolvimento Rural no Brasil* (Editora da). Porto Alegre.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*.
- Hair, J. F. (2005). *Livro_ANALISE MULTIVARIADA DE DADOS - Joseph Hair2005.pdf*.
- Hair, J. F., Hult, G., Ringle, C., & Sarstedt, M. (2014). *A Primer on PartialLeast Square Structural Equation Modeling (PLS-SEM)*.
- Hair Jr, Joseph F., Marcelo Luiz Dias da Silva Gabriel, and V. K. P. (2014). “Modelagem de Equações Estruturais Baseada em Covariância (CB-SEM) com o AMOS: Orientações sobre a sua aplicação como uma Ferramenta de Pesquisa de Marketing.” *Revista Brasileira de Marketing*, 13(2177–5184), 44–55.
<https://doi.org/10.5585/remark.v13i2.2718>
- Henderson, J. (2002). Building the Rural Economy With High-Growth Entrepreneurs. *Review Literature And Arts Of The Americas*, 87(3), 45–70. Retrieved from
<http://www.kc.frb.org/PUBLICAT/ECONREV/PDF/3q02hend.pdf>
- Henry, C., & McElwee, G. (2014). Defining and conceptualising rural enterprise. In *Contemporary Issues in Entrepreneurship Research* (Vol. 4).

- <https://doi.org/10.1108/S2040-724620140000004001>
- Henseler, J., Ringle, CM, & Sinkovics, R. (2009). The Use of Partial Least Squares Path Modeling in International Marketing. *Advances in International Marketing (AIM)*, (n.20), p.277-320. [https://doi.org/10.1108/S1474-7979\(2009\)0000020014](https://doi.org/10.1108/S1474-7979(2009)0000020014)
- Hindle, K., & Moroz, P. (2010). Indigenous entrepreneurship as a research field: Developing a definitional framework from the emerging canon. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 6(4), 357–385. <https://doi.org/10.1007/s11365-009-0111-x>
- Hukampal, S. S., & Bhowmick, B. (2016). Innovation Network for Entrepreneurship Development in Rural Indian Context: Exploratory Factor Analysis. *International Journal of Innovation and Technology Management*, 13(4). <https://doi.org/10.1142/S0219877016500164>
- IBGE. (2006). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo Agropecuário*.
- Jack, S. L., & Anderson, A. R. (2002). The effects of embeddedness on the entrepreneurial process. *Journal of Business Venturing*, 17(5). [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(01\)00076-3](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(01)00076-3)
- Jagoda, K., Lin, X., Calvert, V., & Tao, S. (2016). Accountability of venture support agencies: Do they really help? *Entrepreneurship Research Journal*, 6(2). <https://doi.org/10.1515/erj-2014-0038>
- Jonathan, E. G. (2011). Mulheres empreendedoras : o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. *Psicologia Clínica*, 23, 65–85.
- Kalantaridis, C., & Bika, Z. (2006). Local embeddedness and rural entrepreneurship: Case-study evidence from Cumbria, England. *Environment and Planning A*, 38(8). <https://doi.org/10.1068/a3834>
- Kalantaridis, Christos, & Bika, Z. (2006). In-migrant entrepreneurship in rural England: Beyond local embeddedness. *Entrepreneurship and Regional Development*, 18(2), 109–131. <https://doi.org/10.1080/08985620500510174>
- Kasabov, E. (2016). When an initiative promises more than it delivers: a multi-actor perspective of rural entrepreneurship difficulties and failure in Thailand. *Entrepreneurship and Regional Development*, 28(9–10). <https://doi.org/10.1080/08985626.2016.1234650>
- Katonáné Kovács, J., & Zoltán, E. S. (2017). Rural Enterprise Hub Supporting Rural

- Entrepreneurship and Innovation-Case Studies from Hungary. *European Countryside*, 9(3), 473–485. <https://doi.org/10.1515/euco-2017-0028>
- King, G., & Zeng, L. (2001). Explaining Rare Events in International Relations. *International Organization*, 55(3), 693–715. <https://doi.org/10.1162/00208180152507597>
- Kolawole, O. D., & Ajila, K. (2015). Driving local community transformation through participatory rural entrepreneurship development. *European Journal of Marketing*, 5(2), 134–156. <https://doi.org/10.1108/03090560310495429>
- Korsgaard, S., Ferguson, R., & Gaddefors, J. (2015). The best of both worlds: how rural entrepreneurs use placial embeddedness and strategic networks to create opportunities. *Entrepreneurship and Regional Development*, 27(9–10). <https://doi.org/10.1080/08985626.2015.1085100>
- Korsgaard, S., & Müller, S. (2015). Rural entrepreneurship or entrepreneurship in the rural – between place and space. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 21(1). <https://doi.org/10.1108/IJEER-11-2013-0205>
- Koyana, S., & Mason, R. B. (2017). Rural entrepreneurship and transformation: the role of learnerships. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(5). <https://doi.org/10.1108/IJEER-07-2016-0207>
- Kozuki, M. B., Manzato, M. M., & Marcolino, V. G. O. (2016). O Empreendedor e o Ensino do Empreendedorismo: Uma Dialética entre a Vida Pessoal e a Profissional. *Empreendedorismo Coletânea de Artigos*, 291.
- Krueger, N. F., & Deborah Brazeal, J. V. (1994). Entrepreneurial Potential and Potential Entrepreneurs. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 91–104. <https://doi.org/10.2139/ssrn.1505244>
- Krueger, N. F., Reilly, M. D., & Carsrud, A. L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 15(5), 411–432. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(98\)00033-0](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(98)00033-0)
- Labrianidis, L. (2006). Fostering entrepreneurship as a means to overcome barriers to development of rural peripheral areas in Europe. *European Planning Studies*, 14(1), 3–8. <https://doi.org/10.1080/09654310500339067>
- Ladd, T. (2017). Business models at the bottom of the pyramid: Leveraging context in undeveloped markets. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 18(1).

<https://doi.org/10.1177/1465750316686242>

- Lafuente, E., Vaillant, Y., & Rialp, J. (2007). Regional differences in the influence of role models: Comparing the entrepreneurial process of rural Catalonia. *Regional Studies*, 41(6). <https://doi.org/10.1080/00343400601120247>
- Lamarche, H. (1993). A agricultura familiar: comparação internacional: Uma realidade multiforme. *Tradução de Ângela Maria Naoko Tijiwa. Campinas - SP*, 11–33.
- Langowitz, N., & Minniti, M. (2007). The entrepreneurial propensity of women. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 31(3), 341–364. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2007.00177.x>
- Lavesson, N. (2017). How does distance to urban centres influence necessity and opportunity-based firm start-ups? *Papers in Regional Science*. <https://doi.org/10.1111/pirs.12289>
- Lin, T.-Y., & Cheng, Y.-Y. (2010). Exploring the Knowledge Network of Strategic Alliance Research: a Co-Citation Analysis. *International Journal of Electronic Business Management*, 8(2), 152–160. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=bth&AN=52551640&site=ehost-live>
- Liñán, F., & Chen, Y. (2009). Development and Cross-Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 593–617.
- Liñán, F., & Santos, F. J. (2007). Does social capital affect entrepreneurial intentions? *International Advances in Economic Research*, 13(4), 443–453. <https://doi.org/10.1007/s11294-007-9109-8>
- Liñán, F., Urbano, D., & Guerrero, M. (2011). Regional variations in entrepreneurial cognitions: Start-up intentions of university students in Spain. In *Entrepreneurship and Regional Development* (Vol. 23). <https://doi.org/10.1080/08985620903233929>
- Lordkipanidze, M., Brezet, H., & Backman, M. (2005). The entrepreneurship factor in sustainable tourism development. *Journal of Cleaner Production*, 13(8). <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2004.02.043>
- Malebana, M. J., & Swanepoel, E. (2015). Gender differences in entrepreneurial intention in the rural provinces of South Africa. *Journal of Contemporary Management*, 12(1), 615–637. <https://doi.org/10.1080/0376835X.2016.1259990>

- Malebana, M. J. (2016). *The influencing role of social capital in the formation of entrepreneurial intention*. 20, 51–70.
- Malebana, M. J. (2017). Knowledge of entrepreneurial support and entrepreneurial intention in the rural provinces of South Africa. *Development Southern Africa*, 34(1).
<https://doi.org/10.1080/0376835X.2016.1259990>
- Malhotra, N. K. (2006). *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada* (4. ed). Porto Alegre.
- Matei, A. P., Swagemakers, P., Garcia, M. D. D., Da Silva, L. X., Ventura, F., & Milone, P. (2017). State support in Brazil for a local turn to food. *Agriculture (Switzerland)*, 7(1).
<https://doi.org/10.3390/agriculture7010005>
- McClelland, D. C. (1971). The achievement motive in economic growth. I N P. Kilby (Eds.) *Entrepreneurship and economic development*. In *The Free*.
- McElwee, G. (2006). The enterprising farmer: A review of entrepreneurship in agriculture. *Journal of the Royal Agricultural Society of England*, 167.
- McElwee, Gerard, & Smith, R. (2012). Classifying the strategic capability of farmers: a segmentation framework. *International Journal of Entrepreneurial Venturing*, 4(2), 111.
<https://doi.org/10.1504/IJEV.2012.046517>
- McKague, K., Wong, J., & Siddiquee, N. (2017). Social franchising as rural entrepreneurial ecosystem development: The case of Krishi Utsho in Bangladesh. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 18(1). <https://doi.org/10.1177/1465750316686240>
- Md Sharif, N., & Tuan Lonik, K. A. (2014). Entrepreneurship as a Catalyst for Rural Tourism Development. *SHS Web of Conferences*, 12, 01087.
<https://doi.org/10.1051/shsconf/20141201087>
- Meccheri, N., & Pelloni, G. (2006). Rural entrepreneurs and institutional assistance: An empirical study from mountainous Italy. *Entrepreneurship and Regional Development*, 18(5). <https://doi.org/10.1080/08985620600842113>
- Mel, S. de, McKenzie, D., & Woodruff, C. (2008). Returns to Capital in Microenterprises: Evidence from a Field Experiment. *The Quarterly Journal of Economics*, 123(4,1), Pages 1329–1372. <https://doi.org/https://doi.org/10.1162/qjec.2008.123.4.1329>
- Menezes, Elisabeth Aparecida Corrêa, Guimarães, Tomas de Aquino, & Bido, D. de S. (2011). Dimensões da aprendizagem em organizações: validação do Dimensions of the

- Learning Organization Questionnaire (DLOQ) no contexto brasileiro. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 12(2), 4–29. Retrieved from <https://doi.org/10.1590/S1678-69712011000200002>
- Miner, J. B. (1997). The expanded horizon for achieving entrepreneurial success. *Organizational Dynamics*, 25(3), 54–67. [https://doi.org/10.1016/S0090-2616\(97\)90047-4](https://doi.org/10.1016/S0090-2616(97)90047-4)
- Mishra, G., & Raghavan, B. U. (2018). Understanding the Role of Rural Entrepreneurs in Telecentre Sustainability: A Comparative Study of the Akshaya and eSeva Projects in India. *Technology Innovation Management Review*, 8(1), 16–23. <https://doi.org/http://doi.org/10.22215/timreview/1130>
- Muhammad, N., McElwee, G., & Dana, L.-P. (2017). Barriers to the development and progress of entrepreneurship in rural Pakistan. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(2). <https://doi.org/10.1108/IJEBR-08-2016-0246>
- Müller, S., & Korsgaard, S. (2017). Resources and bridging: the role of spatial context in rural entrepreneurship. *Entrepreneurship and Regional Development*. <https://doi.org/10.1080/08985626.2017.1402092>
- Naminse, E. Y., & Zhuang, J. (2018). Does farmer entrepreneurship alleviate rural poverty in China? Evidence from Guangxi Province. *Plos One*, 13(3), e0194912. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0194912>
- Neumeier, S. (2012). Why do Social Innovations in Rural Development Matter and Should They be Considered More Seriously in Rural Development Research? - Proposal for a Stronger Focus on Social Innovations in Rural Development Research. *Sociologia Ruralis*, 52(1), 48–69. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2011.00553.x>
- Newbery, R., Siwale, J., & Henley, A. (2017). Rural entrepreneurship theory in the developing and developed world. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 18(1). <https://doi.org/10.1177/1465750316686232>
- Nijkamp, P. (2003). Entrepreneurship in a Modern network economy. *Regional Studies*, 37(4), 395–405. <https://doi.org/10.1080/0034340032000074424>
- Niska, M., Vesala, H. T., & Vesala, K. M. (2012). Peasantry and Entrepreneurship As Frames for Farming: Reflections on Farmers' Values and Agricultural Policy Discourses. *Sociologia Ruralis*, 52(4), 453–469. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2012.00572.x>

- Nordbø, I. (2014). Beyond the Transfer of Capital? Second-Home Owners as Competence Brokers for Rural Entrepreneurship and Innovation. *European Planning Studies*, 22(8). <https://doi.org/10.1080/09654313.2013.784608>
- North, D., & Smallbone, D. (2006). Developing entrepreneurship and enterprise in Europe's peripheral rural areas: Some issues facing policy-makers. *European Planning Studies*, 14(1). <https://doi.org/10.1080/09654310500339125>
- North, David, & Smallbone, D. (2000a). Innovative Activity in SMEs and Rural Economic Development: Some Evidence from England. *European Planning Studies*, 8(1), 87–106. <https://doi.org/10.1080/096543100110947>
- North, David, & Smallbone, D. (2000b). The innovativeness and growth of rural SMEs during the 1990s. *Regional Studies*, 34(2), 145–157. <https://doi.org/10.1080/00343400050006069>
- North, David, & Smallbone, D. (2006). Developing entrepreneurship and enterprise in Europe's peripheral rural areas: Some issues facing policy-makers. *European Planning Studies*, 14(1), 41–60. <https://doi.org/10.1080/09654310500339125>
- Oliveira, L. E., & Garcia-Zorita, J. C. (2014). *PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE CAPITAL SOCIAL: Estudo por acoplamento bibliográfico. 1916*, 7. Retrieved from http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2014/05/pdf_41c0becd0d_0014320.pdf
- Pathak, A. A., & Varshney, S. (2017). Challenges faced by women entrepreneurs in rural India: The case of Avika. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 18(1). <https://doi.org/10.1177/1465750316686245>
- Pato, L., & Teixeira, A. A. C. (2018). Rural Entrepreneurship: The tale of a rare event. *Journal of Place Management and Development*. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1108/MRR-09-2015-0216>
- Pato, M. L., & Teixeira, A. A. C. (2016). Twenty Years of Rural Entrepreneurship: A Bibliometric Survey. *Sociologia Ruralis*, 56(1). <https://doi.org/10.1111/soru.12058>
- Pezzini, M. (2001). Rural policy lessons from OECD countries. *International Regional Science Review*, 24(1), 134–145. <https://doi.org/10.1177/016001701761013024>
- Piedade. (2018). Prefeitura do Município de Piedade. Retrieved from Nossa Cidade website: <https://www.piedade.sp.gov.br/portal/cidade/11/Piedade>
- Pinto, R. F., Guerrazzi, L. de C., Serra, B. de C., & Kniess, C. T. (2016). A Pesquisa em

- Administração Estratégica: Um Estudo Bibliométrico em Periódicos Internacionais de Estratégia no Período de 2008 A 2013. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, 15(02), 22–37. <https://doi.org/10.5585/riae.v15i2.2334>
- Piovesan, A., & Temporini, E. R. (1995). Current Comments Pesquisa exploratória : procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Rev. Saúde Pública*, 29(011), (4).
- Pyysiainen, Jarkko; Anderson, Alistair; McElwee, Gerard; Vesala, K. (2006). Developing the entrepreneurial skills of farmers: some myths explored. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 12(1), 21-.
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1108/JEIM-07-2014-0077>
- Reynolds, P., Bosma, N., Autio, E., Hunt, S., De Bono, N., Servais, I., ... Chin, N. (2005). Global entrepreneurship monitor: Data collection design and implementation 1998-2003. *Small Business Economics*, 24(3), 205–231. <https://doi.org/10.1007/s11187-005-1980-1>
- Ringle, C. M., Da Silva, D., & Bido, D. D. S. (2014). Modelagem de Equações Estruturais com utilização do SmartPls. *Revista Brasileira de Marketing*, 13(13 (02)), 56–73. <https://doi.org/10.5585/remark.v13i2.2717>
- Roque, S. (2018). Prefeitura da Estância Turística de São Roque.
- Santos, P. D. C. F. D. *Uma escala para identificar potencial empreendedor.* , (2008).
- Sarasvathy, S. D. (2004). The questions we ask and the questions we care about: Reformulating some problems in entrepreneurship research. *Journal of Business Venturing*, 19(5), 707–717. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2003.09.006>
- Schein, E. (1993). *Career anchors: Discovering your values and guide.* San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Schumpeter, J. (1961). *The Theory of Economic Development* New York: Oxford University Press.
- Schumpeter, J. A. (1934). *The theory of economic development* (Cambridge.).
- Schumpeter, J. A. (1982). *The Theory of Economic Development: An Inquiry into Profits, Capital, Credit, Interest, and the Business Cycle (1912/1934).*
- Serra, F. R., Ferreira, M. P., de Almeida, M. I. R., & de Souza Vanz, S. A. (2012). A pesquisa em administração estratégica nos primeiros anos do século XXI: Um estudo bibliométrico de citações e co-citações no Strategic Management Journal entre 2001 e

2007. *Estratégia & Negócios*, v.5, n.2, 257–274.
- Shane, S. A. (2003). *A general theory of entrepreneurship: The individual-opportunity nexus*. Edward Elgar Publishing.
- Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. *The Academy of Management Review*, 25(1), 217.
<https://doi.org/10.2307/259271>
- Shapero, A., & Sokol, L. (1982). The social dimensions of entrepreneurship. *Enciclopédia Do Empreendedorismo, Disponível Em SSRN*., 72–90. Retrieved from
<https://ssrn.com/abstract=1497759>
- Shepherd, D. A., Patzelt, H., & Haynie, J. M. (2010). Entrepreneurial spirals: Deviation-amplifying loops of an entrepreneurial mindset and organizational culture. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 34(1), 59–82. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2009.00313.x>
- Silva, E. L. D., & Menezes, E. M. (2001). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*.
- Simon, M., Houghton, S. M., & Aquino, K. (2000). Cognitive biases, risk perception, and venture formation: How individuals decide to start companies. *Journal of Business Venturing*, 15(98), 113–134. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(98\)00003-2](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(98)00003-2)
- Skuras, D., Meccheri, N., Moreira, M. B., Rosell, J., & Stathopoulou, S. (2005). Entrepreneurial human capital accumulation and the growth of rural businesses: A four-country survey in mountainous and lagging areas of the European union. *Journal of Rural Studies*, 21(1), 67–79. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2004.05.001>
- Smith, R. (2017). Examining the characteristics, philosophies, operating practices and growth strategies of village entrepreneurs. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(4). <https://doi.org/10.1108/IJEER-10-2016-0350>
- Smith, R., Conley, G., Smith, A. M. J., & McElwee, G. (2016). Assessing the impact of ‘farming with dyslexia’ on local rural economies. *Local Economy*, 31(5).
<https://doi.org/10.1177/0269094216655404>
- Smith, R., & McElwee, G. (2015). Developing qualitative research streams relating to illegal rural enterprise reflections on researching qualitatively at the margins of entrepreneurship research. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and*

- Research*, 21(3). <https://doi.org/10.1108/IJEER-01-2014-0019>
- Smith, Robert, & McElwee, G. (2013). Developing Qualitative Research Streams Relating to Illegal Rural Entrepreneurship. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 21, n.3. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1108/MRR-09-2015-0216>
- Souitaris, V., Zerbinati, S., & Al-Laham, A. (2007). Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. *Journal of Business Venturing*, 22(4), 566–591. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2006.05.002>
- Souza, G. H. S. de;, Coelho, J. A. P. de M., Esteves, G. G. L., Lima, N. C., & Santos, P. da C. F. (2016). Inventário de barreiras e facilitadores ao Empreendedorismo: construção e validação de um instrumento. *REAd - Revista Eletrônica de Administração*, 85(3), 381–412. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/1413-2311.04315.57744>
- Sternberg, R., & Wennekers, S. (2005). Determinants and effects of new business creation using global entrepreneurship monitor data. *Small Business Economics*, 24(3), 193–203. <https://doi.org/10.1007/s11187-005-1974-z>
- Stonkute, E., & Vveinhardt, J. (2017). Rural Development Policy Incentives encouraging Entrepreneurship in selected EU Countries. In *Economic Science for Rural Development Conference Proceedings*, 44(44), 197–204.
- Terluin, I. J. (2003). Differences in economic development in rural regions of advanced countries: An overview and critical analysis of theories. *Journal of Rural Studies*, 19(3), 327–344. [https://doi.org/10.1016/S0743-0167\(02\)00071-2](https://doi.org/10.1016/S0743-0167(02)00071-2)
- Tibério, B. (2016). *Mestrado em Economia e Gestão da Inovação Empreendedorismo Rural e Pobreza das Regiões : uma análise exploratória.*
- Tierling, I. M. B. M. &, & Schmidt, C. M. (2016). AÇÃO COLETIVA E CRIAÇÃO DE VALOR : UM ESTUDO NA ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES DE CORUMBATAÍ DO SUL (PR) COLLECTIVE ACTION AND VALUE CREATION : A STUDY IN SOUTH CORUMBATAÍ PRODUCERS ASSOCIATION (PR). *G&DR - Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 13, 3–25.
- Tomei, P. A., & Lima, D. A. A. (2014). Análise das Barreiras que Dificultam a Transformação do Agricultor Familiar em Empreendedor Rural no Contexto Brasileiro. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, 13(03), 107–122.

- <https://doi.org/10.5585/riae.v13i3.2073>
- Tonner, A., & Wilson, J. (2015). Farm retailing: Motivations and practice. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 16(2).
<https://doi.org/10.5367/ijei.2015.0181>
- Traikova, D., Manolova, T. S., Möllers, J., & Buchenrieder, G. (2017). CORRUPTION PERCEPTIONS AND ENTREPRENEURIAL INTENTIONS IN A TRANSITIONAL CONTEXT-THE CASE OF RURAL BULGARIA. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, 22(3). <https://doi.org/10.1142/S1084946717500182>
- Trigo, I. L. (2017). *MARKETING DE RELACIONAMENTO E O PAPEL DA*.
- Valarini, P. J., Oliveira, F. R., Schilickmann, S. D. F., & Poppi, R. J. (2011). Qualidade do solo em sistemas de produção de hortaliças orgânico e convencional. *Horticultura Brasileira*, 29(4), 485–491. <https://doi.org/10.1590/S0102-05362011000400007>
- Van der Ploeg, J. D., Renting, H., Brunori, G., Knickel, K., Mannion, J., Marsden, T., ... Ventura, F. (2000). Rural Development: From Practices and Policies towards Theory. *Sociologia Ruralis*, 40(4), 391–408. <https://doi.org/10.1111/1467-9523.00156>
- Veiga, J. E. Da. (2001). O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. *Estudos Avançados*, 15(43), 101–119. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000300010>
- Venkataraman, H., Vermeulen, P., Raaijmakers, A., & Mair, J. (2016). Market Meets Community: Institutional Logics as Strategic Resources for Development Work. *Organization Studies*, 37(5), 709–733. <https://doi.org/10.1177/0170840615613370>
- Venkataraman, S. (1997). The Distinctive Domain of Entrepreneurship Research. *Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence and Growth*, 3(October), 119–138.
<https://doi.org/10.2139/ssrn.1444184>
- Vogel, R., & Güttel, W. H. (2013). The dynamic capability view in strategic management: A bibliometric review. *International Journal of Management Reviews*, 15(4), 426–446.
<https://doi.org/10.1111/ijmr.12000>
- Wagner, J., & Sternberg, R. (2004). Start-up activities, individual characteristics, and the regional milieu: Lessons for entrepreneurship support policies from German micro data. *Annals of Regional Science*, 38(2), 219–240. <https://doi.org/10.1007/s00168-004-0193-x>
- Wanderley, M. D. (1998). O Brasil: agricultura familiar ou latifúndio. *LAMARCHE, HA A*

- Agricultura Familiar.*, 2(Campinas, Ed Unicamp), 27–31.
- Wanderley, M. D. N. B. (2003). Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. *Estudos Sociedade e Agricultura*, outubro(21), 20.
- Wang, J.-H., Chang, C.-C., Yao, S.-N., & Liang, C. (2016). The contribution of self-efficacy to the relationship between personality traits and entrepreneurial intention. *Higher Education*, 72(2). <https://doi.org/10.1007/s10734-015-9946-y>
- Wennekers, Sander; Thurik, R. (1999). Linking Entrepreneurship and Economic Growth. *Small Business Economics*, 13, 27–55. <https://doi.org/10.1023/A:1008063200484>
- Westlund, H., & Bolton, R. (2003). Local Social Capital and Entrepreneurship. *Small Business Economics*, 21(2), 77–113. <https://doi.org/10.1023/A:1025024009072>
- Wilson, F., Kickul, J., & Marlino, D. (2007). Gender, Entrepreneurial Self-Efficacy, and Entrepreneurial Career Intentions: Implications for Entrepreneurship Education. *Entrepreneurship Theory and Practice*, (617), 387–407.
- Wortman, Max S, J. (1990). *Rural Entrepreneurship Research: An Integration into the Entrepreneurship Field* (p. V.6 Iss. 4.). p. V.6 Iss. 4.,
- Zani, F. B., & Costa, F. L. Da. (2011). A Avaliação de Processos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF. *XXXV Encontro Da ANPAD*, 48(Xxxv), 1–16.
- Zanin, L. M., Meneghetti, M. R., & HSU, P. L. (2017). Processos organizacionais : Possibilidades do tema por meio de uma análise bibliométrica. *Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade (VI Singep)*, (December).
- Zanin, L. (2017). *Você Diz Que Quer Uma Revolução : Todos Queremos Mudar o Mundo*. (April). <https://doi.org/10.5585/riae.v16i1.2506>
- Zanin, L. M., & Silva, F. R. (2015). Evolução das Teorias que Suportam os Artigos Publicados em Empreendedorismo entre 1960 e 2013: Análise da rede de citação e co-citação. *XXXIX Encontro Do ANPAD*, (September 2015), 1–20.
- Zeverte-Rivza, S., & Paula, L. (2014). Regional Differences on Entrepreneurs Motivation to Start Business. *Economic Science for Rural Development*, 35(September 2017), 246–254.
- Zhao, H., Seibert, S. E., & Hills, G. E. (2005). The Mediating Role of Self-Efficacy in the Development of Entrepreneurial Intentions. *Journal of Applied Psychology*, 90(6), 1265–

1272. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.90.6.1265>

Zupic, I., & Čater, T. (2015). Bibliometric Methods in Management and Organization.

Organizational Research Methods, 18(3), 429–472.

<https://doi.org/10.1177/1094428114562629>

4. ESTUDO 3 - BARREIRAS E FACILITADORES AO COMPORTAMENTO EMPREENDEDOR NA REGIÃO METROPOLITANA DE SOROCABA EM SP

Resumo

O empreendedorismo no meio rural vem ganhando destaque no meio acadêmico por seu potencial combate à pobreza nos países em desenvolvimento. Buscando entender o comportamento dos empreendedores neste contexto, o presente estudo tem como objetivo, analisar as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor na região metropolitana de Sorocaba em SP. Para tanto, o estudo de métodos mistos foi realizado em duas etapas. A primeira etapa, descritiva de natureza quantitativa, testou 07 hipóteses para medir o comportamento de 260 agricultores, utilizando para tanto, um instrumento de medidas de Barreiras e Facilitadores dos autores Souza, Coelho, Esteves, Lima e Santos (2016), que é composto por 8 subescalas (Comportamento Empreendedor; Risco; Acesso à Capital; Inovação; Oportunidade; Liderança e Gerenciamento; Paixão). Os dados foram analisados por meio da Modelagem de Equações Estruturais (SEM), com mínimos quadrados parciais e modelos de caminho (PLS-PM) utilizando o software SmartPLS 3.0. Os resultados confirmaram três hipóteses como facilitadores ao comportamento empreendedor, são elas: Oportunidade, Acesso a Capital, Paixão e quatro hipóteses rejeitadas: Risco, Inovação Liderança e Rede de Relacionamento. Neste sentido, com o objetivo de aprofundar os resultados da fase quantitativa, o estudo exploratório, de natureza qualitativa, buscou profundidade de significados, percepções e conhecimentos de 06 representantes da área. A entrevista foi realizado por meio de um roteiro semiestruturado, que possibilitou flexibilidade ao pesquisador para relacionar as possíveis barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor com a experiência dos entrevistados. A análise e interpretação dos dados seguiu o método da análise de conteúdo, cujos resultados corroboram com os resultados da primeira fase, trazendo luz e reflexão as hipóteses não confirmadas na primeira fase. Em resumo, os resultados deste estudo fornecem perspectivas teóricas aos acadêmicos e estratégias de direcionamento ao enfrentamento das barreiras aos empreendedores.

4.1 INTRODUÇÃO

Na teoria do empreendedorismo, os empreendedores são reconhecidos pela capacidade de explorar oportunidades de mercado, por meio da inovação técnica ou organizacional (J. A. Schumpeter, 1934). No meio rural, os empreendedores rurais são definidos por suas características como, sua localização (ambiente rural); produção ou serviço que agregue valor para o local (valor agregado); fornecimento, utilização de produtos ou serviços locais e principalmente, emprego de mão de obra local, que gera renda para o meio rural (Henry & McElwee, 2014; R. Smith et al., 2016).

O Empreendedorismo Rural teve sua concepção inicial no artigo de Wortman (1990), definido como "a criação de uma nova organização que introduz um novo produto, desenvolvimento ou criação de um novo mercado, ou utilização de uma nova tecnologia em um ambiente rural" (Wortman, 1990, p. 330).

O desenvolvimento do agricultor no meio rural ocorre por meio do fortalecimento do empreendedorismo em três esferas: com ações em políticas de governo, por motivações de movimentos sociais e no meio acadêmico e no desenvolvimento de estudos de empreendedorismo no meio rural (Bernardo, Ramos & Vils, 2018). No Brasil, as ações em políticas de governo, vem ocorrendo por meio da implantação do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) que se deu em (1996) e posteriormente a criação da Lei 11.326/2006, que considera o Agricultor Familiar e Empreendedor Familiar Rural como aquele que pratica atividades no meio rural (Brasil, 2006).

No campo teórico, muitos são os esforços em direção ao desenvolvimento de estudo em empreendedorismo, apontando o comportamento empreendedor sob ótica da influência de situações que se representem como barreiras ou facilitadores (Azari et al., 2017; Muhammad et al., 2017; Sarasvathy, 2004; Souza et al., 2016). Dentre esses esforços, estudiosos questionam os constantes direcionamentos que são realizados, com a intenção de classificar empreendedores e não empreendedores. A sugestão de Sarasvathy (2004), é analisar aspectos comportamentais do empreendedor sob a influência de circunstâncias assumidas como barreiras ou facilitadores ao empreendedorismo.

As barreiras podem ser vistas como fatores que impedem ou interrompem a ação de empreender e os facilitadores ou motivadores, são fatores que incentivam ou apoiam uma ação

de empreender (Sarasvathy, 2004). Podendo ser de ordem comportamental ou contextual (fatores ambientais, sociais e econômicos) (Souza et al., 2016).

Para direcionar o estudo ao setor agrícola, foi necessário identificar bases teóricas sobre empreendedorismo rural, e o que podem ser barreiras e facilitadores nesse contexto. Na agricultura, barreiras são vistas como complexidades provindas do setor, a exemplo das diversas regulamentações, distância entre fornecedores e prestadores de serviços, ou mesmo pela ausência de habilidades pessoais (capacidade para manter seu próprio negócio) (Deakins et al., 2016; Jagoda, Lin, Calvert & Tao, 2016). E os facilitadores motivam (incentivam) ou sustentam uma ação (Crouse, Doyle & Young, 2013; Sarasvathy, 2004).

Considerando o contexto anterior, a questão de pesquisa do estudo é: Quais são as barreiras e facilitadores do comportamento empreendedor no contexto rural? Para tanto, o objetivo é analisar quais são as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor na região metropolitana de Sorocaba em SP. Os resultados deste estudo fornecem perspectivas teóricas aos acadêmicos e estratégias de direcionamento ao enfrentamento das barreiras pelos empreendedores, sejam eles pequenos ou mais estruturados, pertencentes a agricultura familiar, nascentes do meio rural ou em busca de oportunidades no setor.

4.2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Diretriz teórica da pesquisa fundamentou-se na contextualização do Empreendedorismo e o comportamento empreendedor, o Empreendedorismo no contexto rural e das Barreiras e Facilitadores ao Empreendedorismo.

4.2.1 Empreendedorismo e o Comportamento Empreendedor

O conceito de empreendedorismo popularizou-se em 1945 na economia por meio da teoria da teoria do desenvolvimento econômico de Joseph Schumpeter. Segundo o autor, o empreendedor é um indivíduo com habilidades técnicas para saber produzir, e capitalista que consiga reunir recursos financeiros (Schumpeter, 1934).

A teorias do empreendedorismo são consensuais no entendimento deste como fenômeno comportamental, com traços e características que tipificam o indivíduo empreendedor e o

diferencia dos demais (Drucker, 1993; McClelland, 1971; Schumpeter, 1961; Shane, 2003; Shapero & Sokol, 1982).

Peter Drucker em 1970, contribui com a afirmativa de que “o comportamento do empreendedor reflete uma espécie de desejo de colocar sua carreira e sua segurança financeira na linha de frente e correr riscos em nome de uma ideia, investindo muito tempo e capital em algo incerto” (Drucker, 1970 p.140). Mais recente, os autores De Rosa e McElwee (2015), definem o comportamento empreendedor como um conjunto de medidas disponíveis para sustentar estratégias de forma que por ele o indivíduo possa selecionar qual estratégia seguir.

A atividade empreendedora é um comportamento planejado e reflete o comportamento cognitivo (Krueger et al., 2000). Na literatura diversos são os estudos que tentam explicar o comportamento, por meio de atitudes e intenções, resultando em um comportamento específico (Bergevoet, Ondersteijn & Saatkamp, 2004).

Desta forma, para investigar o comportamento e as ações determinantes de sua adoção, buscou-se por teorias já consolidadas e que contemplem análises comportamentais. Essas modelos, cujas teorias já se estabelecem em diversas áreas, a saber a Teoria do Comportamento Planejado – TPB (Ajzen, 1985; Ajzen, 1991; Fishbein & Ajzen, 1975). A TPB, prediz que todo comportamento precede de um “comportamento planejado”, como a criação de uma empresa. Segundo a teoria, a intenção que precede o comportamento que é influenciado por fatores motivacionais que influenciam a ação.

McClelland (1971), contribuiu de forma significativa utilizando teorias da ciência comportamental para analisar o papel da motivação no comportamento empreendedor, buscando entender o elo entre a necessidade de realização com o desenvolvimento econômico.

Diversos autores contribuíram abordaram questões que foram úteis para os estudos de empreendedorismo e o estudo do empreendedorismo também se tem utilizado de diversas contribuições oriundas das mais diversas correntes (Santos, 2008)

4.2.2 Empreendedorismo no contexto rural

O empreendedorismo no contexto rural está intrinsecamente ligado à estratégia de desenvolvimento destinado a regiões e indivíduos que ocupam áreas rurais (Kolawole & Ajila, 2015). Também relacionado à criação de uma nova empresa ou um novo produto que visa

solucionar problemas da região ao mesmo tempo que desenvolve capital social e humano (Zarpellon, 2010, p. 48).

Segundo McElwee e Smith (2012), agricultores como empreendedores, são definidos como indivíduos que ocupam parte do seu tempo ou tempo integral em atividades ligadas à terra, como cultivar o solo (colheita e produção) ou criação de animais, ambas como fonte de renda.

Em especial, o empreendedorismo rural, tem como objetivo a criação de negócios focados nos recursos endógenos das regiões rurais, direcionados às necessidades de populações agrícolas em criar seu próprio negócio, ligados à região e com base no saber e na cultura de sua região (Tibério, 2016). Saber esse, que pode estar relacionado à geração de renda com uma perspectiva de gestão e fomento ao desenvolvimento da agricultura (Henry & McElwee, 2014; McElwee, 2006).

Independentemente do direcionamento tomado ao escolher um novo negócio no meio rural, os empreendedores rurais enfrentam diversos obstáculos, dificuldades oriundas do setor e que transitam, desde exigências ambientais, como o uso do solo e segurança alimentar, a exigências regulatórias do setor agrícola (Deakins et al., 2016).

4.2.3 Barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor

Na agricultura, barreiras são vistas como complexidades provindas do setor. Uma barreira no setor agrícola, pode ser considerada como a distância entre o mercado consumidor e o produtor (área rural, distante dos centros urbanos). Ou características provindas do setor agrícola como a complexidade da regulamentação, barreira que dificulta o crescimento agrícola se tornando um obstáculo para muitos agricultores (McElwee & Smith, 2012).

O empreendedor rural que atua no contexto de “áreas rurais”, precisa estar preparado para enfrentar ameaças e oportunidades, provindas desse meio, além de possuir pontos fortes para enfrentar as barreiras que serão superadas por meio de habilidades e estratégias de cada empreendedor (Dinis, 2006).

Quanto aos facilitadores, (fatores motivacionais), são caracterizados pelo desejo de mudança, disponibilidade de oportunidades, recursos e principalmente confiança (quando se confia no que vai fazer e não tem dúvidas de sua habilidade) (Souza et al., 2016).

Para o estudo das barreiras e facilitadores, o instrumento de medidas foi criado pelos autores Souza et al. (2016), que proporcionou a identificação das variáveis classificadas como comportamento empreendedor associado a Barreiras e Facilitadores. O instrumento utilizado é composto por 8 subescalas (Acesso à Capital, Inovação, Liderança e Gerenciamento, Oportunidade, Paixão, Rede de Relacionamento, Risco e Comportamento Empreendedor). Na sequência serão discutidos os constructos que geraram as hipóteses relacionadas ao comportamento empreendedor no contexto rural.

Percepção de Risco

A percepção de risco, pode influenciar uma decisão, seja para o lado positivo ou negativo. Alguns estudiosos analisaram a percepção de risco de indivíduos no contexto rural e observaram que alguns percebem mais a presença do risco e acabam perdendo oportunidades e outros não percebem o risco e acabam entrando em uma situação de risco (Simon, Houghton & Aquino, 2000). De acordo com o estudo, um indivíduo pode perceber um risco e por esse motivo não prossegue com o desejo de inovar e tal ação é interrompida. Desta forma, propõe-se que quando há uma relação positiva entre risco e comportamento empreendedor, maior será a intenção do indivíduo de empreender.

H1: Há uma relação positiva entre risco e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais;

Acesso a Capital

As pequenas empresas são fonte de emprego e renda para metade da força de trabalho em países em desenvolvimento (de Mel, McKenzie & Woodruff, 2008). No Quênia, por meio de uma organização não-governamental (ONG), mulheres tiveram a oportunidade de participar do Projeto de acesso ao Empreendedor Rural (REAP), que proporcionou atividades de microempresário, renda e treinamento em habilidades empresariais, *mentoring* (ferramenta de desenvolvimento profissional) para que pudessem abrir seus próprios negócios (Gobin, Santos & Toth, 2017).

No meio rural, o acesso a capital também pode ser entendido como acesso a bens e serviços, equipamentos, treinamentos e capital de giro, apoio governamental ou via projetos de incentivos ao meio rural (Koyana & Mason, 2017). Projetos de inovação como a implantação

de energia solar e eólica de baixo custo na Índia, impulsionaram a economia e a vida dos trabalhadores rurais que receberam apoio e incentivos governamentais e federais, proporcionando energia para vários fins, principalmente para produção e abastecimento para a produção (Ghosh, 2015).

A falta de acesso a capital em um ambiente rural, também representa uma barreira quando limita o empreendedor a ter acesso a crédito, agências governamentais, redes, instituições educacionais e consultores de negócios (Jagoda et al., 2016). Ou mesmo, outras séries de problemas que essas regiões enfrentam, como falta de serviços especializados, transporte, suporte tecnológico no local, infraestrutura, equipamentos e pessoas com habilidades necessárias para operá-los (Dinis, 2006; Gerard McElwee & Smith, 2012). Desta forma, propõe-se que existe uma relação positiva entre acesso a capital e a ação de empreendedor, comportamento empreendedor?

H2: Há uma relação positiva entre “acesso a capital” e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais.

Inovação

A **inovação**, ou capacidade que um indivíduo de perceber uma oportunidade, pode ser vista no processo de produção, como forma de inovação de produto ou mesmo no processo ou inovação de mercado. Segundo a teoria de Mishra e Raghavan (2018), tais modificações (inovações) necessitam de vontade ou desejo de mudar, motivações que atuam no sentido de levar o indivíduo a modificar sua condição atual.

Segundo os autores Mishra e Raghavan (2018), um processo de inovação só ocorre se um indivíduo percebe a inovação e executa a intenção. Pode-se então propor:

H3: Há uma relação positiva entre inovação e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais;

Oportunidade

A percepção de **oportunidade** empreendedora, é reconhecida por estudiosos como uma ideia multifacetada que contém diferentes significados e está presente em diferentes lugares,

como grupos que a percebem de maneiras diferentes, o que pode ser uma oportunidade para um indivíduo, pode não ser para outro (Fortunato & Alter, 2016; Shepherd, Patzelt & Haynie, 2010). Para Crouse (2011), proporcionar oportunidades de ampliação do trabalho incentiva a tomada de risco e conseqüentemente fortalece a cultura de aprendizado e recompensa. Outros estudos também destacam oportunidades no meio rural para imigrantes que encontram no contexto rural, um lugar de refúgio (infraestruturas sociais e treinamentos) (Anthopoulou et al., 2017).

H4: Há uma relação positiva entre oportunidade e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais;

Liderança e Gerenciamento

Nos estudos de Empreendedorismo, o papel da **liderança** é visto como a capacidade gerencial do indivíduo que, por meio, da liderança consegue atingir seus objetivos e expandir o seu negócio (Gray & Gray, 2002). Uma das características da liderança no empreendedorismo feminino é a paixão e otimismo que as mulheres empreendedoras revelam ao gerir seus próprios negócios.

Barreto e Nassif, (2014), em seu estudo com empreendedores de micro e pequenas empresas, destacam diferentes estilos de liderança que são guiadas pelo relacionamento interpessoal entre gestor-colaborador, nos processos de tomadas de decisão, autonomia e reconhecimento das realizações.

John e Miner (1997b) defendem a teoria de que um estilo de liderança aberto e participativo, consegue mobilizar melhor o grupo. Segundo os autores, empreendedores de sucesso podem solucionar problemas e desenvolver os membros da equipe, permitindo tirar o melhor de cada indivíduo. Desta forma, propõe-se que exista uma relação entre liderança/gerenciamento com comportamento empreendedor;

H5: Há uma relação positiva entre liderança e gerenciamento com comportamento empreendedor dos empreendedores rurais;

Rede de Relacionamento

A rede social ou **rede de relacionamento** de um indivíduo no estudo de Dohse e Walter (2012), é determinada pelo impacto positivo ao acesso do conhecimento, que possibilita a

descoberta de oportunidades e melhora a capacidade de explorar essa oportunidade. No meio rural, rede de relacionamento também está relacionada a oportunidade, que surge na inserção do agricultor ao cooperativismo e que estimula as ações coletivas, proporcionando benefícios mútuos aos indivíduos (Liñán & Santos, 2007).

No estudo de Mishra e Raghavan (2018), cooperativas de agricultores familiares em rede conseguiram obter acesso ao Programa de Agroindústria Familiar do Estado do Rio Grande do Sul (PEAF-RS), que proporcionou acesso a diversificação das atividades agrícolas, melhora na venda dos produtos e acesso a taxas de juros mais baixas. Dessa forma, a teoria do gerenciamento estratégico de um negócio inclui rede de relacionamentos para desta forma, entender quais recursos e capacidades permitirão obter maior vantagem e intenção de empreender (Dinis, 2006). Desta forma, propõe-se:

H6: Há uma relação positiva entre rede de relacionamento e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais;

Paixão

O constructo **paixão** é descrito pelos autores Cardon, Gregoire, Stevens e Patel (2013), como fator chave para a ação de empreender, mesmo com a maioria das teorias organizacionais, evitando incluir emoções em seus estudos (Cardon, Zietsma, Saporito, Matherne & Davis, 2005). Os autores, por meio de uma série de estudos empíricos, realizaram a validação de um instrumento para mensuração apropriada da paixão empreendedora. Os resultados evidenciam a paixão como promotora dos esforços crescentes ao empreendedorismo, a dedicação a tarefas relevantes, persistência e prazer ao executar as tarefas (Cardon et al., 2013). Para a autora Cardon (2009), a “paixão” empreendedora é definida como:

“Sentimento positivo intenso, acessível conscientemente, resultante do engajamento em atividades com sentido de identidade e saliência para o empreendedor...fazendo com as pessoas invistam tempo e energia, manifestem entusiasmo, zelo e intensa duração da sua atenção” (Cardon, 2009 p.123).

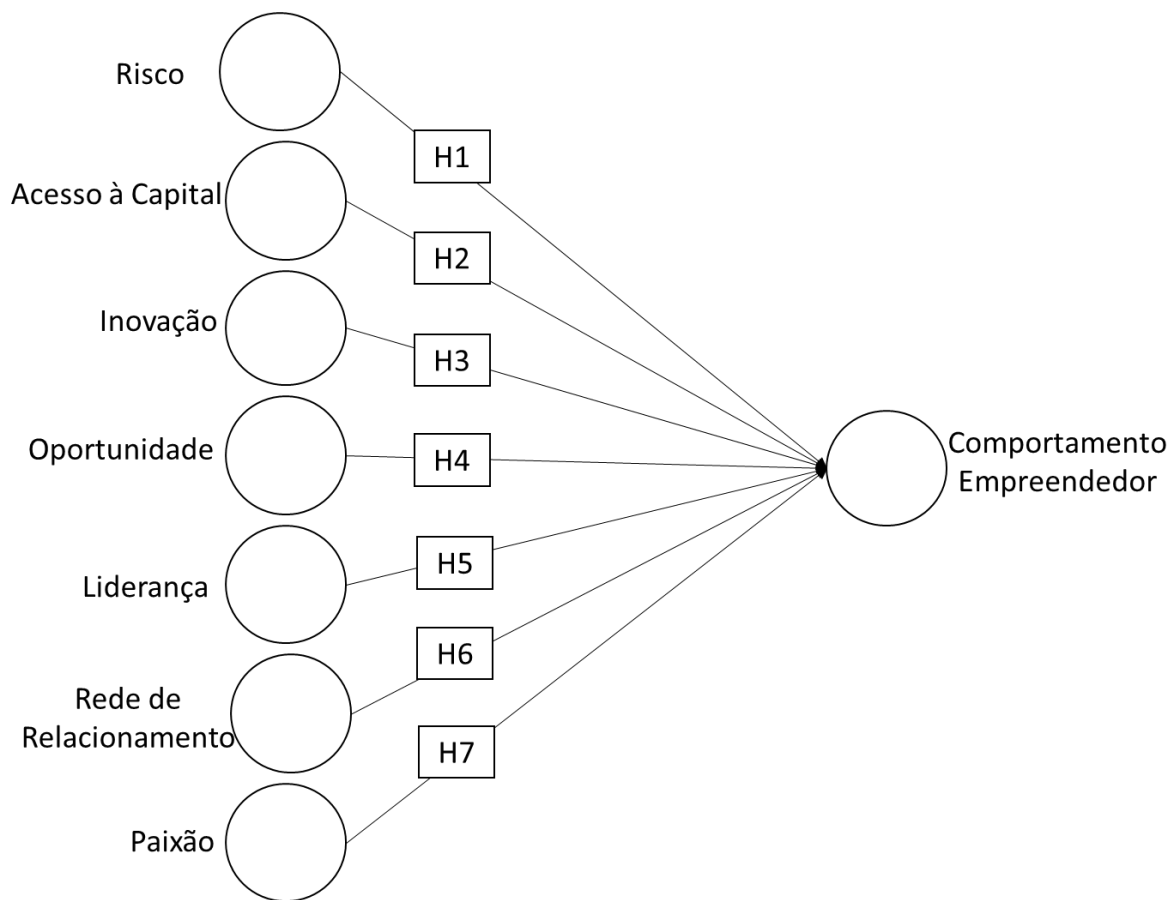
Neste sentido, o desejo de mudança, a **paixão** como “promotora de esforços crescentes”, pode influenciar o processo de inovação (Cardon et al., 2013). Estudos também sugerem que empreendedores motivados pela paixão, visam inovar continuamente, com metas reguladas

para o crescimento de risco e solução de problemas que seja necessário o uso da criatividade (Cardon, 2009). Desta forma, propõe-se:

H7: Há uma relação positiva entre paixão e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais.

Com base nas hipóteses elaboradas, o modelo proposto de barreiras e facilitadores para o empreendedorismo rural, conforme apresentado na figura 4.1.

Figura 4.1: Modelo conceitual de Barreiras e Facilitadores ao Empreendedorismo Rural



Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Assim, as hipóteses deste estudo serão apresentadas na tabela 4.1.

Tabela 4.1: Resumo das hipóteses do Modelo

Hipóteses
H1: Há uma relação positiva entre risco e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais;
H2: Há uma relação positiva entre acesso à capital e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais;
H3: Há uma relação positiva entre inovação com comportamento empreendedor dos empreendedores rurais;
H4: Há uma relação positiva entre oportunidade e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais;
H5: Há uma relação positiva entre liderança e gerenciamento com comportamento empreendedor dos empreendedores rurais;
H6: Há uma relação positiva entre rede de relacionamento e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais;
H7: Há uma relação positiva entre percepção de paixão e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais;

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Na próxima sessão, serão apresentadas os métodos e técnicas de pesquisa realizadas neste estudo.

4.3 METODOLOGIA DA PESQUISA

4.3.1 Caracterização do estudo

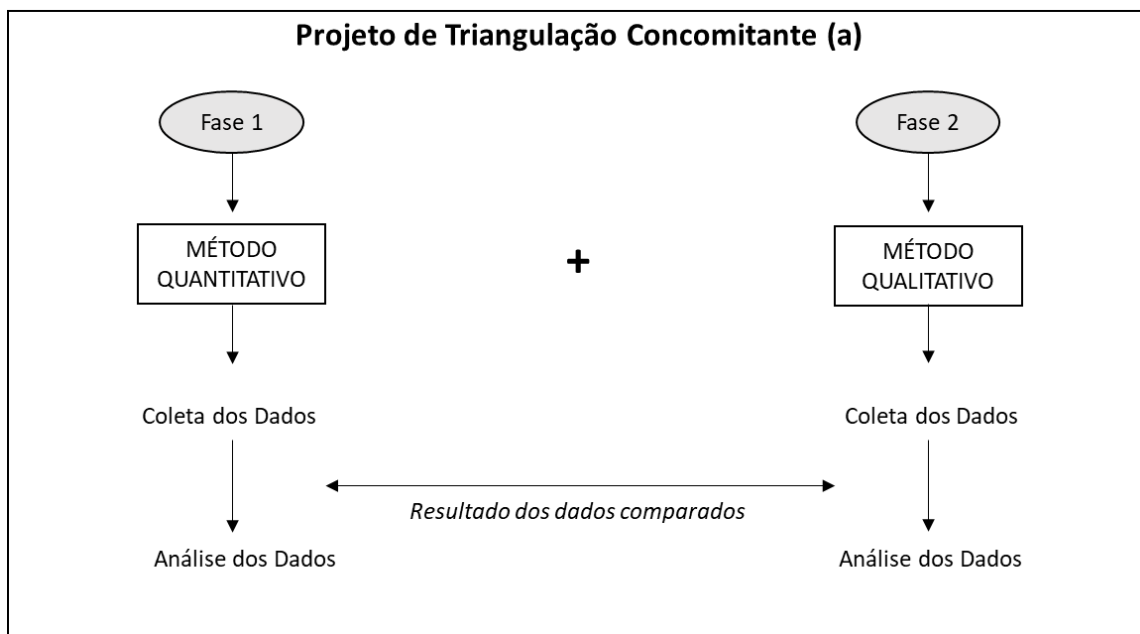
O presente estudo caracteriza-se por uma pesquisa de métodos mistos. A opção pela utilização do método se deu pela possibilidade de poder combinar diferentes tipos de dado, resultando em um melhor entendimento do problema de pesquisa, considerando as peculiaridades de cada método. De acordo com Creswell, 2007 p.111, a combinação de dados quantitativos e qualitativos possibilita “entender melhor um problema de pesquisa ao convergir tanto tendências numéricas amplas de pesquisa quantitativa, quanto detalhes de pesquisa qualitativa”.

Segundo Gomes e Araujo (2005), a união das duas abordagens quantitativo e qualitativo em um estudo é apontada como solução para os problemas encontrados quando comparadas ao

uso de apenas uma delas. Desta forma a abordagem quantitativa possibilita uma aproximação inicial com objeto de estudo e a pesquisa qualitativa se justifica pela necessidade de aprofundar as barreiras e os facilitadores ao comportamento empreendedor, o que não seria possível em um estudo meramente quantitativo.

Outro ponto importante nos estudos de métodos mistos, é apresentar a forma como ocorrerá a combinação dos dados. Segundo Creswell (2010), “os dados podem ser combinados: na coleta dos dados, na análise dos dados, ou na interpretação dos dados, ou mesmo nas três fases”, conforme apresentado na Figura 4.2.

Figura 4.2: Projetos concomitantes



Fonte: Adaptado de Creswell (2010).

Projetos concomitantes, podem ser caracterizados em uma primeira fase pela coleta e análise dos dados quantitativos em uma primeira fase da pesquisa e posteriormente seguido da coleta e análise dos dados qualitativos em uma fase 2, que é desenvolvida sobre os resultados quantitativos iniciais. Neste modelo, o peso maior é atribuído aos resultados quantitativos da primeira fase, e a combinação dos dados acontece quando os resultados decorrentes da análise dos dados quantitativos da primeira fase conduzem a coleta de dados qualitativos secundária. Desta forma, mesmo que separadas, os métodos estão conectados na pesquisa.

A primeira etapa do estudo buscou estabelecer uma relação entre as variáveis e o objeto de estudo com abordagem quantitativa que se deu por meio de um levantamento do tipo *survey*. A segunda etapa foi exploratória, de natureza qualitativa, realizada, por meio de entrevistas semiestruturadas que buscou aprofundar os resultados da primeira etapa, conforme será detalhado nos próximos itens deste capítulo.

4.3.2 MÉTODO QUANTITATIVO

A primeira fase da pesquisa de natureza quantitativa, é conclusiva, descritiva e transversal. Conclusiva, pois teve como objetivo determinar o grau de associação entre os constructos e testar as hipóteses (Malhotra, 2006). A pesquisa quantitativa de caráter descritivo tem como finalidade o entendimento do fenômeno em sua complexidade, sem nenhuma interferência para modificá-la (Godoy, 1995; Churchill, 2013).

Segundo Richardson (1989) estudos descritivos “são aqueles que procuram descobrir e classificar a relação entre as variáveis”, buscando identificar as características de um fenômeno. Creswell (2010) explica que tais características decorrem da análise descritiva dos dados por meio de suas variáveis, buscando indicar médias e desvios padrão.

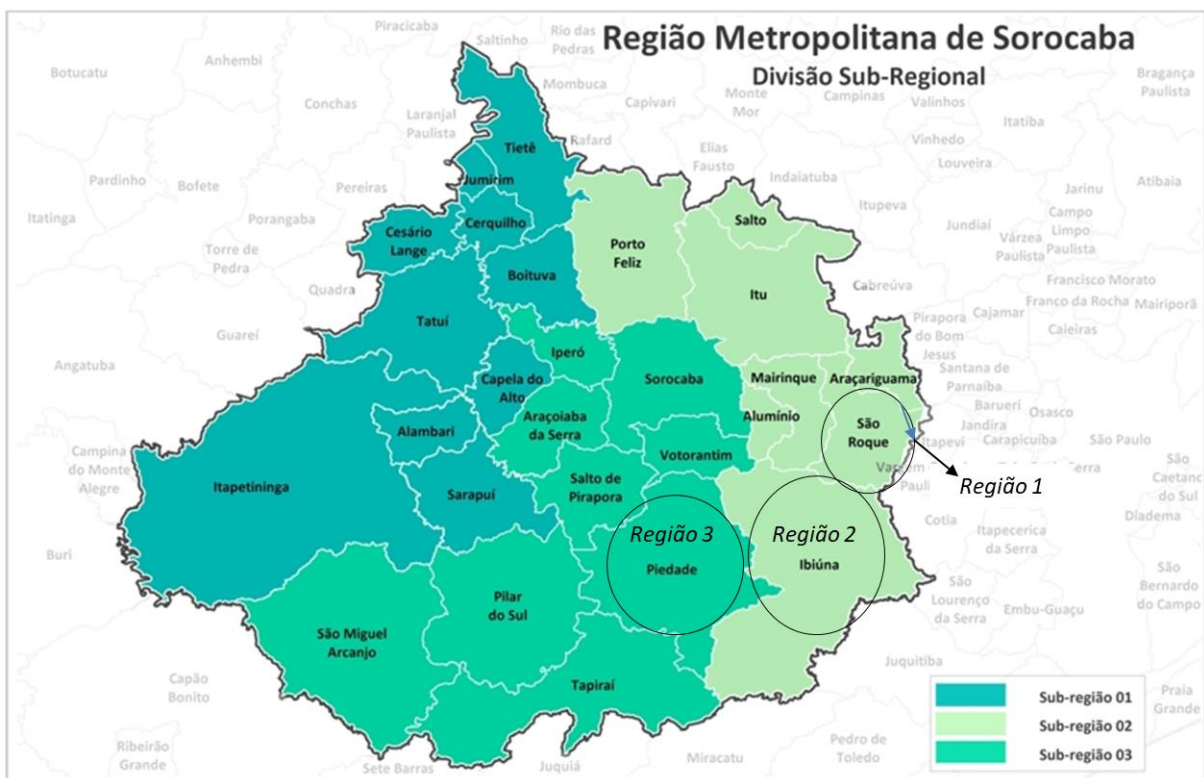
Em um estudo quantitativo o pesquisador define relações entre as variáveis e apresentam em forma de hipóteses que foram construídas a partir de levantamento bibliográfico e posteriormente entrevistas com pessoas que de fato vivenciam a questão estudada (Silva & Menezes, 2001). Tal técnica permita ao pesquisador ser inovador e trabalhar no limite de estruturas projetadas por ele (Creswell, 2007). Por fim, para a viabilidade do estudo, foi desenvolvido um estudo transversal único, por conta de restrições de orçamento e tempo, desta forma, o planejamento da pesquisa considerou que os dados fossem coletados entre os empreendedores rurais, somente uma vez.

Em pesquisas quantitativas, os instrumentos buscam obter índices numéricos que correspondem a pessoas, objetos de medição ou características. O resultado da aplicação do instrumento de medidas é um conjunto de valores numéricos que são registrados sob forma de relatórios. O questionário, também chamado de *survey* (pesquisa ampla), é um dos procedimentos mais utilizados para obter informações, pois é uma técnica de custo razoável e garante anonimato (Barbosa, 2008).

4.3.2.1 Definição do universo da pesquisa

O contexto sob o qual se insere a pesquisa quantitativa foi em três cidades: Ibiúna, São Roque e Piedade, localizadas na região metropolitana de Sorocaba/SP, conforme descritas na figura 4.3 como região 1, 2 e 3.

Figura 4.3: Região Metropolitana de Sorocaba



Fonte: EMPLASA (2018)

A Região Metropolitana de Sorocaba (RMS), teve sua constituição em 8 de maio de 2014 pela Lei n. 1.241, que hoje é composta por 27 municípios agrupados em três sub-regiões:

- Sub-Região 1: Alambari, Boituva, Capela do Alto, Cerquilha, Cesário Lange, Jumarim, Sarapu, Tatu, Tietê e Itapetininga, município que foi incorporado à região após a sua institucionalização;
- Sub-região 2: Alumínio, Araçariguama, **Ibiúna**, Itu, Mairinque, Porto Feliz, Salto e **São Roque**;

- Sub-região 3: Araçoiaba da Serra, Iperó, **Piedade**, Pilar do Sul, Salto de Pirapora, São Miguel Arcanjo, Sorocaba, Tapiraí e Votorantim. (IBGE, 2006; Valarini, Oliveira, Schilickman & Poppi, 2011).

Os municípios localizados na RMS, possuem mais de 2 milhões de habitantes se representam 4,6% da população estadual. A região gera cerca de 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB) paulista e é a maior produtora agrícola entre as regiões metropolitanas do Estado de São Paulo, com elevada diversidade. As três regiões pesquisadas, estão localizadas no eixo das Rodovias Castelo Branco, Raposo Tavares e Rodoanel (que liga outros estados), o que facilita o escoamento da produção de hortaliças, produtos perecíveis que precisam chegar frescos aos mercados e centros distribuídos de São Paulo, como CEASA (Bernardo & Ramos, 2016; Valarini, Oliveira, Schilickmann & Poppi, 2011).

O município de São Roque possui 88 mil habitantes e está localizado a 66 km da cidade de São Paulo. É uma cidade de economia diversificada com atividades no segmento industrial, comercial e na área de serviços. Devido ao seu legado histórico e cultural, é chamada de “terra do vinho” por abrigar diversas vinícolas na região, que proporcionam potencial para o turismo rural (São Roque, 2018).

Ibiúna, São Paulo, é um município com aproximadamente 77 mil habitantes e com 76% de sua população localizada na área rural. O município de Ibiúna se localiza a 69 km da cidade de São Paulo e vem se destacando na produção de alimentos agrícolas para abastecimento da região metropolitana do Estado de SP. Ao mesmo tempo, possui importantes fragmentos de remanescentes florestais pertencentes ao bioma Mata Atlântica (IBGE, 2006; Valarini et al., 2011).

O município de Piedade, com 55 mil habitantes, localizado a 99 km de São Paulo, tem uma agricultura diversificada, destacando-se entre alcachofra, morango e caqui. A cidade também é conhecida pelas exuberantes cerejeiras que enfeitam a cidade e por isso todo ano atrai turistas para a festa da cerejeira. Sua economia é essencialmente agrícola e assim como as demais regiões, pertence ao Cinturão Verde do Estado de São Paulo, abastecendo a metrópole com seus hortifrutigranjeiros (IBGE, 2006; Piedade, 2018).

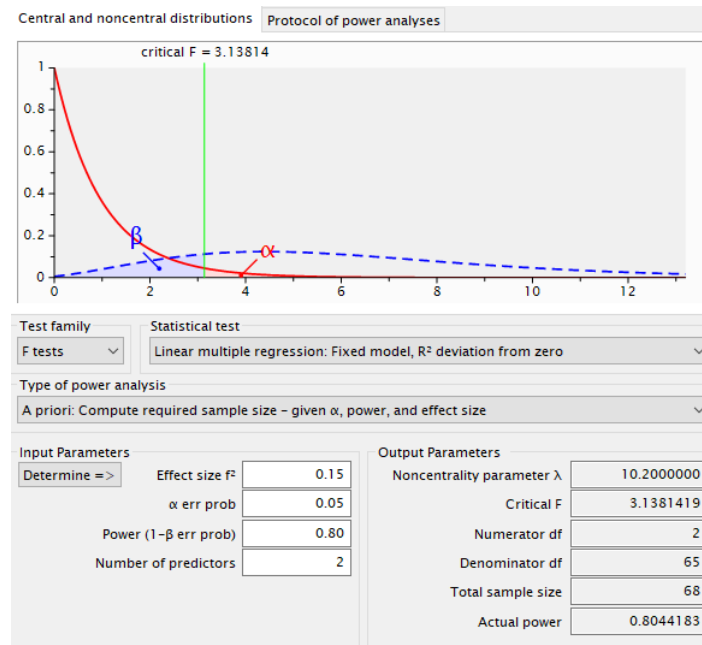
4.3.2.2 Definição do universo da amostra

Para definir o número de agricultores no universo da amostra nos três municípios da pesquisa (Ibiúna, São Roque e Piedade), o primeiro passo foi compreender os diferentes aspectos e as particularidades das regiões, buscando auxílio nos sindicatos rurais de cada região. O segundo passo, foi filtrar os agricultores familiares que já possuíam cadastro (nos três municípios pesquisados), na Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (SEAD), como enquadramento de agricultor com a declaração de aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), por meio da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), registro que é indispensável para acesso a políticas públicas como o PRONAF, o programa de Aquisição de Alimentos, Merenda Escolar e Habitação Rural. Para obter a DAP, o agricultor rural, deve se dirigir a uma entidade credenciada pelo SEAD, que nas regiões pesquisados quem dispõe de tal serviço são os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais ou Casa da Agricultura (vinculado a prefeitura). Com a DAP, o agricultor é reconhecido como Agricultor Familiar e consegue obter acesso a diversos programas do Governo Federal para o desenvolvimento da agricultura, como financiamentos com taxa de juros mais baixas, programa de habitação rural, comercialização, além de poder comprovar atividade agrícola para fins de aposentadoria (Brasil, 2018; Zani & Costa, 2011).

No município de Ibiúna (SP) foram identificadas 782 DAPs, 35 DAPs em São Roque (SP), e 759 DAPs em Piedade (SP), totalizando uma amostra com um total de 1576 agricultores cadastrados.

Para que fosse possível estimar o número da amostra, foi utilizando o *software* G*Power 3.1.9, cuja recomendação é utilizar um poder $(1 - \beta)$ de teste estatístico de 80% para atingir um nível de significância (α) de 5% e um tamanho de efeito (f^2) de 0,35 (Hair, Black, Babin, Anderson & Tatham, 2009). Desta forma, nesta pesquisa foi considerado um número de 260 respondentes superando o valor estimado. Conforme apresentado na figura 4.4.

Figura 4.4: Tela do *Software G*Power 3.1.9* com o cálculo da amostra mínima da pesquisa.



Fonte: Representação gráfica do *Software G*Power 3.1.9* (2018)

Uma vez que o tamanho da amostra atende os requisitos exigidos na literatura, segue-se definindo o instrumento de coleta de dados. Esse instrumento possibilitou maior cobertura geográfica e maior rapidez no retorno das respostas, garantindo o anonimato dos respondentes, com questões que visam atender a finalidades específicas de uma pesquisa (Barbosa, 2008; Silva & Menezes, 2001).

4.3.2.3 Instrumento de coleta dos dados

O questionário utilizado é considerado uma técnica de pesquisa de custo razoável ao mesmo tempo que apresenta elevada confiabilidade, com possibilidade de medir comportamento, atitudes, opiniões, circunstância da vida de um cidadão, dentro outras questões. Quanto a sua aplicação, é simples, podendo ser realizado via formulário ou mesmo com lápis e papel, individualmente ou em grupos, por formulário eletrônico (via Internet), por telefone ou mesmo via correio (Barbosa, 2008).

O inventário utilizado na pesquisa encontra-se disponível no (Apêndice A), baseado na teoria de Barreiras e Facilitadores ao Empreendedorismo, dos autores Souza et al. (2016), cujo instrumento é composto por 8 construtos (Comportamento Empreender; Risco; Acesso à Capital; Inovação; Oportunidade; Liderança e Gerenciamento; Rede de Relacionamento e

Paixão), elementos circunstanciais e comportamentais. A lista com os constructos e variáveis serão apresentadas na tabela 4.2.

A escala utilizada foi do tipo Likert de 5 (cinco) pontos, variando de 1 = não me descreve em absoluto a 5 = descreve-me totalmente. O inventário foi desenvolvido na língua portuguesa e validado de acordo aos procedimentos recomendados na literatura. Essa escala foi publicada na Revista Eletrônica de Administração (READ), com conceito B1 no Qualis da área de Administração.

A aplicação do questionário se deu no período de julho de 2018 a março de 2019, realizado primeiramente em Ibiúna, junto aos agricultores da Cooperativa Agropecuária de Ibiúna São Paulo (CAISP), instituição formada por 35 produtores cooperados e mais de 100 produtores parceiros que contam com mais de 550 colaboradores, ligados diretamente a produção de hortaliças de Ibiúna, local que contou com 113 respondentes.

Posteriormente na região de Piedade onde o questionário foi respondido pelos produtores rurais de associações, cooperativas e empresas agrícolas como: a Associação dos Pequenos Produtores Rurais de Piedade (APPRUPI) e Cooperativa dos Produtores Familiares de Piedade (COFARP), a Kawakami Orgânicos e a Akebono, produtor de mudas e hortaliças, 79 respondentes. Em São Roque, cujo número é menor de produtores, os questionários foram destinados aos agricultores do Grupo Horta, Ki Salada, Horta e Vida e Horta e Arte que atuam na produção de alimentos orgânicos, 32 respondentes. Outro canal de comunicação importante, em ambos os municípios, foram os sindicatos, onde os questionários foram distribuídos eletronicamente aos membros mais ativos e aplicados de forma *on-line*, pelo uso da ferramenta Google Docs ®², com o retorno de 55 respondentes dos quais somente 36 questionários foram válidos.

Para facilitar a aproximação com os empreendedores rurais, uma página no *Facebook* foi aberta para a divulgação do tema “empreendedorismo no meio rural”, que também serviu de canal de comunicação divulgando cursos e palestras e comunicados dos órgãos públicos e privados (sindicatos, prefeituras e agricultores) divulgando treinamentos e ações entre os grupos. Por fim, o questionário também foi aplicado em campo, onde foi possível apresentar a pesquisa e aplicar o questionário para empreendedores localizados em regiões mais distantes dos centros urbanos. Os questionários aplicados em campo foram: Ibiúna com 113 respondentes, Piedade com 79 respondentes e São Roque com 32 respondentes. Totalizando

224 questionários. Os questionários autoadministrados com 55 respondentes, destes apenas 36 foram válidos. Contabilizando um total de 260 questionários válidos.

4.3.2.4 Variáveis do modelo estrutural

Para um melhor entendimento da construção do modelo estrutural e de mensuração analisado por este estudo, a Tabela 4.2 identifica as variáveis latentes não observáveis e os indicadores que formam as variáveis.

Tabela 4.2: Identificação das variáveis e indicadores

Variáveis	Sigla	Indicadores
Paixão	P1	Realizo meu trabalho com dedicação (paixão).
	P2	Sinto prazer em fazer o meu trabalho de forma bem-feita.
	P3	Sinto-me envolvido pelo trabalho que realizo.
	P4	Apaixonado-me pelos trabalhos que realizo.
	P5	Realizo meu trabalho com paixão.
Inovação	I1	Sou uma pessoa inovadora.
	I2	Sou uma pessoa com muita imaginação.
	I3	Sinto prazer em atividades que exigem imaginação e criatividade.
	I4	Sinto-me bem criando coisas novas.
	I5	Sou apaixonado por novas ideias.
Liderança e Gerenciamento	L1	Sinto que possuo a habilidade de gerenciar pessoas.
	L2	Geralmente, prefiro liderar os grupos ou pessoas que eu conheço.
	L3	Sou capaz de motivar as pessoas para realizarem tarefas difíceis.
	L4	Tenho capacidade de estimular pessoas a trabalharem em grupo.
	L5	Acredito ser capaz de organizar as tarefas de um grupo.
Acesso à Capital	AC1	Percebo facilidade em obter recurso rapidamente.
	AC2	Percebo a possibilidade de ter acesso à capital ou recursos para abrir um negócio.
	AC3	Tenho contatos que financiariam meu próprio negócio.
	AC4	Conheço pessoas que poderiam me ajudar com dinheiro para eu abrir meu negócio.
	AC5	Tenho como conseguir um empréstimo para abrir um novo negócio.
Rede de Relacionamento	RL1	Sei a quem posso recorrer para abrir um negócio.
	RL2	Consigo encontrar pessoas que possam facilitar a realização dos meus projetos/trabalho.
	RL3	Procuro manter (contatos) redes de relacionamentos com as pessoas que sei que podem ser úteis para mim.
	RL4	Possuo muitos contatos que poderia me auxiliar na abertura de um negócio.
	RL5	Se eu fosse abrir um negócio, saberia exatamente com quem eu entraria em contato para ser meu sócio.

Oportunidade	O1	Consigo detectar as possíveis oportunidades do mercado.
	O2	Tenho a capacidade de obter lucro ao identificar uma oportunidade de negócio.
	O3	Consigo identificar a oportunidade de um negócio lucrativo.
	O4	Encaro as necessidades alheias (dos outros), como oportunidades de negócio.
	O5	Sinto-me interessado a identificar oportunidades de negócio.
Risco	R1	Correr risco no trabalho é algo inevitável, mas eu enfrentaria os riscos.
	R2	Sou corajoso e não tenho medo de abrir um negócio, mesmo com todo o risco.
	R3	Tenho disposição a correr riscos relacionados aos negócios.
	R4	Eu faria uma dívida de longo prazo para investir em uma oportunidade de negócio.
	R5	Eu abriria um negócio inovador apesar da insegurança.
Comportamento Empreendedor	CE1	Tenho um desejo de um dia abrir minha própria empresa.
	CE2	Eu gostaria de investir em um negócio, se eu tivesse dinheiro e recursos.
	CE3	Sinto-me empolgado com a ideia de ter meu próprio negócio.
	CE4	Caso fosse lucrativo, eu teria a intenção de iniciar um negócio.
	CE5	Tenho vontade de transformar minhas ideias em negócios.

Fonte: Elaborada pela Autora (2020)

Após a coleta de dados, foram verificadas e mensuradas a relação de causalidade entre as variáveis, bem como a estimação do modelo. O modelo proposto será apresentado na figura 4.5.

4.3.2.5 Modelagem de equações estruturais (MEE)

Para testar as relações propostas neste estudo, foi utilizada a técnica de Structural Equation Modeling (SEM), que é um procedimento estatístico para testar hipóteses quanto a relações entre variáveis latentes e observadas.

Segundo Hair *et al* (2009), uma modelagem de equações estruturais (SEM) é uma técnica estatística que permite separar relações para cada conjunto de variáveis dependentes, é uma extensão de diversas técnicas multivariadas, mais precisamente de análise fatorial que examina uma série de relações de dependência simultaneamente, sendo extremamente útil para analisar relações de dependência entre as variáveis. Também é importante mencionar que a característica que distingue a SEM de outras técnicas estatísticas é sua capacidade de executar todos as relações, ao mesmo tempo que apresenta o fenômeno (Hair, Hult, Ringle & Sarstedt, 2014).

A compreensão da técnica SEM demanda conceituação de elementos fundamentais para a sua aplicação, como teoria da mensuração, teoria estrutural e variáveis, e as abordagens

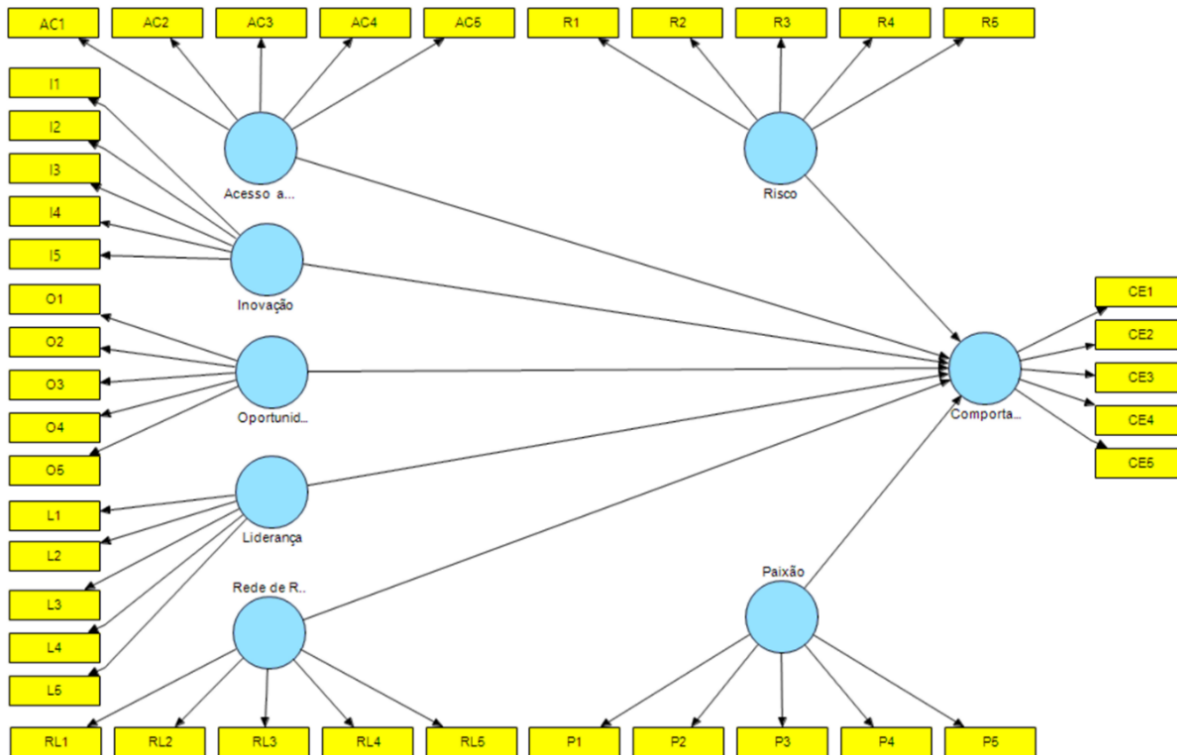
baseadas em Covariância (*Covariance-Based* – CB-SEM) e Mínimos Quadrados Parciais – (*Partial Least Square* PLS-SEM).

O PLS -SEM não requer dados normalmente distribuídos e o tamanho de amostra menores são considerados adequados. Além disso, a abordagem PLS-SEM procura maximizar a precisão de previsão (R^2) das variáveis endógenas, ao mesmo tempo que permite a retenção demais indicadores para cada construto (Astrachan, Patel & Wanzenried, 2014; Hair et al., 2014, p.48).

Embora a abordagem PLS-SEM não exija que os seus dados sejam normalmente distribuídos, justifica-se a análise de normalidade posto que uma amostra com acentuada irregularidade em sua distribuição diminui a probabilidade de relações serem tidas como significativas, principalmente com o uso da técnica *bootstrapping*. Desta forma, o teste de normalidade inclui não somente o teste de Kolmogorov-Smirnov e de Shapiro Wilk, mas também os testes de assimetria e curtose. O teste clássico de Kolmogorov-Smimov, indica se existe ou não normalidade. Já os testes de assimetria e curtose são mais adequados porque o coeficiente de assimetria identifica o desvio de uma distribuição em relação a uma distribuição simétrica e a curtose informa a altura e a nitidez do pico central, em relação a uma curva de sino padrão. Sua análise é feita da seguinte forma, na assimetria, se o número for maior que +1 ou menor que -1, indica uma distribuição substancialmente distorcida. Na curtose, se um número for maior que +1, a distribuição é muito alta ou -1 muito plana. Para ambos (curtose e assimetria), valores próximos de 0 indicam normalidade nos dados; valores superiores a +1 e inferiores a -1 representam dados que apresentam elevados índices de não normalidade (Hair et al., 2014; Trigo, 2017).

O modelo proposto neste estudo, apresentado na figura 4.5, é constituído por variáveis latentes (não observadas) e os seus respectivos indicadores reflexivos (variáveis observadas). Tal modelo utilizou o *software* SmartPLS® v.3.2.9 para ambiente operacional Windows 10®.

Figura 4.5: Modelo de equações estruturais



Fonte: Imagem extraída do *software* SmartPLS® 3.0 em janeiro 2020.

A análise fatorial confirmatória (AFC) foi utilizada no estudo para ajustes do modelo, que tem como objetivo correlacionar os fatores do modelo. Como pode ser observado na figura 4.5, o modelo proposto é reflexivo, o que permite analisar a “confiabilidade composta” que avalia a consistência interna, a “confiabilidade do indicador individual” e a “variância média extraída” (AVE) que avalia a validade convergente (Hair, et al., 2014; Henseler, Ringle & Sinkovics, 2009; Ringle, Da Silva & Bido, 2014). Desta forma, este estudo seguiu os seguintes parâmetros:

- (1) **Validade convergente:** a carga fatorial dos indicadores é analisada e os mesmos precisam ser maiores que 0,7 assim a AVE – variância média extraída (elevando ao ², ficará 0,49 sendo próximo a 0,5 (Hair et al., 2014).
- (2) **Validade discriminante no nível dos itens:** a validade discriminante das cargas cruzadas é analisada da seguinte maneira, a carga fatorial mais baixa da sua variável

latente deve ser maior do que a carga fatorial dos outros indicadores das demais variáveis latentes (Chin, 1998).

- (3) **Validade discriminante no nível das variáveis latentes:** observa-se as correlações entre as variáveis que devem ser menores do que a raiz quadrada da variância média extraída, ou seja, a raiz quadrada das AVEs devem ser maiores que as correlações dos constructos (Fornell & Larcker, 1981).
- (4) **Confiabilidade composta:** como critério para confiabilidade assume-se que seja maior que 0,7 ou seja, $CC > 0,70$ (Hair et al., 2014).

Desta forma, a pesquisa em questão considerou mais adequada a técnica baseada em variância conhecida como *partial least square* (PLS). O modelo apresentado foi operacionalizado no *software* SmartPLS®, onde um tópico com a análise dos dados e resultados da fase quantitativa é apresentada no decorrer do texto.

4.3.3 MÉTODO QUALITATIVO

A segunda etapa do estudo é exploratória de natureza qualitativa e foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas que buscou aprofundar os resultados da primeira etapa. O uso do método qualitativo se deu pela busca em profundidade de significados, percepções e conhecimentos em relação a possíveis barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor na região metropolitana de Sorocaba. Neste tipo de abordagem, o investigador estuda os fenômenos no seu contexto real, em busca de possíveis interpretações em termos de significado atribuídos a eles (Denzin & Lincoln, 2000).

De acordo com Creswell (2010 p. 206), “a investigação qualitativa é feita por diferentes concepções filosóficas; estratégias de investigação, e método de coleta, análise e interpretação dos dados”, baseado em análise de dados de texto e imagens. O estudo é considerado de carácter exploratório, porque possibilita uma compreensão mais adequada da realidade, buscando conhecer a variável do estudo tal como se manifesta (Piovesan & Temporini, 1995). Desta forma, o estudo buscou identificar comportamentos de determinada população de agricultores rurais nos municípios de Ibiúna (SP), São Roque (SP) e Piedade (SP).

4.3.3.1 Instrumento de coleta de dados

Para que fosse possível se aprofundar nos resultados da primeira etapa (estudo quantitativo), os dados coletados na primeira serviram de base para a formulação de um roteiro semiestruturado de entrevistas que teve como característica principal a possibilidade de realizar questionamentos apoiados a teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa.

Nesta perspectiva o roteiro de entrevistas (Apêndice B) contemplou perguntas visando aprofundar os resultados da análise do estudo quantitativo relacionados as dimensões: comportamental (paixão, inovação e liderança), dimensão social (acesso à capital e rede de relacionamento), dimensão contextual (oportunidade e risco) e a dimensão de intenção, relacionada ao comportamento empreendedor).

Para chegar nessa versão final do instrumento foi realizado um pré-teste com especialistas da área que contribuíram para as devidas adequações e posterior validação.

O instrumento foi validado por uma professora especialista na área, com Pós Doutorado na linha de Empreendedorismo e Competências Empreendedoras na FGV-SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Nove de Julho - UNINOVE/SP, pesquisadora e Líder de linha de Empreendedorismo e Pequenos Negócios (EPN). Atua como docente nas disciplinas de Fronteira do Conhecimento em Empreendedorismo. Editora da REGEPE - Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas desde 2017. Fundadora e Presidente da Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - ANEGEPE de 2011 até 2016.

Posteriormente, para adaptar a linguagem dos empreendedores rurais, o instrumento foi validado por um agricultor, filho de agricultores e hoje presidente de uma das cooperativas da região com mais de 40 anos de experiência na área e que conhece o dia a dia dos empreendedores.

4.3.3.2 Estratégia de coleta de dados

A fase de coleta de dados se deu por meio da aplicação do instrumento de pesquisa definido previamente, realizado por meio de um pré-teste, que resultou em alterações diversas alterações que aprimoraram o instrumento no que tange à estruturação, vocabulário e ordem das questões, o que facilitou a aplicação do roteiro. Com o instrumento já ajustado, foram

realizadas entrevistas com informantes-chave, selecionados de forma intencional, considerando como critério sua representatividade no setor rural ou vinculado ao setor.

Nesta fase, foram selecionados dois representantes por região, um total de 6 representantes. Os entrevistados que fizeram parte desta pesquisa foram: (3) representantes de cooperativas/associações, (1) representante de empresa agrícola (1) representante do sindicato e (1) representantes da prefeitura. O critério de seleção dos representantes se deu, principalmente, pela experiência na área que pode ser comprovada pelo tempo de atuação e pela função exercida. Nas cooperativas da região, a função de gerente de compras, da autonomia de inspecionar a produção dos empreendedores e até influenciar na estratégia de produção, já que possui programação de compras e liberdade de escolher os melhores produtos entre os cooperados. Por isso, que para exercer essa função, o gerente de compras, precisa ser formado em agronomia.

Para preservar o anonimato dos respondentes, a identificação foi realizada por meio das categorias. A categoria da primeira coluna da figura 4.6, refere-se à região em que o entrevistado atua, exemplo: IB1 (Ibiúna – 1º. Entrevistado) e IB2 (Ibiúna – 2º. Entrevistado). As demais regiões são: São Roque (SR) e Piedade (PI).

Figura 4.6 – Lista dos Entrevistados

Categoria	Instituição	Região	Cargo do Entrevistado	Tempo de atuação na área	Tipo de entrevista
IB1	Cooperativa Agrícola	Ibiúna	Engenheiro Agrônomo	10 anos	Gravada/Transcrita
IB2	Prefeitura Casa da Agricultura	Ibiúna	Engenheiro Agrônomo (Técnico Agrícola)	18 anos	Gravada/Transcrita
SR1	Associação Agrícola	São Roque	Presidente da Associação	20 anos	Gravada/Transcrita
SR2	Empresa Agrícola	São Roque	Gerente de Compras (Engenheiro Agrônomo)	15 anos	Gravada/Transcrita
PI1	Cooperativa Agrícola	Piedade	Gerente de Compras (Engenheiro Agrônomo)	14 anos	Escrita
PI2	Prefeitura Casa da Agricultura	Piedade	Engenheiro Agrônomo (Técnico Agrícola)	12 anos	Escrita

Fonte: Elaborada pela Autora (2020)

Os dados primários foram coletados por meio das entrevistas semiestruturadas com os representantes, solicitando aprovação por escrito para a gravação das entrevistas e posterior transcrição, respeitando o anonimato do participante.

4.3.3.3 Técnica para análise e interpretação dos dados

Para a análise dos dados seguiu o método da análise de conteúdo, uma técnica da análise qualitativa. A proposta foi criada por Bardin (2008), por volta da década de 70, a proposta parte de três fases, ou processos necessários para a sua realização: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Bardin, 2008).

A pré-análise e organização do material analisado que tem por finalidade torná-lo operacional, sistematizando as ideias preliminares. A exploração do material, que corresponde a segunda fase da análise compreendeu a elaboração das (risco, acesso à capital, inovação, oportunidade, liderança e gerenciamento, rede de relacionamento, paixão e comportamento empreendedor). A terceira fase se deu, por meio, do tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Nesta etapa, os dados são tratados e as informações condensadas.

Como afirma Chizzotti (2006, p. 98), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

4.4 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO DA FASE QUANTITATIVA

Neste capítulo, serão apresentados os resultados e discussões da fase quantitativa do estudo.

4.4.1.1 Análise descritiva

Na descrição do universo da amostra, os dados consideraram uma população agrícola de cerca de 1576 agricultores cadastrados, deste total 279 responderam o questionário, dos quais foram considerados válidos 260 questionários. Dos 260 questionários, 224 foram aplicados e 36 obtidos por meio dos questionários autoadministrados (online). O período do levantamento ocorreu no entre os meses de julho de 2018 a março de 2019.

Quanto ao gênero dos entrevistados, o sexo masculino representou 82,2% da amostra, do restante, 17% foram mulheres e apenas 0,8% LGBT. Existe uma variação entre a idade dos respondentes, pois 140 respondentes possuem mais de 46 anos, do restante, 53 respondentes estão na faixa dos 36 aos 45 anos, 36 respondentes na faixa dos 18 aos 25 anos e apenas 31 respondentes na faixa dos 26 aos 35 anos, conforme apresentado na Tabela 4.3.

Tabela 4.3: Caracterização dos respondentes (idade, gênero e localização)

<i>Caracterização dos Respondentes</i>			
		No.	%
<i>Idade</i>	De 18 a 25 anos	36	13,8%
	De 26 a 35 anos	31	11,9%
	De 36 a 45 anos	53	20,4%
	De 46 a 55 anos	84	32,3%
	De 56 ou mais	56	21,5%
		260	100%
<i>Gênero</i>	Masculino	218	82,2%
	Feminino	40	17,0%
	LGBT	2	0,8%
		260	100%
<i>Localização</i>	Ibiúna, SP	139	53,5%
	São Roque, SP	32	13,3%
	Piedade, SP	79	32,9%
	Outras regiões	10	4,2%
		260	100%

Fonte: Elaborada pela Autora (2020)

O maior número de respondente foi identificado em Ibiúna, polo agrícola da região com 139 respondentes, seguido de Piedade com 79 e São Roque com 32 entrevistados. Outras regiões como Sorocaba e Vargem Grande Paulista, tiveram 10 respondentes, conforme apresentado na tabela 4.3.

Os resultados da distribuição do nível de escolaridade apontam para um bom nível de escolaridade entre os agricultores, com somente 2% da amostra ainda não alfabetizada. É importante destacar que do nível técnico ao nível pós graduação, somam 75 entrevistados, 29% da amostra. O que significa que os agricultores estão buscando aperfeiçoamento profissional.

Outro fator importante é o nível de respondentes com ensino médio completo, 83 entrevistados, um percentual de 31,9% da amostra. O ensino fundamental é o que mais preocupa, temos 74 respondentes (31 respondentes – 1º. Grau Incompleto, 4 respondentes – 1º.

Grau Cursando e 39 respondentes – 1º. Grau Completo). Os resultados estão descritos na tabela 4.4.

Tabela 4.4: Caracterização dos Respondentes (escolaridade)

<i>Caracterização dos Respondentes</i>				
	No.	%	%	
<i>Escolaridade</i>	Analfabeto	5	1,9%	
	Ensino Fundamental (1º.Grau) Incompleto	31	11,9%	
	Ensino Fundamental (1º. Grau) Cursando	4	1,5%	
	Ensino Fundamental (1º. Grau) Completo	39	16,0%	
	Ensino Médio (2º. Grau) Incompleto	19	7,3%	40.7%
	Ensino Médio (2º. Grau) Cursando	4	1,5%	
	Ensino Médio (2º. Grau) Completo	83	31,9%	
	Curso Técnico	35	13,5%	29.0%
	Superior Incompleto	19	7,3%	
	Superior Completo	19	7,3%	
	Pós-Graduação	2	0,9%	
		260	100%	100%

Fonte: Elaborada pela Autora (2020)

4.4.1.2 Análise exploratória do banco de dados

Seguindo os aspectos apresentados na metodologia, inicialmente foi feito o teste do tamanho da amostra, utilizando o software G*Power, versão 3.1.9 e os valores do tamanho do efeito 0,15 (valor médio) e power (poder do teste) de 0,80, recomendados por (Cohen, 1988). Visto que o tamanho da amostra atende ao propósito da pesquisa, antes da avaliação do modelo PLS-SEM, deve-se avaliar a distribuição dos dados, por meio do teste de normalidade.

4.4.1.3 Teste de Normalidade

O teste de normalidade, conhecido como teste Kolmogorov-Smirnov é utilizado para a verificação da aderência dos dados à distribuição normal com o objetivo de escolher os testes estatísticos mais adequados ao seu estudo (teste paramétricos ou não-paramétricos).

Sua análise foi realizada por meio do *software* IBM® SPSS® Statistics, versão 23 e se encontra no (Apêndice C) do estudo. Sua normalidade seguindo os conceitos de Kolmogorov-Smirnov resultou significativa ($p < 0,05$) para todas as variáveis analisadas, o que indica a não aderência das mesmas à distribuição normal.

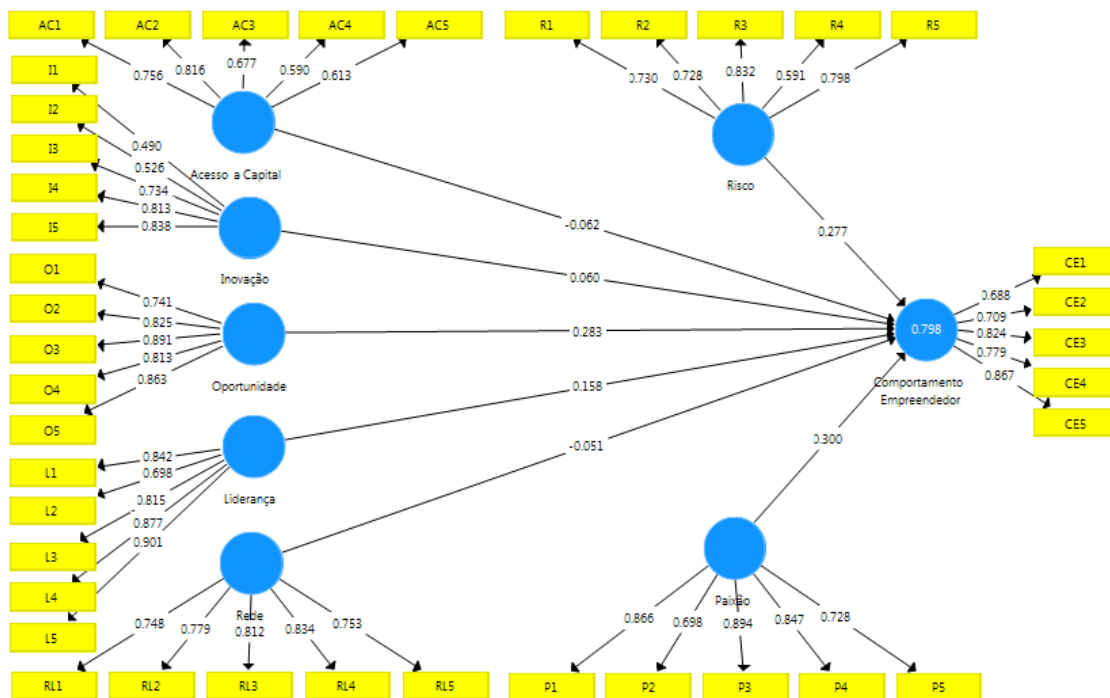
Os valores da assimetria variam de |0,019| a |-1,888|, indicando valores inferiores a |3|, o que é considerada uma medida limite para assimetria (Hair, Black, Babin, Anderson & Tatham, 2009).

Os valores da curtose variam de |4,645| a |-1,533| indicando valores inferiores a |10|, que é considerada uma média limite para a curtose (Hair et al., 2009).

4.4.1.4 Análise Fatorial Exploratória

Para a realização dos ajustes do modelo, foi realizado inicialmente a análise fatorial confirmatória (AFC) (Ringle, Da Silva & Bido, 2014). O modelo de mensuração é representado pelos constructos, Risco, Acesso a Capital, Inovação, Oportunidade, Liderança, Rede de Relacionamento, Paixão e Comportamento Empreendedor. O modelo foi analisado seguindo os critérios de confiabilidade do indicador, confiabilidade composta e validade convergente (Hair, et al., 2014).

Figura 4.5: Modelo 1 de equações estruturais



Fonte: Imagem extraída do *software SmartPLS® 3.0* em janeiro 2020.

A primeira etapa da análise foi realizar os ajustes do modelo, primeiro avaliando o modelo de mensuração para que em seguida fosse avaliado o modelo estrutural (Ringle, Da Silva & Bido, 2014).

De acordo com os resultados apresentados na primeira imagem extraída do SmartPLS (figura 4.5), o item I1 da variável Inovação apresenta baixa credibilidade individual e será removido. Este procedimento é denominado como depuração de itens (Chin, 1998; Hair et al., 2014).

O item I1 da variável Inovação que traz a afirmação “sou uma pessoa inovadora”, foi removido do modelo provavelmente pelo fato de os respondentes não se identificarem como uma pessoa inovadora. Seguindo a análise, a tabela 4.5, apresenta os principais resultados da primeira rodada.

4.4.1.4.1 Análise de Validade de Convergência

Em continuidade a análise do modelo, a validade convergente foi avaliada a partir da variância média extraída por constructo (AVE) que busca mensurar a comunalidade entre eles e das cargas externas. Já a confiabilidade composta beneficia indicadores segundo sua confiabilidade, possibilitando uma composição confiável do modelo (Henseler, Ringle & Sinkovics, 2009). Neste sentido, a tabela 4.5, representa a primeira imagem de saída dos resultados das AVE's no *software* SmartPLS.

Tabela 4.5: Medidas de validade e confiabilidade

	Variância Média Extraída (AVE)	Confiabilidade composta	Alfa de Cronbach
Acesso a Capital	0.484	0.822	0.745
Comportamento Empreendedor	0.603	0.883	0.834
Inovação	0.484	0.817	0.733
Liderança	0.688	0.916	0.885
Oportunidade	0.686	0.916	0.884
Paixão	0.657	0.905	0.868
Rede de Relacionamento	0.618	0.890	0.845
Risco	0.548	0.857	0.790

Fonte: Saída do *software* SmartPLS

Seguindo o critério de Fornell e Larcker (1981), os valores das AVEs precisam ser maiores que 0,50 ($AVE > 0,50$), mas é possível observar que os valores das AVE's que

representam as variáveis de “acesso a capital e inovação” não estão dentro do esperado, desta forma, novos ajustes serão realizados.

Para os devidos ajustes do modelo, na tabela 4.6 apresenta as variáveis que foram removidas do modelo.

Tabela 4.6: Variáveis que foram removidas

I1 (Inovação)	0,490
I2 (Inovação)	0,521
AC4 (Acesso a Capital)	0,590
R4 (Risco)	0,591
AC5 (Acesso a Capital)	0,597
P2 (Paixão)	0,698
R1 (Risco)	0,754

Fonte: Dados da pesquisa

Os próximos itens que foram removidos do modelo foram: o item I2 da variável Inovação e o item AC4 da variável acesso a capital. O segundo item removido da variável inovação, “sou uma pessoa com muita imaginação” também reflete a explicação do primeiro item da variável, os agricultores não se veem como inovadores ou possuidores de “muito imaginação”, mesmo que seja possível observar diferentes projetos e ações que comprovem ao contrário. Na sequência, a variável acesso a capital AC4, cujo item descreve, “conheço pessoas que poderiam me ajudar com dinheiro para eu abrir meu negócio”, também removido do modelo.

A tabela 4.6 representa o modelo após as três primeiras remoções, a Variação Total Explicada na variável Acesso a Capital subiu para 53% e para 55% na variável Risco, tornando possível o modelo.

Tabela 4.7: Medidas de validade e confiabilidade após ajustes

	Variância Média Extraída (AVE)	Confiabilidade composta	Alfa de Cronbach
Acesso a Capital	0.527	0.814	0.708
Comportamento			
Empreendedor	0.603	0.883	0.834
Inovação	0.668	0.857	0.757
Liderança	0.688	0.916	0.885
Oportunidade	0.686	0.916	0.884
Paixão	0.657	0.905	0.868
Rede	0.618	0.890	0.845
Risco	0.548	0.857	0.790

Fonte: Saída do *software* SmartPLS, após ajustes.

Os dados da tabela 4.7 e que foram obtidos com a análise do software SmartPLS podem ser considerados aceitáveis em estudos exploratórios. A confiabilidade composta está dentro do esperado que dever ser $>0,7$ e o Alfa de Cronbach também, valores que podem ser considerados como aceitais (Hair et al., 2014). De qualquer forma, novos ajustes continuarão sendo realizados.

4.4.1.4.2 Análise de Validade Discriminante

Para avaliar a validade discriminante foi utilizado o critério de Fornell e Larcker (1981), que indica que o construto deve compartilhar mais variância com seus indicadores do que com os outros construtos do modelo (Hair et al., 2014).

Como pode ser observado na figura 4.7 os valores na diagonal destacados representam a raiz quadrada da AVE, e as que estão em vermelho são valores das correlações entre as variáveis que possuem valor elevado.

Tabela 4.8: Validade discriminante

	Acesso a Capital	Comportamento Empreendedor	Inovação	Liderança	Oportunidade	Paixão	Rede	Risco
Acesso a Capital	0.728							
Comportamento Empreendedor	0.633	0.858						
Inovação	0.556	0.762	0.884					
Liderança	0.703	0.748	0.675	0.870				
Oportunidade	0.769	0.799	0.667	0.754	0.860			
Paixão	0.675	0.842	0.802	0.761	0.772	0.900		
Rede	0.719	0.583	0.509	0.646	0.653	0.601	0.786	
Risco	0.622	0.738	0.673	0.677	0.684	0.732	0.573	0.826
Confiabilidade composta	0.814	0.883	0.857	0.916	0.916	0.905	0.890	0.857 >0,7
Variância Média Extraída (AVE)	0.527	0.603	0.668	0.688	0.686	0.657	0.618	0.548 >0,5

Nota: As diagonais em destaque apresentam a raiz quadrada da AVE e os demais dados representam as correlações

Fonte: Saída do *software* SmartPLS

A tabela 4,8, representa a análise discriminante do modelo estrutural e foi realizada seguindo dois critérios. O primeiro critério seguiu a proposta de Fornell e Larcker (1981), cuja validade discriminante é analisada no nível das variáveis latentes, busca observar as correlações entre as variáveis que devem ser menores do que a raiz quadrada da variância média extraída, ou seja, a raiz quadrada das AVEs devem ser maiores que as correlações dos constructos. O segundo método visa verificar se as variáveis de cada constructo tem suas maiores cargas fatoriais no constructo original (Ringle, Da Silva & Bido, 2014).

A tabela 4.9, apresenta as variáveis que foram removidas do modelo, seguindo os critérios de Fornell e Larcker (1981). Nesta etapa, foram extraídos indicadores com carga fatorial abaixo de 0,70, já que a AVE é o resultado da média das cargas fatoriais ao quadrado.

Tabela 4.9: Variáveis removidas do modelo - AVE

AC3 (Acesso a Capital)	0,629
AC5 (Acesso a Capital)	0,597
CE1 (Comportamento Empreendedor)	0,688
L2 (Liderança)	0,698
P2 (Paixão)	0,698
R4 (Risco)	0,591

Fonte: Dados da pesquisa

Mesmo removendo as variáveis do Tabela 4.10, ainda assim foi possível observar cargas cruzadas com valores mais altos que as cargas fatoriais, algumas na ordem de 0.7, desta forma, utilizando o segundo critério, novos ajustes foram realizados eliminando as variáveis do quadro 4.4.

Tabela 4.10: Variáveis que foram removidas para o ajuste das cargas cruzadas

CE2 (Comportamento Empreendedor)	0,721
I3 (Inovação)	0,720
O1 (Oportunidade)	0,740
P5 (Paixão)	0,714
R1 (Risco)	0,752
CE4 (Comportamento Empreendedor)	0,780

Fonte: Dados da pesquisa

Segundo de Souza Bido e da Silva (2019), pode ocorrer que mesmo confirmando a validade discriminante, ainda ocorram altas correlações (cargas fatoriais na diagonal e fora da diagonal), algumas na ordem de 0.7, o que é coerente devido as altas correlações entre as variáveis latentes (VL). Resultados similares foram observados no estudo de aprendizagem de Menezes, Guimarães e Bido (2011).

Após os ajustes, a tabela 4.11 corresponde a análise da validade discriminante que apresenta a carga fatorial mais baixa que a sua variável latente e maior do que a carga fatorial dos demais indicadores e suas respectivas VLs (Chin, 1998). Demonstrando assim a validade discriminante do modelo.

Tabela 4.11: Validade discriminante, *crossloadings* (final)

	Acesso a Capital	Comportamento Empreendedor	Inovação	Liderança	Oportunidade	Paixão	Risco	Rede
AC1	0.882	0.534	0.503	0.598	0.624	0.609	0.535	0.480
AC2	0.870	0.511	0.445	0.576	0.735	0.536	0.523	0.503
CE3	0.541	0.922	0.583	0.650	0.716	0.715	0.644	0.559
CE5	0.568	0.939	0.751	0.719	0.752	0.829	0.690	0.591
I4	0.532	0.674	0.899	0.592	0.628	0.756	0.613	0.425
I5	0.420	0.599	0.870	0.603	0.546	0.656	0.578	0.481
L1	0.480	0.559	0.513	0.845	0.554	0.544	0.515	0.528

L3	0.580	0.533	0.578	0.819	0.573	0.612	0.530	0.490
L4	0.647	0.689	0.598	0.889	0.735	0.702	0.631	0.564
L5	0.612	0.748	0.648	0.921	0.731	0.761	0.665	0.646
O2	0.736	0.532	0.452	0.598	0.814	0.569	0.524	0.485
O3	0.739	0.670	0.566	0.658	0.901	0.670	0.658	0.603
O4	0.597	0.669	0.516	0.602	0.844	0.634	0.523	0.550
O5	0.621	0.800	0.714	0.722	0.879	0.756	0.639	0.593
P1	0.568	0.814	0.772	0.692	0.719	0.906	0.711	0.604
P3	0.583	0.716	0.735	0.683	0.698	0.920	0.696	0.499
P4	0.619	0.710	0.648	0.681	0.666	0.874	0.565	0.512
R2	0.487	0.482	0.517	0.466	0.495	0.526	0.802	0.327
R3	0.578	0.673	0.576	0.653	0.670	0.672	0.848	0.593
R5	0.421	0.596	0.571	0.538	0.512	0.600	0.826	0.469
RL1	0.494	0.490	0.448	0.529	0.514	0.483	0.536	0.739
RL2	0.402	0.494	0.488	0.590	0.470	0.500	0.520	0.768
RL3	0.444	0.462	0.375	0.496	0.548	0.472	0.403	0.821
RL4	0.476	0.543	0.369	0.521	0.575	0.494	0.393	0.843
RL5	0.378	0.431	0.318	0.389	0.451	0.406	0.416	0.756

Fonte: Saída do *software* SmartPLS

Após retirar as variáveis, novos valores das AVEs passaram a ser observados. Na tabela 4.9, os menores valores estão entre 0,618 e 0,682, que mesmo assim confirmam a $AVE > 0,5$. O mesmo ocorreu com a confiabilidade composta que atingiu o esperado com cargas fatoriais $> 0,7$.

Tabela 4.12: Validade discriminante, confiabilidade composta e AVE

	Acesso a Capital	Comportamento Empreendedor	Inovação	Liderança	Oportunidade	Paixão	Rede	Risco	
Acesso a Capital	0.876								
Comportamento Empreendedor	0.597	0.931							
Inovação	0.542	0.722	0.884						
Liderança	0.670	0.737	0.675	0.870					
Oportunidade	0.774	0.790	0.666	0.755	0.860				
Paixão	0.654	0.833	0.801	0.762	0.773	0.900			
Rede	0.560	0.619	0.510	0.646	0.653	0.601	0.786		
Risco	0.603	0.718	0.674	0.680	0.686	0.734	0.577	0.826	
Confiabilidade composta	0.869	0.928	0.878	0.925	0.919	0.927	0.890	0.865	>0,7
Variância Média Extraída (AVE)	0.768	0.866	0.782	0.756	0.740	0.810	0.618	0.682	>0,5

Nota 1: Valores na diagonal (raiz quadrada da AVE), são maiores que as correlações entre as VL (valores fora da diagonal), o que indica validade discriminante.

Nota 2: Todas as correlações são significantes a 1%.

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

A análise estrutural indicou três caminhos significativos entre os constructos do modelo (Apêndice D), cujo resultados são apresentados na Tabela 4.12.

Para avaliar o nível de colinearidade, foi calculado a *Variance Inflation Factor* (VIF), cujos valores indicam um problema de colinearidade quando são superiores a 5,00 (Hair et al., 2014). O que neste estudo não foi detectado.

Tabela 4.13: Indicadores estruturais finais

	Hipóteses	VIF	f ²	Coefficiente estrutural	Erro Padrão	Valor-t	R ² ajustado	Valores-p	Resultado
Risco -> Comportamento Empreendedor	H1 (-)	2.6	0,027	0.126	0,069	1.82		0,069	Rejeitada
Acesso a Capital -> Comportamento Empreendedor	H2 (+)	2.6	0,037	-0.149	0,057	2.61		0,009	Confirmado
Inovação -> Comportamento Empreendedor	H3 (-)	3.0	0,005	0.061	0,064	0.95		0,345	Rejeitada
Oportunidade -> Comportamento Empreendedor	H4 (+)	4.1	0,128	0.349	0,085	4.10	0.764	0,000	Confirmado
Liderança -> Comportamento Empreendedor	H5 (-)	3.2	0,012	0.095	0,068	1.38		0,166	Rejeitada
Rede -> Comportamento Empreendedor	H6 (-)	2.0	0,009	0.063	0,043	1.47		0,142	Rejeitada
Paixão -> Comportamento Empreendedor	H7 (+)	4.5	0,163	0.410	0,088	4.68		0,000	Confirmado

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

O f² ou indicador de Cohen, avalia a utilidade do construto para o modelo, os valores de 0,02, 0,15 e 0,35 são consideradas pequenos, médios e grandes (Hair et al., 2014; Ringle, Da Silva & Bido, 2014). Os valores mais baixos da análise foram 0,005 da variável inovação e 0,009 da variável rede (ambas hipóteses rejeitadas) e os valores mais expressivos foram 0,128 da variável oportunidade e 0,163 da variável paixão (ambas hipóteses confirmadas).

Os valores dos testes “*T-student* e *p-valor*”, permite examinar a estabilidade na qual as estimativas foram oferecidas no PLS (Chin, 1998). São considerados como significantes o valor do índice *T-student* superior a 1,96 e *p-valor* inferiores à 0.05 para hipótese de duas caudas (Hair et al., 2014). As hipóteses do modelo, confirmam significância nos construtos acesso a capital, oportunidade e paixão em relação ao comportamento empreendedor.

A avaliação dos coeficientes de determinação de Pearson R², avalia a porção da variância das variáveis endógenas que é explicada pelo modelo estrutural ou seja, indica a qualidade do modelo ajustado (Ringle, Da Silva & Bido, 2014). Cohen (1988), sugere em estudos das ciências sociais e comportamentais, que o R²=2% seja classificado como efeito pequeno, que R²=13% como efeito médio e que o R²=26% seja com efeito grande. Avaliando o modelo e seguindo as orientações desse autor é classificar como um R² de efeito grande. Esse

resultado pode ser considerado interessante, uma vez que está sendo explicado por apenas 3 hipóteses (H2, H4 e H7) das 7 hipóteses do modelo.

A técnica *blindfolding* utilizada somente para o constructo endógeno, representa uma média de quão bom o modelo do caminho pode prever os valores inicialmente observados. O constructo endógeno “comportamento empreendedor”, representou o valor Q^2 de 0,650, valor maior que zero, o que identifica a existência de relevância preditiva do modelo em relação às variáveis latentes endógenas. A versão final do modelo, por motivo de espaço, está representada na Figura 4.8 no Apêndice D deste estudo.

4.4.1.5 Resultado das hipóteses testadas

A tabela 4.14, apresenta o resumo das hipóteses confirmadas e rejeitadas pelo modelo.

Tabela 4.14: Resultado das hipóteses testadas

	Hipóteses	Resultado
Risco -> Comportamento Empreendedor	H1 (-)	Rejeitada
Acesso a Capital -> Comportamento Empreendedor	H2 (+)	Confirmada
Inovação -> Comportamento Empreendedor	H3 (-)	Rejeitada
Oportunidade -> Comportamento Empreendedor	H4 (+)	Confirmada
Liderança -> Comportamento Empreendedor	H5 (-)	Rejeitada
Rede -> Comportamento Empreendedor	H6 (-)	Rejeitada
Paixão -> Comportamento Empreendedor	H7 (+)	Confirmada

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Conforme apresentado na tabela 4.14, as hipóteses confirmadas são: H2, H4 e H7. A hipótese H2 da variável **acesso a capital**, com a descrição “Há uma relação positiva entre acesso à capital e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais?”, representando a facilidade de acesso a capital pelos empreendedores, seja para a manutenção dos seus empreendimentos ou para a abertura de um novo negócio.

Resultado que vai ao encontro da próxima hipótese confirmada, a H4 da variável **oportunidade**, com a descrição, “Há uma relação positiva entre oportunidade e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais?”, representa que o empreendedor consegue identificar uma oportunidade, como acesso a capital e colocar essa oportunidade de acesso à recuso em prática,

iniciando ou desenvolvendo o seu negócio. O estudo de Jagoda et al. (2016) analisou a oportunidade como habilidade dos proprietários em acessar financiamentos.

A hipótese H7 da variável **paixão**, com a descrição “Há uma relação positiva entre percepção de paixão e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais”, foi confirmada representando a determinação do empreendedor que com paixão pelo seu ofício, busca oportunidade para concretizar seus ideais e com acesso a capital, coloca em prática tais oportunidades. O resultado também evidencia os esforços crescentes dos empreendedores, como visto no estudo de Cardon et al. (2013), comportamento que imprime a dedicação e persistência do empreendedor em empreender.

As hipóteses rejeitadas foram: H1, H3, H5 e H6. A hipótese H1 da variável **risco**, com a descrição “Há uma relação positiva entre risco e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais”, com *Valor t*, 1.86, sendo que o valor esperado seria superior a 1,96 (bem próximo ao esperado) e para o p-valor de 0,069 quando o valor esperado seria inferior à 0.05. Valores que representam o momento atual da pesquisa, e que podem sofrer alterações de acordo as experiências vividas pelos agricultores. No período da coleta, as incertezas políticas provavelmente pesaram nas respostas dos empreendedores, o que também pode ter ocorrido com a hipótese da variável **inovação**, hipótese H3, com a descrição “Há uma relação positiva entre inovação com comportamento empreendedor dos empreendedores rurais”, que também não foi confirmada.

A hipótese H5 da variável **liderança e gerenciamento**, com a descrição “Há uma relação positiva entre liderança e gerenciamento com comportamento empreendedor dos empreendedores rurais”, foi rejeitada. Possivelmente pela falta de gestão e planejamento dos empreendedores, que em sua grande maioria trabalha em família e quando necessário, contratam, por meio de sua rede interna de apoio, uma mão de obra especializada para realizar atividades, como: análise de solo, plantio, serviços de consultoria com engenheiros agrônomos, biólogos etc.

A hipótese H6 da variável **rede de relacionamento**, com a descrição “Há uma relação positiva entre rede de relacionamento e comportamento empreendedor dos empreendedores rurais”, hipótese não confirmada. Reflete que mesmo que os empreendedores estejam acessando novas oportunidades, como acesso a capital, eles acabam não trocando experiências ou informações entre os demais empreendedores de sua região. O que provavelmente pode estar ocorrendo devido as diversas inseguranças do setor, como o medo da concorrência ou mesmo pela falta de apoio do

ambiente institucional. No estudo de Matei et al. (2017), é a participação do empreendedor em um ambiente institucional ativo que promove a inovação do setor rural.

Importante destacar, que essa rede interna (mão de obra contratada), não foi objeto do estudo, o que foi analisado como rede, foi a rede externa que representa o envolvimento dos empreendedores com outros empreendedores e seus representantes (prefeitura, sindicato e cooperativas).

4.4.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO DA FASE QUALITATIVA

Os participantes desta etapa da pesquisa foram caracterizados seguindo a estratégia demográfica (região metropolitana de Sorocaba), considerando as três regiões pesquisadas: Ibiúna, São Roque e Piedade. O intuito foi identificar dois representantes do setor rural de cada região, um total de 06 representantes, dois de cada região, que possuísse mais de 10 anos de experiência no setor rural.

Em Ibiúna (SP), foi entrevistado um Engenheiro Agrônomo representante de uma das maiores cooperativas agrícolas da região com um pouco mais de 10 anos de experiência na área e um Técnico Agrícola da Prefeitura (Casa da Agricultura), com 18 anos de experiência na área.

Em São Roque (SP), por meio da indicação do Técnico Agrícola da Prefeitura, foi realizada uma entrevistas com o Presidente da Associação de Produtos Orgânicos, que atua na região a 20 anos e outra na Empresa do Grupo Horta, que possui contato direto com os agricultores com mais de 15 anos de experiência no setor.

Em Piedade (SP), a primeira entrevista aconteceu na Casa da Agricultura com o técnico responsável pelo setor e que atua na região a 12 anos na região e outra com a Cooperativa Agrícola, com o Gerente de Compras que atua diretamente com os cooperados possuindo 14 anos de experiência no setor agrícola. Conforme apresentado na Figura 4.6 – lista dos entrevistados.

4.4.2.1 Risco

As pesquisas de Risco relacionadas ao comportamento empreendedor, incluem o risco como algo percebido por empreendedores como “percepção ao risco”, distinguindo os empreendedores como aqueles que percebem o risco e procuram mitiga-lo ou preveni-lo (Niska et al., 2012; Simon et al., 2000).

A primeira questão realizada aos entrevistados foi: Em sua percepção, quais são os riscos enfrentados pelo ER na região? Seguem as respostas obtidas quanto aos riscos enfrentados na opinião dos entrevistados:

“Os riscos mais enfrentados são os riscos climáticos, se chove muito, se chove pouco, se não chove” (IB01).

“São vários, aumento nos custos de energia, falta de insumos, transporte e principalmente os riscos climático” (IB2_Prefeitura_Ibiúna).

“São riscos voltados desde o processo de plantio até a perda se não conseguir vender com o preço bom” (SR1).

“Muitos são os riscos, as vezes produz muito de um produto e acaba não conseguindo vender” (SR2).

“Quem trabalho com a terra, está sujeito a vários riscos, desde fortes chuvas, geadas, fiscalizações, perda de produto e concorrência” (PI1).

“Trabalhar com a terra é sempre um risco, porque dependendo do produto, sua durabilidade é pequena” (PI2).

O resultado desta pesquisa mostra-se diferente do estudo de Kasabov (2016), que retrata o fracasso dos empreendedores rurais, destacando a aversão ao risco como um ponto fraco dos empreendedores. É possível observar nas respostas dos entrevistados, que os empreendedores possuem a habilidade de perceber o risco e muitos são encarados como naturais do setor.

Dentre os riscos identificados pelos entrevistados, temos desde riscos climáticos (variações do clima) a riscos oriundos da produção, como: perda de produto por pragas, falta de insumos, variações de preço aumento de consumo de energia (o que dificulta muito já que todo processo de irrigação é realizado utilizando bomba d'água, que pode ser movida a combustível ou a energia elétrica) e durabilidade do produto.

Quanto ao clima, se chove muito, o consumo de água diminui, mas o risco de perda de produto também é grande pelo excesso de água. Se chove pouco, sobe a quantidade de água e o combustível utilizado. “Aumentando o consumo, também aumenta o custo da produção” (IB01).

Em relação ao questionamento, de que forma você acredita que os riscos possam ser minimizados, seguem as respostas:

“Acesso à informação, previsão climática (vamos plantar culturas que necessitem mais de água, se for gear, planta cultura que resiste a geada), consultoria no plantio para minimizar as perdas, análise do solo para diminuição do produtos [...], ou seja, com estratégia e planejamento” (IB1).

“A rastreabilidade do produto que ajuda a minimizar os riscos e faz com o que os agricultores tenham mais consciência (uso de defensivos químicos) utilizando de forma adequada e descartando as embalagens em local apropriada [...] o controle é feito pela Gestão de Defesa Animal e Vegetal (GEDAVE)” (IB2)

“Se programando, em épocas de frio, os legumes saem mais, e no calor as folhosas. Precisa ter conhecimento e saber “o que” plantar e “quando” plantar” (SR1).

“Conseguindo ponto de venda melhor e preços melhores” (SR2)

“São várias as estratégias: plantar somente uma cultura, fazer compras em conjunto, diversificar os clientes e buscar informações sobre diferentes produtos conciliando clima/preço/perda” (PI1).

“Precisa de infraestrutura, caminhão refrigerado, local para armazenamento e uma boa gestão, porque o risco faz parte do processo como um todo. Lembra da falta do combustível, não teve como prever isso, o que ajudou foram os locais de armazenamento com refrigeração, se o agricultor ou grupo organizado não investe nisso, acabam perdendo a produção” (PI2).

No estudo de Balfour, Fortunato e Alter (2016), os empreendedores identificaram o “medo de assumir risco” como uma barreira ao empreendedorismo. No relato dos entrevistados, os empreendedores conseguem identificar os riscos e enfrentá-los, como uma ação normal, provenientes do setor (exemplo: mudanças no clima e a perda da produção). É normal, posso plantar e perder toda a produção “se” não estiver atento as mudanças do clima, “se” não buscar informações.

O entrevistado PI2, afirma que o “o risco faz parte do processo como um todo [...] e não teve como prever isso”. Drucker (1974, p. 25) afirma que “[...] empreendedorismo não é nem ciência, nem arte. É uma prática”. Desta forma, mesmo que os riscos apareçam, ele faz parte do processo de crescimento e precisa ser superado por meio da prática.

Dentre as respostas obtidas quanto a quem os empreendedores recorrem em uma situação de risco, os respondentes relatam:

“Depende da situação, buscam apoio da cooperativa, prefeitura e o sindicato da região” (IB1).

“Hoje tem canal de TV-Rural, o próprio Ceasa tem material (livro) com informações de plantio e meses do ano” (IB2).

“Muitos não buscam ajuda por orgulho ou vergonha e acabam que aprendem com o erro” (SR1).

“Recorrem ao apoio técnico que é fornecido gratuitamente pela prefeitura, ou mesmo trocando informações entre os associados” (SR2).

“A próprio Cooperativa/Associação, o Sindicato e a Prefeitura” (PI1).

“Sempre procuram a cooperativa e se não conseguimos ajudar, na região tem vários engenheiros agrônomos que prestam consultoria e podem ajudar a minimizar as perdas” (PI2)

Dentre os seis entrevistados, cinco deles afirmam que os empreendedores buscam auxílio da rede de apoio. Podendo classificar como um comportamento importante para o empreender rural que percebe o risco e busca mitigá-lo (Niska, 2012; Simon et al., 2000). Somente um dos entrevistados, o SR1, relatou que os empreendedores não buscam apoio por orgulho ou vergonha.

4.4.2.2 Acesso à Capital

As pesquisas de Acesso à Capital relacionadas ao comportamento empreendedor, defendem que a falta de acesso a capital em um ambiente rural representa uma barreira quando limita o empreendedor a ter acesso a crédito (Jagoda et al., 2016). Neste sentido, entre as respostas obtidas de como se dá o acesso ao capital em favor dos empreendedores rurais, destaca-se:

“O recurso vem sendo disponibilizado por meio do plano safra, o que dificulta é o registro da terra que muitos não possuem” (IB1).

“O acesso a capital se dá através do Pronaf, do Proam e linhas de crédito de alguns bancos” (IB2).

“O ministério da agricultura disponibiliza por meio do Pronaf e do Pronaf” (SR1).

“O acesso a capital se dá quando o produtor precisa melhorar o seu maquinário, sua área ou para compra de insumos e hoje existe várias formas de conseguir empréstimos e financiamento” (SR2).

“É muito fácil, só precisa ter documentação em ordem e o empreendedor pode pesquisar pelo Plano Safra, existem várias modalidades de investimentos, com condições fáceis para pagamento [...] muitos empreendedores já foram e ainda são beneficiados” (PI1).

“O acesso a capital se dá por meio do BNDES e por linhas de crédito de diversos bancos” (PI2).

Diversos são os projetos de apoio governamental que incentivam o desenvolvimento rural (Koyana & Mason, 2017). Em concordância aos relatos dos entrevistados, a disponibilização de crédito por meio dos projetos governamentais é de conhecimento dos empreendedores. Conforme o respondente PI1, “muitos empreendedores já foram e ainda são beneficiados”.

A próxima questão foi entender quais são as barreiras (dificuldades) para o acesso à capital?

“Diversas são as dificuldades, desde a falta de legalização do negócio (documentação necessária), como registro na DAP, não pode ter débito ou nome sujo que acaba descapitalizando” (IB1).

“A falta de documentação dificulta o acesso a capital, aqui na região a falta do registro na DAP e outorga (cumprimento das legislações ambientais). Mesmo assim, muitos agricultores na região possuem utilitários (carro) e maquinários obtidos em financiamentos” (IB2).

“O acesso para cooperativas/associações é mais fácil, o que dificulta é a documentação, por isso é importante ter alguém responsável pela administração” (SR1).

“Falta de informação dificulta muito, mas se insistir, consegue sim” (SR2).

“mesmo existindo diversas linhas de financiamento, são muitas as exigências e o pequeno produtor sem conhecimento acabam não conseguindo acessar” (PI1).

“... são muitas exigências, mas nada que não seja de conhecimento geral, como estar em dia com a legislação ambiental, ter cadastro na DAP, possuir o registro da terra com a metragem correspondente ao valor disponibilizado [...]” (PI2).

Dentre as respostas o que mais aparece no discurso dos entrevistados como uma dificuldade para acesso a capital, é a falta de documentação (IB1, IB2, SR1, P12). Esta documentação está vinculada à falta da DAP, a legalização da terra ou legalização ambiental.

A próxima pergunta foi entender de que forma o empreendedor supera essas barreiras para ter acesso a capital?

“Com o nosso trabalho (cooperativa), auxiliando o cooperado a ter mais informação, mais treinamento e principalmente assistência. Claro que não são todas as cooperativas que possuem a mesma infraestrutura, mas vale a pena investir [...]” (IB1).

“Falta de sinal de telefonia, os documentos são geralmente enviados por WhatsApp, a Internet funciona, mas o sinal de celular não” (IB2)

“Precisa de informação, para se organizar e conseguir acessar as linhas de créditos” (SR1).

“O processo é muito burocrático, são vários documentos, o que acaba inviabilizando o acesso a capital [...] as reuniões são feitas, mas tem muita gente que não gosta de participar” (SR2).

“Poderia ter mais informações aos agricultores. Com acesso à informação a legalização da área poderia ser realizada de forma transparente ou melhorar as condições para os agricultores com áreas menos facilitando a tomada de capital” (PI1).

“Legalizar o uso da terra e atender a todas as legislações, fazendo isso a obtenção de crédito é certa” (PI2).

Segundo os entrevistados, o que ajuda muito é o comprometimento dos representantes (diretoria) dos grupos organizados em Associação ou Cooperativa, como é o caso dos respondentes (IB1, SR1, PI1). Para os respondentes IB1 e SR2, os treinamentos são realizados, mas ainda falta comprometimento dos cooperados em participar das reuniões.

Quanto aos facilitadores para o acesso à capital, os respondentes relataram:

“Hoje, com os meios de comunicação, fica muito mais fácil conseguir capital” (IB1).

“Os agricultores possuem o meu número do WhatsApp o que ajuda muito no acesso à informação” (IB2).

“O que facilita é o engajamento dos associados e sempre buscam pelo melhor do grupo” (SR1).

“O que facilita é que em grupo, associação ou cooperativa é mais fácil conseguir capital” (SR2).

“As informações, tanto dos bancos como via técnicos da prefeitura que ajudam a organizar a documentação quando necessário” (PI1).

“O que facilita é que hoje está cada vez mais fácil conseguir crédito, com juros bem baixo e parcelas a perder de vista” (PI2).

Muitos são os facilitadores para o acesso a capital, como os meios de comunidade promovidos por programas governamentais, a facilidade de acesso (WhatsApp) dos técnicos da Casa da Agricultura, que podem auxiliar com informações e principalmente troca de informações entre os empreendedores. Dessa forma, para os respondentes e com base nos autores mencionados no construto acesso a capital, o item foi classificado como um facilitador, porque mesmo com todas as dificuldades para conseguir esta variável, a sua falta não inviabiliza o negócio e o acesso auxilia o empreendedor rural a continuar empreendendo.

4.4.2.3 Inovação

As pesquisas de Inovação no contexto rural adotam uma visão evolutiva e de processo, no sentido de o ambiente rural estar passando por um processo de aprendizagem (David North & Smallbone, 2000a). A inovação pode vir por meio da participação em um ambiente institucional ativo, para que o empreendedor possa participar de diferentes processos de inovação (Matei et al., 2017), promovendo desta forma uma “rede de inovação” no contexto rural (Hukampal & Bhowmick, 2016).

Neste sentido, as respostas coletadas por meio das entrevistas foram norteadas pelo questionamento: Quais os tipos de inovação que você acredita que os empreendedores rurais realizam?

A gente vê o produtor hoje com mais consciência, com inovações em busca da sustentabilidade. Por exemplo: Os hidropônicos, antigamente se pegavam água das nascentes, e hoje já se coloca calhas na estufa, colhe água para o reuso de água. Não ficam jogando solução a torta e direita, utilizam métodos mais eficazes para a produção (IB1).

Existem bem poucas, muito voltadas para baratear os custos de produção (IB2).

Vejo muita inovação na produção, bandejas, viveiros inteligentes, sistemas de rega movidos a placa solar, os próprios drones e as tecnologias voltadas para produção de orgânicos (SR1).

Inovação nos materiais, inovações de marketing dos produtos ou mesmo inovação voltadas para diminuir os custos de produção (SR2).

Inovações nos meios de produção, como reuso de água, captação de água, métodos eficazes de produção (PI1).

Na produção inovações que venham diminuir os custos do plantio, na gestão com planilhas de controle, na comercialização com divulgação dos produtos pela Internet e até mesmo as vendas que são feitas pelo WhatsApp que hoje parece normal, mas antigamente não existia (PI2).

Assim como os respondentes relataram, Matei et al. (2017) destacam que os processos de inovações podem ocorrer em diferentes esferas: inovação de produto ou processo (certificação de matéria-prima, novas embalagens, apresentação final, tratamento de resíduos, uso de tecnologias, energias renováveis e etc.) e inovação de mercado (como as cestas que são entregues direto ao cliente, vendas eletrônicas, rótulos, folders e etc.). Somente o entrevistado IB2 acredita que as inovações no meio rural são poucas. O respondente PI2 relata, “hoje parece normal, mas antigamente não existia”, o que foi observado que as inovações existem no meio rural, mas que alguns agricultores não veem como inovação, mas sim estratégia para redução de custo para a produção do projeto ou de marketing para conseguir comercializar seus produtos (SR2).

Quanto as barreiras (desafios) que os produtores rurais enfrentam para serem inovadores, os respondentes relatam:

Falta de gestão [...] rastreabilidade do produto [...] assistência técnica de qualidade [...] os agrônomos não são voltados para dar uma assistência técnica de qualidade para os produtores, os agrônomos acabam entrando na revenda [...] precisam bater meta e vender produto (IB1).

Os custos para investimentos que geralmente são altos [...] (IB2).

Acredito que seja a falta de incentivo, os produtores acabam se acomodando (SR1).

Falta de informação pois a inovação pode ocorrer em diferentes ocasiões (SR2).

Vejo barreiras, mas do agricultor em buscar soluções, eles não gostam de mudar o modo como já fazem as coisas (PI1).

Falta de investimento e a falta de iniciativa, pois quem quer inovar busca solução (PI2).

Os respondentes IB2 e PI2 comentaram sobre a falta de investimento em projetos de inovação. Este resultado vai ao encontro do estudo de David North e Smallbone (2000a) sobre as restrições de falta de recurso financeiro. Também foi identificado pelo respondente IB1 como uma barreira a falta de informação e organização de um grupo que trabalhe o tema em rede. Como relatado no estudo de Hukampal e Bhowmick (2016), as redes de inovação “ajudam a complementar recursos escassos e a criar novas oportunidades para o desenvolvimento rural”. Ou seja, falta investimento e organização dos empreendedores.

Outro questionamento aos respondentes foi se uma ideia de inovação não dá certo, o que você acredita que o ER deve fazer? Dentre as respostas obtidas estão as abaixo.

Tem que insistir, persistir e nunca desistir [...] como na aplicação do produto biológico [...] que na primeira, segunda e terceira vez não vê resultado, mas só se consegue com insistência (IB1).

Buscar saber o porquê e tentar outras soluções, o agricultor costuma ser persistente e paciente. Paciente em esperar a muda crescer e persistente no controle das pragas [...] (IB2).

Na agricultura orgânica a transmissão de conhecimento acontece entre os produtores, mesmo dando errado é importante compartilhar (SR1)
Transmitir conhecimento, se não deu certo para um, pode dar para os demais (SR2).

Continuar insistindo, é o que os empreendedores fazem [...] (PI1).

Nunca desistir, a cultura japonesa tem muito disso, eles não desistem nunca (PI2).

Continuar insistindo (PI1), nunca desistir (PI2), são característica que integram o perfil empreendedor, como grande motivação para realização de suas tarefas e autoconfiança (McClelland, 1971).

E por fim, quanto aos facilitadores: O que pode ser um facilitador para o comportamento inovador do ER? Os respondentes relatam:

O setor é um setor carente na parte de assistência técnica e o apoio da cooperativa com treinamento e assistência técnica, ajuda o agricultor a melhorar a produção e qualidade dos produtos (IB1).

Acesso à informação, que pode acontecer por meio de assistência técnica e grupo de apoios (IB2).

O que facilita é que hoje o acesso à informação está mais fácil, pode buscar na Internet, assistência técnica gratuita na prefeitura e com outros empreendedores da região (SR1).

Um olhar de fora, como um técnico ou engenheiro agrônomo ajuda a solucionar problemas e buscar novas soluções (SR2).

Mobilização, nas cooperativas a troca de informação entre os cooperados é constante (PI1).

As acessórias seja elas por técnicos ou empresas capacitadas (PI2).

Com base nas informações coletadas e tendo em mente o conceito de redes de inovação, onde em um ambiente de aprendizagem os empreendedores podem trocar informações (Matei et al., 2017), os respondentes relataram que buscam apoio por meio da assistência técnica da prefeitura ou por troca de informações entre cooperados/associados (IB2, SR1, SR2, PI1 e PI2). Mesmo carente de assistência, como relata o respondente IB1, os agricultores vinculados a cooperativas/associações podem trocar informações entre os grupos.

4.4.2.4 Oportunidade

As pesquisas de Oportunidade relacionadas ao comportamento empreendedor, concentram-se especificamente em observar como os empreendedores percebem as oportunidades (Fortunato & Alter, 2016; Hukampal & Bhowmick, 2016; Kalantaridis & Bika, 2006).

Dentre as respostas obtidas em como se dá a identificação de uma "oportunidade" pelo empreendedor rural, os respondentes relataram:

Oportunidade é o que dá dinheiro, no ano passado o coentro foi de 40 reais para 400 reais a caixa, esse ano todo mundo plantou e o preço não teve alteração. Aquilo que dá menos trabalho para produzir e se gasta pouco com insumos ganhando mais (IB1).

Difícil porque depende do agricultor, existem agricultores que só trabalham com um tipo de produto (só couve) não faz rotação de cultura. Acaba não enxergando a oportunidade de ter um mix de produto (IB2).

Conseguem identificar pela própria cooperativa, pelo o que falta no mercado, hoje o produtor está mais antenado. Já entregam a mercadoria e ficam para conversar (SR1).

A identificação de uma oportunidade acontece a todo tempo, na agricultura por exemplo, uma oportunidade é a falta de um produto no mercado, onde você pode produzir e suprir a falta do produto (SR2).

Hoje é mais fácil identificar uma oportunidade pois temos televisão e Internet e a todo tempo somos munidos de informação [...] PNAE, por exemplo, é uma oportunidade de negócio para a Agricultura Familiar. (PI1).

As oportunidades aparecem a todo tempo, basta estar antenado para conseguir atender uma demanda do mercado (PI2).

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) é gerenciado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) que determina que no mínimo 30% do valor repassado aos estados seja para compra de alimentos providos da Agricultura Familiar. Esse programa tem proporcionado novas oportunidades de mercado para venda dos agricultores em escolas e cantinas públicas (Mishra & Raghavan, 2018). Como relatado pelos respondentes SR1, SR2, P1 e P2, os empreendedores precisam estar antenados já que as oportunidades aparecem o tempo todo.

Dentre as respostas obtidas do questionamento, você consegue citar negócios que nasceram de oportunidades da região? Os respondentes disseram:

“Negócios voltados para insumos, empresas de adubo, transporte, armazenamento, marketing, são diversas as oportunidades” (IB1).

“Sim, os que só vendiam no local, hoje já vendem direto nas lojas ou fazem feiras. As cestas também estão acontecendo e acabam entregando bastante” (IB2).

“Agricultores mais novos geralmente conseguem ver mais as oportunidades e arriscam " cabeça mais aberta", como os hidropônicos” (SR1).

“Os orgânicos, hidropônicos, as cestas que são entregues direto ao cliente” (SR2).

“No setor agrícola, hoje já existem empresas que vendem os produtos prontos para o consumo (lavados) algumas cooperativas já fazem isso” (PI1).

“São muitos, na agricultura hoje, as próprias cooperativas que fazem a venda em conjunto, diversas empresas de insumos, famílias de agricultores familiares que trabalham com o melhoramento dos produtos (doces e compotas). Não se perde nada se souber trabalhar” (PI2).

Importante observar que todos os respondentes relatam negócios que nasceram de oportunidades nas três regiões. A região de Ibiúna é referência de “polo agrícola”, e sua economia gira em torno da agricultura. O que foi observado nos relatos dos entrevistados é que de fato, as três regiões são representativas, no que se refere a agricultura. As três regiões pertencem ao Cinturão Verde do Estado de São Paulo e por seu fácil acesso a capital, abastecem a metrópole com seus hortifrutigranjeiros (IBGE, 2006; Piedade, 2018).

Quanto aos questionamentos referentes a quais os obstáculos enfrentados pelos empreendedores para colocarem uma ideia em prática? Os respondentes relataram que:

“A concorrência é muito grande, o empreendedor precisa estar antenado e buscar sempre inovar” (IB1).

“Na agricultura, os obstáculos são muitos, desde a localidade, normas ambientais, legalização da empresa. O agricultor precisa ter conhecimento e entender sobre o negócio” (IB2).

“São diversos os obstáculos para colocar uma ideia em prática, desde conhecimento do produto (quando o produtor decide mudar de cultura) a legalização do negócio, comercialização [...]” (SR1).

“Como todo negócio, a falta de conhecimento é o que mais dificulta. Se o agricultor sabe que a região faz mais frio que calor, eles buscam produzir as culturas que mais se adaptam com as temperaturas mais baixas” (SR2).

“A legislação, é muito burocrática e os custos de produção, beneficiamento, gestão e transporte são altos [...] precisa saber trabalhar muito bem, os que não sabem, acabam trabalhando para outros (mão de obra temporária, só planta, só colhe, trabalha com transporte), o que também não deixa de ser uma oportunidade de emprego, muitos até preferem porque não precisam gerenciar todo um negócio” (PI1).

“As dificuldades são muitas, mas quando se tem propósito, acaba superando. O que mais a gente ouve é que "eu não sabia", principalmente para as questões ambientais, dessa forma, cabe ao agricultor buscar informações, seja pela Internet ou vindo até a secretaria conversando com os técnicos” (PI2).

Conforme Kalantaridis e Bika (2006), os empreendedores que se orientam por oportunidades locais, valorizando os aspectos naturais e contextuais, apresentam habilidades empreendedoras. Esta reflexão vai ao encontro dos relatos do respondente, SR2, que valoriza o

produtor que busca produzir as culturas que mais se adaptam com as temperaturas mais baixas, orientando-se pelas características do território. Ou seja, o agricultor valoriza os aspectos naturais e se adapta ao contexto, plantando culturas que resistam as baixas temperaturas do inverno.

E por fim, quanto ao questionamento “frente as barreiras, quais as estratégias para superar a situação e não perder a oportunidade”, os respondentes relatam:

“[...] acesso à informação, precisa estar antenado para conseguir estar sempre a frente” (IB1).

“Insistir e buscar conhecimento, essa é a melhor maneira de superar as dificuldades” (IB2).

“Não desistir, continuar tentando e buscar sempre conhecimento e apoio” (SR1).

“A diferença é essa, o empreendedor não desiste” (SR2).

“Saber colocar a margem de lucro em cima do produto (gestão do negócio), tem muito agricultor que ainda não sabe fazer isso e acaba vendendo um único projeto (só couve, só alface etc.), por isso que para não perder a oportunidade, precisa estar antenado” (PI1).

“Não ficar parado, precisa buscar informação e até apoio técnico quando necessário. Hoje tem muito mão de obra barata, dá para fazer empreitadas e não ter custos com fixos com funcionários. Da até para arrendar terra, sem precisar gastar o que não tem para comprar uma área maior” (PI2).

Frente as barreiras os respondentes IB2, SR1 e SR2 direcionaram suas respostas com otimismo, tais como: “continuar tentando e nunca desistir”. Resultado semelhante ao estudo de Anthopoulou et al. (2017), que investigou as estratégias dos agricultores para lidar com a crise financeira ocorrida na Grécia em uma narrativa de resiliência rural. Os respondentes IB1, PI1 e PI2, apresentaram respostas correspondentes a um olhar mais estratégico.

4.4.2.5 Liderança e Gerenciamento

As pesquisas de Liderança e Gerenciamento relacionadas ao comportamento empreendedor, analisam diferentes aspectos dos empreendedores, desde a capacidade de

empreender, descrita por Gray e Gray (2002) em gerenciar e atingir seus objetivos a estilos de liderança nos estudo de Barreto e Nassif (2014) e Miner (1997).

Quanto à questão: Como você enxerga a capacidade de liderança e gerenciamento do empreendedor rural? Os respondentes relatam:

“Diferentes perfis, existem os pequenos produtores que coloram a família para trabalhar com ele e esporadicamente contratam mão de obra, os grandes produtores que possuem alta capacidade de gestão e lideranças , que designam equipes e hoje tem até produtores que fazem parceria com trabalhadores (te dou a área e insumos e você me devolve a mercadoria (popularmente conhecido como sistema de meeiro)” (IB1).

“O pequeno agricultor possui dificuldade de liderar e gerenciar o seu empreendimento. Quando precisamos de documentos ou informação direcionada ao negócio, muitos não sabem responder, deixa na mão de um membro da família e acaba não acompanhando o processo. Exemplo: registro do empreendimento rural na CPFL – Companhia de energia Elétrica da região” (IB2).

“Vem melhorando bastante e os buscam conhecimento conseguem se destacar” (SR1).

“O pequeno produtor necessita de apoio e em grupo, associação ou cooperativa o que ajuda é a comercialização mas na parte da produção (serviço mais pesado, o produtor costuma contratando mão de obra), a família acaba ajudando em diferentes processos: separação dos produtos para venda, lavar, embalar, compra de material, transporte [...]” (SR2).

“Depende do tamanho do negócio, se é um produtor pequeno, não possui gestão, mas os que são maiores, conseguem contratar uma equipe especializada” (PI1).

“A prefeitura investe em treinamento e apoio técnico para melhorar a gestão dos produtores, mas ainda falta muito para os pequenos produtores que possuem pouco acesso à informação” (PI2).

Como pode ser observado nas respostas dos entrevistados, “diferentes são os perfis de liderança, o que pode variar também de acordo com o tamanho do negócio”, também vista por Gray e Gray (2002), como uma capacidade do indivíduo que consegue gerenciar e expandir o seu negócio.

Quanto ao questionamento capacidade de "gerenciamento" do ER, os respondentes acreditam que:

“Os pequenos produtores possuem pouca capacidade de gerenciamento já os maiores produtores são bem organizados, com equipes que são designadas para cada função” (IB1).

“Na Agricultura Familiar, cada integrante da família tem uma função, aparentemente parece que não existe gestão, mas o pai acaba designando uma tarefa para cada filho ou demais familiares e tudo acaba dando certo” (IB2).

“Dentre os cooperados as coisas estão melhorando porque passam por capacitações da cooperativa e troca de conhecimento” (SR1).

“A capacidade de gerenciamento dos pequenos produtores ainda é pequena, mas em grupo essa dificuldade pode ser superada” (SR2).

“A capacidade de gestão é um processo constante e sempre precisa estar buscando melhoria, o produtor precisa querer acompanhar a evolução” (PI1).

“Alguns possuem capacidade de gerenciar seu negócio porque já trabalharam em empresas e agora estão gerindo o negócio da família [...] mais os pequenos produtores, o caminho a ser trilhado ainda a grande [...] quando vinculado a uma cooperativa/associação, a capacidade fica um pouco melhor” (PI2).

Conforme relatado dos respondentes, ainda existe um caminho a ser trilhado pelos pequenos produtores, o entrevistado IB1, descreve bem a situação. Os pequenos agricultores possuem pouca capacidade de gerenciamento e os empreendedores maiores (mais bem sucedidos), possuem funcionários contratados e equipes formadas.

Outro ponto importante relatado pelo entrevistado PI2, é a experiência profissional anterior, que em alguns casos pode vir a proporcionar diferentes habilidades e vantagens ao empreendedor. O que vai ao encontro do estudo de Smith e McElwee (2013), que reflete o contato com o ambiente empresarial e com atividade competitiva anterior, como experiência prática do indivíduo que estimula no gerenciamento do seu próprio negócio.

Quanto ao questionamento, você acredita que essa capacidade de "liderança e gerenciamento" pode influenciar outras pessoas? Os respondentes disseram:

“Acredito que sim, porque hoje estamos colhendo os frutos da gestão passada, empreendimentos rurais que foram dos pais e hoje são os filhos que administram. Só não sei como vai ser isso para as próximas gerações, porque as adolescentes de hoje estão mais conectadas, o que pode ser bom no sentido de trazer mais inovações ou ruim se buscarem se profissionalizar em outras áreas [...]” (IB1).

“Sim, porque é exatamente o que acontece. Essa geração de agricultores é fruto de umas duas ou três gerações passadas, de imigrantes japoneses” (IB2).

“Acredito que sim, porque os associados observam outros empreendedores que estão “se dando bem” e acabam querendo buscar por conhecimento também” (SR1).

“Sim, com certeza. Um bom trabalho acaba influenciando outros empreendedores” (SR2).

Não sei se eles enxergam isso como uma capacidade, acaba sendo tão natural [...]“eu faço assim porque meu pai ou outro familiar também faz assim [...]” (PI1)

“Sim, quanto mais se consegue retorno financeiro, mais outros acabam melhorando seus processos também” (PI2).

De acordo aos respondentes IB1 e IB2, os empreendedores possuem capacidade de influenciar outras pessoas, e essa influência, presente hoje principalmente na região de Ibiúna, é frutos das gerações passadas. A região foi colonizada por imigrantes japoneses em 1932 (Couto, 2008). Também pode ser observado como motivação para a mudança de comportamento o reconhecimento do trabalho realizado por outros empreendedores (SR1, SR2), ou mesmo com objetivo somente financeiro (PL2).

Por fim, quanto ao questionamento, o que você acha que falta para o desenvolvimento do empreendedor nesse aspecto? Os respondentes disseram:

“Conhecimento, o entendimento que isso realmente é importante” (IB1).

“Falta mais iniciativa, os que conseguiram crescer, buscaram estudar (mais conhecimento para gerenciar o negócio” (IB2).

“Falta de conhecimento, coisas simples como anotações, uma boa organização consegue resolver” (SR1).

“Falta treinamento dos trabalhadores envolvidos no processo” (SR2).

“Determinação, nunca desistir dos seus sonhos” (PI1).

“Falta treinamento e capacitação. Também vontade dos produtores em buscar conhecimento, muitos acabam se acomodando” (PI2).

Quanto aos relatos dos respondentes a falta de treinamento e capacitação dos empreendedores é de conhecimento geral. Neste sentido, o estudo de Jonathan (2011), destaca o desenvolvimento de cursos, oficinas e treinamentos como forma de estimular novos conhecimentos e habilidades dos empreendedores.

4.4.2.6 Rede de Relacionamento

As pesquisas de Rede de Relacionamento vinculadas ao comportamento empreendedor, defendem as redes como importante canal de acesso a oportunidade (Dohse & Walter, 2012). Melhora nas vendas dos produtos, diversificação das atividades agrícolas e principalmente, melhora na taxas de juros (Mishra & Raghavan, 2018). Neste sentido, quanto ao questionamento, como é formada a rede de relacionamento dos empreendedores rurais da região, os entrevistados comentaram que:

“A cooperativa é uma rede de relacionamento, mais ainda tem um entrave de que alguns cooperados não se enxergam como aliados, se enxergam como concorrentes (seu eu achei a fórmula secreta da alface de ouro, eu não vou passar o conhecimento)” (IB1).

“Mesmo a região sendo grande todo mundo conhece todo mundo, não sei se trocam experiências porque com são de origem Japonesa, são mais fechados” (IB2).

“Todo mundo conhece todo mundo, dentro da associação temos reuniões mensais e trocamos experiências entre os associados” (SR1).

“Hoje com a Internet, fica mais fácil o contato com outros agricultores, mais por mensagens WhatsApp, porque o sinal de telefonia é ruim e o custo é maior. Os encontros pouco acontecem” (SR2).

“A rede acontece de várias formas, seja nas associações e cooperativas costumam se reunir e se planejar e organizar suas vendas em conjunto, através do apoio técnico da prefeitura, visitas, palestras, capacitações e em eventos maiores onde todos podem participar mais ativamente” (PI1).

“A prefeitura promove encontros e eventos, mas acredito que os relacionamentos mais próximos se dão nos grupos organizados, as associações e cooperativas” (PI2).

Como é possível perceber no relato dos respondentes, as redes de relacionamentos são distintas, não existe uma rede para trabalhar a troca de informações, acesso a capital ou inovação. O que acontece é que em grupos como cooperativas e associações, que constituem uma rede, trabalham temas específicos entre os empreendedores. Um mesmo empreendedor, pode fazer parte de uma cooperativa e vender em conjunto com outro grupo ou mesmo fazer vendas pontuais. “Nas cooperativas, alguns insumos são comprados em grupo, os produtos são

comercializados em grupo e os cursos e treinamentos são direcionados para a melhora da produção” (IB1).

Quando uma cooperativa fecha um pedido, o responsável por compras busca identificar os melhores produtos “entre os cooperados”, o que possivelmente gera os conflitos. De forma que o cooperado que consegue entregar o melhor produto, consegue fechar a venda. Ou seja, a própria cooperativa gera concorrência entre os cooperados. Para Freire-Gibb e Nielsen (2014) a concorrência entre os ER’s exige mais criatividade do empreendedor e um potencial maior para a geração de novas ideias e não deve ser considerado um problema.

Quanto ao questionamento, como são formadas as relações interpessoais (parcerias) entre os ER da região?

“A relação entre eles é boa, são mais fechados por sua origem japonesa, mas conversam entre si. Compras de insumos em conjunto (sai mais barato fechar um caminhão de adubo do que comprar separado)” (IB1).

“A relação é boa, sempre que necessitam de auxílio eles procuram a prefeitura (como sou mais acessível), também enviam mensagens para o meu celular tirando dúvidas quando não conseguem vir até a prefeitura. Muitos anos acompanhando os produtores” (IB2).

“Fora do universo da associação, as parcerias se dão quando existem necessidades em comum, como compra coletiva, vendas, treinamentos” (SR1).

“Nada muito formal, são pessoas do mesmo convívio e acabamos trocando favores” (SR2).

“As parcerias são formadas para realização de eventos, palestras ou atividades que demande um grupo maior de pessoas” (PI1).

“As parcerias são realizadas a todo momento, para a realização dos eventos promovidos pela prefeitura onde o agricultor pode expor e vender seus produtos” (PI2).

Outro aspecto importante que é mencionado pelo respondente IB1, é o fato de os empreendedores da região, em sua grande maioria ser de origem japonesa. “São mais fechados [...], mas conversam entre si.” (IB1). O bom relacionamento é aparente nos eventos promovidos pela prefeitura, que geralmente atraem muitas pessoas para a região (PI1 e PI2).

Quanto ao questionamento, quais as barreiras (obstáculos) enfrentados pelo empreendedor rural?

“Lei de oferta e procura, a cooperativa compra o melhor produto. Acaba que a cooperativa mesmo inconsciente acaba gerando esta concorrência entre os cooperados, pois quem tem a melhor alface (exemplo), nós pagamos melhor” (IB1).

“A localização é um entrave, difícil acesso tanto dos agricultores para o centro como dos técnicos para a área. O Bairro Verava, é um exemplo, um polo de agricultura orgânica, fica distante do centro” (IB2).

“A dificuldade do agricultor que trabalha o dia todo e no final do dia, com o enorme cansaço não consegue participar de eventos ou treinamentos. Dessa forma, buscamos realizar as atividades aos sábados” (SR1).

“O pessoal é mais fechado e pouco conversam e quando existe uma dificuldade muitos acabam não procurando ajuda por vergonha ou receio” (SR2).

“Acredito que a maior barreira é a concorrência entre os próprios agricultores, hoje está cada vez mais difícil entrar no mercado (muita concorrência) e os pequenos produtores acabam ficando somente com as vendas pequenas, em feiras e comércio da região” (PI1).

“Acho que a dificuldade de muitos produtores em participar dos eventos é ter os produtos, muitos não se programam e acabam não conseguindo participar” (PI2).

Como no estudo de Jagoda et al. (2016), também foi identificado entre os empreendedores, dificuldades oriundas a localização (distância dos centros urbanos). O entrevistado IB2, relatou que por conta da distância, muitos técnicos não conseguem ir até as áreas mais distantes do centro, o que dificulta a assessoria técnica.

Quanto ao questionamento, o que você acha que precisa ser melhorado?

“Poderia melhorar o apoio da "Casa da Agricultura", por meio de mais técnicos em campo trabalhando, da Cati, oferecendo mais cursos, da revenda (pagando melhor o agrônomo para não ter que ficar batendo meta) buscando melhor preço. E principalmente acesso à informação, você poderia passar mais informações [...] (IB1).

“Falta de conhecimento (estudo), para os mais velhos é mais difícil. Para os mais novos, conseguem acessar a Internet” (IB2).

“Precisa de mais parcerias, treinamentos, informação para acesso a capital, gestão [...]” (SR1).

“Mais acesso a capacitações e treinamentos, o que ajudaria o relacionamento entre eles” (SR2).

“Mais capacitações e apoio técnico, principalmente para ajudar na gestão do negócio” (PI1).

“Precisa se profissionalizar mais, como são maioria agricultores familiares, muitos acabam se acomodando e não buscam melhorar (gestão, produção e comercialização)” (PI2).

Quanto ao que pode ser melhorado na rede de relacionamentos, os entrevistados em sua grande maioria descrevem: falta capacitação, apoio técnico e acesso à informação. O representante da prefeitura, entrevistado PI2, descreve os agricultores de pequenas empresas provenientes da agricultura familiar como pessoas que se acomodaram com a situação. Fiquei surpresa com a resposta, já que é de conhecimento as enormes dificuldades do setor. No Eschker et al. (2017), os pequenos empreendedores de origem familiar, dependem do apoio das redes para sobreviver, e como as redes não são estruturadas, esse apoio acaba sendo deficiente e por certo desanimando o pequeno produtor.

O próximo questionamento se deu no sentido de entender o que facilita (ou ajuda) o estabelecimento/desenvolvimento das redes de relacionamento na região?

“O que facilitaria seria essa rede de apoio trabalhar mais a formação dos agricultores e se não houvesse tanta concorrência.” (IB1).

“Cursos e palestras, o sindicato dá alguns mais acaba que não tem aderência porque o assunto já é de entendimento dos todos. Não é atrativo” (IB2).

“O que facilita é que são todos conhecidos, são famílias antigas que atuam na região. A religião também ajuda, porque acabamos nos encontrando nas missas e eventos da Igreja” (SR1).

“O que facilita são as compras e vendas em conjunto, acesso a capital e troca de informações” (SR2).

“Os eventos facilitam bastante o desenvolvimento das redes de relacionamento e principalmente a comercialização dos produtos” (PI1).

“O que facilita é que a prefeitura e demais órgãos envolvidos estão empenhados em trabalhar para o desenvolvimento da região” (PI2).

Quanto ao questionamento sobre as redes de relacionamento, os dois primeiros entrevistados de Ibiúna (IB1 e IB2) sugeriram treinamentos, cursos e palestras mais atrativos aos empreendedores. O que acontece hoje na região de Ibiúna (SP), são ações pontuais.

O relato dos dois entrevistados de São Roque, SR1, identifica as redes de relacionamentos, como rede de apoio social, os grupos de família, amigos e empresa. Não como

estratégia de direcionamento para o seu negócio. O respondente SR2, também de São Roque, identifica ações pontuais dos grupos organizados em associação ou cooperativas.

Os respondentes de Piedade, reconhecem as redes nas organizações dos eventos e na comercialização dos produtos. Destaca-se o último relato, do representante da prefeitura PI2, que reconhece a existência da rede como benefício para o desenvolvimento da região. Analisando os resultados por região, ficou mais fácil identificar a inexistência das redes em Ibiúna e São Roque e em Piedade o empenho da prefeitura e demais órgãos envolvidos no trabalho em conjunto para o desenvolvimento do agricultor no campo.

Quanto ao questionamento, como o ER reage quando tem algum problema com sua rede de relacionamento?

“Cooperativa de Japoneses (não tem confronto), é um entrave, cada um para o seu lado, não tem diálogo [...] faz parte da cultura deles [...] a cooperativa é fundada por Japoneses, 70% são filhos e netos de imigrantes” (IB1).

“Normalmente eles me procuram quando precisam de alguma coisa (dúvidas com os documentos fiscais, legislação ambiental, informação para acesso a crédito - documentação, cadastro de produtor rural para conseguir pagar menos conta de energia na Cetril [...] tenho uma boa relação com eles” (IB2).

“Na Associação, buscamos conversar e tentar resolver o problema [...] fora da associação é mais difícil e não nos envolvemos [...]” (SR1).

“Como muitos são famílias "agricultor familiar", quando existe problema é resolvido em família mesmo. Fora isso, tem muitos problemas políticos e acaba inibindo muita gente de participar dos eventos promovidos pela prefeitura”(SR2)

“Muito difícil ocorrer problemas porque os agricultores acabam trabalhando cada um na sua área, só uma parte da venda dos produtos que é feita em conjunto, mas se não tem a mercadoria, não tem como reclamar” (PI1).

“Os problemas surgem para serem discutidos e resolvidos. Esse processo é importante porque só assim existe o desenvolvimento” (PI2).

Analisando novamente as repostas por região, os dois primeiros respondentes que na questão anterior responderam no sentido de inexistência de redes, nesta questão, começa fazer sentido o porquê de sua inexistência. O entrevistado IB1, relata que pelo fato de os empreendedores da região serem de origem japonesa, “não tem conflito”, porém, são mais fechados e costumam trabalhar mais sozinhos.

4.4.2.7 Paixão

As pesquisas de Paixão relacionadas ao comportamento empreendedor, buscam identificar diferentes aspectos comportamentais dos empreendedores na ação de empreender (Cardon, 2009; Cardon et al., 2013).

Seu questionamento se deu, relacionado a motivação dos empreendedores rurais na região, os respondentes disseram:

“Hoje a cooperativa tem empreendedores que são agrônomos e que se formaram no ESALC [...] faz porque gosta [...] vocação [...] não se imaginam fazendo outra coisa [...] a região possui uma parcela grande de empreendedores que já estão contextualizados com a produção” (IB1).

“Tradição familiar e alguns por falta de emprego” (IB2).

“Tem empreendedores bem pequenos que sofrem para empreender e outros que já estão no mercado, são fortes e possuem mais condições de empreender” (SR1).

“O que motiva é que geralmente é um negócio familiar e acaba envolvendo toda a família, e os ganhos financeiros” (SR2).

“Quando a família já sabe o que quer, tem visão do negócio e incentiva os filhos a estudar e gerenciar o negócio da família” (PI1).

“Precisa ter muita paixão mesmo. O trabalho com a terra é duro, precisa trabalhar muito para conseguir bons resultados [...] força de vontade, que vem de pai para filho [...] tem que gostar mesmo do que faz [...] é um cuidado com a terra que é difícil de explicar [...] dá pra ver o brilho no olho quando recebe um elogio” (PI2).

No relato dos respondentes, foi possível identificar entusiasmo no discurso, deixando claro que o trabalho com a terra “é duro” (PI2), mas ao mesmo tempo possui motivação, busca o desenvolvimento e reconhecimento por seu trabalho. Relatos que correspondem aos estudos de Cardon et al., (2013) e McClelland (1971). O entrevistado (SR2), descreve motivação como ganhos financeiros, o que não está alinhado com os aspectos de paixão empreendedora, que segundo Schein (1993), é importante não confundir paixão por empreender por aspectos financeiros. Quanto ao questionamento, referente a percepção dos respondentes quanto a influência que os empreendedores exercem nas futuras gerações? As respostas foram:

“Pesada essa pergunta, difícil, hoje são os pais que empreendem... Os filhos não estão interessados em continuar com o negócio no pai... Acho que em uma janela de 10/20 anos vão faltar agricultores. Principalmente na produção de hortaliças, que

hoje é realizada pela agricultura familiar, um esforço dos pequenos agricultores” (IB1).

“O que influência são os pais que investem na formação dos filhos (os que tem condições) os que não possuem condições acabam saindo do meio rural ou trabalhando por demanda” (IB2).

“A tradição fala alto mais os novos meios de produção acabam incentivando as novas gerações” (SR1).

“Tradição de pai para filho e a força de vontade de continuar seguindo” (SR2).

“Os novos meios de produção, os canais de comunicação que hoje possibilita mais acesso à informação, acaba motivando as novas gerações” (PI1).

“Influência de geração para geração, neste momento, estamos na terceira geração de agriculturas que começaram o cultivo na região” (PI2).

O entrevistado IB1, identifica a influência da geração passada nesta geração, mas se preocupa com a falta de motivação dos filhos (geração atual) que não tem interesse em dar continuidade ao negócio dos pais.

Os demais entrevistados, identificam a influência recebida das gerações anteriores (PI1), transmitida de pai para filho. Os pais investem na formação dos filhos e os filhos acabam dando continuidade no negócio dos pais (IB2). Para o pesquisador Bernardi (2012), os empreendedores, denominados de “empreendedor nato”, recebem influência familiar desde cedo, demonstrando traços de personalidade que vão sendo desenvolvidos por seus familiares.

4.4.2.8 Comportamento Empreendedor

Dentro das correntes comportamentais que tratam as barreiras e os facilitadores ao empreendedorismo, Sarasvathy (2004) alerta para que novas pesquisas sejam direcionadas ao entendimento do empreendedor como indivíduo que possui diferentes graus de capacidades e motivações.

O primeiro questionamento, foi entender, de forma geral, como os respondentes enxergavam o empreendedorismo rural na região? Com a finalidade de entender se o contexto era propício para o desenvolvimento do comportamento empreendedor. As respostas foram:

“Aqui o terreno é fértil para quem quer empreender, Ibiúna hoje é considerada um polo agrícola, nós mesmos, fornecemos para São Paulo, Litoral de SP e Interior” (IB1).

“Por ser um polo agrícola, poderia ser mais organizado. Hoje não se tem ao certo o número de agricultores que pertencem a região” (IB2).

“A região é muito boa, os agricultores que se empenham a produzir, conseguem bons resultados” (SR1).

"A localidade ajuda muito, fácil acesso para o escoamento da produção, hoje quem mora na região já consegue trabalhar por aqui e sobreviver da agricultura ou trabalhar em outras empresas que aparecem [...] hidropônico mesmo, pra mim é coisa nova [...] orgânicos, broto de bambu, cogumelo [...] turismo rural né, o produtor abre as suas portas para receber quem quer ter contato com a natureza [...]" (PI1).

“São muitos os empreendedores, isso se contarmos também toda cadeia produtiva, desde o que planta, ao que colhe, o pós colheita (lavar, embalar, transportar), todas as pessoas envolvidas nos processos de gestão do negócio, quem compra, quem vende [...] fora os comércios da região que fornecem insumos, ferramentas, transportes [...]" (PI2).

O estudo de Müller e Korsgaard (2017), identifica o contexto como sendo fator importante no processo de desenvolvimento do empreendedor rural, proporcionando acesso as redes locais, acesso a recursos e identificação de oportunidades. O próprio turismo rural foi uma oportunidade de desenvolvimento para o empreendedor rural, relatado pelo respondente (PI1), “o produtor abre as portas para receber quem quer ter contato com a natureza”. Outros negócios que também nasceram de oportunidades oriundas do ambiente, são os produtos orgânicos e as hortaliças que são conhecidas na região de Ibiúna (SP).

Em São Roque (SP), a atenção é voltada a produção dos vinhos que atraí turistas que visitam as áreas rurais. E em Piedade (SP), o cultivo da alcachofra e dos morangos, que são atrativos para a visita dos turistas.

Quanto ao questionamento, sobre barreira ao empreendedorismo rural na região? Os respondentes relatam que:

“Complicado empreender no meio rural porque temos três meses do ano bons (de calor) e nove meses de (frio), o que dificulta muito a produção [...] como já mencionado anteriormente, a falta de conhecimento” (IB1).

“Falta de estudo e pouco conhecimento técnico dos agricultores” (IB2).

“Limitações pessoais mesmo, como a idade avançada e a falta de conhecimento” (SR1).

“A continuidade, muitos jovens não querem seguir a profissão dos pais” (SR2).

“Falta de investimento no setor, falta de mão de obra qualificada, difícil acesso e os custos com transporte (combustível)” (IPI).

“A falta de investimento em inovação e tecnologia, ainda tem um longo caminho a ser trilhado” (PI2)

A barreira mais citada pelos respondentes foi a falta de conhecimento (IB1, IB2, SR1, SR2, IP1), desde a formação inicial até o conhecimento técnico e de gestão. No estudo de North e Smallbone (2006) a falta de conhecimento foi atribuída a ausência de iniciativas políticas que não incentivam os empreendedores a participarem das redes de conhecimento e informação, uma vez que seu conhecimento contribui para o fomento do empreendedorismo, inovações, troca de informações e contato entre os produtores.

Uma barreira relatada em estudos realizados em áreas rurais e que não foi identificada entre os empreendedores foi da localidade, o fato de estarem em área rural afastado das cidades, conforme foi identificado no estudo de Jagoda et al. (2016). Quanto a falta de infraestrutura, somente um respondente identificou a sua falta como uma barreira.

Quanto ao questionamento, sobre o que pode ser um "facilitador" para a ação de empreender na região?

“O que facilita muito são os conhecimentos que vem de berço, e o reconhecimento de quem consegue empreender neste ambiente” (IB1).

“A localização é um facilitador porque quem mora na região tem acesso a várias rodovias e pode comercializar para São Paulo Capital, baixada e interior” (IB2).

“Um facilitador é que a normalmente a tradição vem de pai para filho, então já se aprende desde pequeno a plantar e colher” (SR1).

“Um facilitador é que as gerações passadas trilharam um bom caminho para o desenvolvimento, o sistema de produção e mercado já estão consolidados e hoje é muito mais fácil produzir e comercializar” (SR2).

“O que facilita são as associações e cooperativas que já estão bem estruturadas e podem oferecer mais segurança aos associados” (PI1)

“O que ajuda é o apoio que o agricultor recebe das diversas instituições; O acesso as mídias sociais também ajudam muito e o acesso a capital que hoje é mais atrativo” (PI2).

Analisando os relatos, foi possível identificar fortes relações familiares, conforme relatado pelo respondente IB1, “conhecimentos que vem de berço”, o respondente SR1, “tradição vem de pai para filho” e o respondente SR2, “sistema de produção e mercado já estão consolidados”, fruto das gerações passadas o que facilita a geração presente. Estudos sobre famílias agrícolas também destacam as oportunidades ligadas as relações familiares, a relação de produção e às forças do mercado.

Também foi observado que os empreendedores reconhecem o seu trabalho, como relatado pelo IB1, “reconhecimento de quem consegue empreender neste ambiente”, e também visto no estudo de Fortunato e Alter (2016), onde empreendedores são reconhecidos por suas contribuições para com o local e com a sociedade. O apoio institucional é pouco percebido no estudo, somente no contexto vivido na região de Piedade, que segundo o responde PI2, “apoio recebido por diversas instituições” o que de fato é muito importante, porque segundo os autores Bosworth e Turner (2018), o apoio aos negócios locais favorece o valor agregado e promove o desenvolvimento das empresas rurais.

Quanto aos meios de comunicação, extremamente importante para a comercialização dos produtos, o respondente PI2 reconhece tal ferramenta como um facilitador ao empreendedorismo na região. Resultado semelhante ao estudo de Galloway, Sanders e Deakins (2011), em que os autores reconhecem como uma evolução no meio rural o uso e acesso à Internet e também a possibilidade de comercialização, pois tal ferramenta possibilita alcance do mercado externo por pequenas empresas rurais.

Por fim, o entrevistado PI2, também considera como um facilitador ao empreendedorismo local o acesso a capital, que como já visto anteriormente, é de reconhecimento geral, mas pouco acessível por causa de suas exigências. Visto em outros estudos como ferramentas para o desenvolvimento local, o apoio recebido dos programas governamentais (Henry & McElwee, 2014; McElwee, 2006; Tibério, 2016).

Quanto as soluções para o desenvolvimento do empreendedor rural na região? Os respondentes relatam:

“Fortalecendo pequenos pontos, redes de relacionamento, oportunidade, vamos nos unir e comprar mais barato, melhorar a margem de lucro” (IB1).

“Promover mais capacitações, como o curso de pós-colheita que trabalha a durabilidade do produto” (IB2).

“Mais apoio das instituições, infraestrutura (vias e estradas) e suporte técnico para os associados” (SR1).

“Mais estudo voltados a agricultura, parceria com universidades, poder público [...]” (SR2).

“Poderia ter mais suporte técnico, capacitações e treinamentos. Como muitos tem vergonha de se expor fica mais fácil de as dificuldades fossem trabalhadas em grupo” (PI1).

“Fortalecer o que já existe, trabalhar com suporte técnico e capacitações” (PI2).

As principais sugestões de soluções para o desenvolvimento dos empreendedores foram bem sugeridas pelo entrevistado IB1, “fortalecendo pequenos pontos”, pontos essas já trabalhados nesse estudo, como: as redes de relacionamento que quando bem empregadas podem auxiliar na articulação das “compras em conjunto”, “suporte técnico” e “capacitações” para os empreendedores PI1 e PI2, também por meio das redes é possível fazer “parceria com universidades” (SR2). Estudo recente mostra empreendedores rurais fazendo uso de redes em busca de oportunidades (Müller & Korsgaard, 2017).

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo analisar as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor na região metropolitana de Sorocaba em SP. A análise foi realizada por meio de dois métodos, quantitativo e qualitativo.

A Tabela 4.15 sintetiza os achados da pesquisa, considerando três comportamentos como facilitadores ao ER, são: acesso a capital, oportunidade e paixão e quatro comportamentos classificados “neste contexto” como barreiras ao ER: percepção ao risco, acesso à capital, inovação e rede de relacionamento. No contexto estudado, foi possível observar mais barreiras que facilitadores, os facilitadores foram relacionados principalmente ao perfil dos entrevistados na região contexto do estudo, que está localizado em região de imigrantes japoneses, o que influenciou o comportamento dos entrevistados.

Tabela 4.15 – Principais barreiras e facilitadores ao empreendedorismo rural na região metropolitana de Sorocaba (SP)

Acesso a Capital	Facilitador
Oportunidade	Facilitador
Paixão	Facilitador
Risco	Barreira
Inovação	Barreira
Liderança e Gerenciamento	Barreira
Rede	Barreira

Fonte: Elaborada pela Autora (2020)

Conforme apresentado no quadro 4.5, o primeiro item analisado foi **Acesso a Capital**. Na análise quantitativa a hipótese foi confirmada e na análise qualitativa, na percepção dos entrevistados quanto as questões relacionadas ao Acesso a Capital foi identificado a falta de documentação como um dos maiores impedimentos para acessar as linhas de crédito. Como este estudo entrevistou empreendedores vinculados a cooperativas/associações, a hipótese foi confirmada na fase quantitativa, já que os empreendedores em grupos (associações e cooperativas), conseguem acessar facilmente as linhas de crédito. Desta forma, foi possível identificar na análise qualitativa, que individualmente os empreendedores enfrentam dificuldades em acessar as linhas de créditos.

A hipótese relacionada a variável **oportunidade**, também confirmada neste estudo, trouxe bons resultados também na fase qualitativa, os respondentes relatam que as oportunidades ocorrem pelo fato de os empreendedores estarem em regiões que facilitam a diversidade de produção, o acesso as rodovias para o escoamento da produção e principalmente, um ambiente que é cultivado pela influência familiar de geração para geração.

Na fase quantitativa, a hipótese relacionada ao constructo **paixão**, também foi confirmada. Para entender como se dava a percepção de paixão dos empreendedores, as questões foram direcionadas a associação de influência, o que motivava o empreendedor, a ponto de influenciar outros empreendedores. Diferentes foram as percepções dos entrevistados, mais de forma recorrente, os entrevistados relacionavam a influência familiar como motivação para a continuidade do negócio da família ou a influência familiar na criação de uma nova

oportunidade de negócio. Analisando o contexto, foi identificado que a região de Ibiúna foi colonizada por imigrantes japoneses, o que pode ter influenciado o desenvolvimento da região.

Analisando os itens que foram considerando como barreiras apresentadas no quadro 4.5 são: Risco, Inovação Liderança e Rede de Relacionamento e que também foram rejeitados no estudo quantitativo, são eles:

A percepção ao **risco** relatado pelos entrevistados, demonstra que os empreendedores reconhecem sua existência e que em diferentes graus de capacidade em administrá-lo, buscam minimizar seus efeitos. Ou seja, é um comportamento empreendedor a capacidade de perceber o risco e mitigá-lo (Niska, 2012; Simon et al., 2000). Mas também pode ser classificado como uma barreira, se o empreendedor não conseguir superar a aversão ao risco (Kasabov, 2016).

Quando se trata de **inovação**, seja ela de processo, gestão ou produção, os respondentes souberam apresentar algumas inovações ocorridas no setor mais os relatos foram mais contundentes em classificar as barreiras, principalmente no que diz respeito a falta de investimento e informação.

Já a percepção dos respondentes quanto a **liderança e gerenciamento**, ficou evidente a distinção do tamanho dos empreendimentos (pequenos, médias e grandes produtores). Os que possuem grandes empresas, investem em equipes, o que possibilita um melhor gerenciamento do negócio. Os que possuem empresas de médio porte, contratam mão de obra temporária e conseguem mesmo com limitações gerenciar o seu negócio. As pequenas empresas contam somente com a ajuda de seus familiares, o que dificulta a gestão e direcionamento das atividades. Possivelmente, a variável liderança e gerenciamento foi rejeitada, porque a coleta de dados se deu, por meio dos empreendedores rurais vinculados a cooperativas/associações, que possuem como cooperado ou associado empreendedores rurais com empresas de pequeno e médio porte.

E por fim, as **redes de relacionamentos** também foi classificada como uma barreira em ambas as análises, os entrevistados relataram que a dificuldade enfrentada pelos grupos foi relacionada a falta de apoio institucional que não promove capacitação ou encontro com os empreendedores. Outra barreira que também pode ser observada nos relatos, que também pode ter ocorrido por conta da amostra, é o fato de os próprios grupos organizados em cooperativas e associações se fecham como concorrentes. Ou seja, dentro das cooperativas acontecem

reuniões e treinamentos, mas quando se trata de estratégia e gestão dos negócios, não existe a troca de informação interna e muito menos externa ao grupo.

Os resultados deste estudo fornecem perspectivas teóricas aos acadêmicos e estratégias de direcionamento para a análise das barreiras e facilitadores aos empreendedores rurais, sejam eles pequenos, médios ou grandes, pertencentes a agricultura familiar, nascentes do meio rural ou em busca de oportunidades no setor. Outras contribuições também podem ser direcionadas ao poder público local, no sentido de estimular mais ativamente a criação de redes de relacionamentos.

As principais limitações da etapa quantitativa, se deram na coleta de dados, o uso da plataforma *on-line* ferramenta Google Docs ®² não foi eficiente para esse público, o retorno foi de 55 respondentes, destes apenas 36 foram válidos. Em relação da etapa qualitativa, destaca-se como limitação, a realização das entrevistas com um número maior de respondentes e a dificuldades de acesso a um número maior de especialistas do setor, visto que as regiões são extensas, sendo necessário levantamento mais aprofundados do perfil dos entrevistados e sua possível contribuição para com a pesquisa.

Por fim, para estudos futuros os pesquisadores podem analisar outros contextos e as diferenças do comportamento empreendedor entre empreendedores de pequenas, médias e grandes empresas rurais.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, R. (2000). *A rede , os nós , as teias – Tecnologias Alternativas na Agricultura*. 4, 1–17.
- Abramovay, R., Magalhães, R., & Schroder, M. (2010). Representatividade e inovação na governança dos processos participativos: o caso das organizações Brasileiras de agricultores familiares. *Sociologias*, 12(24), 268–306. <https://doi.org/10.1590/S1517-45222010000200010>
- Ajzen, I. (1985). From intentions to actions: a theory of planned behavior. In: KUHL, J. E.; BECKMANN, J. (Org.). In *Action control: from cognition to behavior*. Springer-Verlag, Berlim Heidelberg, (p. Cap. 2, 11-39.).
- Ajzen, Icek. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50, 179–211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)
- Alemu, A. E., & Adesina, J. O. (2017). In Search of Rural Entrepreneurship: Non-farm Household Enterprises (NFEs) as Instruments of Rural Transformation in Ethiopia. *African Development Review*, 29(2). <https://doi.org/10.1111/1467-8268.12255>
- Anthopoulou, T., Kaberis, N., & Petrou, M. (2017). Aspects and experiences of crisis in rural Greece. Narratives of rural resilience. *Journal of Rural Studies*, 52. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2017.03.006>
- Astrachan, C.B., Patel V. K., W. G. (2014). Journal of Family Business Strategy A comparative study of CB-SEM and PLS-SEM for theory development in family firm research. *Journal of Family Business Strategy*, 5(1), 116–128. <https://doi.org/10.1016/j.jfbs.2013.12.002>
- Atterton, J. (2007). The ‘Strength of Weak Ties’: Social Networking by Business Owners in the Highlands and Islands of Scotland - Atterton - 2007 - Sociologia Ruralis - Wiley Online Library. *Sociologia Ruralis*, 47(3), 228–245. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2007.00435.x>
- Audretsch, D. B., & Keilbach, M. (2004). Entrepreneurship capital and economic performance. *Regional Studies*, 38(8), 949–959. <https://doi.org/10.1080/0034340042000280956>
- Austin, J., Stevenson, H., & Wei-Skillern, J. (2006). Social and commercial entrepreneurship:

- Same, different, or both? *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 30(1), 1–22.
<https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2006.00107.x>
- Azari, M. G., Allahyari, M. S., & Abedi, M. (2017). Analysis of barriers against development of rural entrepreneurship in Guilan province, Iran. *World Review of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development*, 13(2–3).
<https://doi.org/10.1504/WREMSD.2017.083016>
- Azevedo, D. (2016). Revisão de Literatura, Referencial Teórico, Fundamentação Teórica e Framework Conceitual em Pesquisa – diferenças e propósitos. *Working Paper*. Retrieved from <https://unisinus.academia.edu/DeboraAzevedo/Papers>
- Balfour, B., W-P Fortunato, M., & Alter, T. R. (2016). The creative fire: An interactional framework for rural arts-based development. *Journal of Rural Studies*.
<https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.11.002>
- Barbosa, E. F. (2008). Instrumentos De Coleta De Dados Em Pesquisas Educacionais. *Educativa, Out.*, (i), 1–5.
- Bardin, L. (2008). Análise de conteúdo. In *Correspondência: Daiane Dal Pai Rua Santana* (70th, 1977th ed.). Lisboa.
- Barreto, J. C., & Nassif, V. M. J. (2014). O Empreendedor Líder e a Disseminação da Orientação Empreendedora. *Revista Brasileira de Gestao de Negocios*, 16(51), 180–198.
<https://doi.org/10.7819/rbgn.v16i51.1422>
- Bergevoet, R. H. M., Ondersteijn, C. J. M., & Saatkamp, H. W. (2004). Entrepreneurial behaviour of dutch dairy farmers under a milk quota system : goals , objectives and attitudes. *Agricul- Structural Systems*, 80, 1–21.
<https://doi.org/10.1016/j.agsy.2003.05.001>
- Bernardo, E. G., & Ramos, H. R. (2016). Desenvolvimento Sustentável na Agricultura Familiar. V *SINGEP - Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade*. Retrieved from <http://www.singep.org.br/5singep/resultado/237.pdf>
- Bernardo, E., Ramos, H. R., & Vils, L. (2018). Evolução da Produção Científica em Empreendedorismo Rural: Um Estudo Bibliométrico. X *EGEPE - Encontro de Estudos Sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*.
- Bird, B. (1988). Implementing Entrepreneurial Ideas: The Case for Intention. *Academy of Management Review*, 13(3), 442–453. <https://doi.org/10.5465/AMR.1988.4306970>

- Bosworth, G. (2012). Characterising rural businesses - Tales from the paperman. *Journal of Rural Studies*, 28(4), 499–506. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2012.07.002>
- Bosworth, G., & Turner, R. (2018). Interrogating the meaning of a rural business through a rural capitals framework. *Journal of Rural Studies*, 60(January), 1–10. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2018.02.002>
- Brasil. (2018). Brasil.
- Cardon, M. S. (2009). THE NATURE AND EXPERIENCE OF ENTREPRENEURIAL PASSION. *Academy of Management Review*, 34(3), 511–532.
- Cardon, M. S., Gregoire, D. A., Stevens, C. E., & Patel, P. C. (2013). Measuring entrepreneurial passion: Conceptual foundations and scale validation. *Journal of Business Venturing*, 28(3), 373–396. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2012.03.003>
- Cardon, M. S., Zietsma, C., Saparito, P., Matherne, B. P., & Davis, C. (2005). A tale of passion: New insights into entrepreneurship from a parenthood metaphor. *Journal of Business Venturing*, 20(1), 23–45. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2004.01.002>
- Cederholm, E. A., & Sjöholm, C. (2014). Living and seeing a dream: Lifestyle entrepreneurship in the intersection between family, market and political rhetoric | Att leva och sälja sin dröm: Livsstilsföretagaren mellan familjeliv, marknad och politisk retorik. *Sociologisk Forskning*, 51(2).
- Chin, W. (1998). The partial least squares approach to structural equation modeling. *Modern Methods for Business Research*, v.295(n.2), p.295-336.
- Chlosta, S., Patzelt, H., Klein, S. B., & Dormann, C. (2012). Parental role models and the decision to become self-employed: The moderating effect of personality. *Small Business Economics*, 38(1), 121–138. <https://doi.org/10.1007/s11187-010-9270-y>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. (Routledge).
- Costa, P. R. da, Ramos, H. R., & Pedron, C. D. (2019). Alternative Structure Proposition for PhD Thesis from Multiple Studies. *Iberoamerican Journal of Strategic Management (IJSM)*, 18(2), 155–170. <https://doi.org/10.5585/riae.v18i2.2783>
- Couto, E. (2008). *AS NORMAS E O MERCADO DA HORTICULTURA : inserção dos agricultores de Ibiúna (SP) nos circuitos socioespaciais LES NORMES ET MARCHÉ DE L ' HORTICULTURE : l ' insertion des agriculteurs d ' Ibiúna (SP) nous circuits socioespaciais*. 138–161.

- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto* (2. ed.; Artmed, Ed.). Porto Alegre.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre.
- Crouse, P., Doyle, W., & Young, J. D. (2013). Human Resource Development International Workplace learning strategies , barriers , facilitators and outcomes : a qualitative study among human resource management practitioners. *Human Resource Development International*, 37–41. <https://doi.org/10.1080/13678868.2011.542897>
- Davidsson, P., & Honig, B. (2003). The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. *Journal of Business Venturing*, 18(3), 301–331. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(02\)00097-6](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(02)00097-6)
- De Rosa, M., & McElwee, G. (2015). An empirical investigation of the role of rural development policies in stimulating rural entrepreneurship in the Lazio Region of Italy. *Society and Business Review*, 33(11/12), 736–751. <https://doi.org/https://doi.org/10.1108/MIP-05-2017-0088>
- de Souza Bido, D., & da Silva, D. (2019). SmartPLS 3: especificação, estimação, avaliação e relato SmartPLS 3: specification, estimation, evaluation and reporting. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 20(2), 1–31. <https://doi.org/10.13058/raep.2019.v20n2.1545>
- Deakins, D., Bensemman, J., & Battisti, M. (2016). Entrepreneurial skill and regulation: Evidence from primary sector rural entrepreneurs. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 22(2). <https://doi.org/10.1108/IJEER-12-2014-0240>
- Dinis, A. (2006). Marketing and innovation: Useful tools for competitiveness in rural and peripheral areas. *European Planning Studies*, 14(1), 9–22. <https://doi.org/10.1080/09654310500339083>
- Dohse, D., & Walter, S. G. (2012). Knowledge context and entrepreneurial intentions among students. *Small Business Economics*, 39(4), 877–895. <https://doi.org/10.1007/s11187-011-9324-9>
- Driga, O., Lafuente, E., & Vaillant, Y. (2009). Reasons for the relatively lower entrepreneurial activity levels of rural women in Spain. *Sociologia Ruralis*, 49(1), 70–96. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2008.00475.x>

- Drucker, P. (1970). Entrepreneurship in business enterprise. *Journal of Business Policy*, 1(1), 3–12.
- DRUCKER, P. F. (1993). Innovation and entrepreneurship. In *Harper Business*. New York.
- Dubois, A. (2016). Transnationalising entrepreneurship in a peripheral region - The translocal embeddedness paradigm. *Journal of Rural Studies*, 46.
<https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.05.003>
- Ellis, V., & Bosworth, G. (2015). Supporting rural entrepreneurship in the UK microbrewery sector. *British Food Journal*, 117(11). <https://doi.org/10.1108/BFJ-12-2014-0412>
- Eschker, E., Gold, G., & Lane, M. D. (2017). Rural entrepreneurs: what are the best indicators of their success? *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 24(2).
<https://doi.org/10.1108/JSBED-07-2016-0112>
- Esparcia, J., Escribano, J., & Serrano, J. J. (2015). From development to power relations and territorial governance: Increasing the leadership role of LEADER Local Action Groups in Spain. *Journal of Rural Studies*, 42, 29–42.
<https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2015.09.005>
- FAO. (2014). Ano Internacional da Agricultura Familiar 2014. Retrieved from Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação website: <http://www.fao.org/family-farming-2014/home/what-is-family-farming/pt/>
- Fayolle, A., Gailly, B., & Lassas-Clerc, N. (2006). Assessing the impact of entrepreneurship education programmes: a new methodology. *Journal of European Industrial Training*, 30(9), 701–720. <https://doi.org/10.1108/03090590610715022>
- Ferreira, M. P., Reis, N. R., & Miranda, R. (2015). Thirty years of entrepreneurship research published in top journals : analysis of citations , co-citations and themes. *Journal of Global Entrepreneurship Research*, 3(3), 205–209. <https://doi.org/10.1186/s40497-015-0035-6>
- Fishbein, M.; Ajzen, I. (1975). Belief, attitude, intention, and behavior: an introduction to theory and research. *Reading, Ma: Addison-Wesley*.
- Flora, C. B., & Flora, J. L. (1993). Entrepreneurial Social Infrastructure: A Necessary Ingredient. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 529(1), 48–58. <https://doi.org/10.1177/0002716293529001005>
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating Structural Equation Models with

- Unobservable Variables and Measurement Error. *Journal of Marketing Research (JMR)*, 18(1), 39–50.
- Fortunato, M. W.-P., & Alter, T. R. (2016). Culture and entrepreneurial opportunity in high- and low-entrepreneurship rural communities: Challenging the discovery/creation divide. *Journal of Enterprising Communities*, 10(4). <https://doi.org/10.1108/JEC-04-2015-0026>
- Freire-Gibb, L. C., & Nielsen, K. (2014). Entrepreneurship Within Urban and Rural Areas: Creative People and Social Networks. *Regional Studies*, 48(1), 139–153. <https://doi.org/10.1080/00343404.2013.808322>
- Galloway, L., Sanders, J., & Deakins, D. (2011). Rural small firms' use of the internet: From global to local. *Journal of Rural Studies*, 27(3), 254–262. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2011.05.005>
- Garfield, E. (2001). From Bibliographic Coupling to Co-Citation Analysis via Algorithmic Historio-Bibliography. *Journal Impact Factor: A Brief Review*, 45.
- Getz, D., & Carlsen, J. (2000). Characteristics and goals of family and owner-operated businesses in the rural tourism and hospitality sectors. *Tourism Management*, 21(6), 547–560. [https://doi.org/10.1016/S0261-5177\(00\)00004-2](https://doi.org/10.1016/S0261-5177(00)00004-2)
- Ghosh, A. (2015). The big push for renewable energy in India: What will drive it? *Bulletin of the Atomic Scientists*, 71(4). <https://doi.org/10.1177/0096340215590791>
- Gibson, D. E. (2004). Role models in career development: New directions for theory and research. *Journal of Vocational Behavior*, 65(1), 134–156. [https://doi.org/10.1016/S0001-8791\(03\)00051-4](https://doi.org/10.1016/S0001-8791(03)00051-4)
- Gladwin, C. H., Long, B. F., Babb, E. M., Beaulieu, L. J., Mulkey, D., & Zimet, D. J. (1989). Rural Entrepreneurship: One Key to Rural Revitalization. *American Journal of Agricultural Economics*, 71(5). <https://doi.org/10.2307/1243127>
- Gobin, V. J., Santos, P., & Toth, R. (2017). No Longer Trapped? Promoting Entrepreneurship Through Cash Transfers to Ultra-Poor Women in Northern Kenya. *American Journal of Agricultural Economics*, 99(5). <https://doi.org/10.1093/ajae/aax037>
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades. *Rae, São Paulo*, v. 35, n. 2, p. 63.
- Gomes, F. P., & Araujo, R. M. (2005). Pesquisa Quanti-Qualitativa em Administração : uma visão holística do objeto em estudo. *Seminários Em Administração*, 8, 1–11.

- Gorbuntsova, T., & Dobson, S. (2018). Rural entrepreneurial space and identity : A study of local tour operators and ‘ the Nenets ’ indigenous reindeer herders. *The International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 19 (4), 261–272.
<https://doi.org/10.1177/1465750317723220>
- Granovetter, M. (1985). Economic action and social structure: The problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, 91(3), 481-510.
<https://doi.org/10.1002/9780470755679.ch5>
- Granovetter, M. S. (1973). The strength of weak ties. *In Social Networks*, (pp. 347-367).
<https://doi.org/10.1017/S0269889712000130>
- Gray, C., & Gray, C. (2002). *resistance to change and growth in small firms*.
<https://doi.org/10.1108/14626000210419491>
- Greenberg, Z., Farja, Y., & Gimmon, E. (2018). Embeddedness and growth of small businesses in rural regions. *Journal of Rural Studies*, 62(January), 174–182.
<https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2018.07.016>
- Grisa, C., & Schneider, S. (2015). *Políticas Públicas de Desenvolvimento Rural no Brasil* (Editora da). Porto Alegre.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*.
- Hair, J. F. (2005). *Livro_ANALISE MULTIVARIADA DE DADOS - Joseph Hair2005.pdf*.
- Hair, J. F., Hult, G., Ringle, C., & Sarstedt, M. (2014). *A Primer on PartialLeast Square Structural Equation Modeling (PLS-SEM)*.
- Hair Jr, Joseph F., Marcelo Luiz Dias da Silva Gabriel, and V. K. P. (2014). “Modelagem de Equações Estruturais Baseada em Covariância (CB-SEM) com o AMOS: Orientações sobre a sua aplicação como uma Ferramenta de Pesquisa de Marketing.” *Revista Brasileira de Marketing*, 13(2177–5184), 44–55.
<https://doi.org/10.5585/remark.v13i2.2718>
- Henderson, J. (2002). Building the Rural Economy With High-Growth Entrepreneurs. *Review Literature And Arts Of The Americas*, 87(3), 45–70. Retrieved from
<http://www.kc.frb.org/PUBLICAT/ECONREV/PDF/3q02hend.pdf>
- Henry, C., & McElwee, G. (2014). Defining and conceptualising rural enterprise. In *Contemporary Issues in Entrepreneurship Research* (Vol. 4).

- <https://doi.org/10.1108/S2040-724620140000004001>
- Henseler, J., Ringle, CM, & Sinkovics, R. (2009). The Use of Partial Least Squares Path Modeling in International Marketing. *Advances in International Marketing (AIM)*, (n.20), p.277-320. [https://doi.org/10.1108/S1474-7979\(2009\)0000020014](https://doi.org/10.1108/S1474-7979(2009)0000020014)
- Hindle, K., & Moroz, P. (2010). Indigenous entrepreneurship as a research field: Developing a definitional framework from the emerging canon. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 6(4), 357–385. <https://doi.org/10.1007/s11365-009-0111-x>
- Hukampal, S. S., & Bhowmick, B. (2016). Innovation Network for Entrepreneurship Development in Rural Indian Context: Exploratory Factor Analysis. *International Journal of Innovation and Technology Management*, 13(4). <https://doi.org/10.1142/S0219877016500164>
- IBGE. (2006). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo Agropecuário*.
- Jack, S. L., & Anderson, A. R. (2002). The effects of embeddedness on the entrepreneurial process. *Journal of Business Venturing*, 17(5). [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(01\)00076-3](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(01)00076-3)
- Jagoda, K., Lin, X., Calvert, V., & Tao, S. (2016). Accountability of venture support agencies: Do they really help? *Entrepreneurship Research Journal*, 6(2). <https://doi.org/10.1515/erj-2014-0038>
- Jonathan, E. G. (2011). Mulheres empreendedoras : o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. *Psicologia Clínica*, 23, 65–85.
- Kalantaridis, C., & Bika, Z. (2006). Local embeddedness and rural entrepreneurship: Case-study evidence from Cumbria, England. *Environment and Planning A*, 38(8). <https://doi.org/10.1068/a3834>
- Kalantaridis, Christos, & Bika, Z. (2006). In-migrant entrepreneurship in rural England: Beyond local embeddedness. *Entrepreneurship and Regional Development*, 18(2), 109–131. <https://doi.org/10.1080/08985620500510174>
- Kasabov, E. (2016). When an initiative promises more than it delivers: a multi-actor perspective of rural entrepreneurship difficulties and failure in Thailand. *Entrepreneurship and Regional Development*, 28(9–10). <https://doi.org/10.1080/08985626.2016.1234650>
- Katonáné Kovács, J., & Zoltán, E. S. (2017). Rural Enterprise Hub Supporting Rural

- Entrepreneurship and Innovation-Case Studies from Hungary. *European Countryside*, 9(3), 473–485. <https://doi.org/10.1515/euco-2017-0028>
- King, G., & Zeng, L. (2001). Explaining Rare Events in International Relations. *International Organization*, 55(3), 693–715. <https://doi.org/10.1162/00208180152507597>
- Kolawole, O. D., & Ajila, K. (2015). Driving local community transformation through participatory rural entrepreneurship development. *European Journal of Marketing*, 5(2), 134–156. <https://doi.org/10.1108/03090560310495429>
- Korsgaard, S., Ferguson, R., & Gaddefors, J. (2015). The best of both worlds: how rural entrepreneurs use placial embeddedness and strategic networks to create opportunities. *Entrepreneurship and Regional Development*, 27(9–10). <https://doi.org/10.1080/08985626.2015.1085100>
- Korsgaard, S., & Müller, S. (2015). Rural entrepreneurship or entrepreneurship in the rural – between place and space. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 21(1). <https://doi.org/10.1108/IJEER-11-2013-0205>
- Koyana, S., & Mason, R. B. (2017). Rural entrepreneurship and transformation: the role of learnerships. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(5). <https://doi.org/10.1108/IJEER-07-2016-0207>
- Kozuki, M. B., Manzato, M. M., & Marcolino, V. G. O. (2016). O Empreendedor e o Ensino do Empreendedorismo: Uma Dialética entre a Vida Pessoal e a Profissional. *Empreendedorismo Coletânea de Artigos*, 291.
- Krueger, N. F., & Deborah Brazeal, J. V. (1994). Entrepreneurial Potential and Potential Entrepreneurs. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 91–104. <https://doi.org/10.2139/ssrn.1505244>
- Krueger, N. F., Reilly, M. D., & Carsrud, A. L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *Journal of Business Venturing*, 15(5), 411–432. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(98\)00033-0](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(98)00033-0)
- Labrianidis, L. (2006). Fostering entrepreneurship as a means to overcome barriers to development of rural peripheral areas in Europe. *European Planning Studies*, 14(1), 3–8. <https://doi.org/10.1080/09654310500339067>
- Ladd, T. (2017). Business models at the bottom of the pyramid: Leveraging context in undeveloped markets. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 18(1).

<https://doi.org/10.1177/1465750316686242>

- Lafuente, E., Vaillant, Y., & Rialp, J. (2007). Regional differences in the influence of role models: Comparing the entrepreneurial process of rural Catalonia. *Regional Studies*, 41(6). <https://doi.org/10.1080/00343400601120247>
- Lamarche, H. (1993). A agricultura familiar: comparação internacional: Uma realidade multiforme. *Tradução de Ângela Maria Naoko Tijiwa. Campinas - SP*, 11–33.
- Langowitz, N., & Minniti, M. (2007). The entrepreneurial propensity of women. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 31(3), 341–364. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2007.00177.x>
- Lavesson, N. (2017). How does distance to urban centres influence necessity and opportunity-based firm start-ups? *Papers in Regional Science*. <https://doi.org/10.1111/pirs.12289>
- Lin, T.-Y., & Cheng, Y.-Y. (2010). Exploring the Knowledge Network of Strategic Alliance Research: a Co-Citation Analysis. *International Journal of Electronic Business Management*, 8(2), 152–160. Retrieved from <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=bth&AN=52551640&site=ehost-live>
- Liñán, F., & Chen, Y. (2009). Development and Cross-Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 593–617.
- Liñán, F., & Santos, F. J. (2007). Does social capital affect entrepreneurial intentions? *International Advances in Economic Research*, 13(4), 443–453. <https://doi.org/10.1007/s11294-007-9109-8>
- Liñán, F., Urbano, D., & Guerrero, M. (2011). Regional variations in entrepreneurial cognitions: Start-up intentions of university students in Spain. In *Entrepreneurship and Regional Development* (Vol. 23). <https://doi.org/10.1080/08985620903233929>
- Lordkipanidze, M., Brezet, H., & Backman, M. (2005). The entrepreneurship factor in sustainable tourism development. *Journal of Cleaner Production*, 13(8). <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2004.02.043>
- Malebana, M. J., & Swanepoel, E. (2015). Gender differences in entrepreneurial intention in the rural provinces of South Africa. *Journal of Contemporary Management*, 12(1), 615–637. <https://doi.org/10.1080/0376835X.2016.1259990>

- Malebana, M. J. (2016). *The influencing role of social capital in the formation of entrepreneurial intention*. 20, 51–70.
- Malebana, M. J. (2017). Knowledge of entrepreneurial support and entrepreneurial intention in the rural provinces of South Africa. *Development Southern Africa*, 34(1).
<https://doi.org/10.1080/0376835X.2016.1259990>
- Malhotra, N. K. (2006). *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada* (4. ed). Porto Alegre.
- Matei, A. P., Swagemakers, P., Garcia, M. D. D., Da Silva, L. X., Ventura, F., & Milone, P. (2017). State support in Brazil for a local turn to food. *Agriculture (Switzerland)*, 7(1).
<https://doi.org/10.3390/agriculture7010005>
- McClelland, D. C. (1971). The achievement motive in economic growth. I N P. Kilby (Eds.) *Entrepreneurship and economic development*. In *The Free*.
- McElwee, G. (2006). The enterprising farmer: A review of entrepreneurship in agriculture. *Journal of the Royal Agricultural Society of England*, 167.
- McElwee, Gerard, & Smith, R. (2012). Classifying the strategic capability of farmers: a segmentation framework. *International Journal of Entrepreneurial Venturing*, 4(2), 111.
<https://doi.org/10.1504/IJEV.2012.046517>
- McKague, K., Wong, J., & Siddiquee, N. (2017). Social franchising as rural entrepreneurial ecosystem development: The case of Krishi Utsho in Bangladesh. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 18(1). <https://doi.org/10.1177/1465750316686240>
- Md Sharif, N., & Tuan Lonik, K. A. (2014). Entrepreneurship as a Catalyst for Rural Tourism Development. *SHS Web of Conferences*, 12, 01087.
<https://doi.org/10.1051/shsconf/20141201087>
- Meccheri, N., & Pelloni, G. (2006). Rural entrepreneurs and institutional assistance: An empirical study from mountainous Italy. *Entrepreneurship and Regional Development*, 18(5). <https://doi.org/10.1080/08985620600842113>
- Mel, S. de, McKenzie, D., & Woodruff, C. (2008). Returns to Capital in Microenterprises: Evidence from a Field Experiment. *The Quarterly Journal of Economics*, 123(4,1), Pages 1329–1372. <https://doi.org/https://doi.org/10.1162/qjec.2008.123.4.1329>
- Menezes, Elisabeth Aparecida Corrêa, Guimarães, Tomas de Aquino, & Bido, D. de S. (2011). Dimensões da aprendizagem em organizações: validação do Dimensions of the

- Learning Organization Questionnaire (DLOQ) no contexto brasileiro. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 12(2), 4–29. Retrieved from <https://doi.org/10.1590/S1678-69712011000200002>
- Miner, J. B. (1997). The expanded horizon for achieving entrepreneurial success. *Organizational Dynamics*, 25(3), 54–67. [https://doi.org/10.1016/S0090-2616\(97\)90047-4](https://doi.org/10.1016/S0090-2616(97)90047-4)
- Mishra, G., & Raghavan, B. U. (2018). Understanding the Role of Rural Entrepreneurs in Telecentre Sustainability: A Comparative Study of the Akshaya and eSeva Projects in India. *Technology Innovation Management Review*, 8(1), 16–23. <https://doi.org/http://doi.org/10.22215/timreview/1130>
- Muhammad, N., McElwee, G., & Dana, L.-P. (2017). Barriers to the development and progress of entrepreneurship in rural Pakistan. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(2). <https://doi.org/10.1108/IJEBR-08-2016-0246>
- Müller, S., & Korsgaard, S. (2017). Resources and bridging: the role of spatial context in rural entrepreneurship. *Entrepreneurship and Regional Development*. <https://doi.org/10.1080/08985626.2017.1402092>
- Naminse, E. Y., & Zhuang, J. (2018). Does farmer entrepreneurship alleviate rural poverty in China? Evidence from Guangxi Province. *Plos One*, 13(3), e0194912. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0194912>
- Neumeier, S. (2012). Why do Social Innovations in Rural Development Matter and Should They be Considered More Seriously in Rural Development Research? - Proposal for a Stronger Focus on Social Innovations in Rural Development Research. *Sociologia Ruralis*, 52(1), 48–69. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2011.00553.x>
- Newbery, R., Siwale, J., & Henley, A. (2017). Rural entrepreneurship theory in the developing and developed world. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 18(1). <https://doi.org/10.1177/1465750316686232>
- Nijkamp, P. (2003). Entrepreneurship in a Modern network economy. *Regional Studies*, 37(4), 395–405. <https://doi.org/10.1080/0034340032000074424>
- Niska, M., Vesala, H. T., & Vesala, K. M. (2012). Peasantry and Entrepreneurship As Frames for Farming: Reflections on Farmers' Values and Agricultural Policy Discourses. *Sociologia Ruralis*, 52(4), 453–469. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2012.00572.x>

- Nordbø, I. (2014). Beyond the Transfer of Capital? Second-Home Owners as Competence Brokers for Rural Entrepreneurship and Innovation. *European Planning Studies*, 22(8). <https://doi.org/10.1080/09654313.2013.784608>
- North, D., & Smallbone, D. (2006). Developing entrepreneurship and enterprise in Europe's peripheral rural areas: Some issues facing policy-makers. *European Planning Studies*, 14(1). <https://doi.org/10.1080/09654310500339125>
- North, David, & Smallbone, D. (2000a). Innovative Activity in SMEs and Rural Economic Development: Some Evidence from England. *European Planning Studies*, 8(1), 87–106. <https://doi.org/10.1080/096543100110947>
- North, David, & Smallbone, D. (2000b). The innovativeness and growth of rural SMEs during the 1990s. *Regional Studies*, 34(2), 145–157. <https://doi.org/10.1080/00343400050006069>
- North, David, & Smallbone, D. (2006). Developing entrepreneurship and enterprise in Europe's peripheral rural areas: Some issues facing policy-makers. *European Planning Studies*, 14(1), 41–60. <https://doi.org/10.1080/09654310500339125>
- Oliveira, L. E., & Garcia-Zorita, J. C. (2014). *PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE CAPITAL SOCIAL: Estudo por acoplamento bibliográfico. 1916*, 7. Retrieved from http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2014/05/pdf_41c0becd0d_0014320.pdf
- Pathak, A. A., & Varshney, S. (2017). Challenges faced by women entrepreneurs in rural India: The case of Avika. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 18(1). <https://doi.org/10.1177/1465750316686245>
- Pato, L., & Teixeira, A. A. C. (2018). Rural Entrepreneurship: The tale of a rare event. *Journal of Place Management and Development*. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1108/MRR-09-2015-0216>
- Pato, M. L., & Teixeira, A. A. C. (2016). Twenty Years of Rural Entrepreneurship: A Bibliometric Survey. *Sociologia Ruralis*, 56(1). <https://doi.org/10.1111/soru.12058>
- Pezzini, M. (2001). Rural policy lessons from OECD countries. *International Regional Science Review*, 24(1), 134–145. <https://doi.org/10.1177/016001701761013024>
- Piedade. (2018). Prefeitura do Município de Piedade. Retrieved from Nossa Cidade website: <https://www.piedade.sp.gov.br/portal/cidade/11/Piedade>
- Pinto, R. F., Guerrazzi, L. de C., Serra, B. de C., & Kniess, C. T. (2016). A Pesquisa em

- Administração Estratégica: Um Estudo Bibliométrico em Periódicos Internacionais de Estratégia no Período de 2008 A 2013. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, 15(02), 22–37. <https://doi.org/10.5585/riae.v15i2.2334>
- Piovesan, A., & Temporini, E. R. (1995). Current Comments Pesquisa exploratória : procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Rev. Saúde Pública*, 29(011), (4).
- Pyysiainen, Jarkko; Anderson, Alistair; McElwee, Gerard; Vesala, K. (2006). Developing the entrepreneurial skills of farmers: some myths explored. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 12(1), 21-.
<https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1108/JEIM-07-2014-0077>
- Reynolds, P., Bosma, N., Autio, E., Hunt, S., De Bono, N., Servais, I., ... Chin, N. (2005). Global entrepreneurship monitor: Data collection design and implementation 1998-2003. *Small Business Economics*, 24(3), 205–231. <https://doi.org/10.1007/s11187-005-1980-1>
- Ringle, C. M., Da Silva, D., & Bido, D. D. S. (2014). Modelagem de Equações Estruturais com utilização do SmartPls. *Revista Brasileira de Marketing*, 13(13 (02)), 56–73.
<https://doi.org/10.5585/remark.v13i2.2717>
- Roque, S. (2018). Prefeitura da Estância Turística de São Roque.
- Santos, P. D. C. F. D. *Uma escala para identificar potencial empreendedor.* , (2008).
- Sarasvathy, S. D. (2004). The questions we ask and the questions we care about: Reformulating some problems in entrepreneurship research. *Journal of Business Venturing*, 19(5), 707–717. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2003.09.006>
- Schein, E. (1993). *Career anchors: Discovering your values and guide.* San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Schumpeter, J. (1961). The Theory of Economic Development New York: *Oxford University Press*.
- Schumpeter, J. A. (1934). *The theory of economic development* (Cambridge.).
- Schumpeter, J. A. (1982). *The Theory of Economic Development: An Inquiry into Profits, Capital, Credit, Interest, and the Business Cycle (1912/1934)*.
- Serra, F. R., Ferreira, M. P., de Almeida, M. I. R., & de Souza Vanz, S. A. (2012). A pesquisa em administração estratégica nos primeiros anos do século XXI: Um estudo bibliométrico de citações e co-citações no Strategic Management Journal entre 2001 e

2007. *Estratégia & Negócios*, v.5, n.2, 257–274.
- Shane, S. A. (2003). *A general theory of entrepreneurship: The individual-opportunity nexus*. Edward Elgar Publishing.
- Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The Promise of Entrepreneurship as a Field of Research. *The Academy of Management Review*, 25(1), 217.
<https://doi.org/10.2307/259271>
- Shapero, A., & Sokol, L. (1982). The social dimensions of entrepreneurship. *Enciclopédia Do Empreendedorismo, Disponível Em SSRN*., 72–90. Retrieved from
<https://ssrn.com/abstract=1497759>
- Shepherd, D. A., Patzelt, H., & Haynie, J. M. (2010). Entrepreneurial spirals: Deviation-amplifying loops of an entrepreneurial mindset and organizational culture. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 34(1), 59–82. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2009.00313.x>
- Silva, E. L. D., & Menezes, E. M. (2001). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*.
- Simon, M., Houghton, S. M., & Aquino, K. (2000). Cognitive biases, risk perception, and venture formation: How individuals decide to start companies. *Journal of Business Venturing*, 15(98), 113–134. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(98\)00003-2](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(98)00003-2)
- Skuras, D., Meccheri, N., Moreira, M. B., Rosell, J., & Stathopoulou, S. (2005). Entrepreneurial human capital accumulation and the growth of rural businesses: A four-country survey in mountainous and lagging areas of the European union. *Journal of Rural Studies*, 21(1), 67–79. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2004.05.001>
- Smith, R. (2017). Examining the characteristics, philosophies, operating practices and growth strategies of village entrepreneurs. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(4). <https://doi.org/10.1108/IJEER-10-2016-0350>
- Smith, R., Conley, G., Smith, A. M. J., & McElwee, G. (2016). Assessing the impact of ‘farming with dyslexia’ on local rural economies. *Local Economy*, 31(5).
<https://doi.org/10.1177/0269094216655404>
- Smith, R., & McElwee, G. (2015). Developing qualitative research streams relating to illegal rural enterprise reflections on researching qualitatively at the margins of entrepreneurship research. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and*

- Research*, 21(3). <https://doi.org/10.1108/IJEER-01-2014-0019>
- Smith, Robert, & McElwee, G. (2013). Developing Qualitative Research Streams Relating to Illegal Rural Entrepreneurship. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 21, n.3. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1108/MRR-09-2015-0216>
- Souitaris, V., Zerbinati, S., & Al-Laham, A. (2007). Do entrepreneurship programmes raise entrepreneurial intention of science and engineering students? The effect of learning, inspiration and resources. *Journal of Business Venturing*, 22(4), 566–591. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2006.05.002>
- Souza, G. H. S. de;, Coelho, J. A. P. de M., Esteves, G. G. L., Lima, N. C., & Santos, P. da C. F. (2016). Inventário de barreiras e facilitadores ao Empreendedorismo: construção e validação de um instrumento. *REAd - Revista Eletrônica de Administração*, 85(3), 381–412. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/1413-2311.04315.57744>
- Sternberg, R., & Wennekers, S. (2005). Determinants and effects of new business creation using global entrepreneurship monitor data. *Small Business Economics*, 24(3), 193–203. <https://doi.org/10.1007/s11187-005-1974-z>
- Stonkute, E., & Vveinhardt, J. (2017). Rural Development Policy Incentives encouraging Entrepreneurship in selected EU Countries. *In Economic Science for Rural Development Conference Proceedings*, 44(44), 197–204.
- Terluin, I. J. (2003). Differences in economic development in rural regions of advanced countries: An overview and critical analysis of theories. *Journal of Rural Studies*, 19(3), 327–344. [https://doi.org/10.1016/S0743-0167\(02\)00071-2](https://doi.org/10.1016/S0743-0167(02)00071-2)
- Tibério, B. (2016). *Mestrado em Economia e Gestão da Inovação Empreendedorismo Rural e Pobreza das Regiões : uma análise exploratória.*
- Tierling, I. M. B. M. &, & Schmidt, C. M. (2016). AÇÃO COLETIVA E CRIAÇÃO DE VALOR : UM ESTUDO NA ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES DE CORUMBATAÍ DO SUL (PR) COLLECTIVE ACTION AND VALUE CREATION : A STUDY IN SOUTH CORUMBATAÍ PRODUCERS ASSOCIATION (PR). *G&DR - Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 13, 3–25.
- Tomei, P. A., & Lima, D. A. A. (2014). Análise das Barreiras que Dificultam a Transformação do Agricultor Familiar em Empreendedor Rural no Contexto Brasileiro. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, 13(03), 107–122.

- <https://doi.org/10.5585/riae.v13i3.2073>
- Tonner, A., & Wilson, J. (2015). Farm retailing: Motivations and practice. *International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, 16(2).
<https://doi.org/10.5367/ijei.2015.0181>
- Traikova, D., Manolova, T. S., Möllers, J., & Buchenrieder, G. (2017). CORRUPTION PERCEPTIONS AND ENTREPRENEURIAL INTENTIONS IN A TRANSITIONAL CONTEXT-THE CASE OF RURAL BULGARIA. *Journal of Developmental Entrepreneurship*, 22(3). <https://doi.org/10.1142/S1084946717500182>
- Trigo, I. L. (2017). *MARKETING DE RELACIONAMENTO E O PAPEL DA*.
- Valarini, P. J., Oliveira, F. R., Schilickmann, S. D. F., & Poppi, R. J. (2011). Qualidade do solo em sistemas de produção de hortaliças orgânico e convencional. *Horticultura Brasileira*, 29(4), 485–491. <https://doi.org/10.1590/S0102-05362011000400007>
- Van der Ploeg, J. D., Renting, H., Brunori, G., Knickel, K., Mannion, J., Marsden, T., ... Ventura, F. (2000). Rural Development: From Practices and Policies towards Theory. *Sociologia Ruralis*, 40(4), 391–408. <https://doi.org/10.1111/1467-9523.00156>
- Veiga, J. E. Da. (2001). O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. *Estudos Avançados*, 15(43), 101–119. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000300010>
- Venkataraman, H., Vermeulen, P., Raaijmakers, A., & Mair, J. (2016). Market Meets Community: Institutional Logics as Strategic Resources for Development Work. *Organization Studies*, 37(5), 709–733. <https://doi.org/10.1177/0170840615613370>
- Venkataraman, S. (1997). The Distinctive Domain of Entrepreneurship Research. *Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence and Growth*, 3(October), 119–138.
<https://doi.org/10.2139/ssrn.1444184>
- Vogel, R., & Güttel, W. H. (2013). The dynamic capability view in strategic management: A bibliometric review. *International Journal of Management Reviews*, 15(4), 426–446.
<https://doi.org/10.1111/ijmr.12000>
- Wagner, J., & Sternberg, R. (2004). Start-up activities, individual characteristics, and the regional milieu: Lessons for entrepreneurship support policies from German micro data. *Annals of Regional Science*, 38(2), 219–240. <https://doi.org/10.1007/s00168-004-0193-x>
- Wanderley, M. D. (1998). O Brasil: agricultura familiar ou latifúndio. *LAMARCHE, HA A*

- Agricultura Familiar.*, 2(Campinas, Ed Unicamp), 27–31.
- Wanderley, M. D. N. B. (2003). Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. *Estudos Sociedade e Agricultura*, outubro(21), 20.
- Wang, J.-H., Chang, C.-C., Yao, S.-N., & Liang, C. (2016). The contribution of self-efficacy to the relationship between personality traits and entrepreneurial intention. *Higher Education*, 72(2). <https://doi.org/10.1007/s10734-015-9946-y>
- Wennekers, Sander; Thurik, R. (1999). Linking Entrepreneurship and Economic Growth. *Small Business Economics*, 13, 27–55. <https://doi.org/10.1023/A:1008063200484>
- Westlund, H., & Bolton, R. (2003). Local Social Capital and Entrepreneurship. *Small Business Economics*, 21(2), 77–113. <https://doi.org/10.1023/A:1025024009072>
- Wilson, F., Kickul, J., & Marlino, D. (2007). Gender, Entrepreneurial Self-Efficacy, and Entrepreneurial Career Intentions: Implications for Entrepreneurship Education. *Entrepreneurship Theory and Practice*, (617), 387–407.
- Wortman, Max S, J. (1990). *Rural Entrepreneurship Research: An Integration into the Entrepreneurship Field* (p. V.6 Iss. 4.). p. V.6 Iss. 4.,
- Zani, F. B., & Costa, F. L. Da. (2011). A Avaliação de Processos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF. *XXXV Encontro Da ANPAD*, 48(Xxxv), 1–16.
- Zanin, L. M., Meneghetti, M. R., & HSU, P. L. (2017). Processos organizacionais : Possibilidades do tema por meio de uma análise bibliométrica. *Simpósio Internacional de Gestão de Projetos, Inovação e Sustentabilidade (VI Singep)*, (December).
- Zanin, L. (2017). *Você Diz Que Quer Uma Revolução : Todos Queremos Mudar o Mundo*. (April). <https://doi.org/10.5585/riae.v16i1.2506>
- Zanin, L. M., & Silva, F. R. (2015). Evolução das Teorias que Suportam os Artigos Publicados em Empreendedorismo entre 1960 e 2013: Análise da rede de citação e co-citação. *XXXIX Encontro Do ANPAD*, (September 2015), 1–20.
- Zeverte-Rivza, S., & Paula, L. (2014). Regional Differences on Entrepreneurs Motivation to Start Business. *Economic Science for Rural Development*, 35(September 2017), 246–254.
- Zhao, H., Seibert, S. E., & Hills, G. E. (2005). The Mediating Role of Self-Efficacy in the Development of Entrepreneurial Intentions. *Journal of Applied Psychology*, 90(6), 1265–

1272. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.90.6.1265>

Zupic, I., & Čater, T. (2015). Bibliometric Methods in Management and Organization.

Organizational Research Methods, 18(3), 429–472.

<https://doi.org/10.1177/1094428114562629>

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

Os resultados dos estudos 1 e 2 fundamentaram a questão de pesquisa e desenvolvimento do estudo 3, possibilitando embasamento teórico e aferição dos resultados da fase quantitativa e qualitativa do estudo.

O Figura 4.7 apresenta de forma resumida a estruturação da tese, por meio da Matriz Contributiva (MC) apresentada na introdução da tese e o seu alinhamento conforme a figura 1.1 (Matriz Metodológica de Amarração – MMA).

Figura 4.7 – Matriz Contributiva (MC)

QUESTÃO CENTRAL DE PESQUISA: Quais as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor no contexto rural?			
OBJETIVO GERAL: Analisar quais são as barreiras e facilitadores ao comportamento empreendedor no contexto rural.			
CONCLUSÃO PARTICULARIZADA			
Síntese dos resultados	Contribuições para o avanço do conhecimento	Limitações	Proposta de estudos futuros
O estudo contribui na identificação dos autores mais citados, formação de quatro grupo de autores que trabalham com o tema empreendedorismo rural.	Contribuição que favorece avanço do campo de pesquisa em empreendedorismo rural.	A pesquisa se limitou a base Web of Science (WOS). Foram encontrados constructos genéricos e sobrepostos. Poucos estudos aplicados (casos detalhados) e a ausência de publicações nacionais, excluindo artigos mais recentes.	Para estudos futuros, sugere-se aprofundamento do tema “comportamento empreendedor” em diferentes bases de dados, principais <i>journals</i> e congressos e comparativo entre diferentes contextos.
O estudo apresenta diferentes perspectivas teóricas sobre ER, considerando 36 estudos recentes (2014-2018).	Como contribuição, do estudo se destaca a identificação de cinco <i>clusters</i> que oferecem <i>insights</i> importantes para novas perspectivas teóricas para o desenvolvimento de novas pesquisas em empreendedorismo rural.	A pesquisa se limitou a base do Web of Science (WOS).	Foram identificados cinco <i>clusters</i> com estudos que analisaram: Conceito de redes no ER, Políticas governamentais em apoio aos negócios rurais, Empreendedorismo no contexto rural, Estratégias ao ER, Empresários Rurais e o Empreendedorismo.
A primeira fase de análise quantitativa do estudo, possibilitou a construção de um modelo que confirmou	Os resultados deste estudo fornecem perspectivas teóricas aos acadêmicos e estratégias de direcionamento para a análise das barreiras e facilitadores aos empreendedores rurais, sejam	Como limitação da etapa quantitativa na coleta de dados, o uso da plataforma on-line, ferramenta Google Docs @ ² , não foi eficiente para esse público, o retorno foi de 55 respondentes,	Para estudos futuros é possível realizar o aprofundamento desse estudo buscando entender o papel do contexto no

<p>de três hipóteses das sete hipóteses do estudo. A análise da fase qualitativa possibilitou, um maior entendimento sobre o comportamento empreendedor e caracterização das barreiras e facilitadores ao ER.</p>	<p>eles pequenos, médios ou grandes, pertencentes a agricultura familiar, nascentes do meio rural ou em busca de oportunidades no setor. Outras contribuições também podem ser direcionadas ao poder público local, no sentido de estimular mais ativamente a criação de redes de relacionamentos.</p>	<p>destes apenas 36 questionários foram válidos.</p> <p>Na etapa qualitativa, as limitações se deram na realização das entrevistas por causa das dificuldades de acesso um número maior de especialistas do setor, visto que as regiões são extensas, sendo necessário levantamento mais aprofundados do perfil dos entrevistados e sua possível contribuição para com a pesquisa.</p>	<p>comportamento empreendedor, as diferenças entre pequenas e grandes empresas, ou mesmo aprofundar utilizando um dos sete comportamentos identificados na pesquisa.</p>
---	--	--	--

Fonte: Costa, Ramos e Pedron (2019)

5.1 Conclusão Integradora

Os dois primeiros estudos apontam *insights* importantes para novas perspectivas no campo teórico e desta forma, influenciar o desenvolvimento de novas pesquisas em empreendedorismo rural e no comportamento empreendedor sob ótica da influência de situações que se representem como barreiras ou facilitadores.

O estudo 3 possibilitou um maior entendimento das principais barreiras e facilitadores ao empreendedorismo, auxiliando o indivíduo na busca de estratégias que possam direcionar quanto ao enfrentamento das barreiras e principalmente potencializar os facilitadores (fatores motivacionais) que proporcionam maior desejo de mudança e busca de oportunidades. Para Sarasvathy (2004), “os empreendedores precisam entender como eles podem criar melhores empresas”.

O estudo também é útil para os formuladores de políticas públicas, gestores municipais, sindicatos, grupos organizados em Cooperativas/Associações e formadores de opinião (liderança comunitária), pelo fato de apresentar um retrato da situação atual da localidade objeto do estudo, tais achados podem direcionar no enfrentamento das barreiras e como já sugerido no estudo, estimular a criação de redes de relacionamentos, cursos e capacitações. Fazendo com que a informação alcance também os pequenos proprietários.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, R. (2000). *A rede , os nós , as teias – Tecnologias Alternativas na Agricultura*. 4, 1–17.
- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50, 179–211. [https://doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](https://doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T)
- Azari, M. G., Allahyari, M. S., & Abedi, M. (2017). Analysis of barriers against development of rural entrepreneurship in Guilan province, Iran. *World Review of Entrepreneurship, Management and Sustainable Development*, 13(2–3). <https://doi.org/10.1504/WREMSD.2017.083016>
- Bardin, L. (2008). Análise de conteúdo. In *Correspondência: Daiane Dal Pai Rua Santana* (70th, 1977th ed.). Lisboa.
- Costa, P. R. da, Ramos, H. R., & Pedron, C. D. (2019). Alternative Structure Proposition for PhD Thesis from Multiple Studies. *Iberoamerican Journal of Strategic Management (IJSM)*, 18(2), 155–170. <https://doi.org/10.5585/riae.v18i2.2783>
- Deakins, D., Bensemam, J., & Battisti, M. (2016). Entrepreneurial skill and regulation: Evidence from primary sector rural entrepreneurs. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 22(2). <https://doi.org/10.1108/IJEBr-12-2014-0240>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (Editora A).
- Gladwin, C. H., Long, B. F., Babb, E. M., Beaulieu, L. J., Mulkey, D., & Zimet, D. J. (1989). Rural Entrepreneurship: One Key to Rural Revitalization. *American Journal of Agricultural Economics*, 71(5). <https://doi.org/10.2307/1243127>
- Grácio, M. C. C. (2016). Acoplamento bibliográfico e análise de cocitação: revisão teórico-conceitual. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência Da Informação*, 21(47), 82. <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2016v21n47p82>
- Grisa, C., & Schneider, S. (2015). *Políticas Públicas de Desenvolvimento Rural no Brasil* (Editora da). Porto Alegre.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*.
- Hair, J. F., Hult, G., Ringle, C., & Sarstedt, M. (2014). *A Primer on PartialLeast Square*

Structural Equation Modeling (PLS-SEM).

- Henderson, J. (2002). Building the Rural Economy With High-Growth Entrepreneurs. *Review Literature And Arts Of The Americas*, 87(3), 45–70. Retrieved from <http://www.kc.frb.org/Publicat/Econrev/Pdf/3q02hend.pdf>
- Henry, C., & McElwee, G. (2014). Defining and conceptualising rural enterprise. In *Contemporary Issues in Entrepreneurship Research* (Vol. 4). <https://doi.org/10.1108/S2040-724620140000004001>
- Kolawole, O. D., & Ajila, K. (2015). Driving local community transformation through participatory rural entrepreneurship development. *European Journal of Marketing*, 5(2), 134–156. <https://doi.org/10.1108/03090560310495429>
- Lafuente, E., Vaillant, Y., & Rialp, J. (2007). Regional differences in the influence of role models: Comparing the entrepreneurial process of rural Catalonia. *Regional Studies*, 41(6). <https://doi.org/10.1080/00343400601120247>
- Muhammad, N., McElwee, G., & Dana, L.-P. (2017). Barriers to the development and progress of entrepreneurship in rural Pakistan. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(2). <https://doi.org/10.1108/IJEBr-08-2016-0246>
- Naminse, E. Y., & Zhuang, J. (2018). Does farmer entrepreneurship alleviate rural poverty in China? Evidence from Guangxi Province. *Plos One*, 13(3), e0194912. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0194912>
- Neumeier, S. (2012). Why do Social Innovations in Rural Development Matter and Should They be Considered More Seriously in Rural Development Research? - Proposal for a Stronger Focus on Social Innovations in Rural Development Research. *Sociologia Ruralis*, 52(1), 48–69. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9523.2011.00553.x>
- North, D., & Smallbone, D. (2006). Developing entrepreneurship and enterprise in Europe's peripheral rural areas: Some issues facing policy-makers. *European Planning Studies*, 14(1), 41–60. <https://doi.org/10.1080/09654310500339125>
- Oliveira, L. E., & Garcia-Zorita, J. C. (2014). *PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE CAPITAL SOCIAL: Estudo por acoplamento bibliográfico. 1916*, 7. Retrieved from http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2014/05/pdf_41c0becd0d_0014320.pdf
- Pinto, R. F., Guerrazzi, L. de C., Serra, B. de C., & Kniess, C. T. (2016). A Pesquisa em Administração Estratégica: Um Estudo Bibliométrico em Periódicos Internacionais de

- Estratégia no Período de 2008 A 2013. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, 15(02), 22–37. <https://doi.org/10.5585/riae.v15i2.2334>
- Quevedo-Silva, F., Santos, E. B., Brandão, M. M., & Vils, L. (2016). Estudo Bibliométrico: Orientações sobre sua Aplicação. *Revista Brasileira de Marketing*, 15(02), 246–262. <https://doi.org/10.5585/remark.v15i2.3274>
- Sarasvathy, S. D. (2004). The questions we ask and the questions we care about: Reformulating some problems in entrepreneurship research. *Journal of Business Venturing*, 19(5), 707–717. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2003.09.006>
- Schumpeter, J. A. (1934). *The theory of economic development* (Cambridge.).
- Shapero, A., & Sokol, L. (1982). The social dimensions of entrepreneurship. *Enciclopédia Do Empreendedorismo, Disponível Em SSRN:*, 72–90. Retrieved from <https://ssrn.com/abstract=1497759>
- Smith, R., Conley, G., Smith, A. M. J., & McElwee, G. (2016). Assessing the impact of ‘farming with dyslexia’ on local rural economies. *Local Economy*, 31(5). <https://doi.org/10.1177/0269094216655404>
- Souza, G. H. S. de;, Coelho, J. A. P. de M., Esteves, G. G. L., Lima, N. C., & Santos, P. da C. F. (2016). Inventário de barreiras e facilitadores ao Empreendedorismo: construção e validação de um instrumento. *REAd - Revista Eletrônica de Administração*, 85(3), 381–412. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/1413-2311.04315.57744>
- Tibério, B. (2016). *Mestrado em Economia e Gestão da Inovação Empreendedorismo Rural e Pobreza das Regiões : uma análise exploratória*.
- Tierling, I. M. B. M. &, & Schmidt, C. M. (2016). Ação Coletiva E Criação De Valor : Um Estudo Na Associação De Produtores De Corumbataí Do Sul (Pr) Collective Action And Value Creation : A Study In South Corumbataí Producers Association (Pr). *G&DR - Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 13, 3–25.
- Vogel, R., & Güttel, W. H. (2013). The dynamic capability view in strategic management: A bibliometric review. *International Journal of Management Reviews*, 15(4), 426–446. <https://doi.org/10.1111/ijmr.12000>
- Zanin, L. (2017). *Você Diz Que Quer Uma Revolução : Todos Queremos Mudar o Mundo*. (April). <https://doi.org/10.5585/riae.v16i1.2506>
- Zupic, I., & Čater, T. (2015). *Bibliometric Methods in Management and Organization*.

Organizational Research Methods, 18(3), 429–472.

<https://doi.org/10.1177/1094428114562629>

APÊNDICE

Apêndice A – Questionário utilizado na pesquisa quantitativa

Disponível em:

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdXBmTJSPZ4cMiET8M2Gbhvx68mRSLixoaW8DuaoxKkitVRmg/viewform?usp=sf_link

Pesquisa sobre Empreendedorismo Rural - Doutorado em Administração - Universidade Nove de Julho (UNINOVE) | Evelyn Gomes Bernardo

Obrigado por participar desta pesquisa que faz parte da minha tese de Doutorado em Administração pela UNINOVE sobre Empreendedorismo Rural.

Com a sua contribuição será possível compreendermos melhor as características dos empreendedores em um contexto rural. A sua resposta, permitirá entendermos quais as características que impedem ou contribuem para o comportamento empreendedor no contexto rural.

Por favor, todas as questões marcadas com * devem ser respondidas. Você precisará de aproximadamente 05 a 10 minutos para responder esta pesquisa. Suas respostas só serão registradas após você marcar o botão enviar no final da página.

Instruções de preenchimento: Você deve inicialmente informar suas características pessoais, como idade, gênero, local de residência e escolaridade. Em seguida, você deve marcar utilizando uma escala de 1 a 5, sendo o menor número 1 - "Não me descreve" e o maior, 5 - "me descreve totalmente", sobre a sua opinião em relação aos seus comportamentos. Quanto mais próximo a 1, mais você discorda e quanto mais próximo de 5, mais você concorda com a relação ao comportamento proposto.

Obrigado por participar,

Evelyn Gomes Bernardo
Doutoranda em Administração - UNINOVE
evelynbernardo21@gmail.com

Questionário de pesquisa

Qual a sua idade?

- De 18 a 25 anos
- De 26 a 35 anos
- De 36 a 45 anos
- De 46 a 55 anos
- Acima de 56 anos

Qual é o seu gênero (sexo)?

- Feminino
- Masculino
- LGBT

Qual a cidade onde você mora (reside)?

- Ibiúna, SP
- São Roque, SP
- Piedade, SP
- Outras regiões

Quanto a escola. Qual é o seu nível de escolaridade?

- Analfabeto (não sabe ler e escrever)
- Ensino Fundamental (1o. Grau) Incompleto
- Ensino Fundamental (1o. Grau) Cursando
- Ensino Fundamental (1o. Grau) Completo
- Ensino Médio (2o. Grau) Incompleto
- Ensino Médio (2o. Grau) Cursando
- Ensino Médio (2o. Grau) Completo
- Curso Técnico
- Superior Incompleto
- Superior Completo
- Pós-Graduação
- Curso Técnico

As próximas perguntas, são referentes ao seu comportamento como empreendedor:

Agora, vou perguntar sobre questões que descrevem o seu comportamento, responda com sinceridade. Utilize a escala para indicar a medida que mais representa o seu comportamento, utilizando escala que vai de 1 a 5, sendo o menor número 1 - "Não me descreve" e o maior, 5 - "me descreve totalmente".

	1	2	3	4	5	
Não me descreve	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Me descreve totalmente

1. Realizo meu trabalho com dedicação (paixão).
 2. Sou uma pessoa inovadora.
 3. Tenho um desejo de um dia abrir minha própria empresa.
 4. Sinto que possuo a habilidade de gerenciar pessoas.
 5. Correr risco no trabalho é algo inevitável, mas eu enfrentaria os riscos.
6. Sinto prazer em atividades que exigem imaginação e criatividade.
 7. Consigo encontrar pessoas que possam facilitar a realização dos meus projetos/trabalho.
 8. Sinto prazer em fazer o meu trabalho de forma bem-feita.
 9. Geralmente, prefiro liderar os grupos ou pessoas que eu conheço.
 10. Eu abriria um negócio inovador apesar da insegurança.
11. Percebo facilidade em obter recurso rapidamente.
 12. Consigo detectar as possíveis oportunidades do mercado.
 13. Sou capaz de motivar as pessoas para realizarem tarefas difíceis.
 14. Eu gostaria de investir em um negócio, se eu tivesse dinheiro e recursos.
 15. Sou corajoso e não tenho medo de abrir um negócio, mesmo com todo o risco.
16. Sei a quem posso recorrer para abrir um negócio.
 17. Sou apaixonado por novas ideias.
 18. Conheço pessoas que poderiam me ajudar com dinheiro para eu abrir meu negócio.
 19. Eu faria uma dívida de longo prazo para investir em uma oportunidade de negócio.
 20. Tenho a capacidade de obter lucro ao identificar uma oportunidade de negócio.
21. Percebo a possibilidade de ter acesso à capital ou recursos para abrir um negócio.
 22. Tenho capacidade de estimular pessoas a trabalharem em grupo.
 23. Sou uma pessoa com muita imaginação.
 24. Tenho contatos que financiariam meu próprio negócio.
 25. Tenho disposição a correr riscos relacionados aos negócios.
26. Consigo identificar a oportunidade de um negócio lucrativo.
 27. Sinto-me envolvido pelo trabalho que realizo.
 28. Acredito ser capaz de organizar as tarefas de um grupo.
 29. Encaro as necessidades alheias (dos outros), como oportunidades de negócio.
 30. Procuro manter (contatos) redes de relacionamentos com as pessoas que sei que podem ser úteis para mim.
31. Sinto-me empolgado com a ideia de ter meu próprio negócio.
 32. Apaixonado-me pelos trabalhos que realizo.
 33. Possuo muitos contatos que poderia me auxiliar na abertura de um negócio.
 34. Caso fosse lucrativo, eu teria a intenção de iniciar um negócio.
 35. Tenho como conseguir um empréstimo para abrir um novo negócio.
36. Sinto-me bem criando coisas novas.
 37. Sinto-me interessado a identificar oportunidades de negócio.
 38. Realizo com dedicação os meus trabalhos.
 39. Tenho vontade de transformar minhas ideias em negócios.
 40. Se eu fosse abrir um negócio, saberia exatamente com quem eu entraria em contato para ser meu sócio.

Apêndice B – Roteiro de Entrevista utilizado na pesquisa Qualitativa

Roteiro de Entrevistas

Nome Completo: _____

Função: _____

Gênero

- 1 - Feminino
- 2 - Masculino
- 3 - LGBT

Tempo de Atuação

- 1 - Menos de 5 anos
- 2 - De 6 a 10 anos
- 3 - De 11 a 20 anos
- 4 - Mais de 20 anos

Idade

- 1 - De 18 a 25 anos
- 2 - De 26 a 35 anos
- 3 - De 36 a 45 anos
- 4 - De 46 a 55 anos
- 5 - Acima de 56 anos

Local onde reside

- 1 – Ibiúna, SP
- 2 – São Roque, SP
- 3 – Piedade, SP

Grau de escolaridade

- 1 - Analfabeto (não sabe ler e escrever)
- 2 - Ensino Fundamental (1º. Grau) incompleto/cursando ou completo
- 3 - Ensino Médio (2º. Grau) incompleto/cursando ou completo
- 4 - Curso Técnico
- 5 - Superior incompleto
- 6 - Superior Completo

Questões relativas ao construto “paixão”:

P1 - Considerando a região um polo agrícola, o que você acha que motiva o empreendedor rural?

P2 – Em sua percepção, como o empreendedor rural influencia ou pode vir a influenciar as próximas gerações?

Questões relativas ao construto “inovação”:

I1 – Sobre inovação, quais os tipos de inovação que você acredita que os empreendedores rurais realizam?

I2 - Quais são as barreiras (desafios) que os produtores rurais enfrentam para serem inovadores?

I3 - E se uma ideia de inovação não dá certo, o que você acredita que o ER deve fazer?

I4 - Em sua opinião, o que pode ser um facilitador para o comportamento inovador do ER? Quais os facilitadores para a inovação do ER?

Questões relativas ao construto “liderança e gerenciamento”.

L1 - Como você enxerga a capacidade de "liderança e gerenciamento" do empreendedor rural? Como você enxerga a capacidade de "liderança" do ER?

L2 - Como você enxerga a capacidade de "gerenciamento" do ER?

L3 - Você acredita que essa capacidade de "liderança e gerenciamento" influencia outras pessoas?

L4 - O que você acha que falta "liderança e gerenciamento" para o desenvolvimento do empreendedor nesse aspecto.

Questões relativas ao construto “acesso à capital”.

AC1 - Como se dá o acesso a capital do empreendedor rural na região?

AC2 - Quais as barreiras (dificuldades) enfrentados pelo empreendedor rural para ter acesso ao capital?

AC3 - De que forma você acredita que as barreiras possam ser superadas, para se ter acesso a capital?

AC4 - Quais são os facilitadores para acesso a capital na região pelo ER?

Questões relativas ao construto “rede de relacionamento”.

RL1 - Como é formada a rede de relacionamento dos empreendedores rurais da região?

RL2 – Como são formadas as relações interpessoais (parcerias) entre os ER da região?

RL3 - Quais as barreiras (obstáculos) enfrentados pelo empreendedor rural?

RL4 - O que você acha que precisa ser melhorado?

RL5 - Que facilita (ou ajuda) o estabelecimento/desenvolvimento das redes de relacionamento na região?

RL6 - Como o ER reage quando tem algum problema com sua rede de relacionamento?

Questões relativas ao construto “oportunidade”.

O1 - Em sua opinião, como se dá a identificação de uma "oportunidade" pelo empreendedor rural?

O2 - Você consegue citar negócios que nasceram de oportunidades da região?

O3 - Quais os obstáculos enfrentados pelos empreendedores para colocarem uma ideia em prática?

O4 - Frente as barreiras, quais as estratégias para superar a situação e não perder a oportunidade?

Questões relativas ao construto “Risco”.

R1 - Em sua percepção, quais são os riscos enfrentados pelo empreendedor rural?

R2 - De que forma você acredita que os riscos possam ser minimizados?

R3 - Em uma situação de risco, a quem o ER costuma recorrer?

Questões relativas ao construto “comportamento empreendedor”.

CE1 – De maneira geral, como você enxerga o empreendedorismo rural na região?

CE 2 - Em sua opinião, o que pode ser uma barreira ao empreendedorismo rural na região?

CE3 - Em sua opinião, o que pode ser um "facilitador" para a ação de empreender na região?

CE4 - Quais soluções você propõe para o desenvolvimento do empreendedor rural na região?

Apêndice C – Teste de Normalidade

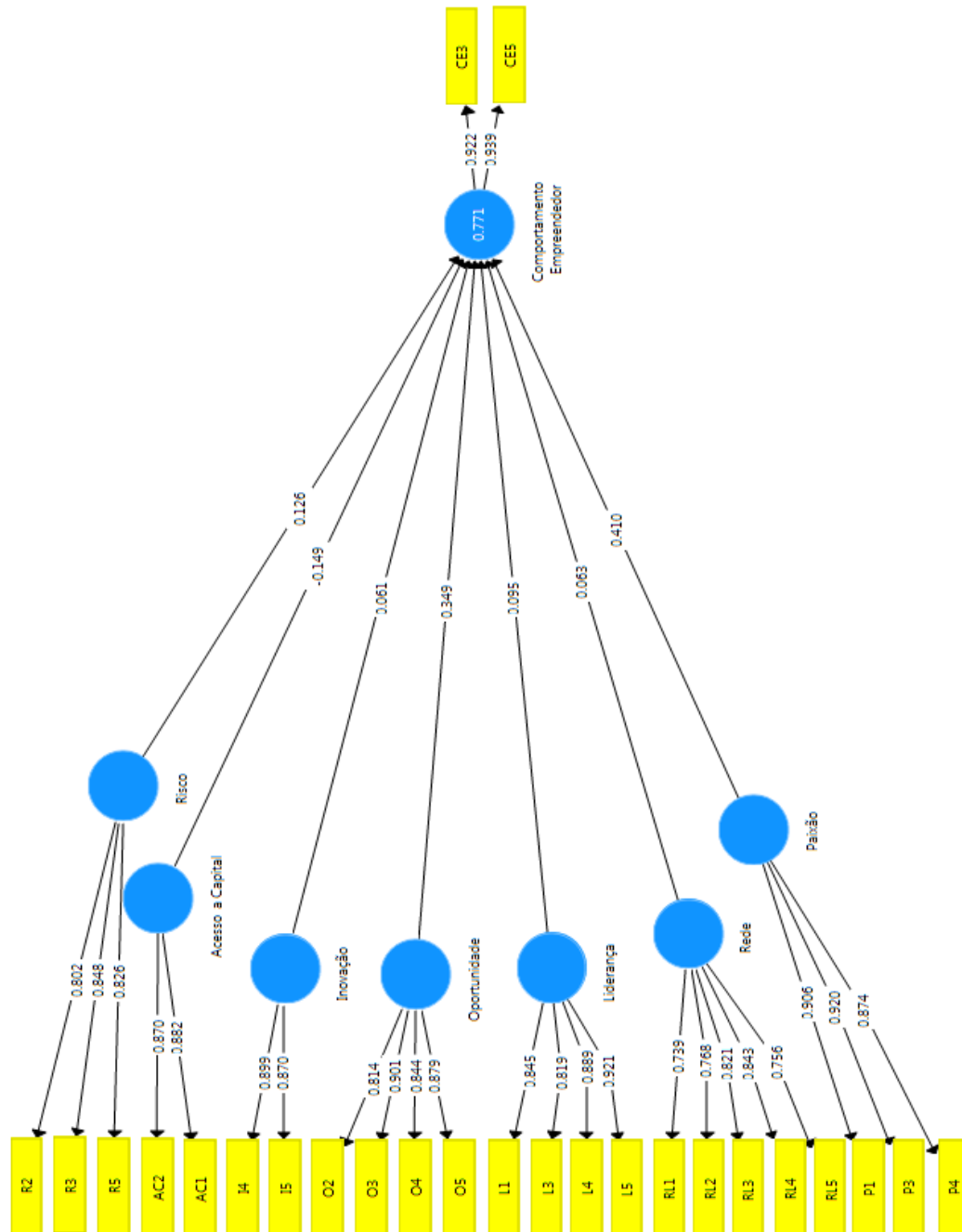
Teste de Normalidade

	Kolmogorov-Smirnov ^a			Distribuição dos dados			
	Statistic	GI	Sig.	Assimetria	Erro Padrão	Curtose	Erro Padrão
AC1	.282	260	.000	-1.189	.151	.439	.301
AC2	.271	260	.000	-1.072	.151	.056	.301
AC3	.243	260	.000	-.905	.151	-.314	.301
AC4	.224	260	.000	-.547	.151	-1.188	.301
AC5	.303	260	.000	-1.460	.151	1.714	.301
CE1	.316	260	.000	-1.950	.151	4.038	.301
CE2	.316	260	.000	-1.575	.151	2.072	.301
CE3	.306	260	.000	-1.682	.151	2.553	.301
CE4	.201	260	.000	.048	.151	-1.562	.301
CE5	.221	260	.000	-.226	.151	-1.341	.301
I1	.206	260	.000	.184	.151	-1.120	.301
I3	.258	260	.000	-.828	.151	-.665	.301
I5	.240	260	.000	.234	.151	-1.411	.301
I2	.208	260	.000	-.019	.151	-1.533	.301
I4	.275	260	.000	-1.309	.151	.749	.301
L1	.257	260	.000	-.988	.151	-.003	.301
L2	.303	260	.000	-1.356	.151	.896	.301
L3	.350	260	.000	-2.074	.151	4.645	.301
L4	.201	260	.000	-.213	.151	-1.414	.301
L5	.264	260	.000	-1.058	.151	.120	.301
O1	.288	260	.000	-1.330	.151	1.037	.301
O2	.260	260	.000	-1.189	.151	.411	.301
O3	.309	260	.000	-1.571	.151	1.980	.301
O4	.224	260	.000	-.389	.151	-1.318	.301
O5	.282	260	.000	-1.366	.151	.950	.301
P5	.333	260	.000	-1.711	.151	2.815	.301
P2	.278	260	.000	-1.236	.151	.396	.301
P3	.265	260	.000	-1.044	.151	-.084	.301
P4	.234	260	.000	-.517	.151	-1.268	.301
P1	.292	260	.000	-1.530	.151	1.629	.301
RL1	.264	260	.000	-1.159	.151	.454	.301
RL2	.358	260	.000	-1.888	.151	4.599	.301
RL3	.281	260	.000	-1.453	.151	1.295	.301
RL4	.340	260	.000	-1.772	.151	3.076	.301
RL5	.221	260	.000	-.226	.151	-1.341	.301
R1	.265	260	.000	-1.006	.151	-.078	.301
R2	.269	260	.000	-.857	.151	-.678	.301
R3	.264	260	.000	-1.111	.151	.184	.301
R4	.278	260	.000	-1.490	.151	1.450	.301
R5	.274	260	.000	-1.240	.151	.569	.301

a. Lilliefors Significance Correction

Apêndice D - Modelo final de equações estruturais

Figura 4.8 – Versão final do modelo de equações estruturais



Fonte: Imagem extraída do software SmartPLS® 3.0 em fevereiro 2020.